

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFCH

INSTITUTO DE HISTÓRIA - IH

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA COMPARADA - PPGHC

**A construção das ideias de moral e normativa feminina em
Christine de Pizan e sua leitura na dinastia de Avis: uma
análise em perspectiva comparada**

por:

Anna Beatriz Esser dos Santos

Março/2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFCH

INSTITUTO DE HISTÓRIA - IH

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA COMPARADA - PPGHC

**A construção das ideias de moral e normativa feminina em
Christine de Pizan e sua leitura na dinastia de Avis: uma
análise em perspectiva comparada**

por:

Anna Beatriz Esser dos Santos

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito à obtenção do título de Doutora em História, sob orientação do Professor Dr. Álvaro Alfredo Bragança Júnior e Professora Dr^a Gracilda Alves.

Março/2018

BANCA EXAMINADORA

Aprovada em: ____/____/____

Prof. Dr. Álvaro Bragança Júnior - PPGHC-UFRJ (Orientador)

Profª Drª Gracilda Alves - UFRJ (Orientadora)

Prof. Dr. José D'Assunção Barros - PPGHC-UFRJ

Prof. Dr. Paulo Duarte - PPGHC-UFRJ

Profª Drª Maria Alegria Fernandes Marques - Universidade de Coimbra

Prof. Dr. Gabriel Castanho - PPGHIS-UFRJ

AGRADECIMENTOS

Primeiramente aos meus pais, que com palavras de carinho e de incentivo, sempre estiveram ao meu lado durante minha trajetória pessoal e acadêmica. Foram eles que ouviram minhas dúvidas e apreensões e souberam me direcionar para o caminho que me desse maior satisfação. À minha família que manteve a torcida durante estes quatro anos para que eu me tornasse “a primeira doutora da família”.

A todos os amigos que me apoiaram nesta trajetória, dando palavras de incentivo para continuar e compreendendo as repetidas ausências. Um abraço em especial aos colegas de caminhada Bruno Marconi e Rosângela de Souza, que passaram pelas mesmas apreensões, inseguranças e felicidades da jornada doutoral. Também agradeço ao apoio dos colegas da Universidade Iguaçu que acompanharam os momentos finais da escrita desta tese, principalmente os amigos Carmen Caroline Nader e Alexander Carreiro que compartilharam a tensão e euforia de estar finalizando um trabalho acadêmico e me deram palavras de ânimo e sorrisos de aprovação a cada encontro.

À dedicação de meus orientadores, Professor Doutor Álvaro Bragança e Professora Doutora Gracilda Alves, por todas as considerações, conversas e por, efetivamente, terem auxiliado a me tornar uma pessoa e uma historiadora melhor.

À Professora Doutora Maria Alegria Marques por gentilmente ter me recebido na Universidade de Coimbra para o período de estágio doutoral no exterior. Além do período ter sido profícuo para compor a maior parte do conjunto bibliográfico desta pesquisa, as observações objetivas e certeiras da professora foram essenciais para o desenvolvimento deste trabalho.

E, finalmente, agradeço à imensa ajuda de Cristiano Ferreira de Barros que, ao longo desses quatro anos, passou de namorado a marido e foi figura essencial na elaboração deste trabalho através da leitura atenta, das observações pertinentes e das palavras amorosas para que eu seguisse nesta jornada. Obrigada, Vida, esta realização é também sua.

EPÍGRAFE

*“As conexões com e entre mulheres são as mais temíveis,
as mais problemáticas e as forças mais potencialmente
transformadoras no planeta.”*

- Adrienne Rich

*“O feminismo é uma forma de viver indidualmente e
lutar coletivamente.”*

- Simone de Beauvoir

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

1 – Christine de Pizan em seu estúdio. Iluminura contida no início de <i>Cent Balades</i>	45
2 – Christine de Pizan presenteando o <i>Cent Balades</i> para Margarida de Baviera.....	45
3 – Prólogo de <i>O Espelho de Cristina</i>	151
4 – Texto em duas colunas.....	152
5 – Capital folheada abrangendo nove linhas.....	152
6 – Letra uncial branca sobre fundo negro abrangendo cinco linhas de texto.....	153
7 – Letra uncial branca sobre fundo negro abrangendo seis linhas de texto.....	153
8 – Letra uncial negra sobre fundo branco abrangendo quatro linhas de texto.....	153
9 – Letra uncial negra sobre fundo branco abrangendo quatro linhas de texto.....	154
10 – Página inicial.....	155
11 – Página final.....	156

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é analisar o tipo de relação existente entre as ideias de moral feminina de Christine de Pizan e o contexto de construção social da mulher à época em que foram produzidas. Tais ideias compartilham valores relacionados a formulações masculinas ancoradas no universo cultural cristão de então. Contudo, ainda que fundamentado em tais compreensões, há nas ideias de moral feminina em Pizan a contestação de certos princípios dessa representação socialmente construída ao longo da Idade Média. Nesse sentido, as ideias de regramento feminino nos textos de Christine de Pizan guardam certa independência em relação a compreensões masculinas e cristãs sobre o papel mulher, sendo os elementos desse contexto organizados e articulados textualmente de maneira peculiar, sobretudo em *A Cidade das Damas* e no *Livro das Três Virtudes*. Essa segunda obra foi traduzida no século XV na corte avizina, num contexto de produção livresca e de legitimação régia a partir de uma tradição de produção de modelos exemplares e espelhos de comportamento, e no século XVI foi traduzida e tipografada a mando da Rainha D. Leonor, agora sob o título de *O Espelho de Cristina*, cuja edição do texto contribuiu para o surgimento de novas práticas de leitura por parte das mulheres letradas naquela sociedade.

Palavras-chave: Christine de Pizan, representação feminina, práticas de leitura.

ABSTRACT

The aim of this research is to analyze the type of relation between the ideas of feminine morality in Christine de Pizan and the context of women's social construction at that period. Such ideas share values related to masculine formulations anchored in the christian cultural universe of the time. Although still based on such values, there is in the ideas of female morality in Pizan the dispute of certain principles of this socially constructed representation throughout the Middle Ages. In this sense, the ideas of female regulation in Christine de Pizan's texts have a certain independence in relation to male and christian understandings on the woman's role, being the elements of this context organized and articulated textually in a peculiar way, especially in *The City of Ladies* and *The Book of the Three Virtues*. This second text was translated in the fifteenth century in the Avis court, in a context of book production and royal legitimacy on a tradition of producing exemplary models and mirrors of behavior, and was also translated and printed in the sixteenth century by the order of Queen D. Leonor, now under the title of *O Espelho de Cristina (The Mirror of Cristina)*, whose edition of the text contributed to the emergence of new reading practices by literate women in that society.

Keywords: Christine de Pizan, female representation, reading practices.

SUMÁRIO

Introdução	10
1 A tradição de escrita sobre e por mulheres	23
1.1 A construção das virtudes e defeitos femininos	23
1.2 A escrita feminina e a autoridade de Christine de Pizan	35
1.3 Os caminhos de Christine de Pizan e a querelle des femmes	46
2 A defesa feminina em <i>A Cidade das Damas</i>	59
2.1 Exemplum	59
2.2 A construção do refúgio feminino em <i>A Cidade das Damas</i>	69
2.3 A extensão do exemplum de Christine de Pizan: os manuscritos d’ <i>A Cidade das Damas</i>	85
3 A normatividade feminina em <i>O Livro das Três Virtudes</i>	89
3.1 Speculum	89
3.2 O Livro das Três Virtudes: modelos de comportamento	99
3.3 A educação de mulheres e O Livro das Três Virtudes	113
4 O <i>Espelho de Cristina</i> e a educação feminina no contexto da dinastia de Avis ..	127
4.1 A corte avisina e o humanismo português em finais da Idade Média	127
4.2 A educação feminina na corte avisina: as leitoras de Christine de Pizan	136
4.3 O Espelho de Cristina entre disposições tipográficas e a produção de sentido	145
Considerações Finais	166
Referências Bibliográficas	174
Anexos.....	191

Introdução

Discussões sobre as mulheres cresceram no campo da história nas últimas décadas, reforçando produções que repensaram a atuação destas agentes históricas. A historiografia, em grande medida indiferente a tais personagens, modificou-se, passando a integrar o feminino no conjunto de temas atuais da academia.

O presente tema de pesquisa começou a ser delimitado durante a elaboração da dissertação de mestrado, na qual trabalhamos com a temática história de gênero a partir da análise de uma fonte literária Inglesa, o *The Canterbury Tales*, de Geoffrey Chaucer. Nosso objetivo foi refletir sobre os papéis femininos representados pelo autor do século XIV. O que nos motivou a abordar tal temática foi entendermos que as mulheres medievais tinham mais espaço e visibilidade do que supunham os livros didáticos de história, com os quais tivemos contato durante os ensinamentos fundamental e médio.

Nesta pesquisa, propomos-nos a aprofundar reflexões sobre a representação feminina, agora através de duas principais obras de uma mulher que debateu e compartilhou a cena com os estudiosos do início do século XV, Christine de Pizan (1364-1430).¹ Com *A Cidade das Damas*² e *O Tesouro da Cidade das Damas*, também chamado de *O Livro das Três Virtudes*³, Christine fez reivindicações em nome das mulheres, afirmando que a diferença e desigualdade entre elas e os homens era relativa ao espaço que cada um recebia. Suas obras alcançaram projeção, tendo sido *O Livro das Três Virtudes* considerado um tratado normativo para mulheres e traduzido posteriormente na corte portuguesa do século XVI com o nome *O Espelho de Cristina*⁴.

Quando Christine de Pizan produziu suas obras, no século XV, a construção imagética sobre a mulher vinha sendo desenvolvida ao longo dos séculos anteriores e foi definida pelo olhar masculino, que a colocava como uma figura frágil, inconstante e sedutora, que precisava ser sempre guiada por um homem, que deveria ser sua “cabeça”.

¹ Mulher das letras de origem italiana, que cresceu e produziu na corte de Carlos V. Abordaremos mais sua biografia no capítulo 1.

² Christine de Pizan foi traduzida para diversas línguas. Para este trabalho utilizamos as versões em francês de *A Cidade das Damas*. In: PIZAN, Christine. *La cité des dames*. Trad. Thérèse Moreau et Eric Hicks. Paris: Stock, 1986.

³ Utilizamos as versões em francês e português e d'*O Livro das Três Virtudes*: PIZAN, Christine. *Le livre des trois vertus*. Introduction et notes Charity Canon Willard, texte établi en collaboration avec Eric Hicks. Paris: Honoré Champion, 1989; PIZAN, Christine. *O Livro das Três Virtudes - a Insinuação das Damas*. Edição crítica de Maria de Lourdes Crispim. Lisboa: Editorial Caminho, 2002.

⁴ Utilizamos neste trabalho PIZAN, Christine. *O Espelho de Cristina*. Edição fac-similada. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1987.

No tocante ao ideal de conduta feminina, os clérigos transmitiam suas ideias através de pregações, especialmente com o surgimento das ordens mendicantes. No século XIII, enfatizavam-se os *exempla*, pequenas histórias baseadas em lendas ou no cotidiano, que serviam de fundamento para a pregação. Estes pregadores empenhavam-se em atacar a vaidade feminina e a infidelidade, pondo em oposição virtudes, como a castidade e a obediência⁵, em um tipo de mulher concebido com base no modelo bíblico de Eva.

Todavia, essa construção possuía diversas ramificações, pois a figura da mulher poderia também seguir o modelo de Maria Madalena, que é a pecadora arrependida, a que se redime. Vemos que as atitudes de Jesus no Novo Testamento para com a mulher estrangeira (samaritana)⁶ e a adúltera⁷ (depois associada à Maria Madalena, condenada ao apedrejamento) eram de igualdade e compaixão.

Em ascensão desde o século XII, o culto mariano revela a figura que exemplifica a representação máxima de virtude: Maria, Mãe de Jesus, considerada exemplo de resignação, boa conduta e amor a Deus, ao enfrentar todas as adversidades para dar à luz e criar o Salvador, aquele que guiaria os homens – resgatando, assim, os pecados cometidos por Eva:

Dessa forma, a mulher não será, portanto, mais o instrumento material através do qual se exerce a tentação de Satanás: a Virgem resgatou o pecado original de Eva, a primeira tentadora, e a mulher já não é considerada perigosa como tal⁸.

O período entre o final do século XIV e o século XV caracterizou-se por diversas mudanças, desde o fortalecimento político das cidades até as novas movimentações sociais⁹. Neste período, desenvolve-se a tradição sobre tratados voltados para assuntos bastante práticos, em que se ensina a mulher nobre a ser submissa ao marido e a saber governar a casa. Ao longo dos dois últimos séculos da Idade Média, o pensamento vigente em boa parte da literatura desse período, com

⁵ LEITE, Márcia.M.S.B. Representações femininas na idade média: o olhar de Georges Duby. *Sitientibus*, Feira de Santana, n.1, jul/dez 1999, p. 43. Disponível em: http://www2.uefs.br:8081/sitientibus/pdf/21/representacoes_femininas.pdf, acesso em 30/06/2017.

⁶ João 4:1-40. BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

⁷ João 8: 1-11. *Ibid*.

⁸ PILOSU, Mario. *A mulher, a luxúria e a Igreja na Idade Média*. Lisboa: Estampa, 1995. p.32.

⁹ MISKIMIN, Harry. *A Economia do Renascimento Europeu (1300-1600)*. Lisboa: Estampa, 1998. p. 256.

extremas críticas à personalidade da mulher¹⁰, estabelecia uma construção discursiva, em que sentimentos como a vaidade, a ambição e a ingratidão caracterizavam diversas personagens de obras de autores da época. Produções como *Os contos da Cantuária* de Geoffrey Chaucer¹¹ e *A Megera Domada* de William Shakespeare¹² ilustravam os infortúnios da vida de um homem casado com um tipo de mulher concebido como “megera”.

Com o crescimento da prática do comércio no espaço urbano, principalmente no século XIV, as mulheres chegaram a dividir com os homens desde as tarefas domésticas até os trabalhos no cotidiano, no caso das camadas mais populares¹³. Trabalharam no ofício de pedreiras, comerciantes, sapateiras e também sem o amparo masculino. Mulheres que ocupavam altas posições hierárquicas como as abadessas exerciam sua autonomia nos conventos, onde iriam também desenvolver a leitura e a escrita.

Nossa reflexão permeia o papel da mulher na sociedade medieval, buscando verificar as condutas dela esperadas e os elementos que constituem um comportamento que era idealizado e aquele que era condenado pelo pensamento corrente do período. Analisaremos, assim, as representações a respeito da construção da imagem das mulheres. E quando pensamos em representações femininas, aliamos essas também a um debate de gênero, que visa uma reflexão sobre os papéis sociais tanto de mulheres quanto de homens.

Quando nos referimos à construção de gêneros, estamos nos remetendo a algo que se opõe a ideias deterministas, e pensamos sobre a produção social dos sentidos (do que é masculino e feminino) relacionada a um processo que é construído ao longo do tempo. Neste sentido, trabalharemos com as proposições teóricas elaboradas pela historiadora norte-americana Joan Wallach Scott. A autora afirma que gênero é o saber a respeito das diferenças sexuais. Scott utiliza o conceito, aplicando-o segundo Michel Foucault, ou seja, como *a compreensão produzida pelas culturas e sociedades sobre as*

¹⁰VAUCHEZ, André. *A espiritualidade na Idade Média Ocidental*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995. p.149.

¹¹ Cf. CHAUCER, Geoffrey. *Os contos de Cantuária* (trad. de Paulo Vizioli). São Paulo: T. A. Queiroz, 1988.

¹² Cf. SHAKESPEARE, William. *A megera domada* (trad. de Millôr Fernandes). São Paulo: L&PM, 1979.

¹³MACEDO, José R. *A mulher na Idade Média*. São Paulo: Contexto, 1999. p.57.

*relações humanas*¹⁴. Essa produção do saber encontra-se no social e envolve escolhas, interesses e relações de poder. Logo, consideramos que gênero e suas implicações possuem visão marcadamente politizada.

Para a autora, discutir gênero é abordar algo social. O conceito de gênero apresenta-se para desconstruir a representação tradicional do feminino e do masculino, ao entender que homens e mulheres são socialmente produzidos pelo discurso dominante e também por crenças, imagens e símbolos presentes nas diferentes culturas. Podemos, então, através da nossa fonte, observar e verificar novos modelos e novas representações acerca das mulheres medievais.

Estes debates em História das Mulheres e das relações de gênero são essenciais para se entender a importância do estudo de uma figura feminina como Christine de Pizan. Ela não foi a primeira e nem a última mulher a tentar ultrapassar as barreiras que a sociedade em que vivia lhe impunham. Pretendemos aqui estabelecer a trajetória de uma tradição de normatividade e defesa feminina, utilizando o que Anne Cova chama de História Comparada das Mulheres¹⁵, uma forma de se pensar a comparação histórica à luz da História das Mulheres.

Nossa fonte configura-se como um texto literário¹⁶, que contribui para a construção de identidades sociais, de relações sociais e de sistemas de conhecimento e

¹⁴ SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez, p. 71-99, 1995. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>, acesso em: 25/04/2017.

¹⁵ Cf. COVA, Anne. *História Comparada das Mulheres: novas abordagens*. Lisboa: Livros Horizonte, 2008. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>, acesso em: 25/04/2017.

¹⁶ Entendemos que para este trabalho é necessário usar o termo literatura, mas que esta concepção não é a mesma usada pelos medievais. Vale salientar que a noção de “literatura” é algo historicamente demarcado, com um espaço muito limitado no tempo: ela normalmente se refere à civilização europeia, ocidental, entre os séculos XVII ou XVIII em diante. Cf. ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção e leitura*. São Paulo: Cosac Naify, 2007. Existiria uma literatura na idade média? Segundo Michel Zink, “*em latim, litteratura tem o mesmo sentido que grammatica e designa, como esta palavra, ou a gramática propriamente dita ou a leitura comentada dos autores e o conhecimento que proporciona, mas não as obras em si.*”. Ser um “letrado” na idade média (*litteratus*) significava possuir a aptidão para ler, para escrever, e principalmente, significava possuir um determinado status social, que opunha o indivíduo dotado desses elementos ao povo “iletrado” (*illiteratus*), a gente simples. Mesmo nas línguas vulgares, onde o termo começou a se desenvolver, não existe um registro determinado para a atividade ou para as obras literárias: esses dialetos dispõem apenas de palavras específicas para designar cada gênero em particular, definido devido a questões de estética do texto ou de um tipo de interpretação. No medievo a “*arte da expressão e da escrita aplica-se igualmente a todos os conteúdos*” e não somente a textos fictícios como se supõe contemporaneamente. Cf. ZINK, Michel. Literatura(s). In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário temático do Ocidente Medieval*. Bauru, SP: Edusc, 2006. p. 79-80. Neste trabalho iremos nos referir a literatura como um conjunto de obras que tem por finalidade

crença, cuja reprodução e transformações (possíveis) cabem às práticas discursivas de que a literatura é um veículo. Neste sentido, essas podem representar e/ou reproduzir ideologias, que entendemos como,

significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais), que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação¹⁷.

Como nessa construção textual o aspecto da língua é essencial, esta pode ser entendida, por um lado, a partir de sua função na sociedade, como um meio de comunicação, através do qual mensagens e informações são elaboradas e passadas, mas também se pode compreender a língua como a própria comunicação, que é constituída na sociedade, a reflete e é representada pela própria.

A respeito do papel da língua e sua importância para pensar as relações de poder no campo discursivo, as considerações de Bourdieu são úteis para a análise de nossa fonte. Ele explica que se pode conferir uma eficiência propriamente simbólica de construção da realidade, isto porque aquela estrutura a noção que os agentes sociais têm do mundo e como se operam as relações nesse mundo. Assim, a língua pode ser compreendida como um sistema simbólico que constitui instrumentos de conhecimento e de comunicação, de visões de mundo e de percepção do mundo social. E prossegue:

A percepção do mundo social é produto de uma dupla estruturação social: do lado objetivo, ela está socialmente estruturada porque as autoridades ligadas aos agentes ou às instituições não oferecem a percepção de maneira independente, mas em combinações de probabilidade muito desigual (...); do lado subjetivo, ela está estruturada porque os esquemas de percepção e de apreciação, (...) são produtos das lutas simbólicas anteriores e exprimem, de forma mais ou menos transformada, o estado das relações de força simbólica¹⁸

As considerações de Bourdieu são pertinentes para essa discussão, pois através delas se pode precisar de que forma a linguagem exerce um poder e se constitui em um instrumento que age sobre o mundo. É através deste poder simbólico verificado na

representar um extrato da realidade a partir da visão de quem a produz. Estes textos compreenderão deste as obras da Antiguidade, recuperados na idade média; os textos de tradição oral; o pensamento dos grandes padres da Igreja, escritos em latim e os textos produzidos nas línguas vulgares após o século XI. Cf. LAJOLO, Marisa. *O que é literatura*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

¹⁷ FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Trad. Izabel Magalhães et al. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001. p.117.

¹⁸ BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.p.139-140.

linguagem que o caráter social desta é reafirmado. A força das palavras se exerce na sua ação comunicativa, pois elas propagam valores, significados, ideologias que perpassam os agentes sociais e configuram-se como formas de dominação e exercício de poder.

Neste sentido, o conceito *habitus* de Pierre Bourdieu, cuja obra extensa e a inovação conceitual o consolidaram como um dos maiores expoentes da História da Sociologia, é importante para a nossa pesquisa, pois também analisaremos como as ideias da sociedade foram sendo compreendidas e apreendidas por Christine ao longo de seus livros. Buscando um conceito conciliatório que compreendesse tanto a influência da sociedade sobre o indivíduo quanto a autonomia relativa do indivíduo frente à sociedade, o teórico trabalhou a noção de *habitus* como uma forma de observar no indivíduo as disposições herdadas do contexto histórico e social em que foi socializado.

A noção de *habitus* é, deste modo, orientada para o senso prático, para a ação social levada a cabo como atitudes incorporadas e não necessariamente refletidas na ação¹⁹. Esta noção permite dissociar o isolamento entre agentes sociais e a sociedade, visto que a sociedade é parte constitutiva do que o agente é, através da introspecção de valores que o caracterizam e o definem. É um sistema adquirido de preferências, de princípios de visão e de divisão (o que comumente chamamos de gosto), de estruturas cognitivas duradouras (que são essencialmente produto da incorporação de estruturas objetivas) e de esquemas de ação que orientam a percepção da situação e a resposta adequada²⁰.

O *habitus*, apesar de orientar os comportamentos do agente a partir de um senso prático, não determina as escolhas, mesmo que estas sejam feitas a partir de variáveis habitualmente admitidas pelo contexto histórico vigente. Trata-se, nas palavras de Bourdieu, de sistemas de disposições transponíveis apesar de estruturados, sem estarem necessariamente associados à obediência de regras coletivamente organizadas e orquestradas²¹.

A comparação para este trabalho também se faz presente, pois ela convida os pesquisadores a colocarem em múltiplas perspectivas as sociedades e os seus contrastes.

¹⁹ CARVALHO, Francimar. O conceito de representações coletivas segundo Roger Chartier. *Diálogos*, DHI/PPH/UEM, v. 9, n. 1, 2005, p. 151. Disponível em: <http://www.dialogos.uem.br/index.php?journal=ojs&page=article&op=viewArticle&path%5B%5D=170>, acesso em 15/08/17.

²⁰ BORDIEU, Pierre. *Op. cit.*, 1996. p.42.

²¹ BOURDIEU, P. & WACQUANT, L. J. D. *Réponses: Pour une anthropologie réflexive*. Paris: Editions du Seuil, 1992. p.88-89.

A perspectiva comparada se estabelece como método do campo da História Comparada com as proposições de Marc Bloch expostas no artigo intitulado *Por uma História Comparada das Sociedades Européias*. Marc Bloch assinala que, em história, a comparação consiste em:

fazer a escolha, em um ou mais meios sociais diferentes, de dois ou mais fenômenos que pareçam, à primeira vista, apresentar entre si certas analogias, descrever as curvas de suas evoluções, constatar as semelhanças e as diferenças e, dentro do possível, explicar umas e outras²²

Bloch acrescenta, logo a seguir, que duas condições são necessárias para haver comparação em história: uma certa similitude entre os fatos observados e uma certa dessemelhança entre os meios onde eles foram produzidos²³.

Bloch distingue dois casos de aplicação do método na história: o primeiro é um fenômeno análogo que se apresenta em meios sociais distantes no tempo e no espaço; e o segundo é o que nos interessa de perto, em que o fenômeno é buscado em sociedades sincrônicas, vizinhas no espaço, com uma ou mais origens comuns²⁴. Neste último caso, então, a análise permitiria, também, a identificação das trocas exercidas por um meio social sobre o outro.

Ao compararmos várias experiências, produzem-se frequentemente espaços de inteligibilidade e de novas reflexões. Por isso, utilizamos também os pressupostos da História Comparada estabelecidos por Jurgen Kocka, para quem comparar em história significa discutir sistematicamente dois ou mais fenômenos históricos a respeito de suas similaridades e diferenças, de modo a se alcançar determinados objetivos intelectuais²⁵. Segundo o autor, a abordagem comparativa pressupõe que as unidades de comparação podem ser separadas uma das outras.

Não é a continuidade entre dois fenômenos nem suas influências mútuas que constituem os casos de comparação. Na verdade, eles são vistos como casos independentes, que são reunidos analiticamente através de perguntas sobre as

²²BLOCH, Marc. Pour histoire comparée des sociétés européennes. In: BLOCH, Marc. *Mélanges historiques*. Paris, Serge Fleury e Editions de Teheess, Tome 1, 1983. p.17.

²³ BARROS, J.D. História Comparada – da contribuição de Marc Bloch à constituição de um moderno campo historiográfico. *Revista de História Social* nº13. São Paulo: Campinas, p.7-21, 2007. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/viewFile/207/199>, acesso em 20/04/2017.

²⁴ BLOCH, Marc. *Op. cit.* p.19.

²⁵ KOCKA, Jurgen. *Comparison and beyond*. History and Theory, n. 42, p. 39-44, 2003. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3590801>, acesso em 20/04/2017.

similaridades e as diferenças entre eles. Contudo, isto não significa ignorar ou negligenciar as inter-relações entre estes casos (se e na extensão que estas existam). Ao invés disto, tais inter-relações devem se tornar parte do esquema comparativo através de sua análise como fatores que levaram às similaridades ou às diferenças, à convergência ou à divergência entre os casos que se comparam. Em outras palavras, a comparação quebra continuidades, corta emaranhamentos e interrompe o fluxo da narração. O processo do método comparativo é justamente o que permite estabelecer o estranhamento, a diversificação, a pluralização e a singularidade daquilo que parecia diferente ou semelhante, posto pelo *habitus* e reproduzido pelo senso comum²⁶.

Desta forma, por meio da comparação, podemos identificar questões e problemas que poderiam ser negligenciados em outra forma de abordagem. Através da comparação, iremos examinar as ideias de Christine de Pizan tanto na época em que foram produzidas quanto no período em que sua obra foi traduzida e recebida na corte portuguesa.

Christine cresceu na corte de Carlos V, ambiente cultural propício para a produção de diversos estilos de escrita, circulando pela corte em que mantinha contatos, os quais possibilitavam seu ofício. Ao mesmo tempo, Pizan vivia numa atmosfera repleta de valores e designações dadas à figura feminina, que não a deixava escapar das atribuições morais determinadas socialmente, sem, por isso, contudo, ter expurgado de sua literatura o espaço criativo para desvios e descontinuidades.

Para além da produção de Christine, é importante pensarmos também a quem ela atinge e quem recebe sua escrita. Se sua obra foi traduzida em outras cortes, podemos inferir, então, que foi lida, apropriada, reapropriada, recontextualizada, havendo assim um conjunto de formas de ler sua obra. Desde quando produziu no início do século XV em França, passando pela tradução manuscrita encomendada pela rainha D. Isabel em 1453 até a tradução feita pela rainha D. Leonor em 1518 em Portugal, os suportes e as práticas de leitura da obra de Christine mudaram, desde o manuscrito com iluminuras coloridas até o livro impresso em tipografia, sem imagens.

A história das práticas de leitura, que aqui pensamos através da Roger Chartier, tem por objetivo identificar para cada época e para cada meio as modalidades partilhadas de ler – as quais dão formas e sentidos aos gestos individuais – e que coloca

²⁶ *Ibid.* p. 39-44.

no centro de sua interrogação os processos pelos quais, face a um texto, é historicamente produzido um sentido e construído uma significação²⁷. Segundo Chartier, a leitura é uma atividade que permite a reapropriação, a resistência, a reflexão, sendo um espaço aberto a leituras diversas²⁸.

Esta visão de leitura constrói-se por meio de noções de historicidade e apropriação. Destarte, verifica-se a leitura como algo fundamentalmente humano, ou seja, cheia de gestos e implicações das mais diversas origens, os quais se definem tanto por questões gerais quanto por específicas no cotidiano de cada um.

Todavia esta noção nem sempre foi levada em consideração quando se pensava as formas de leitura. Esses fatores relacionados ao dia a dia escaparam das frequentes abordagens tradicionais da leitura, focadas nas estatísticas, visando dados quantitativos acerca dos livros existentes em épocas diferentes e em certos locais. Essa abordagem acabava não contemplando toda a gama de informações a respeito das práticas de leitura, campo que abriga a observação dos hábitos e das formas de ler. Enquanto o primeiro representa o que se lê, onde se lê e quando se lê, o segundo - e a abordagem que consideramos mais abrangente - quer averiguar como se lê, por quais caminhos e como um leitor apropria-se de um texto.

Nesta perspectiva, a leitura a qual fizemos ontem e a que fazemos hoje, independentemente de provir de um mesmo trecho, de um mesmo livro ou de uma mesma edição, não é a mesma em si, apesar de ser uma ação singular e reconhecível. Para se chegar a este tipo de noção do ato de ler, há a articulação com uma visão histórica, sendo esta prática enxergada em sua dimensão mutável ao longo do tempo.

Para Chartier, a leitura é cheia de gestos e porquês, que se definem em aspectos do cotidiano e o historiador propõe uma análise da leitura em sua totalidade, sem deixar escapar aspectos, que muitas vezes eram desconsiderados ou imperceptíveis, hábitos comuns escondidos pela ausência de uma documentação específica, como a diversidade de formas de se ler um livro e os fatores que condicionam tal pluralidade. Para Chartier, saber se um livro poderia ser manejado com uma só mão, porque sua forma em códice permitia isto, deixando a outra mão livre para anotações, é tão relevante quanto os dados

²⁷ CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre Práticas e Representações*. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Difel, 1993. p. 122.

²⁸ CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre as incertezas e inquietude*. Tradução Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 2002a. p.34.

estatísticos.²⁹ Esta é, então, uma característica importante para o trabalho do historiador, pois compõe o universo dos hábitos de leitura, entendidos como capazes de interferir na mesma.

Esse olhar minucioso sobre o universo dos textos vem da ideia de que “a leitura não é apenas uma operação intelectual abstrata: ela é uso do corpo, inscrição de um espaço, relação consigo mesma ou com os outros”³⁰. Inferimos que sua preocupação com a construção de um texto não é o único princípio que o historiador segue para pensar a história da leitura, já que a visão de apenas um método quantitativo para descrever os caminhos da leitura não seria capaz de abrangê-la por completo. O autor esclarece, então, que essa posição, muito restrita, é consequência de uma representação da leitura elaborada pela literatura e repetida por uma corrente da história, a qual pensa o texto como algo que existe em si mesmo, independentemente de sua materialidade³¹. Em contrapartida, afirma que não existe texto fora do suporte que permite sua leitura (ou sua escuta) e fora da circunstância na qual é lido (ou ouvido)³². Portanto, os textos não podem ser estudados à parte de seu suporte e de seu contexto de leitura.

Uma vez escrito e saído das prensas, o livro, seja ele qual for, está suscetível a uma multiplicidade de usos. Ele é feito para ser lido, claro, mas as modalidades do ler são elas próprias, múltiplas, diferentes e segundo as épocas, os lugares, os ambientes³³.

Além da questão da variabilidade histórica da leitura, o outro ponto levantado por Chartier refere-se ao mecanismo da apropriação. A apropriação está ligada à forma como compreendemos, no sentido amplo do termo, a leitura, desde o meio como entendemos os possíveis usos dos textos até as informações neles contidas. Ela também está ligada às diversas práticas e interpretações, tanto do conteúdo escrito quanto do conteúdo visual que podemos dar aos textos, assim como conferimos sentidos e significações às coisas do nosso dia-a-dia.

A apropriação baseia-se, então, em dois momentos, um relacionado às coerções e o outro às liberdades. As coerções são as leis, o direito e as regras escritas, ou não, da sociedade. São todo um conjunto de imposições sociais que limitam a liberdade de ação,

²⁹ CHARTIER, Roger. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo: UNESP, 2003. p. 196.

³⁰ CHARTIER, R.; e CAVALLO, G. (Org.) *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Ática, 1998a. p.25.

³¹ CHARTIER, Roger. *A aventura do livro – do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora Unesp, 1998b. p. 55.

³² CHARTIER, R.; e CAVALLO, G. (Org.) *Op. cit.*, 1998a. p. 9.

³³ CHARTIER, Roger. *Op. cit.*, 2003. p. 173.

de invenção e de apropriação na leitura. Elas podem vir inclusive do próprio leitor, por meio das auto-censuras, conscientes ou automáticas, resultantes de uma educação baseada em normas. Dentre os elementos de coerção temos as estratégias editoriais, as censuras de estado ou instituições, direitos autorais, a própria estrutura textual, as expectativas do leitor para com o texto, as opiniões alheias sobre esse e as condições físicas de leitura. Por outro lado, as liberdades provêm da capacidade dos leitores de tomarem para si os textos, criando-lhes um novo sentido a partir de suas expectativas de leitura. É o espaço livre entre as coerções, em que o leitor interpreta o conteúdo e os usos dos textos e age por conta própria³⁴.

No caso dos textos de Pizan, temos um conjunto de dados que nos faz pensar como seus escritos foram lidos e repensados a cada mudança de suporte e a cada mudança na maneira de ler da sociedade. Os manuscritos de Christine foram escritos no francês da época e visavam os membros da Corte, fossem os nobres e príncipes com manuscritos políticos, ou as princesas com os tratados sobre a figura da mulher. Ao se inserir na *querela das mulheres*³⁵, Pizan foi lida e debatida, suas obras podiam ser tanto encomendadas como também ofertadas a membros das cortes, que eram homenageados e retratados em seus textos.

A invenção da tipografia, em 1445 – e sua inserção em Portugal por volta de 1487 – é um evento emblemático, de transformação entre dois tempos. A maior fabricação de livros em série acaba com a restrição representada pela pequena quantidade de livros disponíveis para as atividades de ensino, cultivo do espírito e divulgação de conhecimentos, gerando a formação de uma espécie de *mercado consumidor*³⁶. O impacto da tipografia afetou a prática social da leitura e a obra de Christine insere-se num conjunto de transformações que vão impactar a forma de se ler sua obra. Os livros produzidos nas primeiras décadas da tipografia vivem em continuidade com o modelo do livro manuscrito gótico: há a ocupação da página em áreas delimitadas, em duas colunas, dispostas entre margens de dimensões desiguais, mas simétricas quando o livro está aberto, com um texto compacto em que proliferam as

³⁴ *Ibid*, p. 197.

³⁵ Segundo Joan Scott, a *querelle* no século XV era um debate predominantemente literário e filosófico- dentro dos círculos masculinos sobre as capacidades intelectuais das mulheres. Cf. SCOTT, Joan. "La querelle des femmes" no final do século X". *Estudos Feministas*. vol.9, no.2 Florianópolis, 2001. p. 367-388.

³⁶ Entendido aí como o grupo a quem se destinam as obras escritas. Cf. MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 58-59.

abreviaturas, sem uma página de rosto ou a utilização de iniciais e títulos, ou de rubricas, para hierarquizar o texto, sem introdução de espaços em branco entre capítulos ou partes do texto³⁷.

Ao ser traduzida em 1518, na corte portuguesa, a obra de Christine de Pizan passou a ser editada com esta maneira diferente, havendo a mudança do suporte e da editoração do texto, de um manuscrito com iluminuras passando a um padrão tipográfico característico da corte portuguesa. Há também outra forma de tratamento do texto, a escolha de palavras mais familiares à sociedade portuguesa e a preferência em se privilegiar a parte relativa às mulheres nobres na obra.

Para este trabalho temos duas hipóteses centrais. A primeira é que Christine de Pizan se insere numa tradição de produção escrita que debate vícios e virtudes, assim ela se torna peculiar, porque se apresenta como uma mulher letrada de ofício e produz *A Cidade das Damas* e *O Livro das Três Virtudes*, que servirão como exemplo e guia para a educação de mulheres a partir do século XV nas cortes de Borgonha e Avis. A segunda é que *O Livro das Três Virtudes* será posteriormente apropriado e redefinido no texto impresso e traduzido na corte avisina, incidindo em novas práticas de leitura.

Abordaremos, então, a construção feita por alguns autores, anteriores e contemporâneos a Christine, a respeito da imagem sobre as virtudes masculinas e femininas para um modelo ideal de homens e mulheres, reforçando como a imagem feminina passou por um conjunto de construções discursivas que procuravam ora legitimá-la ora coibi-la. Também trataremos de outras mulheres que, assim como Christine de Pizan, exerceram sua escrita como espaço de autonomia. Verificaremos ainda como a trajetória de Christine de Pizan, sua história de vida e sua educação na corte foram importantes, para que ela analisasse questões sobre os papéis femininos e se inserisse em debates sobre a defesa da figura da mulher em ambientes dominados pela visão masculina. Esses aspectos serão abordados no capítulo 1.

Inseriremos *A Cidade das Damas* de Christine de Pizan na tradição do *exemplum*, pois, nessa obra, ela elenca um conjunto de histórias de mulheres com vidas dignas de serem seguidas. Analisaremos *A Cidade das Damas* como uma obra de construção de um local próprio feminino, que pretende ser local de fala e de educação

³⁷ MEIRINHOS, J.F. Editores, livros e leitores em Portugal no século XVI. A colecção de impressos Portugueses da BPMP. Separata de *Tipografia Portuguesa do séc. XVI nas colecções da BPMP. Catálogo*. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 2006. p. 17.

como virtude das mulheres; e verificaremos a extensão desta obra através dos manuscritos produzidos no período, questões que analisaremos no capítulo 2.

Em sequência analisaremos *O Livro das Três Virtudes* enquanto *speculum*, inserindo a obra como um tratado didático-moralístico e a tradução para a corte portuguesa do século XV pela Rainha D. Isabel, inserindo-se em um contexto de produção livresca e de legitimação régia, a partir de uma tradição de produção de modelos exemplares e de espelhos normativos que regravam a vida daquela sociedade. Trataremos destes assuntos no capítulo 3.

Por fim, trataremos dO *Livro das Três Virtudes* como uma obra de caráter moral, que será traduzido na corte portuguesa com o projeto da dinastia de Avis e o papel exercido pela Rainha D. Leonor como financiadora da cultura e da educação das mulheres da corte, e debateremos o vínculo entre o letramento feminino naquela sociedade de corte e a tradução da edição impressa d'O *Espelho de Cristina* quando comparado ao manuscrito português do século XV e como esta relação incide em práticas de leitura, tópicos que analisaremos no capítulo 4.

Capítulo 1 - A tradição de escrita sobre e por mulheres

Objetivamos neste capítulo analisar a obra de Christine de Pizan dentro de uma tradição de debate sobre vícios e virtudes; debater aspectos da figura de Christine de Pizan em sua autoridade de escritora, uma mulher produtora de literatura que absorve as relações de seu contexto em sua obra e sua inserção na *querele des femmes*; e pontuar aspectos da produção de textos manuscritos na França, relacionando com a produção dos manuscritos de *A Cidade das Damas*.

1.1 A construção das virtudes e defeitos femininos

Christine de Pizan insere-se, sob uma perspectiva feminina, em uma tradição de debate sobre as características virtuosas dos indivíduos. Tal debate foi travado desde a Antiguidade, e vem sendo desenvolvido ao longo dos séculos. Existiram aqueles que entenderão as mulheres possuidoras de virtudes iguais ou semelhantes aos homens, mas também há aqueles que não as associarão a nenhum tipo de virtudes nas descrições femininas.

Os autores da antiguidade tinham posições e objetos de análise diferentes. Seleccionamos alguns dos que pensaram as relações de virtudes e defeitos. Platão e Aristóteles enfocam na questão das virtudes masculinas. Ovídio aborda virtudes e defeitos, trazendo uma contraposição entre a figura masculina e a feminina e Plutarco traz a imagem virtuosa feminina.

Platão (428-347 a.C), no século IV a.C, seleciona quatro virtudes principais³⁸: prudência, que tem sede na parte racional da alma; fortaleza, relacionada às atitudes impulsivas da alma; temperança, ligada às necessidades da alma; e a justiça, que diz respeito à vida política e é considerada como uma virtude perfeita, sem a qual a vida coletiva é impossível³⁹. A ética platônica tem o conhecimento como fundamento do agir ético. Para ser bom é necessário conhecer o bem, e para ser mau basta o não-conhecimento do bem.

Existem, contudo, as fases da visão de virtude para Platão. A primeira é a virtude a partir da visão socrática, considerada a fase da juventude de Platão; nesta fase, o

³⁸ Essas quatro virtudes serão depois repensadas por Santo Agostinho e, principalmente por São Tomás de Aquino, que passa a denominá-las virtudes cardeais, por concentrarem todas as virtudes humanas. Cf. AQUINO, Tomás. *Suma Teológica*. I-II. São Paulo: Loyola, 2005.

³⁹ PLATÃO. *Diálogos III: A República*. Tradução de Leonel Vallandro. Rio de Janeiro: Ediouro, 1970. p. 87-99.

conceito de virtude coincide com conhecimento, deste modo, todo princípio ético deve estar fundamentado na razão, portanto o conhecimento é o princípio fundamental e unificador de todas as virtudes. Na segunda fase, além de guardar a mesma premissa da primeira fase, acresce-se que o conceito de virtude se evidencia como uma unidade que se harmoniza pelo pressuposto das diferenças. Platão faz emergir a ação, o conflito, ao mostrar que o conhecimento é necessário, mas não suficiente para unificar as virtudes. E por último, temos a questão do ensino da virtude a partir do diálogo *Mênon*⁴⁰. Apesar de este diálogo negar a possibilidade do ensino da virtude, todavia deixa em aberto a mesma possibilidade no que diz respeito à natureza da virtude ser ensinável.

Para Aristóteles (384-322 a.C.), discípulo de Platão, as virtudes também estão relacionadas às partes da alma e divididas entre virtudes morais e intelectuais. As virtudes morais prendem-se à parte mundana da alma, aos atos da vida prática. As virtudes intelectuais referem-se à parte racional da alma e dizem respeito ao conhecimento das realidades necessárias. É, portanto, a virtude fundamental para a ação humana como um agir ético⁴¹. As virtudes são adquiridas através dos atos práticos e dos exercícios diários. Tornamo-nos justos à medida que praticamos atos justos. A virtude é a moderação, situando-se entre dois extremos, entre a falta e o excesso, entre dois pólos opostos. Para conseguir este meio-termo, a prudência é o melhor caminho, sendo entendida por Aristóteles como a virtude da razão que delibera sobre a melhor forma de se atingir um fim⁴².

A prudência para Aristóteles é uma virtude intelectual relacionada à verdade e à razão, sendo uma disposição que determina a conduta sobre as coisas que podem ser boas para o homem, além de permitir deliberar corretamente sobre o que é bom ou mau em determinada situação. Aristóteles, no entanto, em *De generatione animalium*⁴³ estabeleceu o corpo feminino como deformado e impuro, frente à perfeição do corpo masculino, com as suas eficazes propriedades gerativas e intelectuais, ou seja, suas descrições sobre as virtudes são específicas para os homens. Nesta obra, sustenta-se a ideia de que é por debilidade e fraqueza que o corpo que se forma no ventre da mãe

⁴⁰ Cf. PLATÃO. *Mênon*. Trad. do grego e notas de Ernesto R. Gomes e estudo introdutório de José Trindade Santos. Lisboa: Edições Colibri, col. Universal, 1992.

⁴¹ ARISTÓTELES. *Ética a Nicômacos*. Tradução Mário da Gama Kury. Brasília: Universidade de Brasília, 199. 1106b.

⁴² *Ibid.* 1140b.

⁴³ ARISTOTLE. *Generation of Animals*. Trad. A. L. Peck. London e Cambridge, Massachusets: Heinemann e Harvard University Press, 1963.

torna-se o de uma mulher, e também que a própria natureza tem vergonha de ter feito uma obra tão imperfeita⁴⁴.

Aristóteles analisa também virtudes intelectuais e virtudes éticas⁴⁵. A virtude intelectual está relacionada com a aprendizagem, por isso necessita de experiência e tempo, e a virtude ética é produto do hábito, do costume. Nenhuma das formas de virtude ética se constitui por natureza, pois nada do que existe por natureza pode ser alterado pelo hábito. A virtude não é nem natural, nem inatural ao homem. O homem adquire essa capacidade pela prática, pela ação; tornamo-nos justos e moderados pela prática de atos justos ou moderados:

As coisas que temos de aprender antes de fazer aprendemo-las fazendo-as - por exemplo. Os homens se tornam construtores construindo, e se tornam citaristas tocando cítara; da mesma forma tornamo-nos justos praticando atos justos, moderados agindo moderadamente, e corajosos agindo corajosamente.⁴⁶

Aristóteles parte para uma análise das ações humanas, pois o seu projeto visava a produzir homens bons através do aprendizado das coisas⁴⁷. Sobre essas ações humanas é necessário ressaltar que tanto o excesso quanto a deficiência devem ser evitados, sendo a virtude o meio termo entre essas ações. O objetivo de nossa vida é alcançar a felicidade. Para tal, precisamos viver racionalmente, e viver racionalmente significa viver segundo a virtude. A virtude é encontrada no meio termo entre ações opostas, entre o excesso e a deficiência.

As virtudes estão sempre relacionadas aos sentimentos e às ações. A virtude é uma tendência para controlar um certo tipo de sentimento e para agir acertadamente em um determinado tipo de situação⁴⁸. As virtudes éticas derivam do costume. Realizando gradualmente atos justos, tornamo-nos justos, ou seja, adquirimos a virtude da justiça, e ela permanece em nós de forma estável como um *habitus*, que contribuirá

⁴⁴ Nesta perspectiva, o corpo físico da mulher, sua menstruação, seu útero, sua capacidade para a reprodução, eram características que a excluía da lei, do governo, da guerra e também da religião e as colocava como mães na sociedade. Aristóteles caracterizava que o corpo do homem era então mais perfeito do que o da mulher, pois se o sexo existia para a geração, o macho representava a causa formal e a fêmea a causa material. TEDESCHI, Losandro. O discurso filosófico: definindo o corpo. *Filosofazer*. Passo Fundo, n. 32, jan./jun. 2008. p. 100-101. Disponível em: <http://filosofazer.ifibe.edu.br/index.php/filosofazerimpressa/article/view/179>, acesso em: 10/01/2018.

⁴⁵ ARISTÓTELES. *Op. cit.*, 1999, p. 1103a, v. 3-11.

⁴⁶ *Ibid.* p.1103 b, v. 1-5.

⁴⁷ *Ibid.* p. 1104 a 1-7.

⁴⁸ Cf. ROSS, David. *Aristóteles*. Lisboa: Dom Quixote, 1987. p.208.

sucessivamente para que realizemos atos justos. Para Aristóteles, as virtudes éticas são aprendidas da mesma maneira como se aprendem as diferentes artes, que também são hábitos⁴⁹. A virtude não é dada ao homem inatamente, mas é através da prática, do hábito, da educação que nos tornamos virtuosos. É na vida prática, concreta, contingente, que observamos o problema moral e podemos exercer as virtudes⁵⁰.

Enquanto Platão e Aristóteles enfocavam nas virtudes masculinas, Ovídio e Plutarco abordam as mulheres em suas obras, todavia, Ovídio trabalha com uma imagem de mulher enquanto objeto da conquista feminino e Plutarco enumera as virtudes femininas.

Públio Ovídio Nasão (43 a.C. – 18 d.C.) escreve *A Arte de Amar*⁵¹ no século I d.C., um manual para ensinar a arte da conquista. O livro é dividido em três partes. Na primeira parte, a figura feminina é a da presa, e o poeta tem a intenção de ensinar a arte de amar, da conquista, da habilidade, da sedução. Ele escreve sobre uma arte que possui por finalidade a satisfação e o bem-estar do corpo e, por ser um homem que se utiliza da questão sentimental em sua escrita, é a figura masculina o agente da ação, mostrando que na arte da sedução não se deve deixar nem um nem outro sair ferido.

Para Ovídio, mesmo que tentem esconder seus desejos, todas as mulheres são presas fáceis, de acordo com a leitura que o autor imprime em sua obra. Assim, o “caçador” pode lançar suas redes sobre elas, já que são propícias a serem conquistadas. Com isso terão o sucesso desejado. Um exemplo disto é Pasífae que se apaixonou pelo touro Minos, e por ciúmes de suas rivais, as vacas, sacrificou todas que tiveram relações com seu amado⁵². Destarte, o homem não pode hesitar em caçar a mulher, pois mesmo que elas resistam ou logo cedam à conquista, elas gostam de ser cortejadas.

Na segunda parte, procura mostrar ao homem como manter o amor da sua conquista: “*Não basta que meus versos tenham trazido aquela que você ama; minha arte o fez prendê-la, minha arte deve conservá-la*”⁵³. Nesta parte Ovídio propõe alguns métodos que podem preservar o amor. Ser amável, perseverante, condescendente, permanecer em perpétua admiração pela amada, dar provas de dedicação, ignorar as

⁴⁹ Cf. REALE, Giovanni. *Introducción a Aristóteles*. Barcelona: Herder, 1985.

⁵⁰ SILVEIRA, Denis. As virtudes em Aristóteles. *Rev. Ciênc. Hum. Educ.* v.1, n.1, p. 45-49, 2000. Disponível em: <http://revistas.fw.uri.br/index.php/revistadech/article/viewFile/203/372>, acesso em 10/01/2018.

⁵¹ OVÍDIO. *A arte de amar*. Trad.: Dúnia Marinho da Silva. Porto Alegre: L&PM, 2006.

⁵² Ibid. p. 37.

⁵³ Ibid. p. 49.

infidelidades, elogiar até os defeitos da amada, são alguns dos métodos, indicados pelo poeta, para manter o amor conquistado. Nesta parte, o homem deve desenvolver qualidades como paciência e perseverança para o amor entre ambos florescer. O poeta representa a mulher, na primeira e na segunda partes de sua obra, como uma figura acessória, cujos defeitos aparecem por ser a presa do homem, o objeto de conquista, cheia de vaidades, de orgulho e de inveja.

A terceira parte é a que ele se dirige às mulheres, e aqui a personagem feminina também o interessa não como parceira passiva no jogo da sedução, mas também como aluna que pode aprender e utilizar a arte de amar para sua própria satisfação e prazer. Há muitos conselhos para as mulheres seduzirem os homens e tê-los também sob seu domínio como o cuidado de si, o penteado, a roupa, a voz, não ocultar seus encantos, as cartas de amor, evitar certas categorias de homens que não tenham seu mesmo status, desconfiar das amigas invejosas. Apesar da terceira parte objetivar aconselhar as mulheres, a figura feminina na obra é ainda aquela que está preocupada com o cuidado com seu corpo, com sua vaidade, com o uso de roupas e joias, que gosta de festas e está circulando na esfera pública com vistas a ter um casamento. Logo, a mulher, mesmo quando está sendo aconselhada pelo poeta, é representada como um objeto a ser conquistado na arte do amor.

Já Plutarco (46 – 120 d. C.) escreve *Moralia*⁵⁴, um conjunto de tratados, sendo que alguns são diretamente voltados às mulheres, como *Preceitos para o casamento*, *Consolação à sua mulher* e *A virtude das mulheres*.

Em *Preceitos para o casamento* traz uma reflexão sobre o amor e a prática conjugal, tendo sido dedicado aos jovens Poliano e Eurídice, na ocasião do casamento dos dois. A partir de observações a respeito da vida cotidiana e de sua união com sua esposa Timoxena, Plutarco propõe ensinamentos práticos, buscando valorizar, nas mais diversas situações, aspectos festivos, morais, intelectuais e espirituais do amor na esfera privada.

Consolação à sua mulher, é escrito para sua esposa, Timoxena, por ocasião da morte da filha do casal. Neste texto destaca-se a descrição da boa conduta de Timoxena como mãe e esposa. Ele afirma que ela não é nem curiosa nem supersticiosa; é simples e

⁵⁴ PLUTARCH. *Moralia*. The Loeb Classical Library vol III. Cambridge: Harvard University Press, 1961.

por isso, provoca a admiração dos cidadãos e dos filósofos que frequentavam a casa do casal; é equilibrada e tem fé, o que se torna um alento para enfrentar a morte da filha.

Em *A virtude das mulheres*, Plutarco traça um retrato da participação da mulher na esfera privada e pública. Plutarco oferece exemplos de virtude feminina, demonstrando a igualdade de virtudes entre homens e mulheres. Através de testemunhos históricos e mítico-históricos, ele apresenta diversas narrativas de mulheres gregas e estrangeiras.

Nesta parte, Plutarco elenca desde as mulheres de Ceos e a da jovem Cama que cumprem bem seu papel de esposas e exercem todas suas atividades com maestria e se mantêm fiéis a seus maridos como também os exemplos de Lampsace, que auxilia os gregos na guerra pois se manteve leal a quem a ajudou, e Cafene que juntos com as mulheres de Melos organizaram um contra-ataque quando soube que haveria uma invasão a seu povo⁵⁵.

Dentre os autores da antiguidade elencados acima, Plutarco é um dos poucos que igualam a virtude masculina a virtude feminina. A maioria dos autores acabavam por estabelecer que a mulher ou tinha limitações físicas em seu corpo que não a permitiam participar ativamente da vida pública, ou não tinha virtudes iguais ao homem, ou não tinha qualidades positivas, ou as imaginavam como alvos da conquista. Nos primeiros séculos da Igreja, essa imagem também será desenvolvida e pensada por autores homens.

Com o crescimento da Igreja no início da Idade Média, inicia-se um processo com os Padres da Igreja, que vão elaborar tratados e reflexões sobre a postura dos cristãos e, nesse contexto, também analisarão o papel da mulher. Esse padrão de comportamento era entendido por pensadores como Santo Ambrósio, Santo Agostinho, Santo Isidoro de Sevilha e São Tomás de Aquino. Baseados na interpretação das Escrituras, eles ditavam as normas para o procedimento da mulher no âmbito social, que era principalmente o familiar e o privado. Neste ambiente, a mulher e os filhos estavam sujeitos ao poder e domínios masculinos. Também se pregava os valores da castidade, do celibato, desta forma, a mulher representava uma tentação constante, e os homens que desejassem permanecer intocados no espírito, deveriam dela se afastar.

⁵⁵ SILVEIRA, Mariana Duarte. *A imagem feminina na Moralia: heroísmo e outras virtudes*. Dissertação apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2006. p. 19-22.

Os primeiros doutores da Igreja sempre se mostraram preocupados com a questão da proximidade e da companhia femininas. Refletindo as considerações de São Paulo⁵⁶ (5 – 67 d.C) sobre como a distração ocasionada pelo casamento e pela família poderiam prejudicar a consolidação institucional do cristianismo e também refletindo sobre o alcance da excelência mental e espiritual do homem.

Santo Ambrósio (340 – 397 d. C.), no século IV, propõe uma alegoria para a queda de Adão e Eva, na qual a mulher representaria os sentidos e o homem, a mente. Consequentemente, os prazeres advindos da presença da mulher afetavam a mente do homem⁵⁷. Santo Ambrósio, todavia, também trabalha com o modelo de virtude feminina do período, Maria, descrita com sublime beatitude e santidade, intocada pela culpa, de fala frugal, sem inveja das suas companheiras. Também não havia nada de tendencioso em suas palavras, nada de estranho em seus atos, não havia nela movimento frívolo, nem um passo indeciso, nem era a sua voz petulante⁵⁸.

Santo Agostinho de Hipona (354 – 430 d. C.), entre o século IV e V, trata, em as *Confissões*⁵⁹, da figura da mulher e ela ganha alguns elogios relacionadas às virtudes comparáveis a Maria, mãe de Jesus. Ele escreve este padrão, a partir da figura de sua mãe, Monica, e de como esta se tornou uma referência sobre a educação feminina. Ele descreve a educação recebida por Mônica na casa de seus pais, uma educação cristã rígida e abnegada, instruída na sabedoria e na prudência.

Agostinho retrata as virtudes de sua mãe em seu relacionamento familiar e elenca as qualidades do comportamento de uma mulher comprometida moral e socialmente, que recebera uma educação cristã familiar:

Sempre que havia discórdia entre pessoas, ela procurava, quando possível, mostrar-se conciliadora, a ponto de nada referir de uma a outra, senão o que podia levá-las a se reconciliarem. E isso fazia, depois de ter ouvido de um lado e de outro, as queixas amargas que costumam surgir nos casos de forte antipatia, quando o rancor provoca as mais ásperas acusações contra as amigas ausentes. Esse dom me pareceria de pouca importância, se uma triste experiência não me houvesse mostrado que grande número de pessoas – não sei por qual

⁵⁶ Carta aos Coríntios. 7: 1-40. BÍBLIA DE JERUSALEM. São Paulo: Paulus, 2002.

⁵⁷ AMBROSE, St. *Hexameron, Paradise, and Cain and Abel*. Trad. J. J. Savage, FOX. New York: Fathers of the Church, Inc., 1961, XV. p. 351.

⁵⁸ AMBROSE, St. On Virgins. In: AMBROSE, St. *The Principal Works of St Ambrose*. Trad. H. de Romestin (Select Library of Nicene and Post-Nicene Fathers). Oxford e New York: James Parker, Christian Literature Co., 1896. p. 374-375.

⁵⁹ AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Traduzido por Maria Luiza Jardim Amarante. 17. ed. São Paulo: Paulus, 2004.

horrendo e muito difundido contágio do pecado – não só repetem a pessoas inimigas o que umas dizem das outras, sob o império da ira, como ainda acrescentam palavras que jamais foram pronunciadas.⁶⁰

As virtudes femininas, para Agostinho eram as de uma boa cristã, que pensava em sua família, que prezava pela educação dos filhos, que apoiava o marido.

Agostinho elenca sua mãe e Maria como modelos máximos de virtude feminina, e também salienta como uma mulher poderia desvirtuar um homem. Em *A trindade*⁶¹ afirma que a mulher era perturbadora da serenidade e da espiritualidade da mente masculina, pois estava mais predisposta aos apelos sensoriais e, consequentemente sensuais. A mulher não poderia tentar contra a paz do homem, não poderia servir para desviá-lo de seu caminho.

Dentre aqueles que diminuem as capacidades femininas, postulando sua fisiologia como imperfeita e impura está Isidoro de Sevilha (560 – 636 d. C.) que, na passagem do século VI ao VII, em suas *Etymologiae*⁶² comenta sobre o poder destrutivo e impuro do sangue menstrual, pois a presença deste sangue é o que torna a mulher incapaz de se desenvolver totalmente e se tornar um homem completo, resgatando aqui a questão do corpo feminino imperfeito trabalhado anteriormente por Aristóteles. Isidoro de Sevilha afirma que, com o contato com o sangue menstrual, frutas não germinam, árvores não florescem, o metal fica enferrujado e cães contraem raiva⁶³.

Resgatando a discussão sobre virtudes no período medieval e utilizando-se da filosofia aristotélica, São Tomás de Aquino (1225 – 1274 d. C.), no século XIII, defende a prudência como virtude importante pois põe-se a serviço de fins que não são dela, ocupando-se apenas com a escolha dos meios. A prudência reside no domínio da razão prática, sendo esta a que se refere ao que devemos fazer visando um determinado fim, à deliberação. Prudente, então, é aquele que tem a capacidade de bem deliberar e está vinculado à razão prática⁶⁴. No mesmo livro teoriza também sobre a figura feminina. Argumenta que, se a mulher era como um macho deformado, ela não devia ter sido gerada no momento da produção original das coisas, porque Deus não podia ter

⁶⁰ *Ibid.* Livro IX, Capítulo 9.

⁶¹ Cf. AGOSTINHO, Santo. *De Trinitate*. Covilhã: Luso sofia press, 2008.

⁶² ISIDORE OF SEVILLE. *Isidori Hispalensis Episcopi: Etymologiarum sive Originum libri xx*. 2 vols. Ed. W. M. Lindsay. Oxford: Clarendon Press, 1962.

⁶³ *Ibid.* XI, i.

⁶⁴ AQUINO, *Op. cit.* Artigos 1 a 5, questão 47.

originalmente criado nada defeituoso ou mal, justificando a sua posição de inferior em relação ao homem⁶⁵.

Através da *Legenda Áurea*⁶⁶, o bispo Jacopo Varazze (1228 – 1298 d. C.) aborda, no século XIII, uma postura de reabilitação da mulher a partir do afastamento dos prazeres sexuais. Primeiro trabalha a ideia de que a proximidade entre a mulher e o mundo natural está mais associada às forças demoníaco-destrutivas do que às criadoras⁶⁷, por este motivo que a castidade é um elemento importante para a mulher em sua obra. Para não demonizar por completo as mulheres há uma insistência no tema da “maternidade da Virgem”, reabilitando o estado corruptível dos corpos femininos⁶⁸.

Na *Legenda Áurea* predomina além da vida de santos, a figura da Virgem Maria como modelo de mulher, mantendo-se pura e casta, concebendo um filho sem intermédio da prática sexual. Por isto, esta obra reforça o cuidado com as mulheres virgens, castas, sem pecado, sem maldade, uma vez que poderiam se dedicar à religião e seguir uma vida em clausura, diferentemente das casadas, pois estas, sim, tinham o dever de zelar pela sua casa, agradar o seu marido, gerar filhos e permanecer fiéis ao casamento.

Além dos pensadores da Igreja citados acima, que refletiram sobre defeitos e virtudes femininas, também existiram diversos outros que dissertaram acerca das virtudes ou defenderam modelos para as mulheres como Durand de Champagne, Geoffroy de la Tour Landry, Francesc Eiximenis, Juan Rodríguez del Padrón e Álvaro de Luna. As obras desses autores passam a conceituar a imagem feminina relacionada a um modelo de mulher ideal, longe dos apelos corpóreos, uma imagem nos moldes de Maria que passa a ser cada vez mais desenvolvida manuais para a educação feminina⁶⁹.

As questões relacionadas ao sexo, à castidade e às virtudes referentes ao regramento sexual no casamento perpassarão os manuais para princesas. Como exemplo

⁶⁵ *Ibid.* Artigo 1, questão 92.

⁶⁶ VARAZZE, Jacopo. *Legenda Áurea*. Vida dos Santos. Trad. Hilário Franco Júnior. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

⁶⁷ SOUZA, Néri de Almeida. A Cristianização dos mortos: a mensagem evangelizadora da *Legenda aurea* de Jacopo de Varazze. 1998, 2v., 517f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1998. p. 426.

⁶⁸ *Ibid.* p. 427.

⁶⁹ Desenvolveremos mais este tema sobre os manuais de educação e a educação feminina no capítulo 3 e 4.

encontra-se o *Speculum dominarum*⁷⁰, de Durand de Champagne, redigido entre o século XIII e o início do século XIV, destinado à rainha Joana de Navarra, mulher de Felipe, o Belo. O texto é um manual de moral cristã, com o objetivo de instruir a princesa e as mulheres em geral.

Durand divide sua obra em três livros: o primeiro, *De condicionibus mulierum*, está subdividido em três partes e em alguns capítulos; o segundo, *De sapientia*, trata das vantagens da sabedoria; o terceiro, *De domo multiplici quam edificare debet regina quelibet alia domina*, trata de quatro questões: a vida terrestre, a consciência, o inferno e o céu. Para desenvolver os numerosos temas de seu tratado, Durand faz diversas citações da Bíblia, de autores da igreja ou não (Cícero, Sêneca, Macróbio, Santo Ambrósio, Santo Agostinho, São Bernardo), de vários exemplos tirados de escritos de autores medievais (Vincent de Beauvais, John de Galles), da vida de santos ou de sua própria experiência.

Outro exemplo é a obra de Geoffroy de la Tour Landry (1320 – 1391 d.C.), *Le Livre Du Chevalier de La Tour Landry, Pour l'enseignement de ses filles*⁷¹, escrito na segunda metade do século XIV, o qual contém conselhos para suas próprias filhas e também recomendações religiosas; conselhos morais, sobre a conduta de modo geral, sendo direcionados, sobretudo, às mulheres de todas as idades; conselhos às mulheres mais jovens, às mulheres casadas, às viúvas, à educação dos filhos, aos empregados da casa, quanto aos sentimentos que a esposa deve nutrir por seu esposo, conselhos sobre o dia-a-dia de uma viúva e seu comportamento ideal. Esta obra apresenta em seu cerne um modelo de ideal familiar e conjugal.

No século XIV, Francesc Eiximenis (1330 – 1409 d.C.) escreve o *Libre de les dones*, posteriormente traduzido como *Carro de las Donas*⁷², com a intenção de ser um manual de instrução para as mulheres, no qual trata do matrimônio, da penitência, dos votos religiosos e da contemplação e enfoca os prêmios e castigos recebidos pelas pessoas em cada ato de sua vida.

É uma obra que desenvolve a dicotomia da imagem da mulher. Ele trata dos pontos negativos relativos as mulheres, como a vaidade feminina com a pintura de olhos

⁷⁰ DUBRULLE, Anne. *Le speculum dominarum de Durand de Champagne*: edition critique. Paris: École Nationale de Chartes, 1988.

⁷¹ TOUR-LANDRY, Geoffroy. *Le Livre Du Chevalier de La Tour Landry, Pour l'enseignement de ses filles*. Ed. Anatole de Montaiglon. Paris: Nabu Press, 2010.

⁷² EIXIMENIS, Francesc. *Lo Libre de les Donas*. Barcelona: Curial, 1981.

e cabelos, os penteados em vários planos, as joias, decotes, unhas - porque estes podem tirar os homens de seus ânimos, configurando-se em artimanhas do diabo para prender as almas masculinas. Nas questões relativas ao corpo feminino, retoma as críticas de Aristóteles e Santo Isidoro de Sevilha. Para ele, questões como parto, amamentação ou menstruação seriam “castigos” relacionados ao pecado original, afirmando que os sofrimentos femininos vieram do pecado cometido por Eva, observando ser esta a razão da vida feminina estar mais carregada de sofrimento e de trabalho⁷³. Entre esses sofrimentos estaria a carga vergonhosa de ter fluxo de sangue todos os meses. Com relação ao parto, Eiximenis coloca a dor dele derivada como outra forma de castigo pelo pecado original⁷⁴.

Todavia, a obra de Eiximenis se estabelece como uma instrução moral, que se destina a realizar uma avaliação das diferentes fases da vida das mulheres - criança, donzela, esposa e viúva. Freiras também pertencem a esse universo feminino tratado no livro. Ao mesmo tempo, pretende ser uma espécie de catecismo, em que Eiximenis explica os principais pontos da fé, da moral e da ética cristã. Esta parte final, a mais longa do texto, é, de fato, um verdadeiro compêndio de teologia, em que se verifica a finalidade divulgadora e ao mesmo tempo catequizadora da obra de Eiximenis. Faz também menção aos elevados saberes das infantas Isabel, Maria, Joana e Catarina, abordando a importância da educação das princesas⁷⁵.

O clérigo franciscano Juan Rodríguez del Padrón (1390 – 1450 d.C.) escreve *O Triunfo de las donas*⁷⁶ na primeira metade do século XV, uma obra dedicada à rainha D. Maria de Castela: “*a mais digna e muito mais formosa do universo, em graça e virtudes singulares, a muito ensinada e perfeita senhora Dona Maria*”⁷⁷. Através da ninfa Cardiana, o autor apresenta as razões pelas quais as mulheres merecem mais afeto que os homens e organiza uma lista com figuras exemplares femininas, santas e mulheres reais. Escrito em primeira pessoa, o texto do *Triunfo de las donas* é iniciado com uma questão levantada pelo autor: “*seria o homem ou a mulher mais nobre e de mais*

⁷³ SILLERAS-FERNANDEZ, Nuria. *Chariot of ladies: Francesc Eiximenis and the court culture of medieval and early modern iberia*. Londres: Cornell University Press, 2015. p. 16.

⁷⁴ *Ibid.* p. 19.

⁷⁵ *Ibid.*

⁷⁶ DEL PADRÓN, J.R. *Triunfo de las donas*. In: *Obras Completas*. (Org) Cesar Hernandez Alonso. Madri: Editora Nacional, 1982.

⁷⁷ *Ibid.*, p. 211.

excelência?”⁷⁸ e na tentativa de responder a essa questão, o autor conta que se refugia em um lugar solitário e através de um sonho escuta a voz da ninfa, que lhe diz razões para que as mulheres mereçam mais afeição que os homens, e argumentos em defesa delas.

No texto de Del Padrón não são as mulheres as culpadas pelo declínio do paraíso, mas os homens; todavia, ele ainda enfatiza o caráter pecaminoso e inferior delas, ou mesmo realça a necessidade de muito esforço e penitência corporal para que elas consigam alcançar a salvação. Ele primeiro desenvolve o modelo de mulher baseado em Eva, com seus defeitos e pecados, para depois contrapor e louvar o modelo de Maria, se as mulheres fossem boas cristãs. Sendo justas, piedosas, castas e de fama superior à dos homens, as mulheres no *Triunfo de las donas* são exaltadas e encontram na escrita de Padrón um ataque a tudo que sugerisse o contrário.

São apresentados para justificar a sobreposição das virtudes das mulheres às dos homens argumentos respaldados nos textos bíblicos, além das autoridades da antiguidade clássica e do medievo, como: Quintiliano, Aristóteles e São Bernardo. Del Padrón defende que “*como as criaturas menos nobres foram primeiramente no mundo criadas e as mais nobres ultimamente*”, sucedeu à criação do primeiro animal racional a criação da mulher, logo, as mulheres são superiores aos homens, vez que, além de terem sido criadas depois deles, enquanto os homens e os demais animais foram concebidos “*a partir do vapor da terra, as mulheres foram criadas a partir da carne purificada*”⁷⁹.

O condestável Álvaro de Luna (1390 – 1453 d. C.) escreve *El Libro de las claras e virtuosas mugeres*⁸⁰ também dedicado à rainha Dona Maria e compartilha alguns temas com os textos mencionados acima, por exemplo: a confirmação da reputação das mulheres do passado, reafirmação das virtudes de mulheres através de exemplos e respostas àqueles que as maldisseram. Apresenta a ideia de que os vícios são praticados por homens e mulheres não por natureza, mas pelos maus hábitos; que as mulheres são tão virtuosas quanto os homens; que os homens e aqueles que maldizem as mulheres só levam em conta os exemplos do mal das mulheres.

Apesar de contar a história de mulheres castas, piedosas, fiéis a seus maridos, sábias, mártires, corajosas, guerreiras, pacientes, honestas e santas, que em alguns casos

⁷⁸ *Ibid.*, p. 213.

⁷⁹ *Ibid.*, p. 217.

⁸⁰ LUNA, Álvaro. *Libro de las claras e virtuosas mugeres*. Edición de Manuel de Castillo, Toledo: Establecimiento Tipográfico de Rafael G. Menor, 1908, p. 20.

estavam em pé de igualdade com homens como Aquiles, Solomão e Lívio, Álvaro de Luna refere-se a estas (mães, irmãs, esposas, rainhas) sempre em relação a um homem, deste modo, Penélope é filha de Ícaro e esposa de Ulisses, Policena é filha de Príamo e Diana é filha de Júpiter. As mulheres desta obra são, então, exaltadas pelas virtudes ligadas à Maria e devem se portar como esses exemplos elencados.

A imagem de mulher desenvolvida desde a antiguidade até a Idade Média elencava como modelo de mulher virtuosa a figura de Maria, humilde, regrada, casta, boa mãe e esposa; contrapondo-a com aquele de Eva, o instrumento do pecado, da intriga, dos maus comportamentos.

Muitas destas obras que tomaram a defesa ou o elogio de algumas mulheres, especialmente as "ilustres", as "virtuosas", as "claras" e as "nobres" - não foram muito além da contraposição de argumentos ou da evocação de exemplos, essencialmente clássicos, de "grandes" mulheres. Mas o que fica perceptível dentre os diversos pensadores que elencamos nesta seção é que são todos homens escrevendo sobre a imagem feminina, logo norteada por visões específicas sobre mulheres. A análise da condição social feminina, quando elaborada em função da produção cultural erudita predominante conduz a resultados condicionados pelos códigos culturais e crenças do lugar de sua produção – no caso da Idade Média, a Igreja, os pensadores cristãos e a produção masculina do período.

1.2 A escrita feminina e a autoridade de Christine de Pizan

Como analisamos a visão masculina sobre mulheres e virtudes femininas, é necessário também elencar aquelas que, sejam tratando da questão do corpo ou da virtude feminina, também foram para o campo das letras. Sabemos que Christine de Pizan foi uma das primeiras a exercer a função de mulher de letras como um ofício, mas não foi a primeira a escrever sobre a figura feminina na Idade Média. Antes de Christine, ou contemporâneas a ela, outras mulheres se desenvolveram no campo literário e desenvolveram tratados, poemas, biografias e narrativas.

Trotula de Rugiero ou Trotula de Salerno, que viveu no século XI, é um dos exemplos destas mulheres. O primeiro tratado de Trotula, intitulado *De passionibus mulierum curandorum ante, in, post partum* (Sobre as doenças das mulheres antes,

durante e depois do parto), versa sobre ginecologia, obstetrícia e pós-parto⁸¹. Nesta obra, citando fontes como Hipócrates, Galeno, Oribásio e Dioscórides, dentre outros, Trotula explica a menstruação, a concepção, a gravidez, o parto, o puerpério, o controle de natalidade, as doenças do útero e das vias urinárias. Além disso, como ela descreve as suas experiências particulares, a obra deixa transparecer que ela praticou cesariana e usou e recomendou o emprego de opiáceos como anestésicos durante o parto, para aliviar a dor das mulheres, contrariando os ensinamentos da Igreja Católica da época, que sustentavam que as mulheres deviam sofrer o parto sem qualquer alívio⁸².

A alemã Hildegarda de Bigen (1098 – 1179 d.C.), foi uma monja beneditina, considerada a precursora das beguinhas, grande estudiosa da medicina, da filosofia e da teologia. Escreveu diversas obras, em que descreve suas visões místicas ou mensagens recebidas de Deus, dentre as quais: *Scivias (Conhecer os caminhos do Senhor)*⁸³, primeira de suas obras teológicas, iniciada em 1147, após a autorização do Papa Eugênio III, e concluída em 1151, em que expõe, de forma ordenada, 26 visões sobre os mistérios da salvação, divididos em três livros: o primeiro (seis visões) sobre a criação e entrada do mal no mundo à aurora pela queda de Lúcifer; o segundo (sete visões), sobre a salvação e a encarnação de Jesus Cristo; e o terceiro (treze visões), sobre a virtudes de sua tarefa na construção da salvação. Pela estrutura da obra, pode-se inferir que o objetivo principal da autora é, “*através dos ensinamentos da doutrina cristã, mostrar o caminho que, por meio da prática das virtudes, deve ser percorrido para se alcançar o reino celeste*”⁸⁴.

Hildegarda também escreveu o *Líber vitae meritorum (Livro dos méritos da vida)*⁸⁵, um tratado de ética, que estabelece a oposição entre vícios e virtudes a partir de

⁸¹ DE RUGGIERO, Trotula. *Sulle malattie delle donne*. Trad: Piero Cantalupo. Palermo: La Luna saggia, 1994.

⁸² SIMONI, Karine. De dama da Escola de Salerno à figura legendária: Trotula de Ruggiero entre a notoriedade e o esquecimento. *Fazendo Gênero 9: diásporas, diversidades, deslocamento*. 23 a 26 de agosto de 2010. p. 4. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278291166_ARQUIVO_DedamadaescoladeSalernoafigurallegendariaTrotuladeRuggieroentreaotoriedadeeoesquecimento.pdf, acesso em: 04/11/2017.

⁸³ PINHEIRO, Mirtes. Hildegarda de Bingen: “Luz Iluminada pela Inspiração Divina.” *Graphos*. v.15, n.1, 2013. p.2. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/view/16319/9348>

⁸⁴ POLL, Maria Carmen Gomes Martiniano de Oliveira van de. *A espiritualidade de Hildegarda von Bingen; profecia e ortodoxia*. 2010. 211 f. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - USP, São Paulo, 2010. p. 82.

⁸⁵ COSTA, Marcos Roberto Nunes. Mulheres intelectuais na Idade Média: Hildegarda de Bigen: entre a medicina, filosofia e a mística. *Revista Trans/Form/Ação*, Marília, v. 35, p. 187-208, 2012.

figuras metafóricas, onde, por exemplo, os vícios são descritos ou retratados em formas grotescas que misturam partes humanas e animais, com o objetivo de mostrar e alertar para o perigo de não encontrar o caminho a ser seguido para alcançar o reino celeste, já apontado no *Scivias*, por isso é considerado um complemento ou aprofundamento deste⁸⁶.

Além dessas monjas, muitas das mulheres que desenvolveram a escrita eram membros do grupo das beguinhas, mulheres leigas católicas que praticavam uma vida ascética em comum, parecida com a monacal. Diferentemente das monjas, as beguinhas não estavam presas ao espaço do mosteiro. Os beguinários permitiam que a mulher tivesse acesso ao estudo sem estarem necessariamente atreladas ao controle eclesiástico. Essas comunidades ficavam, comumente, nas zonas urbanas, e isso favorecia ao não isolamento, assim, as Beguinhas ficavam mais próximas do povo, atuando na sociedade.

Michele Perrot⁸⁷ afirma que as Beguinhas viviam dos ganhos pelo trabalho de cuidar de doentes ou pelo ofício de tecelãs. Por não seguir nenhuma hierarquia e não se vincular às ordens religiosas eram consideradas perigosas. De acordo com Claudia Opitz⁸⁸, essas comunidades, ofereciam mais do que todos os outros conventos de mulheres fundados no final da Idade Média. Ofereciam alojamentos para mulheres que vinham da população mais pobre, além disso, a entrada nessas comunidades não obrigava a mulher ao celibato por toda vida.

A Beguina Hadewijch de Antuérpia, no século XIII, era uma poetisa que preferia comunicar suas produções na língua vulgar. Hadewijch escreveu quarenta e cinco poemas estróficos à maneira dos trovadores, como um tema único: o combate pelo amor, quer na presença quer na ausência do amado; a demanda pelo amor justo; além de trinta e uma cartas e catorze visões⁸⁹.

Hadewijch evidencia em seus textos que o amor divino deve ser livre e orgulhoso, o qual cria autonomia e autoconsciência ao sujeito que o sente. Em seus

Edição Especial. Disponível em: <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/transformacao/article/view/2682/2107>, Acesso em 17/01/2018.

⁸⁶ *Ibid.* p. 200.

⁸⁷ DUBY, George; PERROT, Michelle. (Org.) *História das mulheres*. Porto: Edições Afrontamentos, 1993. p. 517-597.

⁸⁸ OPITZ, Claudia. O cotidiano da mulher no final da Idade Média (1250-1500). In: *Ibid.* p. 331-351.

⁸⁹ TROCH, Liev. Mística feminina na Idade Média: historiografia feminista e descolonização das paisagens medievais. *Revista Graphos*, v. 15, n. 1, 2013. p. 7-8. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/graphos/article/viewFile/16324/9352>, acesso em 15/01/2018.

escritos, ela ligou canções religiosas com poesia dos trovadores contemporâneos, usando dessa analogia para se mostrar como noiva e amante de Deus⁹⁰. Para ela, o caminho para o amor divino foi, também, o espaço que Hadewijch encontrou para orientar sua teologia, afirmando a possibilidade de igualdade na sociedade às mulheres que seguissem essa jornada⁹¹. Para Hadewijch, o amor místico passava por três etapas: primeiro se tomava conhecimento do amor de Cristo; a isso se seguia uma entrega incondicional; por fim, a fiel alcançava o equilíbrio entre o amor místico e a vida terrena. Ela julgava que o amor místico a Deus era o único amor pleno, e sua obra dedica-se a mostrar quão central era este sentimento em sua vida⁹².

As Beguinhas pregavam para o povo que buscassem uma ligação direta com o divino sem que fosse preciso um intermediário, além da palavra que comunica a fé libertária, elas apoiavam os que estavam à margem da sociedade e, principalmente, buscavam apoiar outras mulheres para que fossem plantando diariamente uma autonomia feminina.

Marguerite de Porete (1250 – 1310 d.C.), foi uma mística francesa que defendeu o direito à palavra até que foi perseguida pela Inquisição e queimada. Escreveu *Espelho das almas simples e aniquiladas*⁹³, e foi malvista na época por defender que a relação com Deus não passava necessariamente pelos sacerdotes.

Para ela, a criatura é constituída de corpo, alma e espírito, como afirma a teologia cristã, mas Porete vai um pouco mais adiante: para ela, a Alma estava no pensamento de Deus desde a eternidade. Disto decorre que, na mística poretiana, a Alma é a parte mais elevada da humanidade, é a parte divina que há na criatura e é somente por meio desta parte que as pessoas, abandonando toda realidade criada,

⁹⁰ SERRADO, Joana de Fátima Gonçalves Pita do. Amar, experienciar, transformar: Minnen, Varen, Verwandelen: três verbos místicos em Hadewijch de Antuérpia. 2004. Dissertação de Mestrado. Universidade do Porto.

⁹¹ NICOLETTE, Eduardo; SANTOS, Rodrigo; GUIMARÃES, Vítor. Hadewijch de Amberes: a mística medieval e suas visões sobre o divino. *Revista Mais que Amélias*. n.4, p. 1-9, 2017. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/361101224/cafb5-7d0085dac2e44a9c94d7da4f21c35d78-pdf>, acesso em 05/01/2018.

⁹² *Ibid.* p. 7.

⁹³ PORETE, Marguerite. *O espelho das almas simples e aniquiladas e que permanecem somente na vontade e no desejo do Amor*. Tradução e notas de Silvia Schwartz. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

abandonando o corpo formado por Deus e o seu espírito criado que assume a natureza de Deus e une-se a Deidade⁹⁴.

A obra da mística Juliana de Norwich constitui o mais antigo escrito conhecido de autoria feminina em língua inglesa. Nascida na cidade de Norfolk, Inglaterra, em aproximadamente 1342 ou 1343, e falecida provavelmente em 1416. Escreveu em inglês médio o texto *A Revelation of Love*, que apresenta as visões que teve da divindade, durante a recuperação de uma séria doença que a teria deixado entre a vida e a morte:

And thus is Jhesu oure very Moder in kynd of oure furst makynge and he is oure very furst Moder in grace by takynge of oure kynde made. [...]The moder may geve her chylde hyr mylke, but oure precyous Moder Jhesu, he may fede us with hym selfe and doth full curtesly and full tendyrly with the blessyd sacrament that is precyous fode of very lyfe⁹⁵.

O texto de Juliana oferece um diálogo entre a teologia e a utilização de metáforas inusitadas para se referir a Jesus, como por exemplo, a metáfora de Cristo como mãe (Mãe Jesus), criando um elemento eminentemente feminino da perspectiva teológica de Juliana de Norwich.

Já *The Book of Margery Kempe* é considerada a mais antiga autobiografia em língua inglesa. Sua autora, a mística Margery Kempe, que viveu entre 1373 e 1438, apresenta a voz de uma mulher inglesa medieval com características como caráter, coragem e experiências sem igual:

And this creature had contrition and great compunction, with plentiful tears and much loud and violent sobbing, for her sins and for her unkindness towards her maker. She reflected on her unkindness since her childhood, as our Lord would put it into her mind, very many times⁹⁶.

⁹⁴ NOGUEIRA, Maria Simone Marinho. Negação e aniquilação em Marguerite Porete e Mestre Eckhart. *Princípios: Revista de Filosofia*, Natal, v.22, n.27, jan.-abr. 2015. p. 13. Disponível em: <https://periodicos.ufm.br/principios/article/viewFile/7380/pdf>, acesso em 06/01/2018.

⁹⁵ “E assim Jesus é a nossa verdadeira Mãe quanto à natureza por nossa primeira criação, e é nossa verdadeira Mãe quanto à graça por sua assunção de nossa natureza criada. [...] A mãe amamenta seus filhos com seu leite, mas nossa preciosa Mãe Jesus pode nos alimentar consigo mesmo, e o faz muito cortesmente e ternamente com o santo sacramento, que é o alimento da vida verdadeira” In: BAKER, Denise N. (Ed.). *The Showings of Julian of Norwich*. (A Norton Critical Edition). New York: W.W. Norton & Company, 2005. p. 93-94.

⁹⁶ “E essa criatura teve contrição e grande compunção, com muitas lágrimas e muitos soluços sonoros e violentos, por seus pecados e sua maldade para com seu criador. Ela refletiu sobre sua maldade desde sua infância, quando nosso Senhor colocou isso em seu pensamento muitas vezes”. In: KEMPE, Margery. *The Book of Margery Kempe*. (Trad. De B.A. Windeatt). London: Penguin Books, 1994. p. 48.

Tanto a obra de Juliana de Norwich, quanto a de Margery Kempe, passaram a despertar maiores interesses por parte dos estudiosos da literatura inglesa principalmente a partir da década de 1970 em diante. Em 1986, a autobiografia de Kempe seria incluída em *The Norton Anthology of British Literature*, e os excertos das *Revelations* de Juliana de Norwich seriam incluídos na edição da mesma antologia de 1993, marcando assim a entrada das duas mulheres no cânone literário medieval inglês.

As mulheres citadas acima foram algumas das mulheres que buscaram romper com o silêncio que era imposto à mulher no final da Idade Média. Muitas delas, principalmente as místicas – “mulheres que buscavam o divino a partir da união das instâncias afetivas e intelectivas”⁹⁷, estavam conscientes de uma missão para com a propagação da palavra, pois esse chamado vinha diretamente da união íntima com o divino, assim sendo, elas se sentiam encarregadas de propagar a palavra de Deus para o povo. Neste sentido,

a experiência do místico consiste em experimentar Deus em sua plenitude, permitindo a alma se unir a ele tendo como base o texto bíblico, pois é ele quem fornece um ponto de partida para uma meditação, que passo a passo conduz à contemplação.⁹⁸

Sejam religiosas ou beguinhas, o que há em comum nos textos dessas mulheres medievais elencadas acima é a vontade de instaurar novas formas de vida cristã. Mas há também, um desenvolvimento de uma noção de amor pelo divino, cujo fervor de alcançá-lo se coloca no limite entre a ortodoxia e a heresia, o que nos faz questionar se o ato de escrever destas mulheres é uma forma de exercer sua autonomia.

Christine de Pizan se destaca pois será a primeira mulher letrada leiga a exercer o seu ofício como escritora em uma corte e levantar sua defesa sobre as virtudes femininas, tratando de exemplos ilustres de mulheres e ditando conselhos de comportamento (assim como muitos dos homens que escreveram em seu tempo). Em seus textos, ela mostrará que leu muitos dos pensadores que criaram imagens sobre as mulheres como Platão, Aristóteles, Ovídio, Agostinho e Tomás de Aquino; mas assim como as autoras elencadas acima, Christine criará sua própria narrativa sobre ser mulher.

⁹⁷ NOGUEIRA, *Op. cit.* p.13

⁹⁸ PINHEIRO, *Op. cit.* p.2

Ao tratarmos nesta e na sessão anterior sobre diversos homens e mulheres que escreveram sobre a temática feminina, uma questão de destacou em nossas reflexões. Podemos denominar os diversos homens e mulheres letrados apontados neste capítulo como autores? Existe neles traços de uma autoria individualizada como se supõe as noções contemporâneas?

A noção de autoria vem sendo associada, ainda na Antiguidade clássica, com a ideia a de *auctoritas* (autoridade), a partir da reatualização dos efeitos verossímeis dos discursos, empreendida, principalmente, por Aristóteles⁹⁹. Segundo os princípios da Retórica, os autores possuem autoridade devido a sua virtude, fornecendo exemplos que devem ser seguidos pela imitação, para ter uma fundamentação no discurso narrativo¹⁰⁰.

Na Idade Média, verificamos que a noção de autoria se relaciona à ideia de autoridade (*auctoritas*) em relação à concepção de um autor (*auctor*) propriamente dito. Por isso, a “originalidade” ou “autoria”, tal como a entendemos hoje, se encontraria em segundo plano no conjunto da produção escrita medieval. Entretanto, o conceito - inexistente naquele momento -, bem como sua intenção, não eram, naturalmente, objeto da preocupação daqueles homens ou de seus contemporâneos, e uma das mais importantes evidências desse fato é dada pelas teorizações em torno das “compilações” – esforço de coleta de informações e ideias correntes na época ou em várias épocas sobre um ou vários temas, tendo uma finalidade aproximada da enciclopédia –, ressaltando-se o esforço de erudição e a capacidade interpretativa demandados por parte do *auctor*.

Os medievais sempre recorreram às *auctoritates* em suas próprias composições literárias, com a intenção de marcar a sua legitimidade autoral. Primeiro recurso do método escolástico, as autoridades são frases, citações, passagens extraídas das Sagradas Escrituras, da Patrística ou dos autores e filósofos clássicos, destinadas a enfatizar a própria argumentação. O propósito é não deixar qualquer dúvida sobre a veracidade dos textos. Os textos inquestionáveis são os escriturários; os mais confiáveis,

⁹⁹ CASTRO, Manuel A. de. O acontecer poético: a história literária. Rio de Janeiro: Antares, 1982. p. 23.

¹⁰⁰ *Ibid.* p. 24.

na hierarquia, são os autorizados, que, apesar de não estarem na Bíblia, propiciam crédito aos autores¹⁰¹.

A referência às *auctoritas* é parte integrante da estratégia narrativa de Christine de Pizan e traz à tona todo um processo que concorre para garantir a veracidade de sua obra. É necessário estar atento aos livros, às autoridades, e aos relatos dos antigos, exatamente da forma como Christine desenvolve sua obra. Esta tática retórica permite contar as histórias com o seu próprio *status* de criador de uma narrativa. Ainda inexistente, na Idade Média, a noção de autoria, como nós a conhecemos.

A questão da autoria derivaria sua validação não da sua originalidade, mas da sua afiliação com uma longa linha de autores que viria do passado. Segundo Jennifer Summit, a autoria possuía uma variedade de significados na Idade Média dentro de diferentes contextos institucionais e culturais. Em ambientes escolásticos, os gramáticos medievais empregavam o termo *auctor* como um marcador de autoridade doutrinal, significando um antigo teólogo ou escritor clássico aprovado que merecia deferência e obediência. O *status* do *auctor* emergiu dentro de um sistema que relacionava *auctoritas*, autoridade, à tradição, definida como uma corrente de influência contínua pela sua raiz *tradere*, transmitir¹⁰².

Essa seria a compreensão de autoria usada, por exemplo, por Christine de Pizan na abertura do seu *A Cidade das Damas*, quando vislumbra, em seu espaço de estudo uma série de mulheres exemplares, ou seja, uma tradição de escritos de autoria feminina em forma de uma fonte que jorra ao longo dos séculos. No entanto, a cena no estúdio de Christine também marca a distância entre o *auctor* e o escritor vivo, dado o contraste entre as autoras ligadas pela tradição e o status conferido pelas autoridades eclesiásticas no caso de religiosas autoras de relatos¹⁰³.

Roger Chartier pensa esta relação de autoria a partir da perspectiva denominada de função-autor, resgatando as considerações de Foucault sobre a questão¹⁰⁴:

¹⁰¹ SUMMIT, Jennifer. "Women and Authorship". In: DINSHAW, C.; WALLACE, D. (ed.). *The Cambridge Companion to Medieval Women's Writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. p. 91.

¹⁰² *Ibid.* p. 91-92.

¹⁰³ *Ibid.* p. 92

¹⁰⁴ No final da década de 1960, Michel Foucault proferiu a célebre conferência intitulada "O que é um autor?" abordando a polêmica em torno do desaparecimento da figura autor. Procurando refletir a respeito dos dispositivos através dos quais se tornou importante saber "quem fala", Foucault ressaltava os diferentes mecanismos no tempo e no espaço que legitimaram a atribuição de um nome

genealogia da ‘função autor’ para os textos literários possui uma duração muito mais longa que aquela que Foucault nos sugeriu, e nesta genealogia de longa duração não podemos colocar em jogo unicamente a ordem do discurso, mas também a ordem dos livros¹⁰⁵.

Chartier, em seus estudos das mudanças históricas do exercício dessa função autor, segue de perto dois princípios anunciados pelo filósofo: a *função autor* não é nem universal, nem atemporal; e, em função disso, é necessário localizar historicamente as variações das condições de exercício da autoria ao longo do tempo, e de uma cultura a outra, por meio da análise de indícios materiais desse exercício, presentes no modo como os textos, canônicos ou ordinários, são produzidos; no modo como circulam e são selecionados, estetizados, valorados diferentemente, nas modalidades de sua apropriação; no modo, enfim, como a alguns é outorgado o direito e a necessidade de contarem com um nome de autor, enquanto outros são dele destituído. Igualmente, o surgimento da função autor implica a seleção dos textos que compõe as obras, além do estabelecimento das suas chaves de leitura¹⁰⁶.

Portanto, tanto o autor quanto a obra surgem a partir de um mesmo tratamento que lhes é dispensado e que visa a criar certa homogeneidade e coesão¹⁰⁷. Logo, ele é uma

função de classificação dos discursos, que permite as exclusões ou as inclusões em um *corpus*, atribuível a uma identidade única. Ela é, nesse sentido, fundadora da própria noção de obra e caracteriza certo modo de existência comum de alguns discursos que são atribuídos a um único lugar de expressão¹⁰⁸.

Chartier também faz uma crítica a Foucault afirmando que um aspecto inexplorado pelo filósofo é o que trata do momento de elaboração da “função autor”.

próprio a certos textos. Além disso, destacou a filiação de certos discursos a um grupo específico, estabelecendo aos indivíduos a noção de autoria e ao conjunto de seus feitos, o conceito de obra. Cerca de trinta anos depois da palestra de origem, o historiador Roger Chartier fora convidado a proferir, também para a Sociedade Francesa de Filosofia, uma palestra na qual revisita a famosa conferência de Foucault. Cf. CHARTIER, Roger. *O que é um Autor?* Revisão de uma genealogia. São Carlos: EdUFSCar, 2012.

¹⁰⁵ *Ibid.* p. 61.

¹⁰⁶ CURCINO, Luzmara. Reflexões sobre a 'Autoria' à Luz da História Cultural: Contribuições de Roger Chartier. *Revista da ABRALIN*, v.15, n.2, jul./dez. 2016. p. 42. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/47882/28818>, acesso em: 18/01/2018.

¹⁰⁷ GURGEL, Veronica. CHARTIER, Roger: O que é um Autor? Revisão de uma genealogia. Porto Alegre, v.19, n.2, jun./set. 2016. p. 16. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/InfEducTeoriaPratica/article/viewFile/46800/39076>, acesso em 11/01/2018.

¹⁰⁸ CHARTIER, *Op. cit.*, 2012. p. 29.

Conforme indica o historiador, a construção dessa função reside na disseminação da noção de autoria entre os escritos de língua vulgar, algo que antes pertencia apenas aos escritores cristãos e aos da Antiguidade submetidos ao regime de *auctoritates* do latim. Muitos dos homens e mulheres que escreveram após o século XIII irão utilizar a língua vulgar para desenvolver seus escritos.

Embora se ligue a “função autor” ao surgimento do livro impresso, para Chartier isso não se verifica. Em primeiro lugar, porque o manuscrito convive com a publicação impressa, mas, mais fundamental ainda é a mutação do objeto livro enquanto tal. Afirma que do século VIII até o século XIV ele é predominantemente caracterizado por miscelâneas. Isto é, em um mesmo códice estavam presentes textos de *autores*, datas, origens, naturezas e gêneros variados. Sua organização em uma unidade não se baseava na “função autor,” mas, como sugere Chartier, na “função leitor” ou “função-copista” que reuniam estes textos.

No entanto, para Chartier, nos séculos XIV e XV

começa a aparecer uma unidade entre o ‘objeto’ (livro), uma obra (compreendida num sentido singular ora como conjunto de textos produzidos por uma mesma mão, ora como um mesmo ‘espírito’) e o nome do autor¹⁰⁹.

Para Chartier, essa é a condição de possibilidade, uma espécie de base para que a função autor seja mobilizável e possa atuar como princípio de ordenação, identificação e atribuição das obras. Nesse momento começam a surgir retratos dos autores no interior dos manuscritos, que “*os representam, de modo um pouco ingênuo, no ato de escrever a obra que o leitor tem nas mãos*”¹¹⁰. Este caso parece ser o das iluminuras dos manuscritos de obras de Christine de Pizan, que a retratam em seu ofício de escritora ou entregando seu livro a alguma nobre:

¹⁰⁹ *Ibid.* p. 61.

¹¹⁰ CHARTIER, R. *Os Desafios da Escrita*. São Paulo: Ed. UNESP, 1999. p. 31-32.



Ilustração 1 - Christine de Pizan em seu estúdio. Iluminura contida no início de *Cent Balades*¹¹¹



Ilustração 2 - Christine de Pizan presenteando o *Cent Balades* para Margarida de Baviera¹¹²

O ato da escrita em finais da Idade Média estava ligado a contextos sociais e históricos que envolviam patrocínio, reprodução e circulação, o que colocava em xeque a autonomia do autor, bem como às figuras dos escribas, compiladores, confessores e biógrafos. Jennifer Summit afirma que nenhum autor medieval poderia unilateralmente declarar que ele ou ela seriam um autor sem o apoio de múltiplos agentes de transmissão textual através dos quais a escrita ganharia autoridade¹¹³.

A função autor é, portanto, característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de certos discursos no interior de uma sociedade, ou seja, é uma categoria que ultrapassa a própria figura do (a) escritor (a) e se configura na forma de discurso que circula em uma dada sociedade numa determinada época. Nesse sentido,

¹¹¹ BRITISH LIBRARY. Catalogue of Illuminated Manuscripts. Harley 4431, f.3 Disponível em: <http://www.bl.uk/catalogues/illuminatedmanuscripts/record.asp?MSID=8361&CollID=8&NStart=4431>.

¹¹² *Ibid.* Harley 4431, f.4.

¹¹³ SUMMIT, *Op. cit.* p.93

poderíamos considerar que as obras das autoras em estudo nesta sessão teriam sua autenticidade atestada pelos elementos textuais, estilísticos e literários que perpassariam as mesmas e lhes confeririam essa unidade de escrita debatida por Foucault e Chartier.

É neste sentido que verificamos a autoria de Christine de Pizan, estabelecida em um momento de desenvolvimento da “função autor” (que só se tornará o autor subjetivo no século XVIII). Seu caso se torna singular justamente porque Pizan elenca exemplos e experiências para desenvolver a perspectiva feminina em suas obras. Ela desenvolve seu texto de uma *autorictas* mulher. Christine de Pizan defenderá que a mulher deve ocupar um espaço letrado, ter conhecimento para viver em sociedade utiliza isso como uma forma de resistência feminina. Christine de Pizan escreve, então suas primeiras obras sobre a temática feminina no início do século XV, mais precisamente com a *L’Epistre au Dieu d’Amour*, resposta a *Querelle du Roman de la Rose* e finalmente com *A Cidade das Damas* e sua continuação *O Livro das Três Virtudes* tentando combater com um conjunto modelos de representações que tendiam a retratar a inferioridade e submissão das mulheres, relegando a contribuição feminina somente a auxiliar aos homens, cuidar dos filhos e da família ou ser casta.

1.3 Os caminhos de Christine de Pizan e a *querelle des femmes*

Uma parte importante da constituição de Christine de Pizan enquanto autora se estabelece também a partir de sua trajetória de vida. Analisaremos o tipo de relação existente entre as ideias de moral feminina de Christine de Pizan e o contexto de construção social da mulher à época em que foram produzidas. Tais ideias compartilham valores relacionados a formulações masculinas ancoradas no universo cultural cristão de então. Contudo, ainda que fundamentado em tais compreensões, há nas ideias de moral feminina em Pizan a contestação de certos princípios dessa representação socialmente construída ao longo da Idade Média. Nesse sentido, as ideias de regramento feminino nos textos de Christine de Pizan guardam certa independência em relações a compreensões masculinas e cristãs sobre o papel mulher, sendo os elementos desse contexto organizados e articulados textualmente de maneira peculiar, sobretudo na idealização de uma utopia feminina e no tratado moral para mulheres de diversos grupos sociais em *A Cidade das Damas* e no *Livro das Três Virtudes*, respectivamente.

Christine de Pizan nasceu em Veneza em 1365, porém mudou-se para a França quando tinha cinco anos, porque seu pai, Tommaso di Bevenuto da Pizzano, então professor da Universidade da Bolonha, fora contratado para ser astrólogo e médico pessoal de Carlos V. Devido a tal fato, Christine recebeu a mesma educação das princesas¹¹⁴. Pizan aprendeu a ler sobre os mais variados temas e a pensar sobre o conhecimento que adquiria, citando exemplos de autores clássicos como Aristóteles e Ovídio, com os quais teve contato ao longo de sua vida e mostrando grande domínio de suas obras¹¹⁵. Entende-se que suas reflexões sobre a necessidade das mulheres - assim como dos homens - de terem acesso ao conhecimento e aos estudos foi sendo desenvolvida nesta época¹¹⁶.

Christine casou-se aos quinze anos com Etienne Castel¹¹⁷ e em 1380, Castel foi nomeado secretário do Rei¹¹⁸. A década de 1380, todavia, foi bastante conturbada para a França. O filho de Carlos V, que já era órfão de mãe, tinha apenas onze anos quando o pai morreu¹¹⁹. Embora Carlos VI tenha sido coroado rei em 1381, quem governava de fato eram seus tios paternos, duques de Anjou, de Berry, da Borgonha e de Bourbon, pois ele era ainda menor de idade¹²⁰. Carlos VI conseguiu aos 20 anos livrar-se da influência dos tios regentes com a ajuda do Condestável Olivier de Clisson, inimigo político dos Duques de Berry e da Borgonha¹²¹.

Para Christine, o período também foi conturbado. Seu pai falece em 1387 e três anos depois seu marido também, deixando-a viúva após dez anos de casamento, e sua família perde sua posição e prestígio na corte¹²². Sem a presença do pai e do marido, Christine tinha sobre sua tutela seus filhos, Marie e Jean, a quem precisava sustentar.

¹¹⁴ AUTRAND, Françoise. *Christine de Pizan. Une femme en politique*. Paris: Fayard, 2009. p. 32.

¹¹⁵ LEMARCHAND, Marie J. Introducción. In: PIZÁN, Christine. *Op. cit.*, 2001. p. 12.

¹¹⁶ LEITE, Lucimara. *Christine de Pizan: uma resistência na aprendizagem moral da resignação*. Tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em língua e literatura francesa e Estudos Medievais da Universidade de São Paulo, 2008.

¹¹⁷ O que se sabe sobre Etienne Castel é que nasceu na Picardia e vinha de uma família de origem nobre, tornou-se notário e secretário do rei Charles VI para assuntos diplomáticos e que faleceu durante uma onda de peste bubônica durante uma viagem a Beauvais com o rei. Cf. AUTRAND, *Op. cit.* p. 35-36.

¹¹⁸ FAMIGLIETTI, R.C. *Royal Intrigue: Crisis at the Court of Charles VI, 1392-1420*. Nova Iorque: AMS Press, 1986. p. 35.

¹¹⁹ LEMARCHAND, *Op. cit.* p. 30.

¹²⁰ *Ibid.* p.15.

¹²¹ LAIGLE, Mathilde. *Le livre des trois vertus de Christine de Pisan et son milieu historique et littéraire*. Paris: Honoré Champion, 1912. p.13.

¹²² *Ibid.*

Com a morte de Castel, e sem experiência na administração financeira do lar, tarefa que foi responsabilidade de seu marido durante os anos de casamento, muitos credores aproveitaram-se da situação e tentaram tomar os bens da viúva, algo que era muito comum na época, uma vez que normalmente a esposa não tinha conhecimento dos negócios em que o marido falecido estivera envolvido¹²³. Pizan, porém, buscou o conhecimento das leis, e foi em busca do que lhe era devido e de seus direitos. Lutou nos tribunais, um espaço essencialmente masculino, e mais tarde conseguiu reaver os bens que legalmente pertenciam a ela e aos seus filhos¹²⁴.

Para prover sua casa e a família, passou a escrever para ganhar seu sustento, em especial para as damas da corte. Christine recebe encomendas dos diversos grupos da nobreza de Borgonha, pois consagra em sua escrita as figuras importantes de cada casa regente em suas obras, principalmente através das figuras femininas¹²⁵.

Ao iniciar sua atividade literária, Christine de Pizan estava ainda muito marcada pela perda de seu marido e por suas dificuldades financeiras¹²⁶. O resultado desse processo de escrita pode ser verificado nas estrofes das *Cem Baladas*, publicado em 1402:

Il y a cinq ans que je t'ay regrettée
Souventes fois, a très pleureux visage,
Depuis le jour que me fu joye ostée,
Et que je cheus de franchise en servage.¹²⁷

Como viúva no período medieval parecia restar-lhe três caminhos: a vida religiosa, um outro casamento ou manter-se viúva. Os primeiros não foram seguidos por Pizan, que se dedicou à atividade literária, escolhendo não contrair outro casamento.

¹²³ AUTRAND, *Op. cit.* p. 32.

¹²⁴ WILLARD, Charity C. A Portuguese Translation of Christine de Pisan's *Livre des trois vertus*. *PMLA*, Vol. 78, No. 5, p. 459-464, 1963. Disponível em : https://www.jstor.org/stable/460723?seq=1#page_scan_tab_contents, acesso em 03/05/2017.

¹²⁵ Christine dedica à Phillipe de Borgonha sua *Mutacion de Fortune* e é, posteriormente, contratada para escrever sobre Carlos V a obra intitulada *Le Livre des Fais et bonnes meurs du bon roy Charles*. LAIGLE, *Op. cit.* p. 15-17.

¹²⁶ WAGNER, Jill E. Christine de Pizan's City of Ladies: A Monumental (Re)construction of, by, and for Women of All Time. *MFF*. N.44. Vol.1, p. 69-80, 2008. Disponível em: <https://ir.uiowa.edu/mff/vol44/iss1/6/>, acesso em: 03/05/2017.

¹²⁷ “Há cinco anos tenho te lamentado / Diversas vezes, com rosto bastante choroso, / Desde o dia em que a alegria me foi retirada, / E que me tornei sinceramente serva”. *Cem Balades*. IX, v. 9-12. In: Pizan, Christine. *Oeuvres poétiques*. Paris: Didot, 1885-96. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k9614325n/f13.image>, acesso em 23/01/2018.

A partir de 1399, passa a versar refletindo sobre a condição humana, surgindo daí escritos tanto filosóficos quanto historiográficos ou moralistas. Variadas também são as temáticas, que abarcam temas como a administração régia e a arte da guerra presentes nas obras *Livre des Fais d'armes et de chevalerie*, *Livre du Corps de Police*, *Lamentation sur la guerre civile*, *Livre de la paix*, *Epistre de la Prison de vie Humaine* e *Epistre à la Reine*¹²⁸.

Christine desempenhava também o papel de historiadora, como na obra *Livre des Fais et bonnes moeurs du sage Roy Charles V*, no qual faz uma biografia de um personagem importante da história da França, através do olhar de uma criança. Este livro foi encomendado a Christine por Carlos VI, o filho de Carlos V, em 1410. Ela traça a biografia desse rei a partir das memórias de sua infância na corte. O texto foi editado várias vezes a partir do século XVII e continua sendo uma fonte preciosa ao servir como documento biográfico de Carlos V¹²⁹.

As damas e princesas francesas que influenciaram, ajudaram e financiaram Christine estão presentes no capítulo LXVIII d'A *Cidade das Damas*. Dentre as mulheres elogiadas por Pizan seguem-se em ordem: Isabel, esposa de Carlos VI e rainha da França; Duquesa de Berry, esposa do rei João da França, irmão de Carlos V; Valentina, filha do Duque de Milão; Margarida, duquesa de Borgonha; Maria, condessa de Clermont; Anna, duquesa de Bourbon; Bonne, condessa de Saint-Pol; Anna, filha do duque Le Marche e esposa de Luís da Baviera.

Christine de Pizan mostra que tinha consciência de seu entorno, do discurso e de sua aplicação no cotidiano, e ressaltava em seus escritos direta ou indiretamente tal utilidade em relação à vida cotidiana, retratando-a sob forma de recomendação prática, a exemplo de *L'Epître à la Reine*, uma carta em forma de conselho dirigida à rainha Isabel sobre a postura que deveria seguir enquanto governante; e também nos já citados *Livre de la paix* e *L'art des armes et de la chevalerie*, livros sobre a arte da guerra, nos quais se encontram as diretrizes, os objetivos e o comportamento úteis para as ordens militares. A ideia de utilidade mostra-se também em *A Cidade das Damas* e *O Livro*

¹²⁸ BORNSTEIN, Diana: Ideals for Women in the Works of Christine de Pizan. *Speculum. Journal of Medieval Studies*, 58/2, p. 437-438, 1983. Disponível em: <http://www.journals.uchicago.edu/doi/abs/10.2307/2848265>, acesso em 12/05/2017.

¹²⁹ WILLARD, Charity C. *Christine de Pizan: her life and works*, New York: Persea Books, 1984. p. 151.

das Três Virtudes, através das reivindicações em nome das mulheres, consolidando o debate iniciado com a *querelle des femmes*¹³⁰.

Originada na última década do século XIV, durando até o século XIX, a *Querelle des Femmes* tornou-se um debate literário sobre as relações de gênero, cujo conteúdo ultrapassou uma questão sobre a imagem feminina, para se tornar uma prática política em relação a defesa feminina. Este debate contou com a participação de Christine de Pizan em sua gênese e buscava refletir sobre as consequências político-administrativas acerca da imagem negativa sobre a mulher¹³¹.

A *querelle des femmes* versava em torno do *Roman de la Rose*, poema escrito por Guillaume de Lorris por volta do ano de 1236. Rita Lejeune entende que este poema é uma homenagem à rainha da França, a jovem Marguerite de Provence que desposara o rei Luis IX e tinha treze anos quando se casou e vivia anteriormente na vila de Lorris em Gâtinais, uma das residências reais na região¹³².

A primeira parte do *Roman de la Rose*, escrita por Guillaume de Lorris, há uma exaltação da figura da mulher com poemas em louvor ao amor, inserido dentro da tradição cortesã. O enredo baseava-se na história do jovem Amante, que adentra um jardim onde uma Rosa estava para desabrochar, tornando-se objeto de seu desejo. Para chegar perto da Rosa, ele contou com a ajuda de personagens como Amável-abrigo (*Bel Accueil*), Razão (*Raison*), Doce-Pensar (*Doux-Penser*), Doce-Olhar (*Doux-Regard*) e Doce-Falar (*Doux-Parler*), que o defenderam contra os inimigos Perigo (*Danger*), Ciúme (*Jalousie*), Vergonha (*Honte*), Medo (*Peur*) e Má-língua (*Malebouche*). Lorris deixou a obra incompleta com cerca de 4050 versos.

A segunda parte, com cerca de dezoito mil versos, foi escrita quarenta anos depois, por volta de 1275, pelo padre Jean de Meung. Nesta parte acrescentam-se personagens como Abstinência-Contida (*Contrainte-Astenance*), Natureza (*Nature*) e Gênio (*Genius*). A seguir, Razão se aproxima de Amante a fim de lhe confortar dos tormentos do amor. O Amante ajudado por Deus do Amor tomará de assalto o castelo

¹³⁰ BRABANT, Margaret; BRINT, Micheal. "Identity and difference in Christine de Pizan's *Cité des Dames*". In: BRABANT, Margaret. *Politics, Gender and Genre: the political thought of Christine de Pizan*. Colorado: Westview Press, 1992.

¹³¹ MCWEBB, Christine. *Le Roman de la Rose de Jean de Meung et le Livre des Trois Vertus de Christine de Pizan: un Palimpseste Catoptrique*. Ontario: Faculty of Graduate Studies The University of Western Ontario, 1998. p. 20.

¹³² Cf. LEJEUNE, Rita apud PERNOUD, Régine. *La femme au temps des cathédrales*. Paris: Stock, 1980. p. 338.

no qual está encerrada a Rosa (que no poema de Jean claramente passa a significar o órgão sexual feminino), a fim de colhê-la (à força), havendo aí a redução da figura da mulher a um objeto de prazer através da descrição do ato amoroso¹³³.

Neste poema existem então duas escolhas amorosas distintas: por um lado a escolha do amor cortês de Lorris, com temas clássicos do trovadorismo, fornece uma história de amor que serve como modelo educacional das classes nobres; por outro lado, a versão de Jean de Meung deixa a narrativa mais realista e direta, num estilo bastante diferente da primeira parte. A lição que Jean de Meung deixa ao final da segunda parte é que o relacionamento amoroso que não se destina à procriação fica improdutivo, estéril e suscetível às artimanhas femininas¹³⁴. Neste texto, há reflexões sobre uma queda do amor em um mundo em que os desejos estão desordenados (parte de Jean de Meung) e onde o amor está em conflito no coração do Amante (parte de Guillaume de Lorris). Com a mudança do texto, a estrutura do amor cortês em que há uma idealização da pessoa amada quebra-se e dá espaço a uma maneira diferente e mais irônica de se lidar com o jogo amoroso¹³⁵.

Meung ensina como dar ouvido à tentação e vencer o conflito interior entre respeitar a liberdade da mulher e obedecer à lascívia de Júpiter e ao ímpeto instintivo de Vênus. Não há apreço pela sensibilidade e pela inteligência das mulheres solteiras ou casadas. Existe o realce, a sagacidade do homem que alcança justificar, aos próprios olhos, o uso da emboscada na conquista da jovem por meio de uma concepção negativa da mulher: todas são pervertidas, indiscretas e maliciosas.

A segunda parte do *Roman de la Rose* foi muito apreciada pelos escolásticos e estudiosos do século XIV¹³⁶ por traçar um perfil feminino frágil, débil. A imagem de mulher desenvolvida por Jean de Meung, foi decisivo para o aumento da noção de inferioridade das mulheres, colaborando para o recrudescimento da misoginia entre

¹³³ ESCUDERO, Jesús A. Cristina de Pizán: identidad personal y memoria colectiva. *AGORA - Papeles de Filosofía*, 2008. p. 29. Disponível em: <https://minerva.usc.es/xmlui/handle/10347/5989>, acesso em: 05/05/2017.

¹³⁴ *Ibid.* p.30.

¹³⁵ ANDRADE FILHO, Ruy de Oliveira; ALVES, Luiz Fernando. A Poética do amor em O romance da Rosa. *Mirabilia*, n.19, v.2, 2014. p. 276. Disponível em: <http://www.raco.cat/index.php/Mirabilia/article/viewFile/286976/375201>, acesso em 20/01/2018.

¹³⁶ Sobre a recepção do Romance da Rosa no século XIV, conferir BADEL, P. Y. *Le Roman de la Rose au XIVe siècle*, Genebra: Droz, 1980 e HUOT, S. *Romance of the Rose and its Medieval Readers: Interpretation, Reception, Manuscript Transmission*, Cambridge: Cambridge University Press, 1993. p. 22-27.

aqueles que tinham acesso a obras como tanto na corte como nas universidades, espaço do qual as mulheres estavam excluídas.

Dentro deste ambiente letrado de religiosos e membros das universidades estavam os formadores da mentalidade medieval ao longo dos séculos XIV e XV que buscavam seus argumentos na diferença entre os sexos a partir dos escritos da antiguidade grega e latina, expondo especialmente a interpretação biológica da imperfeição da mulher, pela inferioridade de seu corpo e de seu espírito em relação ao homem.

Jean de Montreuil, clérigo de Lille e também secretário do rei Carlos VI, escreveu um tratado endereçado a Gontier Col, também secretário, conselheiro real e membro do alto clero, no qual defendia a segunda parte do poema¹³⁷. Christine de Pizan se insere neste debate pois Jean de Montreuil envia a ela uma cópia de seu tratado. Foi neste momento que Christine de Pizan se envolveu na querela, posicionando-se contra o a visão do *Roman de la Rose*, ao redigir uma carta a Jean de Montreuil discordando de seu posicionamento¹³⁸.

As intensas trocas de cartas deste debate, que incluiu ainda o irmão de Gontier, Pierre de Col ao lado de Montreuil, e Jean Gerson chanceler da Universidade de Paris, ao lado de Christine foram posteriormente compiladas em um dossiê¹³⁹, o qual foi dado a Isabel de Baviera, rainha regente no período. Na dedicatória deste dossiê entregue à rainha, Pizan explica que o fez com intenção de defender o sexo feminino¹⁴⁰.

O *Roman de la Rose*, por sua circulação imediata e posterior, causou uma grande impressão sobre Christine de Pizan, que talvez tenha se sensibilizado pelo texto por

¹³⁷ Éliane Viennot aborda a questão da interpretação da lei sálica no século XV nos debates da *querelle de femmes*: de um lado, a interpretação beneficiava a corrente moral, que caluniava as mulheres, como o escritor Jean de Montreuil, que falsificou a ordem jurídica da lei, na tentativa de encontrar base para vencer os argumentos de Christine de Pizan, na *Cité des Dames*; do outro, a interpretação apoiar-se-ia nas provas jurídicas existentes e nos precedentes históricos para legitimar o direito da mulher de governar. Cf. VIENNOT, Éliane. *La France, les femmes et le pouvoir: L'invention de la loi salique (v^e-xvi^e siècle)*, Volume 1, Paris: Perrin, 2006.

¹³⁸ Cf. GREENE, Virginie. Le débat sur le Roman de la Rose comme document d'histoire littéraire et morale. *Cahiers de recherches médiévales et humanistes*, n. 14, 2007. p. 300.

¹³⁹ A compilação das cartas constituintes do dossiê se encontram em: PISAN, Christine; GERSON, Jean; MONTREUIL, Jean; COL, Gontier; COL, Pierre. *Le Débat sur le Roman de la Rose*. Ed. Érick Hicks. Paris: Honoré Champion, 1977.

¹⁴⁰ BROWN-GRANT, Rosalind. *Christine de Pizan and the moral defence of women*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p.18.

conta de suas próprias experiências como uma jovem viúva e pela situação das mulheres na sociedade¹⁴¹.

Christine posiciona-se contra a imagem da mulher na segunda parte da obra, sua crítica fundamenta-se principalmente na caracterização de Meung sobre a conquista da Rosa. Lidia Amor afirma que Christine se insere neste debate como forma de desenvolver uma imagem pessoal de mulher de letras, portadora de uma legitimação de sua escrita na medida em que é a portadora da defesa das mulheres em suas obras¹⁴².

Christine de Pizan aborda mais profundamente sua crítica a segunda parte do *Roman de la Rose* no poema *Epistre au Dieu d'Amour*, escrito por volta de 1399 e contém 860 versos e narra que mulheres nobres e burguesas, solteiras e casadas dirigiram-se à Christine de Pizan lamentando-se da difamação que lhes é continuamente imputada, principalmente na França. Christine, então, assume o papel de representante das damas e donzelas, se posicionando contra os detratores da honra feminina, como Jean de Meung.

O texto faz referências ao mau comportamento de falsos cavaleiros e nobres desleais, prontos a falar em louvor próprio e contra as damas nos assuntos amorosos e na proposição de ser a mulher, por natureza, superficial, maliciosa e pendente a dissimular. Afirma que obras como o *Roman de la Rose* não tratam do amor verdadeiro, mas da arte de enganar quem não dispõe de suficiente reconhecimento social e perspicácia para se defender. Justifica-se, afirmando que os livros são escritos por homens, e as mulheres são frequentemente simples, ternas e generosas, inclinadas a confiar naqueles que ardilosamente as traem.

Tece elogios à mãe de Jesus, às virtudes e à doutrina cristã com ênfase para o apreço que Deus manifestou pela mulher na história da salvação. E finaliza sua narrativa na presença do rei e da sociedade palaciana, solicitando uma rigorosa punição para o comportamento abominável de nobres e letrados que, em lugar da gratidão devida à mãe e às irmãs, praticam e elogiam, sob o influxo do livro de Meung, os mais variados métodos de enganar as mulheres:

¹⁴¹ Ibid. p. 46.

¹⁴² AMOR, Lidia. Trazos femeninos en la historia intelectual francesa de la Edad Media tardía: La literatura didáctica y la legitimación del yo en *Le chemin de longue étude* de Christine de Pizan. *Feminine strokes in French intellectual history of the late Middle Ages. De Medio Aevo*, v. 1, n. 1, 2013. p.142. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4317948>, acesso em: 13/01/2018.

Et comment donc quant fresles et legieres
 Et tournables, nyces et pou entieres
 Sont les femmes, si com aucuns clers dient,
 Quel besoing donc est il a ceulz qui prient
 De tant pour ce pourchacier de cautelles?
 Et pour quoy tost ne s'i accordent elles
 Sanz qu'il faille art n'engin a elles prendre? ¹⁴³

Christine denuncia o sofrimento das damas e donzelas no *Roman* e na Corte de Paris, o que fortalecerá a tese que defende. Eis a estratégia retórica de converter, numa guerra verbal em que está em jogo a honra feminina, a agressividade do inimigo em força e conquista do aliado. Christine mostra sua retórica e aponta a inconsistência do discurso de Jean de Meung:

Et Jehan de Meun ou Romant de la Rose,
 Quel long procès! quel difficile chose!
 Et sciences et cleres obscures
 Y met il la et de grans aventures!
 Et que de gent soupploiez et rovez
 Et de peines et de baraz trouvez
 Pour decepvoir sanz plus une pucelle,
 S'en est la fin, par fraude et par cautelle!
 A foible lieu faut il donc grant assault?
 Comment peut on de près faire grant saut?
 Je ne say pas ce veoir ne comprendre. ¹⁴⁴

Fazendo um contraponto ao *Roman de la Rose*, no qual a dissimulação e a astúcia são recursos necessários para a submissão da mulher, para Christine, esses são os vícios que mais repudia nos cavaleiros e letrados. Refere-se, em várias estrofes, às calúnias e à conivência na perversidade com que se injuriam as mulheres:

Et meismement, dont plus griefment se deulent,
 Des nobles gens qui plus garder les seulent.
 Car a present sont pluseurs chevaliers
 Et escuiers mains duis et coustumiers
 D'elles traÿr beaulx blandissemens.

¹⁴³ E como então sendo frágeis e levianas,/ E inconstantes, simplórias e totalmente ingênuas/ São as mulheres, tal como dizem alguns letrados, / que necessidade há para aqueles que pregam / De tanto se armar de cautela?/ E por que rapidamente não se submetem elas / Sem que faça falta arte ou engenho para capturá-las? / Porque para castelo conquistado não é necessário guerra empreender (Tradução nossa). *Epistre au Dieu d'Amours*. v. 379-386. In: PIZAN, Christine. *Oeuvres poétiques*. Ed. Maurice Roy. Tomes 2 et 3. Paris: Didot, 1885-96. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k9614325n/f13.image>

¹⁴⁴ E Jean de Meung ou Roman de la Rose,/ Quanto processo longo! Que coisa difícil! / E ciências claras e obscuras / São introduzidas nessa [arte] e grandes aventuras! / E a quantas pessoas suplicar e contestar / E quanto sofrimento e obstáculos encontrar / Para seduzir nada mais que uma virgem, / Se esse é o objetivo, por fraude e com cautela! / A um lugar fraco é então necessário um grande assalto? / Como se pode ao alcance da mão fazer-se um grande assalto?/ Eu não sei conceber ou compreender (Tradução nossa). *Epistre au Dieu d'Amours*. v. 390-399.

Si se faignent estre loyaulx amans
 Et se cueuvrent de diverse faintise;
 [...] Et jurent fort et promettent et mentent
 Estre loiaulx, secrez, et puis s'en vantent.
 D'aler souvent et de venir se peinent,
 Par ces moustiers ça et la se pormement
 En regardant, s'apuient sus aultelz".¹⁴⁵

Com idêntico critério, descreve os traços da nobreza de caráter de quem efetivamente sabe amar:

Si leur deffens villenie et meffait
 Et leur commans poursuivre honneur de fait,
 Estre loiaulz, secrez et voir disans,
 Larges, courtois, et fuïr mesdisans,
 Humbles et doulz, jolis et assesmés.¹⁴⁶

Além de qualidades como honra, generosidade, firmeza, humildade e sinceridade, aparecem no texto os ideais da cavalaria, embora os bons modos pudessem ser incluídos nesse rol, pois faziam parte dos princípios cavaleheirescos.

Em várias estrofes, contudo, Pizan sabe que está num embate discursivo em que Christine mostra saber discernir entre as ocasiões que tornam mais oportuno o silêncio ou a palavra:

Si me souffist de louer sanz blasmer;
 Car on peut bien quelque riens bon clamer [...]
 Si se vault mieulz du dire reposer.
 Pour ce m'en tais, si en soit chascun juge.¹⁴⁷

Christine faz interlocuções com o *Roman de la Rose*, e rebate a afirmação das mulheres serem infiéis e dissolutas, não merecendo que nenhum homem se comprometa em matrimônio com elas. Meung afirma no *Roman de la Rose* que, uma vez casado, o homem não faça gastos com a mulher; ao contrário, deve se apossar de seus bens e nunca permitir que ela tenha mais instrução do que ele, sob a ameaça de ser subjugado

¹⁴⁵ E ainda assim, do que mais se doem, / Dos nobres que mais costumavam guardá-las somente./ Porque no presente são muitos cavaleiros / E escudeiros e muitos duques e investidos / De traí-las com belos elogios. / Eles fingem ser leais enamorados / E se cobrem de variadas fantasias [...] / E juram de verdade e prometem e mentem / Ser leais, discretos, e depois se vangloriam disso. / De ir com frequência e de vir sofrem,/Por aqui e lá andam a pé, / Olhando-se, apoiam-se uns aos outros. (Tradução nossa). *Epistre au Dieu d'Amours*. v. 31-37; 45-49.

¹⁴⁶ Se eu lhes proíbo vilania e maldade, / E lhes ordeno de aderir à honra de fato, / Ser leais, discretos e, de fato, bendizentes, / Generosos, corteses, e fugir dos maldizentes, / Humildes, e doces, galantes e amáveis / Firmes e francos. (Tradução nossa). *Epistre au Dieu d'Amours*.v. 75-80.

¹⁴⁷ Se me for suficiente louvar sem criticar; / Pois se pode alguma coisa boa divulgar [...] / Se é melhor de dizer repousar / Por isso me calo, para que cada um se julgue. (Tradução nossa). *Epistre au Dieu d'Amours*. v. 635-636; 640-642.

pelo muito saber da esposa. Christine comenta então ser lamentável, que a literatura esteja sob o domínio dos homens e que a sabedoria não interfere na vida das mulheres:

Et s'on me dit li livre en sont tuit plein
C'est le respons a maint dont je me plain,
Je leur respons que les livres ne firent
Pas les femmes [...]¹⁴⁸

O poema *Epistre au Dieu d'Amour* acaba por atribuir a responsabilidade dos dois sexos às questões referentes à paixão, expande o debate sobre a *querelle des femmes*. É na *Epistre* que ela se pronuncia contra a atitude condescendente de alguns homens, que se valem do modo cortês e adverte as mulheres para não cair nas armadilhas desses homens.

O poema *Epistre au Dieu d'Amour* não só se propôs a ser uma defesa das mulheres frente à imagem negativa do *Roman de la Rose*, mas também é a obra em que Christine de Pizan começa sua defesa da figura feminina, apontando suas qualidades e virtudes. O debate de Pizan torna-se notório, a ponto de Gontier Col, mesmo sendo seu adversário na *Querelle du Roman de la rose*, referir-se a ela como uma “mulher de alto e elevado entendimento, digna de honra e recomendações”¹⁴⁹. É com este debate que se desenvolve a *Querela das mulheres (Querelle des femmes)*, que se transformará em uma grande discussão de caráter literário acerca da defesa da figura da mulher. É em torno do contexto apresentado acima que a *querela* se desenvolve, principalmente acerca do conceito de amor, das qualidades literárias de Jean de Meung e do papel das mulheres¹⁵⁰. A *Querela* se estabeleceu com debates que buscavam outros caminhos de representação da mulher, através da reivindicação de um maior espaço dentro do cenário social¹⁵¹.

A questão central em seus escritos, porém, é a defesa da mulher, um constante debate sobre a figura representativa do que é ser mulher em sua sociedade, marcadamente desde a *Epistre au Dieu d'Amour* (obra que a inseriu nas discussões sobre o *Roman de La Rose*, de que trataremos mais à frente), as quais suas obras passam

¹⁴⁸ E se alguém me diz: todos os livros estão cheios dessas adjetivações, / É a resposta de que mais eu me lamento, / Eu lhes respondo que os livros não fazem/ as mulheres [...](Tradução nossa). *Epistre au Dieu d'Amours*. p. 407-410

¹⁴⁹ “femme de hault et élevé entendement, digne d'onner et de recommandations” (Tradução nossa) In: COL, Gontier apud RIGAUD, Rose. *Les idées féministes de Christine de Pisan*. Tese apresentada à Faculté des Lettres de l'Université de Neuchâtel, Slatkine Reprints, 1973. p. 19.

¹⁵⁰ ESCUDERO, Jesús A. *Op. cit.* p.28.

¹⁵¹ MCWEBB, Christine. *Op. cit.* p. 32.

a não somente a falar sobre mulheres, mas também das mulheres, com suas histórias, contextos e virtudes.

Sua defesa a favor de um campo de estudo letrado das mulheres já aparece em 1403 com o *Livre du chemin du long étude*, obra baseada na *Divina Comédia*, que narra uma viagem guiada pela Sibila de Cumes. Christine é a personagem principal, a quem a Razão confia a redação dos debates e decisões travados nessa longa viagem. Christine segue pelo caminho correto, pois percorre o caminho de “longo estudo”, aquele reservado exclusivamente aos letrados, que a leva ao céu, e encontrando personagens alegóricos como a Sabedoria, a Nobreza, a Cavalaria e a Riqueza¹⁵².

Nesse texto, Pizan se coloca na narrativa enquanto personagem (semelhante ao que fará em *A Cidade das Damas*) e constrói uma história intercalada por um sonho, uma viagem e um debate. Lidia Amor afirma que tanto *Epistre au Dieu d'Amour* quanto *Livre du chemin du long étude* são essenciais para Christine de Pizan se desenvolver enquanto mulher de letras naquela sociedade de corte e que “sua inteligência lhe permite encontrar o caminho mais sutil para construir a sua persona publica, mas não como um disfarce ou uma mentira, mas como uma identidade social”¹⁵³.

A Sibila diz que a escolheu como estudante por causa do seu amor pelo conhecimento. Lidia Amor afirma que se igualando ao modelo sibilino, *la femme de lettres*, graças a seu conhecimento e sede de saber, reconhece que “sua missão será a de difundir, através de sua escrita, o doutrinamento necessário para melhorar a sociedade humana”¹⁵⁴. Agora, então, torna-se tangível o processo de legitimação de Pizan, com a narrativa do longo estudo enquanto uma narração da formação intelectual legitimadora. Ao analisar comparativamente as obras anteriores, é possível ver *A Cidade das Damas* tal como uma continuidade, uma vez que Christine já tem o poder do conhecimento, agora é o momento da ação, da construção de um espaço seguro. Estas são as bases do que Christine de Pizan desenvolverá em *A Cidade das Damas*¹⁵⁵.

Uma das primeiras indagações que fazemos é sobre a relação entre o contexto de Christine de Pizan e sua obra. Porque Christine de Pizan se envolve na *querelle des*

¹⁵² ESTEVA DE LLOBET, Lola. *Christine de Pizan*, Madrid: Editorial del Orto/ Biblioteca de Mujeres, 1999. p.86.

¹⁵³ AMOR, *Op. cit.* p.149.

¹⁵⁴ *Ibid.* p. 150.

¹⁵⁵ Obra que analisaremos no próximo capítulo.

femmes? Será que as ideias de moral feminina de Christine se relacionam somente ao contexto ou a autora vai além desta relação?¹⁵⁶

Assim entendemos que texto é construído historicamente, mas que a própria construção dele aponta para uma certa independência pois o que aparece no texto e o modo em que aparece não é uma continuidade *stricto sensu* do que está no texto.

Por exemplo, em *A Cidade das Damas*, Christine de Pizan reserva o espaço àquelas mulheres que se ilustravam pela sabedoria, pelo discernimento e pela justiça, uma resposta ao papel de Eva e Maria Madalena criado pelos religiosos e retomando o debate em relação ao *Roman de la Rose*.

Em outros momentos da obra a autora retoma a defesa da educação e do ensino para as mulheres, partindo do seu próprio exemplo, uma mulher que adquiriu tanto conhecimento e sabedoria e conseguiu uma posição remunerada em um espaço masculino. Como já vimos, ela acreditava na capacidade feminina de aprendizagem reprovando uma sociedade que, segundo ela, negava às mulheres a oportunidade que Deus deu a todos os seres humanos de adquirir o saber.

Assim, entendemos que Christine de Pizan, apesar de já avançar ao estender o lugar de fala da mulher, é ainda uma mulher de seu tempo, que absorve as demandas do local a que pertence, e não se desvincula do discurso corrente, muitas vezes exemplificando e aconselhando às mulheres como forma de garantir um espaço de atuação possível, utilizando a prudência como forma de preservação de uma prática feminina virtuosa, não reduzida a construção masculina sobre o feminino.

¹⁵⁶ Responderemos estes questionamentos utilizando Dominick LaCapra que nos mostra a fragilidade de pares duais (e, por vezes, dicotômicos) como texto/contexto, discurso/realidade, autor/produção, vida/obra, entre outros. O texto está em relação com outros textos, difere e aproxima-se destes, está indefectivelmente permeado pelo contexto (ponto relativamente consensual) e não é redutível à condição de "simples" documento, artefato, registro do passado. A atitude crítica e transformadora impõe uma relação de construção e desconstrução de diálogo crítico com o texto e os problemas que levanta. O contexto – igualmente – está imbricado com os textos, como "mundo real" está ele próprio "textualizado" de várias maneiras, sua construção é viabilizada por textos, por reminiscências e relatos do passado. Daí novamente a necessidade de uma abordagem que instrumentalize uma crítica do contexto como (in)formado por textos, e do texto como elemento imbricado no contexto. Cf. LACAPRA, Dominick. Repensar la historia intelectual y ler textos. In: PALTÍ, Elías. "Giro lingüístico" e história intelectual. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 1998. p. 237-292.

Capítulo 2 - A defesa feminina em *A Cidade das Damas*

Neste capítulo objetivamos inserir *A Cidade das Damas* de Christine de Pizan na tradição do *exemplum*, pois, nessa obra, ela elenca uma série de mais de cem pequenas histórias de mulheres com vidas dignas de serem seguidas; analisar *A Cidade das Damas* como uma obra de construção de um local próprio feminino, que pretende ser local de fala e de educação como virtude das mulheres; e verificar a extensão da obra através dos diversos manuscritos produzidos no período.

2.1 *Exemplum*

Christine de Pizan insere-se, sob uma perspectiva feminina, em uma tradição de debate sobre as características virtuosas dos indivíduos. Tal debate foi travado desde a Antiguidade, foi sendo desenvolvido ao longo dos séculos. Existiram aqueles que entenderão as mulheres possuidoras de virtudes iguais ou semelhantes aos homens, mas também há aqueles que não as associarão a nenhum tipo de virtudes nas descrições femininas. Muitos dos textos que elencavam as noções de virtude foram desenvolvidos sob forma de *exemplum*.

O *exemplum* (ou *exempla*, no plural) se refere a uma série textos caracterizados por histórias, fictícias ou não, geralmente curtas, com o objetivo de induzir seus leitores/ouvintes a seguir os bons e retos modelos apresentados. Esse tipo de texto passou a ser muito usado nos mosteiros e em sermões medievais, buscando orientar o comportamento dos religiosos através de modelos que mereciam ser imitados, sendo assim um recurso educacional que objetivava convencer e persuadir através das histórias.

Enquanto narrativas de teor didático-moralístico, sua função é impor um certo padrão comportamental ou moral através de situações que enaltecem ou punem este ou aquele modelo de comportamento representados pelos personagens, ou seja, era um discurso retórico que tinha por objetivo convencer e persuadir um conjunto de ouvintes.

Na Antiguidade, desde Aristóteles¹⁵⁷, os *exempla* obedeciam a dois meios de persuasão: pelo exemplo propriamente dito e pelo silogismo. O exemplo é normalmente

¹⁵⁷ Aristóteles citava o *exemplum* como uma figura retórica que servia ao orador como forma de persuasão. ARISTÓTELES. *Obras Completas. Retórica. Volume VIII. Tomo I*. Lisboa: Centro de filosofia da Universidade de Lisboa/ Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005.

indutivo, usa o argumento da autoridade; e o silogismo é dedutivo, sendo a conclusão inferida necessariamente de duas premissas.

Cícero (63 – 106 a.C.) e Quintiliano (35 – 95 d.C.) formularam teorias sobre o *exemplum*, aproximando-o a um propósito educacional. A preocupação de Cícero era com os discursos forenses (dos tribunais), mas seus efeitos persuasivos são aplicáveis também a outras categorias da oratória. Cícero afirmava que o orador deveria ter um grande estoque de exemplos que proporcionassem deleite, autoridade e credibilidade¹⁵⁸. Quintiliano afirmava que as crianças devem copiar os pensamentos dos grandes homens, porque o exercício haveria de transmitir alguma lição moral e formar seu caráter moral, tornando-os assim hábeis no falar¹⁵⁹. Também salientava a importância da admoestação moral na exemplificação que o mestre dá a um estilo de vida virtuoso, colocando como semelhante o papel do mestre e dos pais¹⁶⁰.

Sêneca (4 a.C. – 65 d.C.) escreve *Cartas a Lucílio*¹⁶¹, elencando exemplos históricos se baseando na experiência imediata de seus correspondentes para as ilustrações e preferia as que eram espontâneas e simples. Sêneca desenvolve o valor do *exemplum*: eles permitem aos ouvintes conceituar a virtude com a lembrança de grandes homens tão poderosa quanto a sua presença viva; mostram que a vida virtuosa é possível; são mais diretos que os preceitos; demonstram à pessoa hesitante que a vida moral pode ser vivida; tornam-se companheiros e guardiões para o autoexame e o progresso moral do indivíduo.

O *exemplum* neste período atesta a conveniência ou vantagem de uma ação, atitude ou associação recomendada, ou o dano daquelas degeneradas. Do mesmo modo, a habilidade para proporcionar um *exemplum* adequado reforça a autoridade do exortador-admoestador ou mesmo oferece defesa contra críticas imerecidas. Como tais, essas atestações servem a uma função forense, mas não estão restritas ao tribunal. O exemplo enquanto expediente exortativo demonstra claramente o que pretende o

¹⁵⁸ CICERO. *De Oratore*. Paris: Les Belles Letres, 1967. c.34, v. 120.

¹⁵⁹ QUINTILIANO. *Istituzione oratoria*. Milão: Mondadori, 1997. Livro 5, capítulo 11.

¹⁶⁰ HALL, J. Cicero and Quintilian on the oratorical use of hand gestures. *Classical Quarterly*, Cambridge, vol. 54 n. 1, p. 143-160, 2004. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3556289>, acesso em: 03/12/2017.

¹⁶¹ SÊNECA, Lúcio Aneu. *Cartas a Lucílio*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991.

discurso, mas não é empregado só para facilitar a compreensão. O uso do exemplo num discurso visa promover a virtude e a ação que o imita ou rejeita¹⁶².

O *exemplum* antigo, seria principalmente ordenado em torno da figura do herói, dos grandes homens ou de personagens de referência. Era um acessório da oratória e da prática jurídica. Ele era empregado para convencer e conduzir a plateia a mudar de opinião. Na Antiguidade, primeiro vem o prestígio do passado, no qual se situa a história relatada; em seguida, vem o prestígio do herói da história. A relação com o passado é diferente para o homem da antiguidade e para o homem do medievo. Para os gregos e romanos, tratava-se de rememorar o passado glorioso que funda o presente. O herói tinha um papel importante. Para os cristãos da Idade Média, o recurso ao passado histórico é um meio de obter uma prova de autenticidade, de veracidade, pois a narrativa, nesse caso, era vista como um acontecimento verdadeiro e real. A ideia de persuasão traz sempre consigo a noção de autoridade, representada sobretudo pela Bíblia. O *exemplum* cristão dos primeiros séculos teve uma forte tendência a transferir o papel principal para certos modelos cristãos: mártires, santos e principalmente Cristo¹⁶³.

Atribui-se a Tertuliano (160 – 220 d.C.)¹⁶⁴ a utilização e adaptação do *exemplum* antigo aos *exempla* cristãos¹⁶⁵. Ele se utilizava também de alguns *exempla* pagãos, mas os mais importantes eram extraídos do Antigo Testamento. O importante, para o desenvolvimento do *exemplum* neste momento é a tônica dada no ensinamento que conduzirá à persuasão¹⁶⁶.

Gregório Magno (590 – 604 d.C.) em seus *Diálogos*¹⁶⁷, principalmente no livro IV, dá ao *exemplum* nova forma e função. O *exemplum* torna-se elemento essencial da exposição doutrinal. Naquele momento, ele era usado especialmente para abordar temas

¹⁶² MELO, Antônio M. Martins. Da antiguidade ao Renascimento: os Exempla e a promoção de um ideal de perfeição humana. *Anuario de Estudios Filológicos*. Universidad de Extremadura. vol. XXXIV, p. 125-137, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/16504/1/AEF.34.2011.pdf>, acesso em 20/11/2017.

¹⁶³ BREMOND, Claude; Le GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean C. *L'exemplum*. Louvain: Brepols Turnhout, 1996. p. 22.

¹⁶⁴ TERTULIANO. *Apologetique*. Paris: Les Belles Lettres, 1929.

¹⁶⁵ Cf. WELTER, J. *L'Exemplum dans la littérature religieuse et didactique du Moyen Age*. Paris-Toulouse: Slatline, 1973.

¹⁶⁶ SÁEZ, Rosa M.M. Retórica y pensamiento en la apologética Cristiana: El exemplum de M. Atilio Régulo, de Tertuliano a Agustín. *POLIS. Revista de ideas y formas políticas de la Antigüedad Clásica*. n. 23, p. 153-169, 2011. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4010956>, acesso em: 03/10/2017.

¹⁶⁷ MACHADO FILHO, A.V. L. *Diálogos de São Gregório*: edição e estudo de um manuscrito medieval português. Salvador: Edufba, 2008.

referentes aos problemas relacionados à alma, como a morte e o inferno. Gregório queria demonstrar e provar, com a ajuda dos exemplos, a importância da mudança de comportamento. Para atingir seus ouvintes ou leitores, recorria principalmente às histórias mais recentes relatadas por pessoas dignas de confiança e referentes sobretudo a suas experiências pessoais ou viagens¹⁶⁸.

Neste sentido, o *exemplum* medieval, se refere a uma narrativa, uma história a ser tomada em seu conjunto como um objeto, um instrumento de ensinamento e de edificação. O importante, no *exemplum* medieval, é destacar a virtude de comportamento presente nessas histórias, e não o personagem heroico, como no *exemplum* antigo. Portanto, o *exemplum* do medievo é demonstrativo, ressalta o caráter do homem, sua ação, e não ele próprio enquanto sujeito.

Claude Brémond, Jacques Le Goff e Jean Claude Schmitt¹⁶⁹ classificam o *exemplum* em nove características: caráter narrativo: traço que conduz o *exemplum* ao estudo do gênero e da forma literária narrativa da Idade Média; brevidade; veracidade ou autenticidade; dependência relativa: o *exemplum* tem sua unidade e mesmo identidade, porém insere-se em um discurso ao qual está subordinado; sermão: há uma relação estreita entre o *exemplum* medieval e a pregação; finalidade e tonalidade: uso da persuasão pela retórica; relação entre o locutor e os ouvintes: supõe sempre um auditório particular formado por fiéis ou discípulos; lição exemplar: o *exemplum* é didático, é uma retórica da persuasão pedagógica; fim último: a finalidade pedagógica não se atém somente a uma boa conduta terrestre; sua maior preocupação é com a eternidade da alma humana.

Os autores também definem quatro critérios de classificação de *exemplum*¹⁷⁰. O primeiro é a origem ou fonte. A partir das escolhas dos clérigos medievais, quatro tipos de *exemplum* aparecem: os de origem judaica-cristã e dos primeiros cristãos: a Bíblia, os Padres da Igreja e os fundadores do pensamento medieval, Boécio, Cassiodoro, Gregório Magno e Isidoro de Sevilha; os inspirados na antiga cultura pagã; os desenvolvidos a partir do século IX e da renascença carolíngia, compreendendo as histórias dos autores chamados ‘modernos’ pelos padres da Idade Média; os inspirados

¹⁶⁸ MATTOS E SILVA, R. V. *A mais antiga versão portuguesa dos Quatro Livros dos Diálogos de São Gregório*. Edição crítica com Introdução e Índice geral das palavras lexicais. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1971. p. 52.

¹⁶⁹ BREMOND; Le GOFF; SCHMITT. *Op. cit.* p. 40-41.

¹⁷⁰ *Ibid.* p. 41-42.

em autores ou compiladores da época. O segundo critério é em relação a natureza da informação. Trata-se da importância da informação dada pelas vias oral e escrita. A autenticidade e a credibilidade histórica do *exemplum* se apoiam em duas formas de autoridade cultural conhecidas na Idade Média: a autoridade da coisa lida, que utiliza o caráter do escrito e do livro; e a decorrente confiabilidade da palavra de pessoas dignas de fé, como padres, anciões e grandes personagens. O terceiro se refere aos personagens dos *exempla*: as personagens mais comuns são o homem, os animais e o sobrenatural. Há, de um lado, a ideia do homem feito à imagem de Deus; do outro, a de histórias onde há inserção de animais nas narrativas, estas mais raras. A última se relaciona a estrutura formal e lógica dos tipos de *exemplum*: pode fundar-se na analogia, na semelhança termo a termo, e pode aproximar-se da similitude ou pode fundar-se na metonímia.

Há um debate sobre o desenvolvimento do *Exemplum* como um gênero literário. Para Berlioz e Polo¹⁷¹, o *exemplum* não é um gênero independente no início da Idade Média, pois ainda estaria relacionado ao sermão, não podendo assim ser considerado um gênero, mas sim uma parte retórica de um gênero. Assim como para Bremond¹⁷², que afirma que não se pode categorizá-lo propriamente em gênero literário, pois, neste caso, os *exempla* já possuíam, na sua essência, o germe de um gênero de mensagem: narrativa ou didática, sendo ambas extraliterárias.

Claude Cazalé-Berard¹⁷³, em contrapartida, cita a classificação de um gênero literário menor, no que tange ao discurso exemplar medieval. As formas indicadas seriam: provérbio, parábola, alegoria, fábula, *exemplum*, lenda, conto maravilhoso, *fabliau* e novela, podendo-se considerar cada uma delas a partir da situação de comunicação (quem fala e para quem se fala); da relação com a tradição (diacrônica ou sincrônica); da posição que se ocupa na sociedade; do modelo de comportamento e da função sócio ideológica.

O *exemplum* que se desenvolve, de início, no meio monástico, principalmente nas novas ordens dos séculos XI e XII, está estritamente ligado à palavra e particularmente à predicação. Quanto à tradição oral do *exemplum*, o conteúdo pode derivar de três fatores: da tradição escrita (*Dialogi* de Gregório Magno, a vida dos

¹⁷¹ BERLIOZ, Jacques; DE BEAULIEU, Marie Anne Polo. *Les exempla médiévaux: nouvelles perspectives*. Paris: Honoré Champion, 1998. p. 25

¹⁷² BREMOND; LE GOFF; SCHMITT. *Op. cit.* p. 49.

¹⁷³ BERLIOZ; DE BEAULIEU. *Op. cit.* p. 30-35.

santos e os bestiários ou coletâneas de *exempla* antigos); da tradição oral; da experiência vivida pelo pregador que dela se utiliza para fazer sua narrativa.

O *exemplum* medieval era um texto organicamente ligado à oratória, como instrumento auxiliar da persuasão. O pregador (compilador) utilizava-se de todos os recursos estéticos que lhe eram familiares e conferia assim ao exemplo certa autonomia em relação ao texto principal.

É considerada uma das primeiras coletâneas de *exemplum* a *Disciplina clericalis*¹⁷⁴ de Pedro Alfonso (1196 – 1226 d.C.)¹⁷⁵, uma coleção de narrações de trinta e três histórias árabes, judias e cristãs, nos primeiros anos do século XII. Os textos eram feitos em formas de diálogo, assim como a obra Gregório Magno e isso favoreceu a inserção da *Disciplina clericalis* como fonte de *exemplum* medieval. Um tema semelhante ao texto de Gregório Magno, a *Disciplina clericalis*, mais que instruir, queria sobretudo contribuir para a conquista da felicidade após a morte.

O terreno que favoreceu o desenvolvimento do *exemplum* na literatura religiosa, moral e didática no século XII sob a influência de predicadores como: Alain de Lille (1128 – 1202 d.C.)¹⁷⁶, Jacques de Vitry (1170 – 1240 d.C.)¹⁷⁷ e São Boaventura (1221 – 1274 d.C.)¹⁷⁸. Estes dão ao *exemplum*, no contexto do sermão, uma importância maior do que a que foi dada por seus predecessores no passado, seja como parte integrante, seja como introdução. Para tal utilizavam exemplos tirados de novas fontes e também acrescentando experiências pessoais¹⁷⁹. Os cronistas, os moralistas, os mestres de diversas áreas ilustraram seus escritos com narrativas curiosas. É possível encontrar

¹⁷⁴ ALFONSO, Pedro. *Disciplina clericalis*. Madrid: Instituto Miguel Asín, 1948.

¹⁷⁵ Pedro Alfonso de Huesca ou Moshé Sefardí foi um judeu espanhol convertido ao cristianismo. In: ARREGUI, Manuel Ortuño. La Disciplina Clericalis de Pedro Alfonso. *ArtyHum. Revista de Artes y Humanidades*, Vigo, n. 24, p. 42-54, 2016. Disponível em: <http://rua.ua.es/dspace/handle/10045/55766>, acesso em: 13/01/2018.

¹⁷⁶ Teólogo e poeta francês que escreveu tratados cujos elementos filosóficos se inspiravam no neoplatonismo. É conhecido por ter influenciado, por exemplo, Jean de Meung no *Roman de la Rose*. Cf. HUDRY, Françoise. Métaphysique et théologie dans les *Regulae theologiae* d'Alain de Lille. *Fédération Internationale des Instituts d'Études Médiévales. Textes et Études du Moyen Âge* 19, Turnhout, p. 201-2015, 2004. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/308057648/Hudry-Methaphysique-Et-Theologie-Dans-Le-Regulae-Theologiae>, acesso em: 15/12/2017.

¹⁷⁷ Foi teólogo, cronista e cardeal na diocese de Liège. Escreveu diversos sermões em exempla. Cf. COAKLEY, John W. *Women, men, and spiritual power female saints and their male collaborators*. New York: Columbia University Press, 2006. p 60-69.

¹⁷⁸ Teólogo e filósofo escolástico, declarado doutor da Igreja no século XV. Cf. LaNAVE, Gregory Bonaventure. In: GAVRILYUK, Paul. *The Spiritual Senses: Perceiving God in Western Christianity*, Cambridge: Cambridge, University of Cambridge, 2011. p. 159-173.

¹⁷⁹ BERLIOZ; DE BEAULIEU. *Op. cit.* p. 24.

compiladores, em geral pregadores, convencidos do poder dos *exempla* de convencer um grupo de ouvintes.

Qualquer que seja a forma do *exemplum*, sua razão de ser e suas partes constitutivas, ele serve como prova e apoio na exposição teológica, moral ou didática. A ideia é que o autor, o pregador ou o moralista têm por objetivo impressionar seus ouvintes ou leitores e também destacar, desde o princípio, para a narrativa que se propõem desenvolver. De acordo com esse objetivo, são usadas fórmulas de introdução de um gênero particular, cujo modelo pode ser encontrado nas obras de autores anteriores. Às vezes, começa-se a narração localizando-a no tempo e no espaço. Outras vezes, antes de iniciar a narração, menciona-se o nome da personagem principal, sua posição social, e indicam-se os gestos e os fatos por ela vividos e realizados.

A eficácia da narrativa exemplar está relacionada à ideia da necessidade de persuasão, pois a Igreja, no final do século XII, passou a reler as transformações da sociedade. Diante das heresias, do desenvolvimento das vilas, do crescimento demográfico e das mudanças econômicas, a solução estaria num novo modelo de pregação. Os novos pregadores eram, sobretudo os dominicanos e os franciscanos, os quais expandiram a Palavra por meio dos *exempla*. Para causar tal impacto nos ouvintes, são usados nos sermões referenciais de credibilidade, tais como a Bíblia, os Padres da Igreja e argumentos do próprio padre. O *exemplum*, portanto, visa sempre a uma modificação de comportamento.

Nos séculos XIII e XIV, se adquirem novas naturezas e as novas funções do *exemplum* medieval. Conforme afirma Jacques Le Goff:

O *exemplum* medieval é uma estorieta edificante, na maioria das vezes para uso dos pregadores, que gostam de introduzir exempla nos seus discursos para que os ouvintes assimilem melhor uma lição salutar¹⁸⁰.

O *exemplum* passa a ser divulgado em coletâneas, nas quais as histórias reunidas existem independentemente do contexto dos sermões ou dos tratados. O *exemplum* não é mais ‘encaixado’ dentro de um texto (sermão), pelo contrário, é extraído de seu contexto, isolado, e transmitido à parte.

Seu sucesso aponta também para o surgimento de outro uso das coletâneas, além de gerar um novo público nelas interessadas: de instrumento de pregação, o *exemplum*

¹⁸⁰ LE GOFF, Jacques. *O maravilhoso e o cotidiano no Ocidente Medieval*. Lisboa: Edições 70, 1990. p. 158.

transforma-se em obra de leitura, tanto para a edificação moral quanto para o divertimento ou a satisfação com relação a curiosidades históricas¹⁸¹. A abundância de conteúdo antigo nos *Gesta Romanorum*¹⁸², compostos por volta de 1345 na Inglaterra, certamente contribuiu para a sua leitura, tanto entre os clérigos quanto entre as elites laicas, nobres e burguesas, principalmente nas cidades, onde a alfabetização crescia, sobretudo no final da Idade Média.

No início, ligado principalmente ao universo da palavra oral, o *exemplum* começou a trilhar, no fim do medievo, a via da cultura escrita. Não se trata mais somente de uma experiência de audição coletiva, pois ele passa a fazer parte de uma leitura individual moralizante.

O *exemplum* se transformou e se adaptou, recorrendo a outras maneiras de difusão, além da voz do pregador. O objetivo de moralizar permanece mesmo nos novos meios de difusão, o que muda é sua forma e sua função. Segundo Berlioz, haveria antes uma separação entre a palavra e a escrita, mais precisamente entre a comunicação oral e o texto manuscrito¹⁸³.

No momento em que os *exempla* medievais passaram a ser divulgados, perderam sua finalidade institucional e adquiriram certa independência. A partir daí, o *exemplum* pode ser visto não só como instrumento de persuasão inserido em determinado contexto, mas como um texto com uma mensagem independente e autossuficiente, que encontra, nele mesmo, em suas rubricas classificatórias de coletâneas, sua própria finalidade.

O *exemplum* era de modo geral lidos e utilizado pelo pregador, que se servia das coletâneas disponíveis. Estas eram usadas como fonte para a compilação e não teriam sido propriamente vistas como objetos de consumação literária: tratava-se antes de instrumentos de trabalho, de auxiliares para a memória, de enciclopédias de acontecimentos e ideias à disposição para o uso e o desenvolvimento de cada novo usuário, segundo seu critério e valor¹⁸⁴.

Em sua obra *A Cidade das Damas*, Christine de Pizan faz uso dessa técnica. Conta várias histórias ou passagens da vida de personagens ilustres, tais como santas,

¹⁸¹ LE GOFF, Jacques. *Os intelectuais na Idade Média*. Lisboa: Gradiva, 1984. p. 32.

¹⁸² OESTERLEY, Hermann (ed.). *Gesta Romanorum*. Berlin: Weidmann, 1872.

¹⁸³ BERLIOZ; DE BEAULIEU. *Op. cit.* p. 35.

¹⁸⁴ LEITE, Lucimara. *Christine de Pizan: uma resistência na aprendizagem da moral de resignação*. Tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em língua e literatura francesa e Estudos Medievais da Universidade de São Paulo, 2008. p. 22.

rainhas e mulheres da mitologia. Para servir de exemplo de comportamento, a autora cita autores antigos, que respaldam suas ideias. Quando fala de Carmenta, é possível inferir, pelos títulos, que o *exemplum* com preocupação moral, chamado *exemplum* moralista, estava em voga no século XIV, principalmente o que tinha por alvo o comportamento feminino:

Je te parlerai tout d'abord de la noble Nicostrate, que les Italiens appellent Carmenta. Cette dame était la fille du roi d'Arcadie, Pallas. Elle était d'une intelligence remarquable, et Dieu l'avait dotée d'un merveilleux savoir [...] Pour mieux révéler aux siècles futurs sa perspicacité et l'excellence de son génie, elle se mit au travail et inventa un alphabet original dont les caractères sont bien différents de ceux en usage ailleurs, c'est-à-dire notre *a b c*, l'ordre alphabétique latin, la formation des mots, la distinction entre voyelles et consonnes, et toutes les bases de la grammaire.¹⁸⁵

Para Christine de Pizan, a educação era um meio das mulheres não permanecerem indiferentes a determinados assuntos, sobretudo àqueles que envolviam responsabilidades políticas ou sociais. A educação proporcionava o conhecimento para a mulher sobre diversos domínios de interesse, possibilitando uma experiência que ultrapassava o ambiente doméstico. Pizan considerava as mulheres como seres racionais iguais aos homens e que, se formalmente sabiam menos, era justamente porque sua educação era deficitária e limitada quando comparada com a educação que era dada aos homens. Outra ideia que a autora se empenhou em combater com determinação ao longo de sua obra foi a crença profundamente arraigada, de que o conhecimento, além de corromper as mulheres, também arruinava os costumes:

Cela te montre bien que les opinions des hommes ne sont pas toutes fondées sur la raison, car ceux-ci ont bien tort. On ne saurait admettre que la connaissance des sciences morales, lesquelles enseignent précisément la vertu, corrompt les mœurs. Il est hors de doute, au contraire, qu'elle les améliore et les ennoblit. Comment pourrait-on penser ou croire que celle qui suit un bon enseignement et une bonne

¹⁸⁵ “Falarei primeiramente da nobre Nicostrata, que os italianos chamavam de Carmenta. Esta dama era a filha do rei da Arcádia, Paládio. Ela tinha uma inteligência notável, e era dotada por Deus de um maravilhoso saber. (...) Para melhor revelar aos séculos futuros sua perspicácia e a excelência de seu gênio, ele se pôs ao trabalho e inventou um alfabeto original onde os caracteres são diferentes daqueles dos outros lugares: o nosso abc, a ordem alfabética latina, a formação das palavras, a distinção entre as vogais e consoantes, e toda a base da gramática”. In: PIZAN, Christine. *Le Livre de la Cité des Dames*. Paris: Stock/Moyen age, 1986. p. 99-100. (Todas as traduções deste capítulo foram feitas por nós com o auxílio do dicionário léxico sobre a obra de Christine de Pizan. In: BLANCHARD, J; QUEREUIL, M. *Lexique de Christine de Pizan*, Paris: Klincksieck, 1999).

doctrine puisse en être corrompue ? Cela est inconcevable et inadmissible.¹⁸⁶

Em *A Cidade das Damas*, o sentido de educação vai além do saber adquirido pelo ensino, mas sim uma educação que guia um indivíduo. Verificamos em sua obra esse papel de condutora, de intermediária do saber, desempenhado pelas damas Razão, Retidão e Justiça. Conforme afirma Andrea Tarnowski:

La Cité fait s'éclorre pleinement l'importance de l'expérience chez Christine. Elle raisonne par elle-même, fait valoir les connaissances qu'elle possède. Rien ne lui est donné, excepté le prétexte de s'exprimer. L'ouvrage précise avec culture livresque, que le chagrin de Christine, qui procède d'un livre, sera dans un premier temps, atténué par un examen de sa propre expérience, puis guéri par la multiplication d'exemple de dames historiques ou légendaires illustrant les vertus féminines attestées dans des textes. L'écrit trompe d'abord, avant de confirmer; c'est l'expérience qui permet de faire la différence entre le vrai et la faux.¹⁸⁷

O autor ainda acrescenta que: *“leur but n'est pas de guider Christine pour lui montrer des choses qu'elle ignore; elles viennent, au contraire, pour faire réfléchir leur protégée à ce qu'elle sait déjà”*¹⁸⁸.

Em *A Cidade das Damas*, verifica-se o papel pedagógico da escritora na relação estabelecida entre a aprendiz e a mestre, desempenhado pela personagem de Christine e as três damas. Christine enquanto aprendiz tem uma forte participação no diálogo educador. Ela as interpela, questiona, pede mais exemplos. As damas, por sua vez, mostram-se sempre atentas a suas dúvidas: *“Chère Christine, demande tout ce qu'il te plaira, car le maître ne doit pas reprendre l'élève avide de savoir, s'il lui pose une*

¹⁸⁶ “Isto demonstra que as opiniões dos homens não se fundamentam sobre a razão, porque está bem claro que aí andam equivocados. Não se pode admitir que o conhecimento das ciências morais, que ensinam precisamente a virtude, corrompa os costumes. Ao contrário, é certo que as melhora e enobrece. Como pensar ou crer que um bom ensinamento e uma boa doutrina podem ser corrompidos? É algo inconcebível e inadmissível”. In: PIZAN, *Op. cit.*, 1986. p.178-179.

¹⁸⁷ “*A Cidade (das Damas)* faz desabrochar plenamente a importância da experiência em Christine. Ela mesma raciocina, torna válidos os conhecimentos que possui. Nada lhe é dado, exceto o pretexto de se expressar. A obra deixa claro que a cultura livresca, que o pranto de Christine, procedido de um livro, será em um primeiro tempo, atenuado pelo exame de sua própria experiência, em seguida, curado pela multiplicação de exemplo de damas históricas ou legendárias ilustrando as virtudes femininas comprovadas nos textos. O escrito engana primeiramente, antes de confirmar: é a experiência que permite fazer a diferença entre o verdadeiro e o falso”. In: TARNOWSKI, Andrea. Preface. In: PIZAN, Christine. *Le chemin de longue étude*, Paris: Librairie Générale Française, 2000. p. 36.

¹⁸⁸ “(...) o objetivo não é guiar Christine para mostrar-lhe coisas que ela ignora; elas vêm, ao contrário, para com que sua protegida reflita sobre o que ela já sabe”. *Ibid.*

multitude de questions”¹⁸⁹. Também lhe incitam a resolver suas questões, baseando-se não apenas pelas leituras dos livros, mas também por sua própria experiência, seu saber empírico, obtendo seus próprios julgamentos. A dama Razão ensina ainda a não acreditar em um saber absoluto da parte das grandes autoridades, pois a falha, o erro faz parte do humano:

Ne voit-tu pas que même les plus grands philosophes, ceux que tu allègues contre ton propre sexe n’ont pu déterminer le vrai du faux, mais se reprennent les uns les autres et se disputent sans fin ? Tu l’as appris toi-même dans la Métaphysique d’Aristote, qui critique et réfute pareillement les opinions de Platon et d’autres docteurs de l’église ont fait de même pour certains passages d’Aristote, que l’on appelle pourtant le Prince des philosophes, et à qui l’on doit les plus hautes doctrines de la philosophie naturelle et morale.¹⁹⁰

Christine de Pizan escreveu sobre mulheres e para mulheres, embora seus textos também tenham tido como destinatários representantes do sexo masculino, principalmente enquanto ela esteve envolvida na *Querelle*. Escreveu também para esclarecê-los quanto às qualidades e aos valores femininos.

2.2 A construção do refúgio feminino em A Cidade das Damas

Em *A Cidade das Damas*, o resultado da querela discursiva sobre o papel da mulher não é uma luta contra o homem, mas sim uma querela de virtudes e da justiça contra os vícios da humanidade, colocando em evidência as qualidades do sexo feminino, não de maneira arbitrária, a partir de uma divisão biológica de gênero, mas, indo além, em uma representação da questão de gênero como fator existencial. Dessa forma, são consideradas também as contribuições dos homens que manifestaram solidariedade em relação ao papel da mulher.

Christine de Pizan, enquanto mulher letrada, pretendeu dar às figuras femininas, esquecidas pela história oficial, a posteridade como forma de criar uma lista de

¹⁸⁹ “Querida, pergunte tudo o que quiser, porque o mestre não repreende o aluno àvido de saber, se ele lhe faz várias perguntas”. In: PIZAN, *Op. cit.*, 1986. p. 211.

¹⁹⁰ “Não percebes que mesmo os grandes filósofos, aqueles que tu invocas contra teu próprio sexo, não puderam distinguir o verdadeiro do falso, mas se contradizem e se criticam uns aos outros sem cessar? Tu mesma viste em *Metafísica* de Aristóteles, no qual ele critica e refuta igualmente as opiniões de Platão e de outros doutores da igreja fizeram o mesmo em certas passagens de Aristóteles, considerado o Príncipe dos filósofos, e a quem devemos-lo as mais altas doutrinas da filosofia natural e moral”. In: PIZAN, *Op. cit.*, 1986. p. 39.

mulheres exemplares. Dentre as mulheres citadas estão Nicaula, Fredegunda, Branca, Semíramis, Tamiris, Pentesilea, Zenobia, Artemisa, Camila, Berenice, Cornificia, Proba, Safo, Leunrion, Mantea, Medea, Circe, Minerva, Ceres, Isis, Aracne, Pánfila, Tamaris, Anastasia, Sempronia, Irene, Marcia, Gaya Cirila, Dido, Opis e Lavinia.

Verificamos também que há um espaço cedido a algumas figuras masculinas, que se tornaram imortalizadas em sua obra, através da valorização de suas virtudes, o elemento principal da construção de sua obra. Cabe salientar que as figuras masculinas por ela valorizadas eram as pertencentes à sua história afetiva, em especial, seu pai, o astrólogo Tommaso Pizzano, seu marido, Etienne Castel, e o rei Carlos V, que acolheu sua família na corte. A construção de sua identidade feminina consolidou-se, no entanto, através de dois alicerces: uma participação do masculino, constituída de elementos pessoais, pertencentes às lembranças de sua infância e juventude, e o tributo feminino, constituído de elementos de solidariedade e de justiça.

As mulheres de *A Cidade das Damas* de Pizan são pensadas de maneira metafórica, caracterizadas como pedras sólidas que estão construídas para representar uma defesa moral para todas as mulheres. A obra está dividida em três partes assim denominadas: o Livro I – *que conta como surgiu este livro e com que propósito*, com 48 capítulos; Livro II – *que conta como e por quem foi contruída a cidade dentro do recinto e quem veio povoá-la*, com 69 capítulos; e Livro III – *que conta como foram acabados os telhados das elevadas torres e que nobres damas foram eleitas para morar nos palácios e altas torres*, com 19 capítulos. Em cada livro é apresentada uma personagem que dialoga com a autora e a auxilia na construção da cidade. As personagens da cada livro são, respectivamente, Razão, Retidão e Justiça. A personificação das virtudes e seu uso como personagens era um procedimento literário rotineiro entre os autores da época, principalmente nos livros de instrução, tidos como verdadeiros espelhos para o comportamento.

Cada Dama tem seu papel definido e sua importância nas partes do livro: Razão é a responsável por fazer as fundações e os muros, demonstrando que a principal defesa desta cidade habitada por mulheres é a argumentação racional; Retidão constrói as casas, palácios e templos, usando como pedras para essas construções as vidas exemplares de mulheres de diferentes épocas e Justiça finaliza a cidade, convocando as primeiras moradoras, as mulheres que foram constantes em seu amor.

A *Cidade das Damas* dá crédito às habilidades e iniciativa das mulheres para fazerem parte do crescimento da sociedade, utilizando os exemplos das grandes mulheres de sua época, o que é importante para obra, pois firma sua presença como mulher e mantém a quem a obra está endereçada. Sua linguagem é educada e polida, argumentando sem insultar, ao passo que exige respeito e visibilidade dos homens instruídos¹⁹¹.

A primeira a se apresentar é a Razão, portando em sua mão um espelho que lhe permite ver a essência das pessoas. Ela explica o motivo das aparições, a construção da cidade, sua função e o porquê de Christine ter sido escolhida para tal tarefa. À Razão cabe a construção das paredes e dos muros altos. A segunda senhora é a Retidão, que traz consigo uma régua para traçar o limite da virtude e separar o bem do mal. Sua tarefa é construir as casas da cidade. A Justiça é a última senhora. Ela segura na mão direita uma taça de ouro em que está gravada a flor-de-lis da Trindade. É ela quem distribui a cada um a parte de bem e de mal que merece. Compete-lhe construir as torres altas e as fortificações e, finalmente, retocar e terminar a cidade¹⁹².

A primeira parte de seu livro é a construção, sob o comando da Razão, que ajuda a marcar o terreno. Este terreno é o mesmo do campo literário intelectual, necessário às respostas para as argumentações masculinas, o que ela faz dialogando com Razão e defendendo as mulheres, demonstrando com exemplos porque elas mereciam ser defendidas. Dentre esses assuntos está o acesso a uma cultura intelectual refinada para as mulheres e grandes senhoras:

- Ma Dame, d'après ce que vous me dites, la femme est une création fort noble. Cicéron, dit cependant qu'un homme ne doit jamais servir une femme, car ce serait s'avilir que de se mettre au service de moins noble que soi.

Elle me répondit : « Le plus grand est celui ou celle qui a le plus de mérites. L'excellence ou l'infériorité des gens ne réside pas dans leur corps selon le sexe, mais en la perfection de moeurs et vertus (...) ». ¹⁹³

¹⁹¹ FILIPPONE, Elisa. *The Feminization of the Literary Voice and the Rhetorical Tradition in The Lais of Marie de France, The Mirror of Simple Souls and The Book of the City of Ladies*. Texas: University of Texas, 2014. p. 85.

¹⁹² THIBERT, Christine. *Devenir Dame: Le livre de la Cité des Dames*. Columbia: University of British Columbia, 1988. p. 64.

¹⁹³ “Minha senhora, pelo que me disseste, a mulher é uma criação muito nobre. No entanto, Cícero diz que um homem nunca deve servir a uma mulher, porque colocar-se a serviço de alguém menos nobre que ele mesmo seria rebaixar-se. Ela me respondeu com estas palavras: - O mais nobre é aquele ou aquela que tem mais méritos. A superioridade ou inferioridade das pessoas não reside em seu corpo de acordo com seu sexo, mas na perfeição de seus hábitos e virtudes.”. In: PIZAN, *Op. cit.*, 1986. p.55.

Dentre os temas abordados nesta parte estão: a indignação pelas acusações feitas às mulheres; a bondade atribuída às mulheres; a divisão de trabalho com base na diferença física; mulheres exercendo o poder político; a importância das mulheres guerreiras; a defesa da igualdade entre os sexos quanto à disposição para a aprendizagem; uma listagem das sábias e fundadoras de conhecimentos; uma análise sobre a capacidade de julgamento das mulheres. Há a valorização das mulheres fortes e sábias: elas eram as pedras de fundação e os muros de proteção da cidade. Essa escolha da autora é o ponto alto de suas ideias, qual seja, a de que mulheres sejam preparadas, por meio da educação, para exercer seus papéis na sociedade ao lado do homem.

Destaca também as mulheres instruídas e aquelas prudentes. Dentre estas, as que executaram atividades políticas e militares tem-se a imperatriz Nicaula da Etiópia, também conhecida como a Rainha de Sabá, que foi muito poderosa; Fredegunda da França, que, por astúcia, tirou seu filho dos braços dos inimigos; e a rainha Blanche, que governou a França na menoridade do filho, ocupando depois um lugar principal em seu grupo de conselheiros. A intenção de Christine era mostrar que as mulheres têm capacidade de governar tão bem quanto qualquer homem, mostrando-as com prudência e com mentes esclarecidas para a política e para a justiça.

Em diversos momentos de sua obra, Christine lança mão também do discurso religioso e literário de sua época. Nas partes de seus livros, verifica-se que são citadas várias passagens do Evangelho, que darão base a ideia defendida pela autora. Estes dois discursos adquirem valores e temas de caráter tanto positivo quanto negativo. O discurso cristão para onde convergem essas duas formações discursivas é submetido a uma espécie de triagem nos dois lados, em que são selecionadas as passagens que melhor convêm às argumentações, ou citando as mesmas passagens do Evangelho, porém revestidas de uma interpretação diferente da tradicional¹⁹⁴:

Ah! Voyez la perversité de ces gens diaboliques qui veulent faire de Douceur, ce bien et cette vertu que Nature accorde aux femmes, un vice et un reproche! Ce n'est pas parce que les femmes sont ignorantes qu'elles aiment les enfants; cela provient, au contraire, de leur bonté naturelle. Et si, comme les enfants, elles sont douces, il faut admettre qu'elles en sont parfaitement bien avisées. L'Évangile nous rappelle que lorsque les apôtres se disputaient pour savoir qui d'entre eux serait le plus grand, Notre-Seigneur prit un enfant et, posant la main sur la tête de celui-ci, leur dit: "Je vous le dis, quiconque restera humble

¹⁹⁴ SMITH, Julia Marie. *Fortify the City with Your Tempered Pen: Building the "City of Ladies" through Text, Paratext, and Media*. Florida State University, 2008. p. 29.

et petit comme cet enfant, sera le plus exalté. Car quiconque s'élève sera abaissé, et celui qui s'abaisse sera élevé.¹⁹⁵

Na primeira parte do livro *A Cidade das Damas*, Christine de Pizan analisa um trecho do livro em latim *Dos segredos das mulheres (Secreta mulierum)*, obra atribuída a Aristóteles¹⁹⁶. O livro tangencia, de maneira geral, a imperfeição do corpo feminino frente ao masculino: sustenta-se a ideia de que é por fraqueza que o corpo que se forma no ventre da mãe se torna o de uma mulher¹⁹⁷:

- Je connais un autre petit livre en latin qu'on appelle *Du Secret des femmes* et qui maintient qu'elles sont frappées de grands défauts en leurs fonctions corporelles.

Elle me répondit: L'expérience de ton propre corps nous dispensera d'autres preuves. Ce livre relève en effet de la plus haute fantaisie; c'est un véritable ramassis de mensonges, et pour qui l'a lu, il est manifeste qu'il n'y a dans ce traité rien de vrai. Et bien que certains disent qu'il est d'Aristotele, l'on ne peut croire qu'un si grand philosophe se soit permis de telles énormités. Mais parce que les femmes peuvent savoir par expérience que certaines choses dans ce livre n'ont aucune réalité et qu'elles sont de pures bêtises, elles peuvent en déduire que les autres points qu'il expose sont autant de mensonges patents.¹⁹⁸

A leitura de Christine, porém, utiliza fragmentos do discurso bíblico, a fim de fundar sua argumentação contra a obra¹⁹⁹. O comentário da Dama Razão a propósito do

¹⁹⁵ “Que perversidade por parte daquelas pessoas malévolas fazer da Ternura, essa grande qualidade que a natureza dá às mulheres, um defeito que se possa reprovar! Se as mulheres gostam das crianças, assim não é por fraqueza, mas por bondade natural. E se tem uma doçura infantil, é com perfeita consciência. O Evangelho nos lembra quando os apóstolos discutiam para saber qual deles era superior, nosso Senhor pegou uma criança, e colocando a mão em sua cabeça lhes disse: ‘Eu vos digo, que se tornar humilde e pequeno como esta criança, será exaltado. Porque quem se eleva será rebaixado e quem se rebaixa será elevado.’” In: PIZAN, *Op. cit.*, 1986. p.58.

¹⁹⁶ No texto, Christine de Pizan cita a referida obra como sendo de Aristóteles, mas não há registros deste texto. Cf. GREEN, Monica H. “Traittié tout des meçonges” In: DESMOND, Marilynn. *Christine de Pizan and the categories of difference*. Minneapolis/ London: University of Minnessota Press, 1998. p.154.

¹⁹⁷ FILIPPONE, Elisa. *Op. cit.* p.91.

¹⁹⁸ “- Conheço uma pequena obra em latim, chamada *O segredo das mulheres*, que sustenta que elas padecem de grandes defeitos em suas funções corporais. Ela me respondeu: A experiência de teu próprio corpo nos dispensará de outras provas. Este livro é uma fantasia, uma verdadeira antologia da mentira e para quem o leu fica bem claro, que não contém nenhuma verdade. Agora, bem, alguns dizem que Aristóteles o escreveu, mas como podemos acreditar que um grande filósofo tenha cometido tais disparates? Como as mulheres podem saber por sua própria experiência corporal, algumas coisas deste livro não têm mais fundamento que a estupidez, pelo que se pode deduzir que outros pontos são outras tantas patentes mentiras”. In: PIZAN, Christine. *Op. cit.*, 1986. p. 53.

¹⁹⁹ MCCORMICK., Betsy. Building The Ideal City: Female Memorial Praxis in Christine De Pizan’s *Cité Des Dames*. In: RAMSEY, Mary; LIUZZA, R.M.; SCHEIL, Andrew P. et al. *Studies in the Literary Imagination*, Volume XXXVI, Number 1, Spring 2003. p. 156. Disponível em: <https://www.questia.com/library/journal/1G1-110531563/building-the-ideal-city-female-memorial-praxis-in>, acesso em: 03/12/2017.

texto do Evangelho sobre a Criação sugere que o fato de Deus ter criado a mulher a partir da costela do homem corresponde à vontade divina de que ela deveria ficar ao seu lado como uma companheira, e não a seus pés como uma serviçal e que o homem deveria amá-la como se a mulher fosse sua própria carne²⁰⁰:

Comment donc? Nature, elle qui est la chambrière de Dieu, aurait donc puissance sur le maître dont lui vient son autorité! Car Dieu tout-puissant, en l'essence de sa pensée divine, avait de toute éternité l'Idée d'homme et de femme. Et quand ce fut sa sainte volonté de tirer Adam du limon de la terre au champ de Damas et qu'il l'eut fait, il l'emmena au paradis terrestre, qui était et demeure l'endroit le plus digne en ce bas monde. Là il l'endormit et forma le corps de la femme d'une de ses côtes, signifiant par là qu'elle devait titre à ses côtés comme une compagne, et non point à ses pieds comme une esclave — et qu'il devait l'aimer comme sa propre chair. Le Souverain Ouvrier n'aurait donc pas honte de créer et de former le corps féminin, et la Nature, elle, s'en effaroucherait ? C'est le comble de la bêtise de dire cela. Et de plus, de quelle manière fut-elle formée? Je ne sais si tu t'en rends compte; elle fut formée à l'image de Dieu. Oh! Comment se trouve-t-il des bouches pour médire d'une marque si noble ? Mais il y a des fous pour croire, lorsqu'ils entendent dire que Dieu fit l'homme à son image, qu'il s'agit du corps physique. Cela est faux, car Dieu n'avait point encore pris corps humain ! Il s'agit de l'âme, au contraire, laquelle est conscience réfléchissante et durera éternellement à l'image de Dieu. Et cette âme, Dieu la créa aussi bonne, aussi noble, identique dans le corps de la femme comme dans celui de l'homme.²⁰¹

Christine de Pizan mostra que lera o trecho de Aristóteles e tenta combater a ideia levantada pelo autor²⁰². Através de sua leitura, Christine de Pizan utiliza

²⁰⁰ PIZAN, Christine. *Op. cit.*, 1986. p. 54.

²⁰¹ “Como Natureza, discípula do Mestre Divino, teria mais poder do que quem lhe confere sua autoridade! Deus tinha em seu pensamento eterno a ideia de homem e mulher. Quando quis tirar Adão do barro da terra no campo de Damasco, assim o fez e o levou ao Paraíso Terreno, que era e continua sendo o lugar mais bonito deste mundo. Lá, ele o deixou dormindo e formou o corpo da mulher com uma de suas costelas, para significar que ela deveria permanecer ao seu lado como sua companheira, não estar a seus pés como uma escrava, e que ele iria amá-la como a sua própria carne. Se o Soberano Trabalhador não se envergonhou de criar o corpo feminino, por que Natureza haveria de se envergonhar? Dizer isso é o cúmulo da ignorância e, além disso, como foi formada a mulher? Eu não sei se tu percebes de que foste formada à imagem de Deus. Como pode haver línguas que reneguem uma marca tão nobre? No entanto, existem pessoas loucas que pensam quando ouvem dizer que Deus fez o homem à sua imagem, que se trata do corpo físico. Nada é mais falso, uma vez que Deus ainda não tinha tomado um corpo humano. Pelo contrário, trata-se da alma, reflexo da imagem de divina, e essa alma, de fato, foi criada por Deus, tão boa e nobre, idêntica no corpo da mulher e do homem. Como dissemos, a mulher foi feita pelo Soberano Trabalhador no Paraíso Terreno e, de que substância? Não de matéria vil, mas sim da mais nobre jamais criada, porque Deus a fez do corpo do homem.”. *Ibid.* p. 54-55.

²⁰² Christine dialoga com a Dama Razão acerca do pensamento de Aristóteles sobre o corpo feminino em *A Cidade das Damas*, Livro I, capítulos 2 ao 6, tentando mostrar como esses autores do passado tinham visões que não correspondiam às virtudes femininas em seu manuscrito. Cf. *Ibid.* p. 48.

fragmentos do discurso bíblico, a fim de fundar sua argumentação contra o discurso de Aristóteles sobre a mulher ser inferior ao homem. O comentário da alegoria Razão a propósito do texto do Evangelho sobre a Criação, sugere que o fato de Deus ter criado a mulher a partir da costela do homem corresponde à vontade divina que ela deveria “ficar ao seu lado como uma companheira, e não a seus pés como uma escrava – e que ele deveria amá-la como se fosse sua própria carne”²⁰³.

Mais do que pensar um espaço ideal, Christine de Pizan concebeu também na implicação imediata de suas reivindicações, o que pode ser entendido em sua maneira de dar conselhos pouco encorajadores às mulheres em empreenderem uma aventura de completa ruptura em relação ao seu lugar e atividades habituais, justificado pela tentativa de preservá-las de um possível insucesso. O que Pizan propõe é discutir sobre a divisão entre trabalho intelectual e trabalho manual, enquanto reivindicações de igualdade de valor para com qualquer atividade, rompendo assim com a diferença entre as tarefas consideradas femininas e aquelas ditas masculinas²⁰⁴.

Tal reivindicação, algumas vezes interpretada como uma forma de manter a submissão feminina, denota uma percepção bastante profunda do real lugar das mulheres na sociedade medieval. Christine já avança na questão ao estender o lugar de fala da mulher, mas sendo uma mulher de seu tempo, que absorve também as demandas do local a que pertence, não consegue se desvincular também do discurso corrente, e muitas vezes o utiliza como forma de prudência e de sobrevivência.

Christine dedica um trecho de *A Cidade das Damas* para discutir sobre as posturas sociais, as de seu pai e as de sua mãe, frente à instrução e educação das jovens mulheres:

C'est un fait que tous les hommes, et en particulier ceux parmi eux qui sont les plus instruits, ne partagent pas l'opinion évoquée plus haut, et qui voudrait que l'éducation des femmes soit un mal. Il est bien vrai cependant que parmi les moins instruits bon nombre y souscrivent, car il leur déplairait que des femmes soient plus savantes qu'eux. Ton père, grand astronome et philosophe, ne pensait pas que les sciences puissent corrompre les femmes ; il se réjouissait au contraire – tu le sais bien – de voir tes dispositions pour les lettres. Ce sont les préjugés féminins de ta mère qui t'ont empêchée, dans ta jeunesse, d'approfondir et d'étendre tes connaissances car elle voulait te confiner

²⁰³ PIZAN, Christine. *Op. cit.*, 2001. p.54.

²⁰⁴ CALADO, Luciana E. F. *A Cidade das Damas: a construção da memória feminina no imaginário utópico de Christine de Pizan*. [Tese de Doutorado] Recife, 2006. p.73.

dans les travaux de l'aiguille qui sont l'occupation coutumière des femmes.²⁰⁵

Desde muito jovem, Christine compreendeu que nascer mulher era algo determinante na sociedade em que vivia e seu papel seria o de cumprir os deveres de esposa e mãe e as únicas tarefas bem aceitas socialmente eram as relacionadas ao espaço privado²⁰⁶.

Christine de Pizan mostra que todas estas mulheres elogiosas merecem espaço em sua cidade:

Moi, Christine, je lui dis encore : « Ma Dame, puisque vous venez de rappeler l'exemple d'une dame qui vit encore aujourd'hui, et que vous avez commencé à citer les dames de France ou celles qui vivent en ce royaume, je vous prie de bien vouloir me donner votre avis et de me dire si vous croyez qu'il serait juste que certaines d'entre elles soient logées dans notre Cité. En effet, n'en seraient-elles pas aussi dignes que les étrangères ? »

Elle me répondit : « Chère Christine, je t'assure qu'on trouve parmi elles des femmes très vertueuses et qu'il me plairait qu'elles soient de nos citoyennes.²⁰⁷

Suas experiências pessoais, suas relações com a corte, suas dificuldades e necessidades de sair do seu lugar de destino para se movimentar em espaços de domínio dos homens levaram-na a refletir sobre a situação das mulheres e a questionar sobre os ataques que estas sofriam nas obras dos autores mais conceituados. Rosalind Brown-Grant atenta ainda para o emprego de alguns substantivos tais como “damas” em substituição a “mulheres”. De uso mais corrente e neutro, esse último foi utilizado, por exemplo, na tradução de Boccaccio para o francês, *Les Cleres femmes*, uma das principais fontes da obra de Christine, *La Cité des Dames*. No entanto, Christine de

²⁰⁵ “É um fato, que nem todos os homens e, especialmente os mais cultos, pensam que é errado que as mulheres estudem. É verdade que opinam assim os que tem menos instrução, porque lhes desagradaria muito que algumas mulheres saibam mais que eles. Teu pai, grande sábio e filósofo, não pensava que por se dedicarem à ciência, as mulheres valiam menos. Ao contrário, como bens sabes, causou a ele grande alegria tua inclinação para o estudo. Foram os preconceitos femininos de tua mãe que te impediram, durante tua juventude, de aprofundar e estender teus conhecimentos, porque ela só queria que tu te entretesses em fiar e outros pormenores que são ocupação habitual das mulheres”. In: PIZAN, *Op. cit.*, 1986. p.180.

²⁰⁶ LEMARCHAND, Marie J. Introducción. In: PIZÁN, Cristina. *La ciudad de las damas*. Madrid: Siruela, 2001. p. 20-24.

²⁰⁷ “Eu, Christine, disse a ela: “Senhora, já que acabaste de recordar o exemplo de uma dama ainda viva e que citastes outras damas da França, eu quero perguntar se não pensas que seria justo que nossa cidade acolhesse algumas dessas damas e se estas não são tão dignas como as estrangeiras.”

E ela me respondeu: “Certamente, querida Cristina, que elas tem grande mérito e que desejaria que fossem cidadãs nossas”. In: PIZAN, *Op. cit.*, 1986. p.236.

Pizan prefere o primeiro termo, “dames”, por apresentar-se com um grau valorativo maior²⁰⁸.

No Livro II, a autora é guiada pela Retidão, convocada para a construção das torres, dos palácios reais e das nobres habitações. As mulheres que foram chamadas para traçar essas primeiras edificações foram as sibilas e profetisas como que com sua linguagem irão construir o refúgio das mulheres: Eritrea, Amaltea, Debora, Isabel, Ana, a rainha de Saba, Nicostrata, Carmenta, Casandra, Basina e Antonia²⁰⁹. Esta parte apresenta uma relação de papéis atribuídos à mulher na sociedade no final do medievo. Os principais assuntos do Livro II são: a força das profetizas; o dom da palavra; o amor filial; as esposas companheiras; mulheres que estudaram; castidade e violência sofrida pelas mulheres; homens fracos; mulheres de caráter e virtuosas; as fraquezas de caráter imputadas às mulheres. Pode-se dizer que a primeira parte trata das capacidades intelectuais das mulheres e o quão útil elas são numa sociedade, já na segunda parte, a autora defende que as mulheres, mesmo em seus papéis tradicionais de filha, esposa ou viúva, não são as portadoras do pecado ou as desvirtuadoras da sociedade.

Sobre a fidelidade, Christine, através da Dama Retidão afirma que há tanto mulheres quanto homens indiscretos, mas se o marido tiver bom senso, pela simples observação, saberá se pode ou não ter a mulher como confidente²¹⁰. A autora atribui a responsabilidade ao marido: é ele quem deve verificar se a mulher é confiável ou não, através da observação, ato que muitas vezes é atribuído às mulheres. Christine escolheu Porcia, Cúria e as esposas de conspiradores do imperador Nero como exemplos de boas confidentes e refere-se a essas esposas como boas conselheiras, a quem alguns maridos ouviram²¹¹, e se beneficiaram, como aconteceu com Antonina e Belisário²¹². Pompeu e Heitor são exemplos de maridos que não acreditaram nas esposas e pagaram o erro com a própria vida²¹³.

Há exemplos também do valor e dos benefícios das mulheres tanto na esfera privada quanto na pública. Christine interpela a Retidão sobre o porquê de os atos

²⁰⁸ Cf. BROWN-GRANT, Rosalind. "Christine de Pizan: feminist linguist *avant la lettre*?". In: CAMPBELL, John; MARGOLIS, Nadia. *Christine de Pizan 2000: Studies in Honour of Angus J. Kennedy*. Amsterdam: Rodopi, 2000. p. 65-76.

²⁰⁹ PIZÁN, Christine. *Op.cit.*, 1986. Livro II, parte I a VII.

²¹⁰ PIZAN, Christine. *Op.cit.*, 1986. p. 144.

²¹¹ *Ibid.* p.148.

²¹² *Ibid.* p.155.

²¹³ *Ibid.* p.160.

louváveis das mulheres e seus grandes feitos para a humanidade não serem divulgados pelos homens, os quais, ao contrário, as acusam de ser a fonte de todos os males²¹⁴. Exemplos do testemunho de que as mulheres contribuíram tanto na vida cotidiana quanto no plano espiritual são encontrados na Bíblia (a Virgem Maria, a filha do faraó que criou Moisés, Judith e Esther) e em passagens históricas, como a história das sabinas, ou o episódio de Roma salva por Vetúria, Clotilde, que converteu Clóvis ao cristianismo.

A castidade é também um dos temas tratados, sendo uma virtude soberana para as mulheres, pois se sabe que muitas preferiram a morte a renunciar à pureza, comenta Christine, lembrando os exemplos bíblicos de Suzanne, Sarah, Rebecca, Ruth e Penélope, mulher de Ulisses²¹⁵. Ela assevera que, mesmo no caso de belas mulheres, a castidade é importante, como o foi para Mariane e Antônia. Dá o exemplo de Lucrecia, que, assediada pelo filho do marido, cede a suas chantagens, mas, não suportando o sofrimento e a humilhação, e para não servir de mau exemplo a outras mulheres, mata-se, mesmo tendo sido perdoada pelo marido²¹⁶.

Christine aborda, inclusive, o problema das investidas masculinas, sugerindo que, numa sociedade em que se pretenda a justiça, o mais correto é instruir moralmente as mulheres, permitindo-lhes o acesso à palavra escrita, para que possam ter cuidado com as investidas masculinas²¹⁷:

Je te le redis, et n'aie plus peur du contraire; si c'était la coutume d'envoyer les petites filles à l'école et de leur enseigner méthodiquement les sciences, comme on le fait pour les garçons, elles apprendraient et comprendraient les difficultés de tous les arts et de toutes les sciences tout aussi bien qu'eux.²¹⁸

Pizan afirma que os homens acusam as mulheres de ser inconstantes no amor, mas, segundo ela, eles próprios não saberiam o significado da virtude da constância no amor, através da infidelidade e menciona Nero, Cláudio, Tibério, Galba e Otto; em contrapartida, para afirmar a fidelidade feminina, ela lembra a história de Grisélides;

²¹⁴ *Ibid.* p.171.

²¹⁵ *Ibid.* p.179-185.

²¹⁶ *Ibid.* p.172.

²¹⁷ *Ibid.* p.161.

²¹⁸ “Digo-te novamente, e não tenho mais medo do contrário; se era o costume enviar as meninas para a escola e lhes ensinar metodicamente ciência, como é feito para os meninos, elas aprenderão e compreenderão as dificuldades das artes e das ciências tão bem quanto eles”. In: *Ibid*, p.91-91.

Florence, a mulher de Bernardo, o genovês; Dido; Medéia; Thisbe; Hero; Sigismunda; Isabel e Juno²¹⁹.

Com relação à acusação de que as mulheres cuidam em excesso da aparência, tal atitude só é condenável, para a autora, se tiver o intuito de seduzir ou de servir de meio para conquistar status social. Gostar de coisas belas, porém, nada tem de desprezível. Christine cita como exemplo São Bartolomeu, que gostava de se trajar com elegância, e também Cláudia, que, apesar da forma de se trajar, provou sua pureza àqueles que dela duvidavam por causa de suas vestimentas²²⁰. Com os exemplos de Lucrecia e da rainha Branca de Castela, ela afirma que os homens sábios, no entanto, preferem as mulheres virtuosas²²¹.

Ao fim da segunda parte do livro, Christine declarou que a cidade das damas estava finalizada e pronta para ser povoada. Dirigindo-se às mulheres de todas as condições, que amaram, amam ou amarão a virtude e a sabedoria, sua cidade não se situava em um tempo ou um lugar, ela era eterna, existiria enquanto houvesse pessoas que tivessem acesso ao seu livro:

Vénérées, excellentes et honorables princesses de France et de tous pays, et vous dames, damoiselles, femmes de toutes conditions, vous qui avez aimé, qui aimez et qui aimerez la vertu et la sagesse, vous qui êtes mortes, vous qui vivez encore et vous qui viendrez à l'avenir, réjouissez-vous toutes et soyez heureuses de notre nouvelle Cité, qui, Dieu merci, est déjà presque toute construite avec ses maisons bien agencées et ses habitantes déjà presque toutes réunies.²²²

No terceiro livro, Justiça, que fortificou a cidade, guia Christine. Maria, Mãe de Jesus Cristo, é coroada como rainha e as escolhidas para figurarem como imperatrizes foram as irmãs de Maria e Maria Madalena.

Telle fut la réponse de la Vierge : « Justice, toi la préférée de mon Fils, je t'accorde avec plaisir d'habiter et de vivre parmi mes soeurs et amies, en la compagnie des femmes. Car Raison, Droiture, toi Justice, et même Nature m'y poussent. Elles me servent, me louent et

²¹⁹ *Ibid*, p.145-154.

²²⁰ *Ibid*, p.228.

²²¹ *Ibid*, p. 231.

²²² “Excelentes e honradas princesas de França e de todos os países, vocês, damas, donzelas, mulheres de todas as condições que amaram, amam e seguirão amando o bem e a sabedoria, as que morreram, as que todavia vivem e as que virão no futuro, exultem-se, desfrutem desta nova cidade, que já está quase toda levantada, construídos seus harmoniosos edifícios e já reunidas aquelas que nela viverão”. In: *Ibid*. p. 238.

m'honorent sans cesse; je suis serai pour l'éternité la reine de toutes les femmes; cette chose est volue depuis toujours par Dieu le Père, prédestinée et ordonnée par la Sainte Trinité ».²²³

Neste momento, também foram elencadas as intercessoras que seriam as santas mártires. Dedicada à vida contemplativa, esta parte do livro apresentou as santas como mulheres independentes e autossuficientes, mulheres que só desposaram Deus e rejeitaram a submissão ao sexo masculino. Embora ela também tenha feito referências às mulheres que amavam e auxiliavam seus maridos, era a castidade que dava força e independência para as habitantes da cidade. A virgindade era uma marca de auto realização das mulheres que, fora do jugo matrimonial, renunciaram aos papéis tradicionais de esposas e mães, para que vivessem segundo suas próprias vontades e julgamentos balizados pelo pensamento cristão.

Nesta parte, cada capítulo evidencia a castidade e as virtudes morais das mulheres através de um conjunto de breves histórias, sobretudo relacionadas às santas virgens. Cada relato sobre a vida das virgens santas está ligado ao desejo proposital de mostrar as mulheres em forma qualitativa, como também em quantidade representativa, a fim de alcançar uma persuasão mais marcante de seu discurso. A segunda estratégia de Christine seria sublinhar a repetição do sofrimento das mulheres, submetidas a sucessivos sofrimentos corporais e morais²²⁴. Aborda as vidas de Santa Catarina, Santa Margarida, Santa Lúcia, Santa Justina, Santa Bárbara, Santa Dorotéia, Santa Marina, Santa Cristina, Santa Anastásia; e das virgens Martine, Theodósia, Euphrosine, e outras que não são nomeadas, mas são louvadas por sua castidade.

No último capítulo, ela exorta sua cidade como lugar de refúgio, de fortaleza e, principalmente, como um espelho de virtude e modéstia. Em seguida, particularizando o estado civil, dirige-se às casadas, viúvas e solteiras, aconselhando a cada uma, segundo

²²³ “Essa foi a resposta da Virgem: Justiça, você é a favorita do meu filho, eu concedo-lhe o prazer de habitar e conviver entre as minhas irmãs e amigas, na companhia das mulheres. Porque Razão, Retidão, tu Justiça, e até mesmo Natureza me impulsionam. Elas me servem, louvam-me e me honram constantemente; eu serei a rainha de todas as mulheres por toda a eternidade; esta coisa evolui por Deus Pai predestinado e ordenado pela Santíssima Trindade”. In: *Ibid.* p. 240-241.

²²⁴ PAGOT, Simone. Du bon usage de la compilation et du discours didactique: analyse du thème “guerre et paix” chez Christine de Pizan. *Revue de Lettres Romanes*. Montpellier, 1985. p. 48.

seu estado civil, assim como estendendo seu discurso às mulheres de todos os estamentos sociais, recomendando-lhes cuidado diante de armadilhas sedutoras. Christine de Pizan finaliza seu texto, rogando preces por todas as mulheres:

Daignez, mes très vénérées dames, accroître et multiplier les habitantes de notre Cité en recherchant la vertu et en fuyant le vice, et réjouissez-vous dans le bien. Quant à moi, votre servante, ne m'oubliez pas dans vos prières, afin que Dieu m'accorde la grâce de vivre et de persévérer ici-bas en son saint service, et qu'à ma mort il me pardonne mes grandes fautes, et m'accueille dans la joie éternelle. Qu'il étende sue et vous toutes cette même grâce. Amen.²²⁵

A autora convocou a todos que encarassem sua cidade como um refúgio, uma fortaleza e, principalmente, como um exemplo de virtudes. Em seguida, dirigiu-se a todas as mulheres segundo seu estado civil entre casadas, solteira e viúvas, indo além desta categorização, estendendo seu discurso a todos os estamentos sociais, pedindo-lhes que tomassem cuidado com as armadilhas que pudessem vir a seduzi-las.

A *Cidade das Damas* funciona como um diálogo com indagações e respostas entre a personagem-narradora Christine e as três damas alegóricas: Razão, Retidão e Justiça, a respeito das características e concepções de feminino.

Os questionamentos levantados na obra podem ser lidos como formas de exemplificar histórias de diversas mulheres que vão desde a antiguidade clássica até as contemporâneas de Christine de Pizan, que passaram por adversidades e se fundamentaram como modelos de atuação e virtude feminina.

Mostrando sua grande erudição e estabelecendo sua *auctoritas* de mulher, Christine de Pizan inclui-se também nos exemplos, a fim de demonstrar a igualdade intelectual entre os sexos. A mulher que tem acesso a educação, aos estudos está no mesmo patamar que os homens. Em uma fala da Senhora Razão, respondendo-lhe sobre a pretensa inferioridade dos conhecimentos femininos, Christine trata de socializar que o saber é uma questão de oportunidade, não de sexo:

C'est sans aucun doute qu'elles n'ont pas l'expérience de tant de choses différentes, mais, s'en tenant aux soins du ménage, elles restent

²²⁵ “Dignem-se, minhas veneradas senhoras, aumentem e multipliquem as habitantes de nossa cidade, buscando a virtude e fugindo do vício, e regozijem-se no bem. Quanto a mim, vossa serva, não me esqueça em vossas preces, para que Deus me conceda a graça de viver e perseverar até aqui no vosso santo serviço, e quando de minha morte, ele perdoe meus grandes defeitos, e me receba em alegria eterna. Que ele estenda sobre vós a mesma graça. Amém”. In: PIZAN, *Op. cit.*, 1986. p. 278.

chez elles, et rien n'est aussi stimulant pour un être doué de raison qu'une expérience riche et variée [...] pense donc aux habitants des campagnes reculées ou des hauts plateaux; tu m'accorderas que dans plusieurs pays ils sont si simples qu'on les prendrait pour des bêtes. Et pourtant il est incontestable que Nature les a pourvus de tous les dons physiques et intellectuels qu'elle offre aux hommes les plus sages et les plus érudits que l'on puisse trouver dans nos capitales et grandes villes.²²⁶

A tal falta de oportunidade, a inacessibilidade da maioria das mulheres do período aos espaços de debate, de pensamento e às Universidades é o que faz gerar uma literatura quase que exclusivamente masculina: feita por homens, para homens e com visões masculinas sobre as mulheres. Dentre as obras citadas, Christine de Pizan chama a atenção para cânones da Antiguidade e da Idade Média que, a despeito do seu valor estético, apresentam uma imagem feminina deformadora e preconceituosa.

Christine de Pizan, debate as ideias de Ovídio em *A arte de amar*, de Ovídio, e a segunda parte de *Le Roman de la Rose*, de Jean de Meung:

Ma Dame, comment Ovide- que l'on dit pourtant Prince des poètes, bien que certains, dont je suis, estiment que la palme revient –plutôt à Virgile (sauf correction de votre part)-, a-t-il pu dire tant de mal des femmes dans ses poèmes: dans l'ouvrage intitulé 'L'Art d'aimer', par exemple, ou bien encore dans "Les Remèdes d'amour", ou bien d'autres ouvrages encore?²²⁷
[...] je m'étonne tant de cette opinion -assez répandue parmi les hommes (Jean de Meung en particulier le clame bien haut dans son *Roman de la Rose*, et il est loin d'être le Seul auteur à le faire) – que les maris doivent se garder de confier leurs secrets à leurs épouses, car les femmes sont incapables de se taire.²²⁸

Sendo os homens aqueles que são os maiores produtores de cultura escrita do período, suas obras irão permear elementos da cultura masculina, e seria isso que

²²⁶ “É sem dúvida alguma que elas não têm experiência de tantas coisas diferentes, mas, se aplicando às tarefas domésticas, ficam em casa, e nada é mais estimulante para um ser dotado de razão do que uma experiência rica e variada [...] pense, pois, nos habitantes de sítios afastados ou de serras altas; você concordará comigo que em muitos países eles são tão simples que passariam por bestas. E, no entanto, é incontestável que Natureza os proveu de todos os dons físicos e intelectuais oferecidos aos homens mais sábios e eruditos que se possa encontrar nas nossas capitais e cidades grandes”. In: *Ibid.* p. 92.

²²⁷ “Minha Dama, como Ovídio – que dizem ser o Príncipe dos poetas [...] - pôde falar tão mal das mulheres em seus poemas: na obra intitulada ‘A Arte de amar’, por exemplo, ou ainda em ‘Os Remédios de amar’, ou em tantas outras obras ainda?”. In: *Ibid.* p.52.

²²⁸ “[...] surpreende-me esta opinião – bastante difundida entre os homens (Jean de Meung em particular a clama bem alto em seu ‘Roman de la Rose’, e está longe de ser o único a fazê-lo) – que os maridos devam se resguardar de confiar seus segredos a suas esposas, pois as mulheres são incapazes de calarem-se”. In: *Ibid.* p.161.

incidiria nas injustiças contra à mulher, relatadas em várias passagens do texto, onde a personagem da Dama Retidão, faz apelo ao saber empírico, ao cotidiano, à própria experiência das mulheres para resumir o quadro da realidade feminina:

Ah! chère Christine! Tu sais toi-même combien de femmes on peut voir, par la faute d'un mari cruel, user leur malheureuse vie dans les chaînes d'un mariage où elles sont encore plus maltraitées que les esclaves des Sarrasins. Ah! Seigneur! [...] Oh! Les indignités, les infamies, les injures, offenses et outrages qu'endurent tant de bonnes et valeureuses femmes, sans la moindre protestation. Et combien d'autres, encore, chargées d'une nombreuse progéniture, ne voit-on pas creuver la faim et la misère, alors que leurs maris traînent dans les lieux de débauche et font la noce dans toutes les tavernes de la ville!²²⁹

O texto de *A Cidade das Damas* ainda acaba por selecionar muitas das características que serviram de motivos para ataques à mulher, como: a facilidade do choro, ou ainda a fragilidade de seus corpos (que, numa visão Aristotélica, as tornaria mais debilitadas e imperfeitas em relação aos homens). Christine então cita um provérbio “*C'est pour pleurer, parler et filer, que Dieu créa la femme*”²³⁰, a Dama Razão lhe responde, concordando com sua assertiva: “*ce dicton est vrai. Mais, quoi que l'on pense ou dise, il n'y a là aucun motif de reproche. C'est une excellente chose que Dieu les ait donné une telle vocation, car beaucoup ont été sauvées par pleurs, quenouilles et paroles*”²³¹.

O que era considerado defeito torna-se, então, virtudes, nos argumentos de *A Cidade das Damas*, deste modo, o choro, de fraqueza torna-se arma, como nos muitos exemplos em que a salvação de pessoas pelas lágrimas é mostrada, como Maria Madalena, perdoada de seus pecados e aceita no reino dos céus pelo seu choro; o seu irmão Lázaro, cuja ressurreição se deu pela compaixão de Jesus pelas lágrimas das irmãs Marta e Maria Madalena. Quanto à fala das mulheres, a Senhora Razão avalia que “*si le parole de femme eût été si condamnable et de si peu d'autorité que le prétendent*

²²⁹ “ Ah! Cara Cristina! Você mesma sabe quantas mulheres podemos ver, por conta de um marido cruel, estragarem sua vida infeliz num casamento de prisão, onde elas são ainda mais maltratadas do que os escravos dos sarracenos. Ah! Senhor! [...] Oh! As indignidades, as infâmias, as injúrias, ofensas e afrontas às quais tantas mulheres boas e de valor são submetidas, sem o menor protesto. E, quantas outras, ainda, carregadas de uma numerosa prole, vivem com fome e na miséria, enquanto seus maridos vagueiam em lugares depravados, levando essa vida de promiscuidade em todas as tabernas da cidade!”. In: *Ibid.* p. 146.

²³⁰ “ É para chorar, falar e tecer que Deus criou a mulher”. In: *Ibid.* p. 58.

²³¹ “esse ditado é verdadeiro. Mas, apesar do que se pensa ou se diga, não há nenhum motivo para reprová-lo. Foi excelente Deus ter lhes dado tal vocação, pois quantos não foram salvos pelas palavras, pelo chorar e pelo tecer dessas mulheres”. In: *Ibid.*

certain, Notre-Seigneur Jésus-Christ n'eût jamais daigné qu'une femme annonçât la première le mystère si glorieux de sa Résurrection"²³².

A *Cidade das Damas*, tendo sido resultado dos debates sobre o *Roman de la Rose*, configura-se como uma cidade alegórica, na qual as grandes e virtuosas mulheres podem viver a salvo das difamações dos homens. Christine povoa sua cidade com algumas figuras clássicas provindas da obra de Boccaccio *De mulieribus claris*²³³, como santas e figuras femininas de sua época.

Ela agrupa suas mulheres virtuosas, de modo a exaltar talentos e qualidades específicas em cada modelo. Pizan estava preocupada em demonstrar o intelecto feminino, sua coragem e suas virtudes morais. Esta obra caracteriza-se, segundo Susan Bell, por um objetivo triplo: provar as capacidades femininas, educar as outras mulheres pelo exemplo e escrever uma história de mulheres²³⁴. Em especial, Christine acaba por defender ideias sobre educação que estavam a par com o pensamento do período²³⁵: propunha, por exemplo, que meninas deveriam ser enviadas desde jovens para a escola, juntamente com seus irmãos e que a educação de meninas seria de maior benefício para elas do que para eles, pois o entendimento destas últimas é mais livre e afiado do que o dos rapazes²³⁶.

De maneira geral, Christine buscava explicar em *A Cidade das Damas* a falta de mulheres nas universidades e os porquês de uma ausência de mulheres letradas. Ela então traça uma analogia entre homens e mulheres e entre cortesãos e camponeses, em que, ao fim, mostra que a diferenciação entre os gêneros residia na falta de educação e de conhecimento, sendo as mulheres também capazes de produzirem trabalhos originais e criativos²³⁷.

Estudar o sistema de classificação elaborado por Christine de Pizan, que seguia a estrutura imaginária das três ordens sociais²³⁸, é também refletir como o mundo em que

²³² "se a fala da mulher fosse tão reprovável e de tão pouca autoridade como sustentam alguns, Nosso Senhor Jesus Cristo não teria consentido que fosse uma mulher a primeira pessoa a anunciar o tão grande mistério como o da sua gloriosa Ressurreição". In: *Ibid.* p.60.

²³³ Conjunto de cento e quatro biografias de mulheres mitológicas e reais, publicado em 1374, que se configura como uma exortação a várias virtudes femininas. ASTRIK, Gabriel L. *Op. cit.*, p. 14.

²³⁴ BELL, Susan. Christine de Pizan (1364-1430): Humanism and the Problem of a Studious Woman. *Feminist Studies*, Vol. 3, No. 3/4 (Spring – Summer), 1976. p.176. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3177735>, acesso em 13/12/2017.

²³⁵ *Ibid.* p.177.

²³⁶ PIZÁN, *Op. cit.*, 1986. p. 186.

²³⁷ BELL, *Op. cit.* p. 177-178.

²³⁸ Cf. DUBY, G. *As três ordens ou o imaginário do Feudalismo*. Lisboa: Estampa, 1982, p 313-314.

Christine viveu pensava suas hierarquias e suas funções. Apesar das mulheres não se enquadrarem em uma categoria especial, elas não podem ser desvinculadas deste corpo social. Todavia, o fato de haver a possibilidade de se escrever sobre as diversas categorias de mulheres e dedicar mais de uma obra a esta figura denota o quanto Pizan produzia num contexto em que havia mudanças, principalmente no ambiente de corte.

2.3 A extensão do exemplum de Christine de Pizan: os manuscritos *d'A Cidade das Damas*

A Cidade das Damas é uma obra que conta com sua sequência, *O Livro do Tesouro da Cidade das Damas*, também chamado de *O Livro das Três Virtudes*. Todavia, foram encontrados apenas quatro manuscritos em que ambas as obras se encontram juntas, o que faz indicar que o período de produção e de circulação de cada uma delas foi elaborada em separado, apesar de um espaço curto de tempo entre as duas²³⁹.

A elaboração de um manuscrito medieval era um procedimento complexo que exigia um planejamento cuidadoso e uma supervisão constante. O mundo da produção de livros foi dividido em diferentes partes, cada uma executando sua própria tarefa. Aqueles que produziam a superfície da escrita, os copistas que transcreviam os textos, quem decorava os textos com iluminuras e quem encapava a obra final.

Entre o final do século XIV e início do XV em Paris, os membros do comércio de manuscritos viviam em distritos próximos, o que facilitava a cooperação entre os vários artesãos, localizados ambos próximo a Rue Notre Dame²⁴⁰.

Os envolvidos na preparação e produção de manuscritos foram muitas vezes conectados através da figura do *libraire*²⁴¹. O *libraire* era contratado por quem fez o manuscrito e deveria garantir que os desejos deste estivessem sendo executados

²³⁹ AUSSEMS, Johannes. *Christine de Pizan: the Scribal Finger print*. Edinburgh: University of Edinburgh, 2011. p. 25.

²⁴⁰ ROUSE, Richard H; ROUSE, Mary A. *Illiterati et uxorati*. Manuscripts and Their Makers. Commercial Book Producers in Medieval Paris 1200 – 1500, Turnhout: Harvey Miller Publishers. 2000. p. 19.

²⁴¹ *Libraire* pode ser traduzido como livreiro, mas preferimos não usar a tradução pois ela denota simplesmente um comércio de livros. Esta palavra, na Idade Média poderia se referir aos monges que, nos mosteiros, eram responsáveis por transcrever e manter os livros, no caso o monge copista. Também poderia se referir, principalmente em finais da Idade Média, àquele que comercializa livros manuscritos, acrescentando à esta função a de editor comissionado. In: DUFÉY. *Dictionnaire historique de Paris*. Paris: Barba, 1828. p. 250.

corretamente. Os *libraires* foram responsáveis por organizar o pergaminho e deixar as folhas preparadas, ordenadas e reunidas de acordo com os desejos do autor. Eles também planejaram o layout geral da obra: dimensões das margens, número de colunas, local e tamanho das miniaturas, distribuição do texto, inserção de títulos e iniciais, marcas de parágrafo e rubricas. Além disso, delegavam a carga de trabalho da transcrição e iluminação, entre vários artesãos, se fosse necessária uma produção mais rápida, e também contratava os escribas e iluminadores e supervisionava o processo geral de produção. Richard e Mary Rouse, em seu estudo sobre o comércio de livros manuscritos em Paris medieval, encontraram evidência de que um *libraire* poderia fazer as vezes de escriba ou iluminador frequentemente para economizar dinheiro e poderia também trabalhar para outro *libraire* quando ele não tivesse uma encomenda própria²⁴².

Existem poucas informações sobre os contatos de Christine com o círculo de produtor de livros manuscritos em Paris. Alguns indícios são encontrados em seus escritos que a conectam a escribas e artistas da época às suas atividades. Esses excertos mostram que Christine de Pizan estava habituada com a natureza técnica da produção de manuscritos. Ela faz referência a Anastaise²⁴³, uma pintora de iluminuras, em *A Cidade das Damas*:

[...] je congnois aujourd'uy une femme que on appelle Anastaise qui tant est experte et apprise a faire vigneteurs d'enlumineure en livres et champaignes d'istories qu'il n'est mencion d'ouvrier en la ville de Paris ou sont les souverains du monde qui point l'en passe ne qui aussi doulcement face fieureteure et menu ouvrage qu'elle fait [...]. Et ce scay je par experience, car pour moy mesures a ouvré d'aucunes choses qui sont tenues singulieres entre les vignetes des autres grans ouvriers.²⁴⁴

Não há evidências de que Christine de Pizan tenha escrito em um scriptorium próprio, em vez disso, ela era uma cliente regular dos copistas que produziram seus manuscritos. Muitos desses profissionais trabalharam no quarteirão de comércio de

²⁴² ROUSE; ROUSE, *Op. cit.* p. 14.

²⁴³ Existe uma obra que tenta fazer uma busca pela figura de Anastaise e as mulheres artistas no período. Porém, Anastasie não foi um pintor mestre, mas possivelmente uma pintora especializada em bordas e florais, por isso, existem poucas referências à sua existência. Cf. MINER, Dorothy E. *Anastaise and her sisters: Women artists of the Middle Ages*. Baltimore: Walters Art Gallery, 1974.

²⁴⁴ “[...] eu conheço atualmente uma mulher chamada Anastásia, que é tão experiente e aprendeu a fazer a ornamentação das iluminuras e para as paisagens de miniaturas nos livros que não se poderia citar na cidade de Paris, onde vivem os melhores artistas do mundo, nenhum que a superasse ninguém fazia melhor do que ela motivos florais e miniaturas. [...] E isso eu sei por experiência, pois ela pintou para mim algumas coisas que são tidas por todos como singular em relação a outras feitas por outros grandes mestres”. In: PIZAN, *Op. cit.*, 1986. p. 192.

livros de Paris, podendo ser contratados individualmente ou solicitados a cooperar em um projeto. Christine de Pizan utilizou um *libraire* para cuidar de todas as etapas da preparação de um livro, enquanto este garantiu que fossem contratados pintores para iluminar e decorar os manuscritos e que os livros fossem cortados e encadernados.

Johannes Aussems²⁴⁵ fez uma avaliação sobre a produção de manuscritos de Christine de Pizan, avaliando os cinquenta manuscritos de todas as obras de Christine de Pizan que existem atualmente. Para ele, Christine de Pizan é uma “autora-editora” que conheceu amplamente os processos por trás da produção de um manuscrito medieval. Como tal, ela poderia ter assumido o papel de *libraire* pela produção de seus próprios manuscritos, gerenciando os processos de produção e coordenando o trabalho de artistas e artesãos envolvidos.

Christine Reno e Gilbert Ouy²⁴⁶ compartilham a visão de que pode ser que muitas vezes Christine de Pizan tenha efetivamente transcrito seus próprios textos, em especial aqueles que foram ofertados como presente a membros da nobreza. Aussems em sua tese, que se dedicou a fazer um estudo paleográfico dos manuscritos de Christine de Pizan para poder verificar a afirmação acima, conseguiu identificar três tipos de copistas diferentes nos manuscritos, todavia não foi possível atribuir nenhum deles à escrita de Pizan.

O que é de comum acordo aos pesquisadores é que Christine de Pizan foi uma mulher de letras que teve diversos manuscritos, além de publicações posteriores de suas obras. Ao total existem vinte e seis manuscritos da *Cidade das Damas* atualmente²⁴⁷.

²⁴⁵ O autor chega a esta conclusão baseando-se nos indícios do texto escrito por Christine, no levantamento dos produtores de manuscritos do período e por uma análise dos tipos de letra empregados nos manuscritos de Christine de Pizan. Cf. AUSSEMS, *Op. cit.* p. 48-53.

²⁴⁶ Cf. OUY, Gilbert; RENO, Christine. Identification des autographes de Christine de Pizan. *Scriptorium*, n. 34, 1980. p. 225. Disponível em: http://www.persee.fr/doc/scrip_0036-9772_1980_num_34_2_1173, acesso em: 12/01/2018.

²⁴⁷ Numerados a seguir:

1. Bruxelas, Bibliothèque royale de Belgique, 9235
2. Bruxelas, Bibliothèque royale de Belgique, 9393
3. Chantilly, Bibliothèque Condé, 856
4. Genebra, Bibliothèque publique et universitaire, français, 180
5. Leiden, Universiteitsbibliotheek, Ltk 1819
6. Lille, Bibliothèque municipale, 390
7. Londres, British Library, Harley, 4431
8. Londres, British Library, Royal, 19. A. XIX
9. Munique, Bayerische Staatsbibliothek, Gall. 8
10. Paris, Bibliothèque nationale de France, Arsenal, 2686
11. Paris, Bibliothèque nationale de France, Arsenal, 3182
12. Paris, Bibliothèque nationale de France, français, 607

Dentre estes, oito são originais, ou seja, foram produzidos no período de vida de Christine, que são: Paris, BnF, fr. 24293; Paris, Arsenal, 2686; Paris, BnF, fr. 1179; Bruxelas, Bibliothèque royale de Belgique, 9393; BnF, 607, Leiden, Universiteitsbibliotheek, Ltk. 1819; BnF, fr. 607; BL, Harley, 443 e BnF, fr. 1178, selecionados aqui cronologicamente, de acordo com a perspectiva de Christine Reno²⁴⁸.

Uma das estratégias de Christine de Pizan para a difusão de sua obra, começou por dedicá-la e oferecê-la a nobres que também pudessem contribuir financeiramente com o seu ofício. Tal é o caso do manuscrito Harley 4431, dedicado a Isabel da Baviera e que atualmente é localizado na British Library e que é o único dos originais que foi escrito por um copista diferente²⁴⁹. *A cidade das Damas* é uma das obras que tem a maior quantidade de manuscritos que restaram, e se pensarmos em termos de uma produção artesanal de livros, e é denominada de “best-seller” por Christine Reno²⁵⁰, devido a quantidade de manuscritos originais e cópias existente.

-
13. Paris, Bibliothèque nationale de France, français, 608
 14. Paris, Bibliothèque nationale de France, français, 609
 15. Paris, Bibliothèque nationale de France, français, 826
 16. Paris, Bibliothèque nationale de France, français, 1177, f. 1-113
 17. Paris, Bibliothèque nationale de France, français, 1178
 18. Paris, Bibliothèque nationale de France, français, 1179
 19. Paris, Bibliothèque nationale de France, français, 1182
 20. Paris, Bibliothèque nationale de France, français, 24292
 21. Paris, Bibliothèque nationale de France, français, 24293
 22. Paris, Bibliothèque nationale de France, français, 24294
 23. Privas, Archives départementales de l'Ardèche, 7 I 6
 24. Vaticano, Biblioteca Apostolica Vaticana, Palatini Latini, 1966
 25. Vaticano, Biblioteca Apostolica Vaticana, Reginensi Latini, 918
 26. Viena, Österreichische Nationalbibliothek, 2605

²⁴⁸ Cf. RENO, Christine. Les manuscrits originaux de la Cité des dames de Christine de Pizan. In: VAN HEMELRYCK, Tania; VAN HOOREBEECK, Céline; DELSAUX, Olivier (ed.). *L'écrit et le manuscrit à la fin du Moyen Âge*, Turnhout : Brepols, 2006.

²⁴⁹ O que, para OUY e RENO, significaria mais um indício para que este seja o único manuscrito de *A Cidade das Damas* que foi escrito pela própria Christine de Pizan. Cf. OUY; RENO. *Op. cit.* p. 228.

²⁵⁰ Cf. RENO, *Op. cit.* p. 267-276.

Capítulo 3 - A normatividade feminina em *O Livro das Três Virtudes*

Objetivamos neste capítulo verificar a obra de Christine de Pizan enquanto *speculum*, inserir *O Livro das Três Virtudes* como um tratado didático-moralístico e analisar *O Livro das Três Virtudes* como uma obra de caráter moral que será traduzido na corte portuguesa do século XV pela Rainha D. Isabel para a manutenção da imagem de uma corte culta e civilizada.

3.1 *Speculum*

Speculum, também conhecido como *espelho de príncipe*, é um gênero literário de caráter didático que tem por objetivo a edificação teológica ou moral. Aqueles que não utilizam a expressão *espelho de príncipe* para definir as obras deste gênero, recorrem a outros termos, como *tratado* ou *regimento de príncipe*, de modo geral sugeridos pelos próprios títulos dos escritos tomados como objeto de análise. No século XIII, *speculum* designava manuais de educação moral, de ampla abrangência, visando uma formação geral. Tratava-se de ‘espelhos’, que tentavam oferecer ao leitor a imagem de seu próprio ideal. Tais tratados de educação eram conhecidos também como *specula principum*, livros de ética, etiqueta e política destinados à educação dos príncipes, cuja principal característica “*é apresentar o elenco completo das virtudes cristãs que permitem o bom governo*”²⁵¹.

Ana Isabel Buescu dá alguns passos no sentido da delimitação do gênero²⁵². Para ela, um dos elementos é o fato de ele ser “*constituído por uma vastíssima literatura de caráter político, moral, pedagógico e normativo relativa ao príncipe que pretende fixar a imagem do perfeito governante*”²⁵³. O caráter preceptivo e o direcionamento discursivo no sentido de um governante são marca dessa literatura. Muito embora encontremos intuítos normativos em outros gêneros literários, bem como textos jurídicos, religiosos e filosóficos também direcionados à figura do príncipe.

Buescu elenca ainda uma série de *topoi* que são comuns a esses escritos políticos: a expressão de uma concepção organicista da sociedade, a defesa da monarquia como regime político ideal, a explicitação do papel e da importância do

²⁵¹ HANSEN, J. A. Educando príncipes no espelho. In: FREITAS, M. C.; KUHLMANN, M. Jr. Os intelectuais na história da infância. São Paulo: Cortez, 2002. p. 62.

²⁵² Cf. BUESCU, Ana Isabel. *Imagens do príncipe: discurso normativo e representação (1525-49)*. Lisboa: Cosmos, 1996.

²⁵³ *Ibid.* p. 30.

cultivo de cada uma das virtudes cardeais, a exaltação do ideal de rei sábio, justo, guerreiro e que governe pelo bem comum, a condenação da tirania e a preocupação com a representação da pessoa do monarca em seus aspectos interiores e exteriores²⁵⁴.

Os Espelhos de príncipe se desenvolveram como tratados pedagógico-políticos, que tinham como alvo os homens que estariam na linha de sucessão, havendo como pano geral deste gênero a preocupação com o comportamento, com a ética e com as virtudes²⁵⁵. Apesar disto, há aqueles que são voltados não só para os futuros monarcas, mas também aqueles que abordam questões direcionadas a todas as pessoas. Esses tratados são usados como forma de educar homens – e como demonstraremos nesta seção, mulheres – a partir de uma perspectiva cristã.

Márcio Ricardo Coelho Muniz oferece um percurso histórico referente à tradição especular²⁵⁶, começando com Isócrates, no século IV a.C., chegando ao século XV com os textos de Dom Duarte. O primeiro texto reconhecido como um tratado pedagógico-político foi escrito por Isócrates, o *Discurso a Níocles*. Na obra do IV a.C., o autor exalta ao rei de Chipre a governar o melhor possível e a buscar informações que possam enriquecer o seu governo.

O *Discurso a Níocles* aborda temas que serão retomados nos futuros Espelhos:

O tratado de Isócrates anuncia tópicos que serão exaustivamente tratados nos espelhos futuros. Segundo o pensador grego, cabe ao rei: salvar o bem-estar no reino; evitar a indolência e a negligência; ultrapassar seus súditos em honra e virtude; valorar sua educação e a de seus súditos; buscar a convivência dos sensatos e sábios; fugir à ignorância; velar pelo bem do povo, cuidando que sua autoridade lhe seja agradável; honrar os homens bons e não permitir injustiças; buscar conhecer os hábitos e costumes de seu povo para poder criar leis justas e úteis; na condição de juiz, evitar o favoritismo, respeitar e manter suas decisões; guardar a verdade em suas palavras; fazer-se temer não pelo uso irado da justiça, mas pela moderação e segurança na aplicação dos castigos; saber defender seu reino na guerra, mas buscar insistentemente a paz; escolher bem quem o ajudará a

²⁵⁴ *Ibid.* p. 64.

²⁵⁵ MUNIZ, Márcio Ricardo. *O Leal conselheiro, de Dom Duarte, e a tradição dos Espelhos de príncipe*. São Paulo: Tese de Doutorado em Literatura Portuguesa na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo., 2003. p. 24.

²⁵⁶ [...] escritos que desempenharam um papel preponderante não só na formação de reis e príncipes, mas principalmente na divulgação de um modelo de governante [...] que refletia as ideologias política, social e religiosa do momento de sua escrita. Algumas dessas obras alcançaram grande êxito, a ponto de serem traduzidas para as mais diversas línguas europeias, glosadas, copiadas, referidas, tornadas obras de referência nas universidades e manuais de formação não apenas de reis e príncipes, mas também de senhores de variada estatura social, bem como de religiosos, que se serviam de seu prolixo conteúdo ético-político. In: *Ibid.*

governar; saber discernir o bajulador do bom conselheiro; buscar a dignidade do cargo que exerce etc.²⁵⁷

O tratado citado acima estabelece alguns pontos comuns ao *espelho de príncipe*: seu objetivo “o ideal do governante” e alguns dos *topoi* mais constantes: “as responsabilidades e deveres” do príncipe, a “melhor forma de constituição” de um bom governo, o cuidar dos “conselheiros e familiares”, as normas de uma boa administração”, a preocupação com “a formação e educação do príncipe”.

Igualmente tratando sobre temas de bem governar, Platão estabelece o modelo do bom governo e as virtudes cardeais: prudência, magnanimidade, temperança e justiça. Em *República* apresenta uma cidade fictícia, com suas divisões sociais, distribuição de tarefas, e destaca a participação das mulheres: “a mulher participa de todas as atividades, de acordo com a natureza”²⁵⁸. Platão não via a mulher como um apêndice do homem, como Aristóteles, mas como uma pessoa capaz de efetuar tarefas para o bem social, além da geração de novos cidadãos.

Aristóteles, na *Política*²⁵⁹, aborda o tema de modo mais amplo. Ele teoriza sobre a ciência de governar, define conceitos, analisa-os, delimita os deveres do governante e seu campo de atuação. Diferentemente de Platão, que cria uma cidade imaginária para dissertar sobre o tema, Aristóteles examina os modos de governo que existem.

Na antiguidade romana, destacam-se Cícero, Sêneca e Quintiliano. Cícero escreveu *De officiis*²⁶⁰. Para ele, a oratória tinha papel fundamental na formação do governante. Cícero pregava ainda a formação jurídica e filosófica, para que a pessoa que governasse dominasse o exercício da persuasão.

Sêneca em sua obra *De clementia*²⁶¹ dizia acreditar que a filosofia estoica era capaz de orientar o homem para o bem viver, preparando o ser humano para o controle dos apetites pessoais. Para tanto, valoriza a formação moral e dá menor importância à retórica.

²⁵⁷ MUNIZ, *Op. cit.*, 2003. p. 25-26.

²⁵⁸ PLATÃO. *República*. Tradução Maria Helena da Rocha Pereira. 9. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

²⁵⁹ ARISTÓTELES. *Política*. Trad. por Mário da Gama Kury. Brasília: UnB, 1985.

²⁶⁰ CÍCERO. *Dos deveres (De officiis)*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

²⁶¹ SÊNECA. *Tratado sobre a clemência (De Clementia)*. Trad. Ingeborg Braren. Petrópolis: Vozes, 1990.

Quintiliano escreveu *De Institutione Oratoria*²⁶², obra na qual apresenta aspectos técnicos da educação, voltados para a formação do orador. Busca uma formação ampla e abrangente, valorizando os exercícios físicos e a leitura dos clássicos. Recomenda alternar trabalho e recreação, considerando importante a aprendizagem em grupo e orienta, quanto aos cuidados com as crianças, que devem iniciar-se desde a escolha da ama.

Outro texto que também pode ser integrado a esse grupo é a obra *De Re Militari*²⁶³, de Vegécio. Trata-se de um manual de orientação militar escrito no final do século IV:

Côncios de que uma das obrigações mais prementes do rei é dominar a ‘arte da guerra’, poucos *Espelhos de príncipe* se furtarão de tomar a obra de Vegécio como modelo, recomendando entusiasticamente sua leitura ou mesmo resumindo seus ensinamentos em partes dedicadas exclusivamente ao tema. *De Re Militari* casa-se perfeitamente com o modelo de rei sábio que se deseja construir, pois, além de ensinamentos concretos sobre a prática material da guerra, aduz todo um conjunto de conselhos que diz respeito às estratégias, às táticas de guerra, pressupondo um líder superior não apenas no campo físico, mas também no intelectual²⁶⁴.

Tais autores citados acima serão retomados ao longo do período medieval e renascentista. Foram amplamente glosados e comentados por diversos autores, que buscavam, em cada um deles, o modelo de príncipe idealizado.

Com a Patrística, através de autores como Santo Agostinho e São Martinho de Braga, novos temas serão desenvolvidos. A Bíblia torna-se uma das bases para a construção do rei ideal. O modelo a seguir passa a ser o dos líderes e reis bíblicos (Abraão, Salomão e Davi). Outra novidade: o príncipe torna-se o representante da perfeição celeste na terra. Com isso, o ideal de príncipe começa a ser desenhado e delineado pela Igreja. A construção do modelo de governante não está mais a cargo de leigos, mas sim nas mãos da Igreja, que, deste modo, se estabelece uma relação com o poder político. Como resultado dessa associação, serão acrescentados atributos, além dos já mencionados por Isocrates (ser justo, moderado e sábio), relativos aos deveres

²⁶² QUINTILIANO. *Op. cit.*

²⁶³ VEGÉCIO. *Compêndio da Arte Militar (De Re Militari)*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009.

²⁶⁴ MUNIZ, *Op. cit.*, 2003. p. 26-27.

dos governantes: defender a Igreja e seu corpo constitutivo e guiar-se pelas virtudes da fé e da caridade.

Uma característica dos autores desse período é a cristianização das virtudes abordadas pelos autores anteriores. Os manuais da arte de governar revestem-se de um teor mais cristianizado. Dissemina-se a preponderância do poder divino sobre o temporal, cabendo a este seguir suas orientações e difundir a mensagem cristã. Isso concretizar-se-á na figura do rei como pastor, aquele que deve guiar seu rebanho, através do seu exemplo, pelo caminho da virtude e em busca do Bem.

Santo Agostinho em *De Magistro*²⁶⁵ trata especificamente da educação, em um diálogo com Adeodato e estabelece a Teoria da Iluminação, inspirada na Teoria da Reminiscência de Platão. Segundo o autor, o homem receberia de Deus o conhecimento das verdades eternas, assim como o sol; Deus ilumina a razão humana e torna possível o pensar correto. O saber, portanto, não é transmitido pelo mestre ao aluno, já que o conhecimento não é uma experiência que vem do exterior, mas sim de dentro de cada um. Isso é possível, porque Cristo habita dentro do homem. Dessa forma, toda educação é uma autoeducação possibilitada pela iluminação divina.

Outro autor do século VI dedicado ao tópico Espelho de príncipe foi São Martinho de Braga (518-579), *Formula vitae honestae*, obra que tinha por objetivo instruir o rei Miro. Recomenda ao monarca, e principalmente à sua corte, guiar-se pelas virtudes cardeais: prudência, fortaleza, temperança e justiça, ou seja, características que desde Platão são as qualidades associadas ao exercício do poder.

O ponto comum entre essas obras é a construção de um modelo de governante que siga certos atributos como: submeter-se aos desígnios de Deus, pois Dele provém seu poder; defender a Igreja e seus membros; procurar pautar sua vida pelas virtudes cardeais (justiça, paciência, generosidade e temperança); servir de exemplo a ser seguido por seus súditos; aconselhar-se com homens sábios, honrados e honestos, evitar os bajuladores, assim como a avareza e a luxúria. Esses tópicos são praticamente os mesmos abordados por Christine em *O Livro das Três Virtudes*, nos Livros I e II,

²⁶⁵ AGOSTINHO. *Op. cit.*, 2004.

quando a autora aconselha às princesas e baronesas a governar na ausência do marido²⁶⁶.

O século XII traz algumas transformações sociais e políticas culturais na Europa ocidental, como a concentração das Escolas, que darão origem às Universidades, além do ressurgimento das cidades e do comércio, que interferirá no conteúdo dos tratados político-pedagógicos. O governante precisa agora se ocupar melhor da administração, da burocracia e daqueles à sua volta. Delineia-se assim um novo perfil de governante: o rei que encarna em sua conduta moral o poder supremo.

Nesse momento, os Espelhos de príncipe terão seu primeiro espaço de significativo desenvolvimento. Ainda sob a égide da Patrística (busca de modelos de reis inspirados na Bíblia), refletindo o conflito entre o homem secular e religioso, um grupo de intelectuais ligados à Igreja tentará a árdua tarefa de reformular a educação, incluindo-se nesta a preocupação com a formação do soberano.

Uma obra que traz em seu conteúdo as alterações advindas com o século XII, como por exemplo a relação entre moral e poder, é o *Policratus*, de Jean de Salisbury, de 1159. Nesse texto, o autor descreve as vaidades da corte, o que com certeza ele conhecia muito bem, pois era conselheiro do papa Adriano IV e secretário de dois arcebispos de Canterbury. As inovações dessa obra são pelos menos três, segundo Muniz:

1. Com relação às fontes, Jean de Salisbury faz uso preferencialmente de autores clássicos: Horácio, Diógenes, Catão, Lucano, Sêneca, entre outros, mas também utiliza a Bíblia e os autores da Patrística.
2. Quanto à construção da organização monárquica, inova ao associá-lo à imagem de um corpo orgânico, cuja cabeça é o rei e o corpo, seus súditos, e a cabeça comanda o corpo.
3. No que se refere à concepção do poder político, estabelece a relação de oposição entre o rei justo e o rei tirano. O rei, ainda encarnado na figura divina, detém o poder, porém a transmissão desse poder por herança está condicionada às qualidades do rei e do futuro rei, o príncipe. Se o rei e seu herdeiro, um ou outro, não possuírem as

²⁶⁶ PIZAN, Christine de *O Livro das Três Virtudes a Insinuação das Damas*. Edição Crítica de Maria Lourdes Crispim. Lisboa: Editorial Caminho, 2002. p. 250-2.

qualidades indispensáveis a um governante, a sabedoria e a justiça, a transmissão do poder será comprometida.

O segundo item, a identificação do reino com o corpo físico do rei, trará consequências na esfera política. O soberano passa a ser visto como um mediador entre a lei divina e a lei civil, cabendo-lhe organizar, julgar, ou seja, tomar todas as decisões concernentes à administração com sabedoria e justiça.

No século XIII, a vida intelectual começa a se organizar em volta das Universidades. É a época dos Espelhos e das sumas. Nesse momento, os textos passam a ter maior organização e, conseqüentemente, maior divulgação.

Nesse período, outros autores de Espelhos seguirão o modelo do *Policratus: Eruditio filiorum nobilium*, de Vincent de Beauvais, escrito a pedido da rainha Marguerite, esposa de Louis IX, para a educação de seu filho, futuro Philippe III; *Eruditio regum et principum*, de Gilbert de Tournai, redigida para São Luís (Luís IX); e, principalmente, *De regimine principum* de Egídio Romano, escrita para Felipe, o Belo.

O tratado de Egídio Romano, *De regimine principum*, destaca-se pela confirmação das idéias aristotélicas e tomistas sobre governo. Seguindo os passos de São Tomás, seu mestre, Egídio faz um longo comentário da obra de Aristóteles, por meio da citação de *Política*, *Ética a Nicômaco* e *Retórica*. O autor descreve a figura do soberano com poderes quase absolutos. Outra semelhança com a obra do filósofo grego é a divisão e ordenação dos temas do texto em três livros: formação da conduta individual (ética), administração da família e da casa (economia) e governo da cidade e do reino (política). O texto de Egídio, uma das obras mais relevantes desse período, dirige-se não somente aos príncipes, mas também às pessoas comuns. Ao soberano cabe mediar as relações sociais, para assim assegurar a felicidade comum. Essa mediação não é mais entre o divino e o terreno, mas entre as leis (o direito) e a justiça.

Todavia, o grande exemplo de texto desse gênero é o *Speculum maius*, enciclopédia dividida em três partes, *Speculum naturale*, *Speculum doctrinale* e *Speculum historiale*, redigida por Vincent de Beauvais. As fontes usadas pelos autores foram: *Suma de teologia* de São Tomás de Aquino, *De animalibus* de Aristóteles, *De medicina* de Avicena, *Naturalis Historia* de Plinius, *Origines* de Isidoro de Sevilha, *Didascalicon* de Hugo de São Vítor, dentre outras. Trata-se de uma compilação de

textos tirados de vários autores, tanto antigos quanto medievais, tanto cristãos quanto pagãos.

A primeira parte, o *Speculum naturale*, apresenta uma descrição da natureza segundo a crença da criação em seis dias. A segunda parte, o *Speculum doctrinale*, classifica as ciências em quatro ramos, seguindo a ideia proposta por Hugo de São Vítor. A terceira, o *Speculum historiale*, traz uma cronologia da história do mundo, desde Adão até a época de Vincent de Beauvais. Segundo Serge Lusignan²⁶⁷, uma das razões da grande difusão do *Speculum historiale* na Idade Média, principalmente no meio clerical, é que ele era usado por monges, nos refeitórios e nas enfermarias, como uma coletânea de leituras edificantes.

O século XIV apresenta algumas diferenças tanto com relação ao papel do escritor de ofício, alguém que vive da profissão de escrever, quanto ao conteúdo dos Espelhos. Nesse momento, o escritor passa a ser um ‘servidor’ do rei e do reino, um empregado que terá a tarefa de contar a história de seu tempo. A outra diferença será de cunho temático: os tratados político-pedagógicos voltam-se mais para uma reflexão jurídico-política, ou seja, centram-se mais em questões ligadas à legitimidade do poder. Isso decorre da fragilidade do poder provocada pela Guerra dos Cem Anos e da divisão do poder papal, que se transfere para Avignon. Além do tema da ética do governo e com a edificação espiritual, se acrescenta também a preocupação com o comportamento feminino.

Uma obra significativa desse período, escrita sob o reinado de Carlos V, é *Songe du Vergier* de Évrart de Trémaugon que aborda a relação de poder entre a esfera religiosa e a esfera laica. Em seu conteúdo, trata de diversas questões, dentre as quais se destacam a educação do príncipe, o bom governo, a escolha dos conselheiros, a soberania do rei, os impostos, a guerra, a situação dos judeus, a volta do papa a Roma e a sucessão das mulheres. Como é possível notar, a variedade dos conteúdos era fato digno de nota, mas todos giravam em torno de uma única temática: o ato de governar.

Outra obra que segue a mesma linha da anterior, também produzida na corte de Carlos V, é o texto de Philippe de Mézières, *Songe du vieux pèlerin* (1389). Também constitui um manual de governo. Conta a história de um homem, *Ardent Désir*, que guia

²⁶⁷ LUSIGNAN, Serge. *Préface au Speculum maius de Vincent de Beauvais: réfraction et diffraction*. Montréal/Paris: Bellarmin/Vrin, 1979. p. 81.

a rainha, *Verité*, entre o Ocidente e o Oriente e, em seu caminho, julga os comportamentos e as instituições.

Sobre a temática religiosa podemos acrescentar os manuais de confissão, textos escritos para ajudar os padres na escolha mais adequada de uma punição ou penitência para determinado pecado. Seu conteúdo trazia uma lista de transgressões religiosas e a discriminação das penas para cada ato. O objetivo último desses manuais era controlar o comportamento espiritual e social das pessoas através de uma noção de redenção.

Guillaume de Tournai, autor de *De instructione puerorum*²⁶⁸, obra escrita na segunda metade do século XIII, sugere um programa de educação mais voltado para a religião, segundo o qual os filhos deveriam ser ensinados pelos pais, padrinhos e mestres. Para o autor, o ensinamento deveria primar principalmente pelos exemplos e criar o hábito de frequentar a igreja, aprender o Pai Nosso e o Credo, além dos princípios básicos da fé cristã, dos costumes e da ciência. O destaque da obra de Tournai está para a afirmação de que estes ensinamentos devem ser voltados tanto para os meninos quanto as meninas de qualquer camada social.

Como exemplo dessa preocupação em educar a mulher, podemos citar o *Speculum majus*, de Vincent de Beauvais, o qual destina um capítulo às mulheres (entre os vinte destinados aos homens). Segundo o autor, elas seriam inferiores ao homem, deveriam ser guardadas em casa para assegurar sua castidade e aprender a ler os preceitos morais para evitar os maus pensamentos. Nisso residia o objetivo da educação feminina, qual seja, formar o caráter para, assim, controlar seu bem maior, a virgindade. Vincent, em sua obra, prega o ensino da leitura e da escrita, para que as mulheres tivessem acesso aos livros sobre moral e, dessa forma, controlassem os maus pensamentos e o apetite carnal. Acrescenta que caberia aos pais dar informações elementares à mulher/filha sobre a vida sexual, para que ela pudesse cumprir as exigências do dever conjugal. Quanto à vida de casada, indica que a mulher deveria suportar os defeitos do marido, evitar o ciúme e não usar ornamentos. Pode-se entender que a formação feminina não objetivava a exaltação do espírito intelectual da mulher, e sim sua adequação aos moldes estipulados pelos homens.

O comportamento feminino passa a ser objeto de reflexão de alguns autores, e Espelhos são escritos para elas, entre eles, o *Speculum dominarum* ou *Miroir des dames*,

²⁶⁸ TOURNAI, William. *De instructione puerorum*. Ed. James Arthur Corbet. Indiana: University of Notre Dame, 1955.

de Durand de Champagne, um manual cristão de uso geral escrito para Jeanne, rainha da França e de Navarra. O outro é o *Miroir des dames*, de Watriquet de Couvin, poema escrito a Jeanne d'Evreux, futura esposa de Carlos IV.

Também ocupando-se mais especificamente da religião, todavia sob o ponto de vista feminino, temos o escrito da monja beguina Marguerite Porete, citamos no capítulo anterior, *Espelho das almas simples e aniquiladas*²⁶⁹. Esta obra é importante por ser representativa da mística feminina em francês e abordar a distinção entre a pequena e a grande Igreja, a Igreja instituição e a Igreja formada por um conjunto de pessoas dispostas a abandonar tudo para se unir, pelo amor, diretamente a Deus.

Como a maioria das obras didáticas endereçadas às mulheres, o *Miroir des bonnes femmes*²⁷⁰, de Anne de Gendt, visava como público as mulheres nobres. Muitos exemplos citados no texto são modelos bíblicos, diferentemente da maioria dos textos que lhe eram contemporâneos, os quais usavam exemplos tirados da Antiguidade. Na sua estrutura, a autora começa os capítulos a partir de uma narração bíblica, à qual acrescenta histórias exemplares. A narração segue o formato dos *exempla* e conta uma pequena história para chamar a atenção do público e, depois, uma narrativa edificante.

Muitos dos tópicos apresentados acima serão abordados por Christine em *O Livro das Três Virtudes*. Christine segue a tradição em orientar seus leitores, neste caso às mulheres, a buscar as virtudes (a honra, a educação, a sabedoria, os costumes do povo, a justiça, a verdade, a paz e o discernimento) e evitar os vícios (a indolência, a negligência, a ignorância, a injustiça e o orgulho).

Em uma parte d'O *Livro das Três Virtudes* é lembrado primeiro mandamento que diz “*amarás Deos sobre todas as cousas*” e acrescenta que se esse amor estiver no coração das mulheres, isso as defenderá dos vícios e as “*chegará aas vertudes*”, lhes baixará a soberba e acrescentará a humildade. Aqui as destinatárias — senhoras e donzelas que andam na corte das grandes senhoras — devem fugir da ira, da avareza, da inveja e da preguiça para que o amor de Deus “*fa-la-á solícita e deligente a bem fazer; e far-lhe-á desamar gargantoice e abraçar temperança; e desterrará luxúria e chamará castidade. E, assi, todas vertudes dará a sua alma e encorrerá todos vicios*

²⁶⁹ PORETE, *Op. cit.*

²⁷⁰ DE GENDT, Anne Marie. *L'art d'éduquer les nobles demoiselles*. Paris: Honoré Champion, 2003.

empeccivees”²⁷¹. Esta obra de Christine de Pizan se caracteriza como um espelho para o comportamento de mulheres medievais.

O Livro das Três Virtudes foi escrito como um tratado de educação a partir da observação de Pizan sobre boa parte dos problemas cotidianos das mulheres do início do século XV. Ela representou um lugar onde pudesse reunir as mulheres de moral elevada para que estivessem acessíveis e fossem exemplo para suas contemporâneas e para a posteridade. Christine reuniu conselhos às mulheres buscando estabelecer uma moral feminina, mas ela denota em sua escrita que intenciona tirar os homens de sua ignorância em relação às mulheres e para que os exemplos e conselhos apresentados em sua obra pudessem servir de espelho para outras mulheres.

3.2 O Livro das Três Virtudes: modelos de comportamento

O Livro das Três Virtudes²⁷², diferentemente da *Cidade das Damas*, não tratava somente da teoria sobre a educação feminina e de mulheres exemplares, mas se revela como um guia sobre como as mulheres contemporâneas a Christine deveriam agir e o que deveriam aprender para cumprir seu papel na vida social. Este segundo livro foca na virtude moral cristã, guiada principalmente pela Prudência. Pizan, então, conduz as mulheres para que saibam como viver, sejam elas rainhas, princesas, damas de companhia, esposas de mercadores, camponesas, casadas, solteiras ou viúvas, estabelecendo uma gama social bastante intrincada de mulheres²⁷³: O Livro I é endereçado às princesas, duquesas e grandes senhoras; o Livro II é dedicado às donzelas, senhoras que vivem na corte, baronesas, mulheres que administram suas terras

²⁷¹ PIZAN, Christine de *O Livro das Três Virtudes a Insinuação das Damas*. Edição Crítica de Maria Lourdes Crispim. Lisboa: Editorial Caminho, 2002. p. 207.

²⁷² Existem diversas edições críticas deste livro que foram baseadas nos manuscritos que se encontram hoje nas bibliotecas de Yale e Dresden. A edição mais conhecida é a de Charity Canon Willard, mas há também a de Thérèse Moureau e Erick Hicks. Recentemente foi publicado uma tradução para o espanhol por Raquel Homet Florensa. Todavia para este trabalho, utilizaremos a edição crítica de Maria de Lourdes Crispim do manuscrito traduzido para o português a mando de D. Isabel, que se encontra hoje na biblioteca de Madri. Este manuscrito foi traduzido das mesmas versões depositadas hoje em Yale e Dresden. Cf. PIZAN, Christine. *Le livre des trois vertus*. Introduction et notes Charity Canon Willard, texte établi en collaboration avec Eric Hicks. Paris: Honoré Champion, 1989; PIZAN, Cristina. *Libro de las Tres Virtudes o Tesoro de la Ciudad de las Damas*. Trad. Raquel Homet Florensa. Buenos Aires: Autores de Argentina, 2016; PIZAN, Christine. *O Livro das Três Virtudes - a Insinuação das Damas*. Edição crítica de Maria de Lourdes Crispim. Lisboa: Editorial Caminho, 2002.

²⁷³ PIZAN, *Op. cit.*, 2002. p. 179.

e às religiosas; e o Livro III apresenta mulheres de estado²⁷⁴, burguesas e mulheres do povo - mulheres de mercadores, viúvas, jovens, mulheres de mestres, servas, prostitutas e mulheres de lavradores.

Nesta sequência, Christine aconselha as mulheres para fazerem parte da cidade construída, incentivando e ensinando-as a terem o direito de fazer parte da história juntamente com aquelas damas que já estavam na sua cidade ideal, apresentada em *A Cidade das Damas*²⁷⁵. A construção da cidade tinha definido o papel da mulher, pois aquelas que faziam parte da cidade tinham o direito de estar ali não por riqueza ou nobreza, mas por mostrarem seu poder através da sabedoria, virtude, discernimento e justiça²⁷⁶.

Christine construiu uma base moral divulgando a corte da rainha Isabel da Baviera e apontando um caminho, ao propor ensinar as mulheres com o *Livro das Três Virtudes* a capacidade de se moldar a um ideal de moral feminina. A autora vai delimitando o perfil da mulher ideal, a mulher que é virtuosa através da sabedoria. Cabe ressaltar que o livro foi endereçado a todas as mulheres, desde as princesas até as mulheres pertencentes às classes subalternas, aconselhando de religiosas a prostitutas. Assim, qualquer mulher poderia se habilitar à Cidade das Mulheres, independentemente de sua condição social, bastando estar condizente com a educação que lhe cabia, a partir da condição social em que cada uma delas vivia.

Em *O Livro das Três Virtudes*, Christine de Pizan relacionou as várias imposições às mulheres sujeitas as ordens na família, na propriedade, no comércio ou em outras situações. Segundo a autora, a elas cabia gerir pagamentos, a casa, a cozinha, os filhos, escolher seus tutores, selecionar artistas e poetas para a corte, entre outras atribuições. Deveriam agir sempre com justiça, preservar a segurança e a paz em seus domínios e saber movimentar-se de forma honrada no ambiente de sociabilidade em que imperavam também as regras do amor cortês.

O livro é construído como uma carta que as três Damas, Razão, Retidão e Justiça endereçam às mulheres por intermédio de Christine. A escolha da autora em invocar novamente a alegoria das três senhoras como conselheiras mostra que normalmente esses conselhos são direcionados às grandes senhoras, o grupo central do seu modelo de

²⁷⁴ Termo utilizado em *O Espelho de Cristina*, para se referir a mulheres da nobreza. In: CRISPIN, Maria de Lourdes. Introdução. In: PIZAN, Op. cit., 2002. p. 14.

²⁷⁵ PIZAN, Christine. Op.cit., 2002. p.259.

²⁷⁶ CRISPIN, Maria de Lourdes. Introdução. In: PIZAN, Op. cit., 2002. p.20.

mulher. Não podemos esquecer que Christine não pertencia à nobreza, o que tornaria difícil sua tarefa de educar as princesas, já que não teria a autoridade necessária, restando-lhe, assim, recorrer aos céus²⁷⁷.

Os livros endereçados às mulheres teriam, até o momento em que Christine começa a escrever, uma orientação religiosa, como é o caso do livro citado por Charity Willard, *Livre de la vertu du Saint Sacrement de mariage et du réconfort des Dames mariées*, de Philippe de Mézières²⁷⁸. Tais livros estariam mais preocupados com as virtudes que conduziriam ao céu após a morte do que com as qualidades que facilitassem o dia-a-dia na terra. Maria de Lourdes Crispim, afirma que esta obra:

Pertence ao género didáctico-moralístico e visa especificamente a educação das *mulheres* de todos os estratos sociais [...] Na história literária europeia, trata-se da primeira obra de educação feminina escrita por uma mulher. No panorama português, constitui o único tratado medieval sobre esse tema²⁷⁹.

Esta é a obra na qual Christine se preocupa com a economia doméstica, ou seja, com o governo da família: para ela seria bom que a mulher fosse senhora de sua casa, porque na ausência do marido saberia como agir. Com esse objetivo, volta-se às burguesas, às mulheres que vivem em suas terras, e exorta a importância de conhecerem sobre direito e armas²⁸⁰:

O Livro I, com vinte e sete capítulos, foi dirigido às rainhas, princesas, duquesas e grandes damas da corte²⁸¹. Começou com o ensinamento de amar e temer a Deus, pois o amor a Deus se traduzia em obediência, primeiro a Ele e depois ao marido. A relação entre o homem e a mulher deveria assemelhar-se àquela entre o senhor e o servo: a mulher devia prestar obediência ao marido, o cabeça da família, sujeitando-se conforme os textos bíblicos pregavam. Na primeira parte do livro estão as mulheres que servem de exemplo para todas as outras. As esposas dos reis tinham um importante papel na construção da unidade do reino e a valorização desse papel da mulher é confirmada por Pizan, quando define a rainha como modelo principal e hierarquicamente à frente das outras mulheres.

²⁷⁷ ESCUDERO, Jesús. *Op. cit.* p.25.

²⁷⁸ WILLARD, Introdução. In: PIZAN, Christine. *Op. cit.*, 1989. p. IX.

²⁷⁹ CRISPIN, Maria de Lourdes. Introdução. In: PIZAN, Christine. *Op. cit.*, 2002. p. 15-16.

²⁸⁰ PIZAN, Christine. *Op. cit.*, 2002. p. 150-151.

²⁸¹ PIZAN, Christine. *Op. cit.*, 2002. p. 7.

A primeira mulher mencionada no livro, e que demonstra tanto a erudição da escritora quanto o seu apego ao reino francês e ao catolicismo, é a rainha Clotilde, esposa de Clóvis, vinda da Borgonha no século V, sendo católica e de família real e tendo papel ativo na conversão do rei à fé cristã. Além disso, com o apoio dos bispos, após o batismo do rei dos Francos Sális, a unidade cristã se fez sentir mais forte e foi Clotilde a responsável por tal acontecimento²⁸².

Outras que foram citadas como boas e sábias mulheres foram a rainha Branca e a rainha Joana. A primeira, mãe de Luis IX, o rei santo. Branca de Castela fazia parte da linhagem de Leonor da Aquitânia, rainha da França no século XII pelo seu casamento com Luis VII. A educação que recebeu foi fundamental, para que, em 1231, ela e seu filho reconhecessem “*solenemente a independência da universidade, renovando e ampliando os privilégios que Felipe Augusto lhe havia reconhecido em 1200*”²⁸³. Ademais, sendo duas vezes regente da França, a rainha promoveu a pacificação e a unificação dos territórios franceses no século XIII²⁸⁴.

O Livro I, dedicado às sábias princesas e altas senhoras, auxilia-nos a entender o modelo de princesa proposto pela autora. Este modelo de conduta e comportamento é ensinado pela Prudência:

a qual, primeiramente, lhe ensinará como, sobre todas as cousas da baixeza deste mundo, deve amar honra e booa nomeada e lhe dirá: ‘nom despraz a Deos que as criaturas que vivem moralmente ao mundo amem a booa nomeada que é honra’²⁸⁵.

No dia a dia de uma princesa, segundo Christine de Pizan, existem diversas obrigações. Ela deve levantar-se muito cedo, as suas primeiras palavras devem ser endereçadas a Deus e só depois ela se arrumará; tendo poucas servidoras, fará a maior parte das tarefas no seu quarto²⁸⁶. Depois deve ouvir as suas missas, tantas quanto for sua devoção, e, ao sair da capela com as suas damas, ordenará para que aí estejam alguns pobres a quem ela possa dar esmolas. Também nesse lugar receberá os pedidos e as perguntas que lhe forem feitas, respondendo de forma breve, benigna e graciosa²⁸⁷.

²⁸² PERNOUD, Regine. *Christine de Pisan*. Paris: Calmann-Levy, 1982. p. 85.

²⁸³ LE GOFF, Jacques. *Op. cit.*, p.61.

²⁸⁴ PERNOUD, *Op. cit.*, p. 85.

²⁸⁵ PIZAN, *Op. cit.*, 2002. p. 115.

²⁸⁶ No texto, é citado o exemplo da rainha Joana (Jeanne), mulher do rei Carlos (Charles) de França, que acendia, ela própria, as suas velas para rezar. Cf. *Ibid*, p. 121.

²⁸⁷ *Ibid*, p. 122.

Após isso, deve ir ao conselho, nos dias estipulados para tal. Sobre a sua presença no conselho, a autora explica:

Porque nom é duvida que, se esta Senhora a que é cometida grande governança — como muitos Senhores fazem a suas molheres, as quaaes teem boas e sajes, quando vão a outras partes, que lhe leixam o carregio e a autoridade de governar toda a sua terra e Senhorio, e que seja cabeça de Conselho²⁸⁸.

A presença no conselho também deve obedecer a regras e Christine enumera várias, a saber: a senhora deve estar sentada na sua cadeira de modo a que todos a reconheçam como a Senhora “*e todos lhe hajam temor e reverença, como a Senhora de grande autoridade*”. Aí ouvirá com diligência as propostas apresentadas e a opinião de todos, a favor e contra as mesmas, registrando os pontos essenciais de cada uma; durante a discussão, deve ser avisada quando deve falar e responder. Pizan sugere que a senhora deve ser informada, previamente, dos assuntos a debater, para poder intervir sem que seja tida por “*simpres*” ou “*ignorante*”. Para que isso aconteça, deve escolher com cuidado alguns homens “*bôões e de boa vida e leaaes*”, inteligentes e sem cobiça, de modo a estar sempre informada e preparada para as questões a debater²⁸⁹.

É possível observar que a descrição das grandes senhoras tem características muito próprias e diferenciadas de todos os outros “estados”²⁹⁰. A elas era necessário acima de tudo honra, humildade e sabedoria para servir de exemplo e impor-se como modelo para aquelas hierarquicamente abaixo de seu nível social. Segundo Christine, só assim um rico poderia se salvar, tal como as rainhas citadas acima²⁹¹.

Sobre a honra, no Livro I, utilizando textos bíblicos ou de mestres da igreja, Pizan através do diálogo, levar as suas leitoras a interrogar-se sobre o que está em causa e a escolher o lado certo:

Ora vees tu a diferença dos dous caminhos? Qual filharás? Serás tu tam raivosa que te metas na basa onde te alagues e pereças e leixas a sã e segura carreira que te levará a salvamento? Nom! Nom! Tu nom serás tam mal aconselhada que leixes o bem por mal!²⁹²

²⁸⁸ *Ibid.*

²⁸⁹ *Ibid.*, p. 123.

²⁹⁰ Neste livro, Estado (Estat no original em Francês) refere-se ao estamento social de pertencimento na sociedade. Christine mantém a divisão em três ordens da sociedade. Cf. FLORENSA, Raquel. Introducción. PIZAN, Cristina. *Libro de las Tres Virtudes o Tesoro de la Ciudad de las Damas*. Buenos Aires: Autores de Argentina, 2016. p. 20.

²⁹¹ PIZAN, *Op. cit.*, 2002. p. 90.

²⁹² *Ibid.*, p. 93.

Christine também atribui à dignidade do estado a que as rainhas e princesas pertencem, que estas recebam das gentes

honras e reverença, quando lhas fizerem, nom filhará deleita çom ou, ao menos que ela poder, passará, guardando a honra do seu estado” e, mais adiante, afirma que “esta virtude de homildade, a nobre Senhora será tam paciente (...). E todas adversidades tomará em agrado, por amor de Nosso Senhor Deos²⁹³.

Ou seja, a Honra que lhe é devida deve ser administrada com humildade e muita paciência:

Grande thesouro de Senhoras e princesas é booa nomeada! Nem poderom haver outro semelhante nem que tanto devessem amar, porque o comû tesouro nom serve senom acerca das persoas, e a booa nomeada serve ao lonje e devulga a fama per todo o mundo!.²⁹⁴

A autora dá alguns conselhos, de modo a aumentar e valorizar essa Honra, sempre ao serviço de Deus, começando pelas formas de relacionamento com os seus súditos: “*Seu falar e governança será doce e benino e seu rostro prazivel e seus olhos baixos, dando saudes a todos os que lhas derem, em palavra tam humana e assi doce que praza a Deos e ao mundo*”²⁹⁵. Recomenda também não dar importância aos invejosos e não buscar a vingança: “*perdoar asinha e de bõõ coração os males que nos fazem, do que ligeiramente poderiees tomar vingança. E é boom enxemplo aos pequenos!*”²⁹⁶.

A mulher sujeita aos deleites e vícios mundanos mais do que as outras, cercada por boas roupas e ricas joias, camas com lençóis bonitos, ricos paramentos e de todas outras “*cousas que são necessarias ao prazer do corpo*”²⁹⁷, deveria seguir os costumes nobres e ser prudente

por que toda princesa e grande senhora assy como he levantada em estado e honra sobre as outras que assy o deve ser em bondades e costumes e condições por que ella seja enxemplo per que as otras se ayam derreger segundo a cada uma pertence²⁹⁸.

²⁹³ *Ibid*, p. 103.

²⁹⁴ *Ibid*. p. 116.

²⁹⁵ *Ibid*. p. 103.

²⁹⁶ *Ibid*. p. 104.

²⁹⁷ *Ibid*. p. 105.

²⁹⁸ *Ibid*. p. 107.

Esta obra pedagógica informa, o lugar próprio de cada mulher e a conduta adequada a ela, mostrando o que elas deveriam fazer e o que deveriam evitar. Seguindo o exemplo bíblico da rainha Ester, a mulher nobre casada recebeu instruções para viver bem e em paz com seu marido. As mais novas também receberam seus ensinamentos na primeira parte do livro. Ensinadas e governadas por uma mulher mais velha, as moças eram assim preparadas para um bom casamento. Quando viúva, independentemente de serem moças ou velhas, as mulheres deveriam sempre buscar honra e bom nome. Está presente na primeira parte do livro a diferenciação, dentro da classificação por estado, das mulheres, de acordo com o casamento. Em qualquer dos três estados descritos por ela, a “...*mulher que vive em ordem de casamento...*”²⁹⁹ é valorizada, como as esposas de reis, duques, letrados, conselheiros dos reis, mercadores, artesãos e grupos de mulheres diretamente vinculadas às funções de seus maridos.

O Livro II, com treze capítulos, foi destinado às senhoras e donzelas da corte e trata do amor que estas mulheres devem dedicar às grandes senhoras apresentadas na primeira parte. No último capítulo apresentam-se as sete virtudes a serem seguidas por todas as mulheres e mesmo pelos homens: obediência, humildade, temperança, paciência, diligência, castidade e benevolência.

Neste livro, as três senhoras — Razão, Retidão e Justiça — que incentivam a autora a escrever, relembram que o primeiro mandamento diz “*amarás Deos sobre todas as cousas*” e acrescentam que, se esse amor estiver no seu coração, este as defenderá dos vícios e as “*chegará aas vertudes*”, baixar-lhes-á a soberba e acrescentará a humildade³⁰⁰. Em tal momento, as destinatárias — senhoras e donzelas que andam na corte das grandes senhoras — devem fugir da ira, da avareza, da inveja e da preguiça para que o amor de Deus

fa-la-á solícita e diligente a bem fazer; e far-lhe-á desamar garganteice e abraçar temperança; e desterrará luxúria e chamará castidade. E, assi, todas vertudes dará a sua alma e encorrerá todos vícios empecivees³⁰¹.

O segundo grupo mencionado por Christine refere-se às donas e donzelas que trabalhavam na corte de uma grande senhora, composto pelas baronesas e esposas de fidalgos. A polidez dos gestos, palavras e roupas, tanto quanto a humildade, foram

²⁹⁹*Ibid.* p. 109.

³⁰⁰ PIZAN, *Op. cit.*, 2002. p. 207.

³⁰¹ *Ibid.* p. 207.

virtudes aconselhadas para essas mulheres, as quais deveriam se comportar segundo o “estado” a qual pertencessem, sem ter inveja ou mal dizer das mulheres hierarquicamente acima. Dentre os conselhos dados estava que “*a mulher de corte de qualquer estado que seja: deve aver pouca conversação com os homens*”³⁰², em especial para guardar sua castidade e manter a lealdade à senhora.

Nesta parte, a honra aparece ligada ao amor que devem ter pela sua senhora, à relação com os homens e às formas de evitar a maledicência e a inveja, que prejudicam e dão aos outros grupos sociais uma má imagem da corte. No que tange aos seus senhores, há um diálogo no primeiro capítulo, em que Christine de Pizan pretende ensinar a diferença entre servir e lisonjear: “*o lisonjeiro, per sua fala, mete hûu cravo no olho de seu Senhor*”³⁰³. Assim, devem ter lealdade em relação aos seus senhores, guardar a sua paz, não lhes falar mal de outrem e defender a sua Honra. Quanto à inveja e ao mal-dizer, conclui a autora:

E, porque nas cortes dos Reis e princepes, as honras e estado mundanaes som mais jeeralmente destrebuidos que em outra parte, dizemos (e é verdade!) que ali reina, principalmente, a enveja — porque todos os que, em ela (de corte) andam, desejam d’haver daquelas honras a melhor parte³⁰⁴.

A escritora também aconselha como uma mulher deveria ter um vestuário de acordo com seu local social. As donas e donzelas da corte deveriam vestir-se honestamente, sem soberba³⁰⁵. Os movimentos gestuais, a expressão do corpo e as roupas definiam uma categoria, a partir da qual Pizan acaba demonstrando as distinções visuais e materiais dos membros da sociedade. Christine não só reafirmou a importância de seguir os bons costumes, mas também de manter a ordem social. As mulheres foram também classificadas de acordo com suas funções, na maioria das vezes atreladas aos estados de seus maridos. Mesmo ao se referir às mulheres de mercadores, Pizán aconselhou às mulheres vestidos ordenados e honestos. Os gestos e costumes também deveriam ser honestos e simples, de acordo com seu grupo social:

...cada hũa deve e pode trazer tal abito como perteêçe a seu marido e a ella. Ma se ella he burguesa o traz como dõzela e a dõzela como dona e assi sabido de degrao ã degrao sem duvida esto he fora da ordẽ de

³⁰² *Ibid.* p. 210.

³⁰³ *Ibid.* p. 212.

³⁰⁴ *Ibid.* p. 221.

³⁰⁵ *Ibid.* p. 222.

boa policia. E aqual bem ordenada he: ã qualquer terra que seja todas as cousas devẽ ser lemitadas...³⁰⁶

Christine, ainda antes de dedicar um capítulo inteiro somente às mulheres religiosas, escreveu que os clérigos e os bispos deveriam cuidar, para que a soberba não existisse em suas jurisdições. Para a escritora, no lugar da soberba e da presunção, deveria existir entre os cristãos a caridade e a humildade³⁰⁷.

O Livro III foi endereçado às mulheres dos funcionários reais, às burguesas, às mulheres do povo e às mulheres dos camponeses. Nele são tratados os temas: o que concerne às mulheres de estado e burguesas sobre administração, vestuário e vícios nos capítulos I e II; o vestuário das mulheres de mercadores no capítulo III; as viúvas, sejam elas velhas ou jovens no capítulo IV; as jovens e sua relação com as velhas nos capítulos V a VII; mulheres casadas com mestres, artesãos, o modo de gerir a economia no capítulo VIII; mulheres que trabalham como servas e camareiras no capítulo IX; as prostitutas no capítulo X; mulheres casadas com lavradores no capítulo XII e mulheres e homens pobres no capítulo XIII.

Nesta terceira parte, o amor e temor a Deus também aparecem como os principais mandamentos, sendo apresentados no capítulo III tomando como referência as mulheres dos mercadores, a fim de que a vida espiritual prevaleça sobre a vida mundana e a prática das virtudes leve à conquista do Paraíso³⁰⁸. Neste capítulo específico, as qualidades recomendadas aparecem associadas às boas práticas da atividade mercantil: *“E assi vos podees per esta via salvar, antre vós, ricas molheres, de verdade vos guardando de enganos e de bulras em vossas mercadarias, contra vossos prouxemos”*³⁰⁹.

No capítulo XI, a autora dirige-se diretamente a mulheres honestas e castas, pedindo-lhes *“d’aver piedade das desfalecidas, rogar por elas e lhe dar ocasiom de as recolher e louvar Deos”*³¹⁰ e no capítulo XIII, reafirma o valor do reino de Deus *“que podees acalçar mais nobre possissom e mais de riquezas que cem mil mundos nom poderiom compreender, e por sempre durantes”*³¹¹, podendo assim depreender-se que o

³⁰⁶ *Ibid.*

³⁰⁷ *Ibid.* p. 223.

³⁰⁸ *Ibid.* p. 274.

³⁰⁹ *Ibid.*

³¹⁰ *Ibid.* p. 302.

³¹¹ *Ibid.* p. 308.

caminho da pobreza, sendo “*aspero de soportar*”, será valorizado por Deus no Juízo Final³¹². Neste confronto entre bens materiais e espirituais, a autora fornece exemplos de reis que são santos no Paraíso, como S. Luís de França, que “*nom leixavam o mundo e reinavam e possoiam seus Senhorios ao prazer de Deos, vivendo justamente, nom se deleitando em vãã gloria*”, e também rainhas e princesas, como a mulher do rei Clóvis de França, e Santa Baudor e Santa Isabel, rainha de Hungria³¹³.

É dentro de uma categoria de estados que as mulheres são divididas em virgens, casadas e viúvas. De acordo com o relacionamento entre homens e mulheres, os ensinamentos eram diferenciados. As mulheres casadas deveriam amar seus maridos, cuidar dos filhos e da casa, além de receber bem os convidados. As moças, guardar honra e assim evitar a infâmia e o mal dizer. As viúvas deveriam ter juízo e paciência e ser aconselhadas por letrados. Se fossem jovens, deveriam, de preferência, se casar novamente. Casada, viúva ou virgem, as mulheres deveriam evitar a ociosidade, a soberba e os gastos excessivos. Inveja, cobiça, ira, impaciência e gula foram os vícios combatidos por Christine.

Nesta terceira parte, a honra também aparece e Pizan volta aqui a referir-se à importância da mediação das mulheres junto a seus maridos, como no caso de pacificá-los com boas palavras, quando estiverem irados, recebê-los e a seus convidados sempre com boas maneiras. Além disso, são dados alguns conselhos sobre como tratar as criadas, organizar e limpar a casa, cuidar dos filhos, ter recato nas palavras e no vestuário, não maldizer e praticar a caridade com os mais pobres.

Logo após tem-se um capítulo específico sobre as viúvas e dois capítulos sobre as relações entre as mais novas e as anciãs. Quanto às viúvas, estas devem saber que as pessoas as desmerecem e que são o alvo principal da sua maledicência. São muitas vezes envolvidas em querelas por dívidas ou rendas e, por isso, Christine recomenda-lhes que sejam contidas no vestir, no comer e na posse de outros bens, que sejam doces e benignas, mas que saibam demandar e buscar conselho junto a bons procuradores e que sejam muito pacientes, para obterem o que consideram justo para si e seus filhos³¹⁴.

³¹² *Ibid.*

³¹³ *Ibid.*, p. 100.

³¹⁴ Também aqui a experiência vivida da autora, abordada no capítulo, nas demandas por seus direitos e dos seus filhos, a ajudou a redigir estes conselhos para as mulheres que socialmente estariam mais frágeis. In: *Ibid.* p. 276-279.

Quanto às mancebas, a autora buscará um exemplo na Grécia Clássica no rei Licurgo, para recomendar às jovens livrar-se das “sandices”, usar vestidos honestos e limpos, ser humilde no falar, respeitar as anciãs, que geralmente são mais sábias: *“hûûa, porquanto seu entendimento é mais perfeito e há mais grande consiraçom; e outra, que elas ham mais grande experiencia das cousas passadas, porquanto elas ham mais visto”*³¹⁵. Destarte, as jovens devem aceitar as suas repreensões, pela sabedoria e experiência de vida que aquelas possuem e obedecer-lhes, bem como reconfortá-las na doença. Por sua vez, as anciãs devem ter paciência com as jovens, perdoar-lhes a irreverência, pensando em si próprias: *“Assi que, leixa em paz as mancebas jentes e mais nom mormures contra elas, ca se bem te oolhas assaz há de fazer em ti mesma!”*³¹⁶.

No *Livro das Três Virtudes*, a mulher deveria cozinhar, fiar e coser, ser obediente e casta. As mulheres que mantinham a virgindade por amor a Deus deveriam ter ainda uma vida solitária e devota: orar, jejuar e guardar-se de pecados mais do que as outras, ao falar pouco e usar vestuários simples. As virgens a espera de um casamento deveriam usar vestidos limpos, bem feitos e honestos, manter seus cabelos sempre bem atados. Quando estivessem diante de outras pessoas, os olhos deveriam permanecer baixos e a temperança existir tanto nas danças e nos cantos, quanto na comida, na bebida e nas palavras³¹⁷.

Christine subdividiu essas mulheres também em velhas e moças. As primeiras aparecem como mulheres sérias, sisudas nos feitos e nas roupas, cuja maturidade deveria ser compatível com sua idade. Já as moças deveriam relacionar-se com as mais velhas, obedecendo, reverenciando, temendo e ajudando-as quando necessário.

Apesar de parecer que se dedica a maior parte da obra à nobreza – pois mesmo o segundo livro é dedicado às baronesas – tanto na primeira quanto na segunda parte há vários ensinamentos destinados às mulheres de todos os estratos sociais. Mathilde Laigle afirma que Pizan mantém o discurso que o dever para com Deus é o mesmo, seja para o mais humilde ou o mais nobre na sociedade, e que o que faz pender a escala social em Christine são os ensinamentos de virtude e prudência³¹⁸.

³¹⁵ *Ibid*, p. 283.

³¹⁶ *Ibid*, p. 286.

³¹⁷ *Ibid*. p. 289.

³¹⁸ LAIGLE, *Op. cit.* p 56.

Essa divisão em três estados de grupo social, e não de estado civil (casada, solteira e viúva), abre espaço para o testemunho literário de informações sobre a vida de uma parte da população relegada a segundo plano. São representações do cotidiano dos burgueses, lavradores, obreiros e outros, e isso a partir da ótica de uma mulher, tendo como tema específico o dia-a-dia de outras mulheres.

O Livro das Três Virtudes foi escrito com o objetivo de ser um tratado moral pedagógico e voltado para um público feminino. Através de ensinamentos de bons costumes, virtudes e da honra, a autora mostrou como seria possível a mulher se adaptar e bem viver em um mundo masculino³¹⁹. A corte, ambiente de reis e príncipes, mas também de rainhas e princesas, foi o cenário principal selecionado para a obra de Pizán e para a divulgação do ideal moralizante contido no livro. A autora confiava que rainhas, princesas e grandes senhoras fariam a obra ser mais honrada e por isso seria lida pelas outras mulheres³²⁰.

As senhoras nobres foram descritas e receberam conselhos e orientações. A hierarquização existente no livro é evidenciada desde o primeiro capítulo, quando a escritora explicita quem eram as primeiras mulheres a receber seus ensinamentos. Na categorização de Christine, a rainha aparece sempre em primeira instância. Citada antes das outras mulheres, ela era o exemplo a ser seguido. Algumas vezes aparece a expressão “rainhas e princesas”, de modo a ressaltar o lugar privilegiado destas dentro da categoria de “grandes estados”³²¹. Expressões como “boa senhora”, “boa princesa”, “sábia princesa” foram várias vezes usadas e indicam como a mulher da alta nobreza poderia se tornar um verdadeiro exemplo de bons costumes para toda a sociedade³²².

Na segunda parte, em que se dirige às mulheres da média e pequena nobreza, Pizán dedicou seus ensinamentos à “boa servidora”, mulher que convivia na corte. O mote da segunda parte de sua obra aparece, quando Christine deseja falar a todas as mulheres da corte, de qualquer estado ou à serviço da princesa³²³, sendo a princesa assessorada pelas mulheres que frequentavam e possuíam determinada função cortesã e por isso elas deviam receber também uma boa educação

³¹⁹ PIZAN, *Op. cit.*, 2002. p. 300.

³²⁰ *Ibid.* p. 301.

³²¹ *Ibid.* p.18.

³²² *Ibid.* p. 19.

³²³ *Ibid.* p. 21.

Já na terceira parte, Christine voltou-se para as mulheres das cidades. A crescente riqueza dos homens das cidades em processo de urbanização é analisada, quando Pizan se dirige aos letrados e oficiais do rei, aos comerciantes e aos grandes mercadores.

A segunda categorização feita por Pizan versa sobre o relacionamento das mulheres com os homens, em que classifica as mulheres como casadas, viúvas e virgens. Dentro da divisão por “estado” há também esta outra divisão, baseada na importância do casamento. Nesta lógica de classificação social, a submissão da mulher era necessária para se manter a ordem e a legitimidade da linhagem. Com esse modo de ordenação, Christine endereçou boa parte de sua obra à mulher que vive em casamento³²⁴. Esposa de reis, duques, letrados, conselheiros dos reis, burgueses, mercadores, artesãos são uma parte da hierarquização das mulheres diretamente vinculada às funções dos maridos.

Nesta parte, temos um capítulo endereçado à castidade. As mulheres da primeira parte do livro, as boas princesas, deveriam também ser temperadas e castas, mas para as moças de religião, a virgindade possuía um valor especial³²⁵. A mocidade de rainhas, princesas e duquesas está relacionada com a faixa etária destas. Isso quer dizer que, para as nobres, o casamento parece ser um acontecimento inevitável. Já na segunda parte do livro, a virgindade é algo inerente às religiosas. As mulheres religiosas tem a virtude da castidade como algo imprescindível para a vida de santidade, independentemente da idade.

A categorização por idade aparece em muitos pontos do livro, sendo que a mocidade e a velhice foram tratadas de forma diferenciada por Christine. No Livro III e última parte, dois capítulos especificam como as mulheres mais velhas devem tratar as moças e vice-versa, demonstrando as diferenças de comportamento entre elas, de maneira a evitar os debates e as contendas entre as idades³²⁶. Christine escreveu para educar tanto as mulheres quanto as moças, qualquer que fosse seu “estado” e tipo de relacionamento com os homens.

No Livro I, as princesas jovens forma chamadas de “jovens senhoras” ou “novas princesas”. As senhoras de idade mais avançada “de idade maior que as outras”,

³²⁴*Ibid.* p. 22.

³²⁵*Ibid.* p. 23.

³²⁶*Ibid.*

também faziam parte da classificação apresentada no *Livro das Três Virtudes*. Principalmente quando a escritora falava às viúvas, as mulheres foram divididas em velhas e mancebas, uma vez que o comportamento de uma mulher jovem deveria ser mais controlado que uma de maior idade. Na segunda parte do livro, ao dedicar-se às religiosas, a autora não faz a mesma divisão por faixa etária. Nessa, o estado de virgindade ultrapassa em importância a idade de uma mulher da Igreja. Na terceira parte, ela novamente separa a mulher mais velha da mulher manceba³²⁷. Verifica-se no texto que ser moça era uma condição transitória. A mulher casada, jovem ou velha não fazia mais parte deste grupo. A viúva também não voltava à categoria de moça, mesmo que fosse bem nova. A virgindade era o que definia essas categorias.

Um tema em comum nos três livros que compõem esta obra é a recomendação de cautela no tocante à maneira como as mulheres devem se relacionar com alguns homens, mais especificamente jovens, cultos e bem falantes, os quais encarnavam o ideal cortesão que estava presente em romances e poemas da época. As preocupações de Christine dirigir-se-ão, sobretudo, para a influência negativa que estes “gentis homens” exerciam sobre as princesas, altas senhoras, e damas e donzelas que participavam da corte.

Estes cavalheiros, bem-nascidos e cultos, encarnavam o imaginário dos romances que estas senhoras liam ou de que falavam. Assim, era fácil que se apaixonassem por eles, pondo em risco o seu matrimônio, ou um possível futuro bom casamento, de acordo com o seu estatuto; em ambos os casos, arruinavam a honra. Por isso, Christine, que anteriormente tinha escrito o *Le livre du duc des vrais amans*³²⁸, em que procurava desmistificar a ilusão do amor cortês, e deixa, no fim, a dama desonrada e o jovem infeliz.

A princesa pronta a casar deve ter cuidado na escolha das pessoas que irão compor a sua casa

E serem escolhidos pera seus servidores gintiis homeens, nom muito mancebos nem sobejamente louçãos, mas sesudos e temperados e bôôs. E se som casados, tanto melhor — e em especial os que ham-de servir a sua mesa e que conversam acerca dela e de suas donzelas — e

³²⁷ *Ibid.* p. 23-24.

³²⁸ PIZAN, Christine. *Le livre du duc des vrais amans*, a critical edition by Thelma S. Fenster, Binghamton, New York, 1995, disponível na open library.org – Internet archive.

se honesto for, que tragam ali suas mulheres. E os mestres de casa serem homeens de bom saber.³²⁹

E continua, afirmando que o seu confessor deve possuir boa consciência, ser letrado e de bons costumes. Por fim, recomenda que seja escolhida uma mulher de sua casa que assegure a boa governança da jovem princesa recém-casada, e que esta última seja mais velha, prudente, devota e boa:

E convem que ela tenha esguardo em duas cousas principalmente: a primeira que ela avise sua Senhora que de tal maneira se governe em bons costumes que voz nem palavra se possa levantar contra sua honra; a outra que se tenha sempre em seu amor e em sua graça, as quaes duas cousas se devem obrar per descriçom, porque mais grave cousa é de apagar o fogo depois que é aceso na casa do que proveer com se nom acenda³³⁰.

O conteúdo desse livro é essencial para formarmos o perfil da mulher do final do medievo, seja qual for sua condição social, familiar ou faixa etária, pois a obra oferece um panorama do modo de vida daquelas mulheres, permitindo-nos traçar os principais aspectos do dia-a-dia de uma senhora da nobreza ou da mulher de um artesão ou camponês: suas inquietações na falta do marido, a administração de suas rendas e despesas, a educação dos filhos e o tratamento dado aos conselheiros e àqueles que lhe eram subordinados³³¹.

A autora acreditava que a postura das grandes senhoras devia ser imitada pelas outras mulheres e que seus grandes feitos, uma vez contados, ampliariam a força educativa das ações virtuosas. *O Livro das Virtudes* é um tratado de educação que reflete, a partir da observação de sua autora, boa parte da dinâmica de vida feminina do início do século XV.

3.3 A educação de mulheres e *O Livro das Três Virtudes*

A dicotomia entre vícios e virtudes relacionados a mulher, tratada anteriormente no capítulo 1, reforçava o aspecto negativo da figura feminina. Neste sentido, o conteúdo do *Livro das Três Virtudes* abre-nos outras perspectivas sobre o perfil da mulher no final do medievo, independentemente de sua condição social, familiar ou

³²⁹ PIZAN, *Op. cit.*, 2002. p.168.

³³⁰ *Ibid.* p. 170.

³³¹ LAIGLE, *Op. cit.* p. 329.

faixa etária. Isto porque Christine de Pizan representou o modo de vida de diversas mulheres, permitindo traçar os principais aspectos das experiências cotidianas de uma senhora da nobreza, ou da mulher de um artesão ou de um proprietário de terras: aquilo que ansiavam na falta do marido, a administração de suas rendas e despesas, a educação dos filhos e o tratamento dado aos conselheiros e àqueles que lhes eram subordinados.

Neste sentido, o livro de Christine está inserido também na política educacional da dinastia de Avis, que criava e traduzia um conjunto de escritos que serviam para sugerir regras de comportamento e educação moral da nova aristocracia³³². Seguindo esta política educacional, as obras de Christine são traduzidas pela primeira vez para o português por ordem da rainha D. Isabel entre os anos de 1447 e 1455³³³. No século XVI foram feitas três novas impressões deste livro, a pedido da Rainha D. Leonor de Portugal, com o título de *O Espelho de Cristina*. Aprofundar-nos-emos mais sobre as edições da tradução e as relações entre suporte e circulação desta obra no capítulo 4.

A ascensão desta Dinastia ao poder foi um dos fatores impulsionadores para que ela produzisse um discurso que a legitimasse desde o início. O final do século XIV e o início do XV constituem um agitado período da História portuguesa, marcado pela crise política que culminou na fundação da Casa de Avis por D. João (1385-1433), o Mestre de Avis, filho bastardo do rei D. Pedro I (1357-1367). O monarca Pedro tivera Fernando (1367-1383) da infanta castelhana Constança Manuel (1318-1345). Já D. João, era filho de D. Pedro com Teresa Lourenço, mulher a qual se relacionou após a morte de Inês de Castro (1325-1355).

A nova dinastia assumia o trono de um reino que passara por importantes transformações ao longo do século XIV: alterações na exploração da terra com o aumento dos arrendamentos, crescimento do comércio e do artesanato, maior mobilidade da mão-de-obra, migrações para as cidades, inúmeras crises cerealíferas, constantes desvalorizações do numerário, diminuição da população devido à fome e à peste. As guerras nas regiões fronteiriças, especialmente com Castela, assumiam um significado mais amplo dentro do contexto da Guerra dos Cem Anos e do Grande Cisma, num jogo de troca de alianças, no qual a coroa portuguesa buscava o apoio dos ingleses e seguia o papa instalado em Roma, mas nos momentos de acordo com Castela

³³² FRÓES, Vânia. Teatro Como Missão e Espaço de Encontro Entre Culturas. Estudo comparativo entre teatro português e brasileiro do século XV-XVI. In: *Actas do Congresso Internacional de História – Missão Portuguesa e Encontro entre Culturas*. VIII. Universidade Católica Portuguesa. Comissão Nacional para as comemorações dos descobrimentos portugueses. Braga: Fundação Evangelização e Cultura. 1993. p.189.

³³³ CRISPIN, Maria de Lourdes. Introdução. In: PIZAN, Christine. *Op. cit.*, 2002. p. 30-31.

submetia-se ao acordo com os franceses e ao papa de Avignon. A mudança das forças internas, os anseios dos homens bons das cidades, a insatisfação dos filhos segundos da nobreza, o peso das guerras e das pilhagens geravam conturbações sociais que se agravaram no reinado de D. Fernando, o último rei da Casa de Borgonha.

Somado a todo esse quadro de crise, D. Fernando fez um casamento que provocou descontentamento de parte do reino, escolhendo Leonor Teles – mulher de D. João Lourenço da Cunha, senhor de Pombeiro e vassalo do rei –, ao invés dos vantajosos acordos de casamento com herdeiras dos reinos vizinhos. Não tiveram filhos homens e sua única filha, Beatriz, foi entregue em acordo de casamento ao rei D. João de Castela. Tal situação criava a possibilidade de que o rei de Castela poderia vir a tornar-se também rei de Portugal, fato que D. Fernando procurou evitar mediante certas determinações no acordo de casamento. Uma delas era a de que Leonor Teles seria a regente de Portugal até que Beatriz tivesse herdeiro com idade de quatorze anos.

A morte de D. Fernando, sem deixar herdeiro legítimo, gerou uma profunda crise no reino, que foi regido por Leonor Teles. Houve uma divisão entre os nobres que apoiavam Leonor e Beatriz, e outra parte da nobreza, insatisfeita, aliada aos homens das cidades e grande parte da população, que queriam a ascensão do Mestre de Avis. A disputa assume o caráter de uma guerra contra a vizinha Castela, visando manter a integridade do reino português. Entre os concorrentes à sucessão do trono, D. João I acabou se mostrando como opção viável, ganhando força em decorrência de fatores como a prisão pelo rei castelhano de outro filho de D. Pedro, o infante João, filho do monarca com Inês de Castro. Já Leonor Teles, após fugir para Castela, pedindo auxílio ao genro castelhano, acaba sendo aprisionada por este. Neste período, o rei de Castela marcha para Portugal para reclamar seus direitos sobre o trono, que culminaria no cerco da cidade de Lisboa, no ano seguinte. A cidade resistiu à invasão e em 1385 D. João, foi escolhido o novo rei de Portugal nas Cortes de Coimbra. No mesmo ano, o rei de Castela invadiu mais uma vez Portugal e foi vencido em Aljubarrota³³⁴.

Após a vitória de Aljubarrota, D. João iniciou a reconquista de todas as localidades portuguesas que ainda obedeciam ao rei castelhano, até 1411, quando se firmaram as pazes com Castela. Ainda neste período, os portugueses estreitaram as alianças com a Inglaterra, e o Tratado de Windsor (1386) integrou a guerra de Portugal

³³⁴ OLIVEIRA MARQUES, António Henrique de. *Portugal na Crise dos Séculos XIV e XV*. Lisboa: Presença, 1987. p. 523-530.

contra Castela na Guerra dos Cem Anos. Foi nesta primeira fase do reinado de D. João que o rei se casou com Filipa, filha do duque de Lancaster, de importante linhagem inglesa. O acordo de paz de 1411 fez com que o reino português retomasse suas fronteiras tradicionais (as de 1297) e pudesse voltar-se para o projeto de expansão no norte da África. O primeiro sucesso nessa expansão deu-se com a conquista de Ceuta, no Marrocos, em 1415. Ceuta tornou-se fonte de honra e prestígio para a nobreza e o rei, tendo na luta contra os infiéis a justificativa para o empreendimento. Ainda no reinado de D. João, a expansão chegou à ilha da Madeira (1419-1421), Açores (1427-1432) e à costa da África até o cabo Bojador (1422-1433). Outro traço importante na administração de D. João foi apoiar-se nas cidades através das cortes e promover a ampliação do poder real.

A necessidade de legitimação da dinastia de Avis foi um dos fatores que impulsionou a valorização dos livros como divulgadores dos saberes. Tal análise parece se confirmar, tendo em vista que havia uma notável preocupação em registrar os saberes, atuando os seus próprios membros como escritores, tradutores ou mecenas. Dos livros escritos pelas mãos avisinhas conhecemos quatro tratados: *O Livro da Montaria*³³⁵, escrito pelo rei Dom João; os dois tratados do rei D. Duarte, *O Leal Conselheiro*³³⁶ e o *Livro da ensinança de bem cavalgar toda sella*³³⁷ – e um livro de apontamentos conhecido como o Livro da Cartuxa – *Livro dos Conselhos de El-Rei D. Duarte*³³⁸ e o *Livro da Virtuosa Bemfeitoria*³³⁹, do Infante Dom Pedro.

Além da confecção desses tratados, o século XV é lembrado na história da literatura portuguesa como o período de produção mais regular da produção histórica - as crônicas – e de outros tratados que tinham como matéria privilegiada os mistérios da igreja e da fé, tais como *Boosco Deleitoso*³⁴⁰, *Orto do Esposo*³⁴¹, *A Corte Enperial*³⁴² e

³³⁵ JOÃO I, D. *Livro da Montaria* [1415-1433]. In: *Obras dos Príncipes de Avis*. Edição de Manuel Lopes de Almeida. Porto: Lello & Irmão – Editores, 1981.

³³⁶ DUARTE, D. *Leal Conselheiro* [1437-1438]. Lisboa: Bertrand, 1942.

³³⁷ DUARTE, D. *Livro da ensinança de bem cavalgar toda sella* [1433/1437-1438]. In: *Obras dos Príncipes de Avis*. Edição de Manuel Lopes de Almeida. Porto: Lello & Irmão – Editores, 1981.

³³⁸ *Livro dos Conselhos de El-Rei D. Duarte* (Livro da Cartuxa). Ed. diplomática de João José Alves Dias. Lisboa: Estampa, 1982.

³³⁹ PEDRO, Infante D. *Livro da Virtuosa Bemfeitoria* [1418-1425]. In: *Obras dos Príncipes de Avis*. Edição de Manuel Lopes de Almeida. Porto: Lello & Irmão – Editores, 1981.

³⁴⁰ BOOSCO DELEITOSO. Ed. de Augusto Magne. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1950.

³⁴¹ ORTO DO ESPOSO. Ed. crítica de Bertil Maler. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1956.

³⁴² CORTE ENPERIAL. Ed. interpretativa de Adelino de Almeida Calado. Aveiro: Universidade, 2000.

o *Virgeu de Consolaçon*³⁴³. Destaque também para a Escola de tradutores de Avis, na qual D. Duarte e D. Pedro tiveram participação ativa como autores e promotores da literatura³⁴⁴.

Esse painel da produção de obras do século XV, principalmente os tratados escritos pelos nobres de Avis, prezam por objetivos pedagógicos de divulgação de determinados valores e instrução de seus leitores a partilharem desses valores. Dessa forma, o conteúdo privilegiado nessas obras deveria abordar os preceitos e conhecimentos a serem colocados em prática por aquele grupo social.

Esse interesse pelas letras pode ser atestado através do inventário das bibliotecas reais, em especial a biblioteca do rei D. Duarte³⁴⁵. A partir dos títulos e capítulos dessa biblioteca podemos inferir quais saberes eram valorizados por aqueles homens e como havia quatro grandes grupos de interesses que caracterizavam a organização dos livros dessas bibliotecas: as crônicas e histórias nacionais; os livros religiosos; os tratados políticos e desportivos; e, por fim, a literatura cortês³⁴⁶. Para Ana Isabel Buescu, essa variedade de conteúdos demonstra a confluência entre uma cultura laica e uma cultura clerical³⁴⁷. Tendo em vista que a biblioteca de D. Duarte pode ser considerada um forte indício dos saberes valorizados por aquelas pessoas, podemos pensar que tais matérias foram não só privilegiadas nos textos escritos por encomenda dos membros da dinastia de Avis, como também são representativas do panorama da cultura livresca do período.

Os exemplos acima citados servem para mostrar a preocupação com a educação dos príncipes e de nobres na dinastia de Avis. Todavia, as mulheres também se beneficiaram deste momento propício. As princesas do século XV desta corte foram tão cultas e instruídas quantos os príncipes, tendo vista as obras que foram mandadas traduzir sob seus reinados. Enquanto jovens, receberam uma educação formal e estruturada, que as preparava para os deveres sociais e para os protocolos de viver em corte.

³⁴³ VIRGEU DE CONSOLAÇON. Ed. crit. de Albino de Bem Veiga. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1958.

³⁴⁴ Cf. SANTOS, Maria José Azevedo. A cultura Portuguesa no século XV da Universidade à Corte. *Revista Portuguesa de História*, Coimbra, t. XXXI, v. 1, 1996. p. 268-270.

³⁴⁵ BUESCU, Ana Isabel. Livros e livrarias de rei e de príncipes entre os séculos XV e XVI. Algumas notas. *eHumanita*, v. 8, p. 143-170, 2007. Disponível em: http://www.ehumanista.ucsb.edu/sites/secure.lsit.ucsb.edu.span.d7_eh/files/sitefiles/ehumanista/volume8/8%20Ana%20Isabel%20Buescu%20Article.pdf, acesso em: 09/09/2017.

³⁴⁶ *Ibid.* p. 145.

³⁴⁷ *Ibid.*

Destarte, “*outra grande novidade nestes processos de vivência e aprendizagem, na dinastia de Avis, é que eles seriam comuns a homens e mulheres*”³⁴⁸, o que demonstra que as princesas desta corte foram bastante instruídas. Algumas mostraram grande afeto pela valorização intelectual. Disso é exemplo Catarina, a filha mais nova de D. Duarte, que, educada por D. Jorge da Costa, é responsável pela tradução da *Regra de Perfeição dos Monges*, de Lourenço Justiniano³⁴⁹, ou D. Filipa, filha de D. Pedro, conhecida como D. Filipa de Odivelas, que fez traduções de obras para o português, além de produzir escritos políticos, tais como o *Conselho e Voto da Senhora Dona Felipa filha do Infante Dom Pedro, sobre as terçarias & guerras com Castela*, ou a *Practica feita ao Senado de Lisboa em tempo que receava algum tumulto*³⁵⁰ e um texto com temática moralista e religiosa, inserido nas *Estações e Meditações da Paixão, muy devotas para os que visitam as igrejas quinta feira de Endoenças*, obra que viria a ser publicada no século seguinte por D. Catarina, então regente de Portugal por morte de seu marido, D. João III.

O rei D. Duarte, na sua obra “*Leal Conselheiro*”³⁵¹, datada de 1438, portanto anterior à tradução de Christine de Pizan, é igualmente um livro didático-moralista, no qual o monarca apresenta uma série de conselhos sobre vários temas, dedica nove capítulos “às maneiras de Amar”³⁵². Embora não seja um manual destinado às mulheres, a obra possui um capítulo sobre a vida em família, “*Da maneyra que se deve ter para as boas mulheres recearem melhor os seus maridos*”, “*Do perigo da conversação das mulheres espirituais, tirado de um tratado de São Tomás de Aquino*” e “*da maneyra como devem Amar os casados*”.

Partindo da sua percepção da relação dos pais, D. João e D. Filipa de Lencastre, e da sua própria vivência como marido de Leonor de Aragão, e tendo escrito a obra a pedido desta, D. Duarte explica então como começa o sentimento amoroso:

é um geral prazimento por divido (parentesco), benfeitoria, bondade, saber, fama ou algum merecimento. E aquesto da parte do entender ou por sentimento do coração, da vista, fala, boa graça no que faz, ou por concordância da compleição, qualidade ou nascenças. Dali cresce até ser por cada uma destas partes mui especial, com o qual vem amor. E

³⁴⁸ MENDONÇA, Manuela. O Espelho de Cristina (sec. XV). *História Revista*. v. 18, n. 1, 2013. p.56.

³⁴⁹ Cf. MENDONÇA, Manuela. *D. Jorge da Costa, Cardeal de Alpedrinha*. Lisboa: Colibri, 1991.

³⁵⁰ VICENTE, Maria da Graça. *D. Filipa, A Senhora de Odivelas*. Lisboa: Academia Portuguesa de História; Vila do Conde: Quidnovi, 2011. p.15.

³⁵¹ DUARTE, D. *Op.cit*, 1942.

³⁵² *Ibid*, cap. RI, RV, RVI, RVII, RVIII, RIX, LXVII, LXIX, LRVIII.

dele nasce desejo de fazer todo bem que puder a quem assim ama, por folgar em o fazendo e ser dele assim amado como ele sente, quer amar e obrar afeição com tal pessoa maior e melhor que se puder haver³⁵³.

D. Duarte também aconselha seus leitores sobre como tratar as mulheres no capítulo RVI, *Da maneyra que se deve ter para as boas mulheres recearem melhor seus maridos*:

Para os maridos melhor serem temidos, para as semelhantes boas mulheres mais proveitosa regra que trabalhar por ser delas bem amados, governando-se tudo virtuosamente, porque tal amor traz mais real e perfeito temor de anotar a quem duvida somente de perder alguma parte de boa vontade e doce conversação que entre eles é, que a outras feridas nem ameaças podem fazer. E aquestas regras me parecem para isto razoadas³⁵⁴.

Sabemos que, no tempo de D. João I e de D. Duarte, muito se apreciava o “*Tratado sobre a educação dos príncipes*”, de Egídio Romano, e mesmo o Infante D. Pedro n’ “*O Livro da Virtuosa Bemfeitoria*” a ele se refere:

o livro da ensynança dos príncipes, que compôs mestre Frey Thomas de Aquyno, e o livro do Regimento dos Principes, que composto per Frey Gil de Roma. E o livro do Comuum fallamento das cousas que a todollos stados perttçem, que foy ordenado per joham de Galez e savera cousas mais specalmente perteeçentes a este³⁵⁵.

Podemos entender que ler, escrever, saber latim e rezar faziam parte da boa educação dos príncipes da dinastia de Avis, sendo tais habilidades reforçadas com cuidados especiais, como o fez D. Afonso V em relação a D. João II, o qual, perdendo a mãe aos sete meses de idade, fora educado pela tia materna, acompanhado “de moços bem ensinados pera se criarem com ele, e o servirem” sendo neste grupo que o príncipe terá seus ensinamentos, tanto eruditos como de lazer³⁵⁶.

Rui de Pina, em a “*Crónica de el-rei D. Afonso V*”, logo depois de referir-se à morte inesperada do rei D. Duarte e à leitura do seu testamento em que entregava a regência do reino a D. Leonor, assinala o que fora transmitido, a esse propósito, à rainha:

³⁵³ *Ibid*, p. 216-217.

³⁵⁴ *Ibid*, p. 227.

³⁵⁵ *O Livro da Virtuosa Bemfeitoria do Infante Dom Pedro*, 3.^a ed., Porto: Biblioteca Pública Municipal, 1946, Livro II, cap. XXVI, p. 150. Uma referência à obra de Egídio Romano é feita no Livro I, cap.º XVII. p. 57.

³⁵⁶ *Ibid*, p. 58.

Senhora, o peso d'este cargo de reger, que assi tomaes, é muito grande e tal que muitos barões abastados de fortaleza de coração e de prudência o recearam. E por serdes mulher e ainda estrangeira, como quer que para isso haja em vós sã consciência e conhecidas virtudes com mui santo desejo, em caso que não houvésseis n'elle alguma contradição, certo duvidamos que o possais sofrer; porque Vossa Senhoria há-de consirar que são n'este reino três Infantes, grandes Principes, e de muita autoridade e naturais da terra, que hão d'estimar por quebra e abatimento de seus estados serem regidos por mulher, especialmente não natural, nem herdeira, como vos sois, e que o por suas bondades e asseego de todos quisessem consentir, não faleceriam outros amigos de novidade, que lho fariam sentir e obrar por outra maneira: do que se não podem escusar ódios, escândalos e outros muitos males³⁵⁷.

Neste sentido a rainha também teria demandas de comportamento e no agir, o que pode ser atestado pela tradução do *Livro das Três Virtudes* para a corte de Avis a mando da rainha D. Isabel, esposa de Afonso V, possivelmente por volta de 1450. Para ilustrar nossa análise de como o texto de Christine de Pizan – principalmente o livro I – é demonstrativo da vida cortesã, elencaremos os modelos de conduta de nobres que Pizan desenvolve em sua obra.

Este modelo de conduta e comportamento é ensinado por Prudência: “*a qual, primeiramente, lhe ensinará como, sobre todas as cousas da baixeza deste mundo, deve amar honra e booa nomeada e lhe dirá: ‘nom despraz a Deos que as criaturas que vivem moralmente ao mundo amem a booa nomeada que é honra’*”³⁵⁸.

A princesa deve levantar-se muito cedo, as suas primeiras palavras devem ser endereçadas a Deus e só depois ela de se preparar para o dia; tendo poucas servidoras, a própria fará a maior parte das tarefas no seu quarto. Depois deve ouvir as suas missas, tantas quanto for sua devoção, e, ao sair da capela com as suas damas, dará ordem para que estejam alguns pobres a quem “*ela mesma, por homildade e devaçom, em memoria e sinal que ela nom deve desprezar a pobreza, e lhe dará esmola de sua mão*”³⁵⁹. Também ali ela receberá os pedidos e as perguntas que lhe forem feitas, respondendo de forma breve, benigna e graciosa. Depois, deverá ir ao conselho, nos dias estipulados para tal. Sobre a sua presença no conselho, a autora explica:

³⁵⁷ PINA, Rui. *Chronica de El-rei D. Affonso V*, vol. I. Lisboa: s.n., 1904. p. 30. Disponível em: <http://purl.pt/413>, acesso em 05/05/2017.

³⁵⁸ No texto, cita-se o exemplo da rainha Joana, mulher do rei Carlos de França, que acendia, ela própria, as suas candeias para rezar. Cf. PIZAN, *Op. cit.*, 2002. p. 121.

³⁵⁹ *Ibid*, p. 122.

Porque nom é duvida que, se esta Senhora a que é cometida grande governança — como muitos Senhores fazem a suas molheres, as quaaes teem boas e sajes, quando vão a outras partes, que lhe leixam o carregio e a autoridade de governar toda a sua terra e Senhorio, e que seja cabeça de Conselho³⁶⁰.

A senhora deve presidir ao conselho que rege a sua casa, assim como se deve proceder em Portugal com a Casa da Rainha, ou mesmo ao conselho régio, ou ao senhorio, se o rei, ou senhor, estiver ausente³⁶¹. A presença no conselho também deve obedecer a regras e Christine enumera várias delas sobre a participação das nobres na política: A Senhora deve estar sentada na sua cadeira, de modo que todos a reconheçam como a Senhora “e todos lhe hajam temor e reverença, como a Senhora de grande autoridade”³⁶². Nesta reunião ouvirá as propostas e a opinião de todos, a favor e contra, registrando os pontos essenciais de cada uma; durante a discussão, deverá ser avisada quando deve falar e responder. Christine de Pizan denota que a senhora deve ser informada, previamente, dos assuntos a debater, para poder intervir sem que seja entendida como simples e ignorante. Para que isso aconteça deve escolher com cuidado alguns homens “*bôos e de boa vida e leaes*”, inteligentes e sem cobiça, de modo a estar sempre informada e preparada para as questões a debater³⁶³.

Para a hora da alimentação também há regras especiais. Especialmente nos dias de festa, deverá comer na sala com as suas donas e donzelas e “as pessoas que lhe pertecer”, por ordem, de acordo com o seu estado, e assim será servida a refeição. Haverá “hûu bôo homem”, que contará “boas estórias antigas e enxemplos dos passados”³⁶⁴. Levantadas as mesas e dadas graças, se estiverem presentes príncipes, senhores, donas, donzelas ou outros estrangeiros, deverá recebê-los particularmente, por ordem do seu estado: “e falará com eles doce e alegremente, d’hûua maneira aos velhos e doutra aos mancebos”³⁶⁵. Depois, retirar-se-á para a sua câmara e repousará.

Em dias livres, fará com as filhas, damas e donzelas da sua casa alguma obra (tecer, bordar), ordenando que cada uma diga sua “*estoria honesta e de prazer. E ela*

³⁶⁰ *Ibid.*

³⁶¹ *Ibid*, p. 121-122.

³⁶² *Ibid*, p. 123. Nesta recomendação, é bem visível que haveria ou deveria haver uma encenação própria do poder e das atribuições de cada um, que devem ser apreendidas por todos os presentes e sobretudo por quem manda, neste caso a senhora.

³⁶³ *Ibid*

³⁶⁴ *Ibid*, p. 123-124.

³⁶⁵ *Ibid*, p. 124.

meesma rirá com elas e tomará seu desenfadamento, assi que todas a amarom por sua benenidade de todo seu coração”³⁶⁶.

As obrigações das senhoras também se relacionavam à família. No trato com o marido, sabemos que a grande maioria dos casamentos, sobretudo na nobreza, obedecia a estratégias familiares de poder, que pouco levavam em consideração os sentimentos do casal e ainda menos os das mulheres. A maior parte delas saía da casa dos pais e, pelo casamento, viveriam em outro senhorio ou até outro reino, como no caso das princesas e grandes damas às quais a obra se dirige e que passariam a lidar com outra família, a do marido. Tendo em vista que muitas se casavam bem jovens, a adaptação não era nada fácil e o ambiente da corte não era tolerante, sendo necessário criar alguns aliados e garantir a descendência para solidificar o seu poder junto do marido e da Corte. Para isso, era preciso fomentar o bem-estar e a paz do marido. É neste sentido que se inserem os conselhos de Christine às mulheres casadas: *“é-lhe necessário que ame seu marido e viva em paz com ele. E doutra guisa, ela achou os tormentos do inferno, onde nom há senom todo desamor e tempestade*”³⁶⁷.

Christine dá às Senhoras conselhos práticos sobre como tratar o marido, velho ou jovem, ao afirmar que: *“Ela [a esposa] lhe será homildosa em todo o feito e palavra”*; *“com reverença, lhe obedecerá sem murmuraçom”*; *“guardará sua paz, a todo seu poder”* e, ainda, *“lhe mostrará amor”*. À senhora cabe também o cuidado com a alma do marido, recorrendo ao seu confessor para lhe pedir conselhos e admoestá-lo quanto a comportamentos que lhe desagradem, se estão cheios *“de feo pecado”*; quanto ao seu corpo, deve cuidar da sua saúde, providenciando tudo o que os médicos recomendarem:

E porque é ordem do real estado que as Senhoras nom estem sempre acerca dos maridos (...) o veerá o mais amiúde que poder. E do veer será muito leda. E, enquanto estiver com ele, sempre falará em cousas que lhe aprazam, tendo contenença mui leda³⁶⁸.

Ainda sobre o relacionamento com o marido, é aconselhado à princesa que receba bem os parentes do esposo e, se houver uma disputa entre eles, que trabalhe para reconciliá-los: *“Este sinal, com os outros, dá certidom do amor e lealdade que ela*

³⁶⁶ *Ibid*, p. 124.

³⁶⁷ *Ibid*, 126.

³⁶⁸ *Ibid*, p. 220-221.

haverá a seu Senhor”³⁶⁹. Sobre o mesmo assunto, no capítulo XXII, *Aqui devise a booa e nobre governança da sajes princesa que fica viuva*, Christine, além de dar conselhos sobre o luto e o respeito que deve ser dedicado à memória do marido, afirma:

Mas se acontecer que ela fique viúva com seu primojenito melhor d’idade, e que naça contenda entre os barões de sua terra sobre a governança dele, ali convém que ela empregue sua prudência por os meter em paz, porque nehũa guerra de inimigos estranhos pode seer tam perigosa como esta. E por esto a sajes Senhora será booa medeaneira entre eles, per sua prudente governança, pensando os males que podem viir de seus debates, vendo seu filho ainda tam novo. E pera esto fazer buscará as mais convinhavees maneiras que ela poder, tratando-os per doçura, com bõ e leal conselho³⁷⁰.

Pizan também elenca a boa relação com os filhos e começa por dizer que é inerente à natureza das mães saber tratar e cuidar dos seus filhos e “*assi a sajes princesa haverá cuidado de ordenar a quem d’eles haja a governança e como eles farom seu dever*”³⁷¹. Ela própria deverá visitá-los e colocá-los para deitar. Deverá ensiná-los na fé, primeiramente a servir Deus e depois ensinar os outros saberes. Deverá ser cuidadosa na escolha do mestre e dos outros que estarão ao seu serviço, de modo a que as crianças aprendam a ler e que, ao se tornarem mais velhos, “*sejam amoestados nas cousas do mundo e da governança que lhes perteece e do que é necessário aos principes de saber e todo amoestamento de virtudes e o caminho de fugir dos vicios*”³⁷².

Christine também enumera aspectos mais específicos para a educação das moças: então, a mulher que ficar responsável pela educação de as suas filhas deve ter bom nome, ser devota e amar a honra, ser prudente e sábia quanto às coisas do mundo e, assim, saberá ensinar isso à filha do grande príncipe, para que “*nom ande molher de maa nome nem mal condiçoada nem leve de fea maneira, afim que a moça nom tome d’ela algũu enxemplo*”³⁷³. Ou seja, o cuidado na escolha dos mestres deve ser redobrado quando se trata das moças, que deverão aprender a ler, consultar o livro de horas e outros de devoção ou que falem de bons costumes³⁷⁴. Conclui, afirmando que a mãe “*sesuda*” deverá dedicar particular cuidado à educação e doutrina das suas filhas e que,

³⁶⁹ *Ibid*, p. 131.

³⁷⁰ *Ibid*.

³⁷¹ *Ibid*, p. 134.

³⁷² *Ibid*, p. 135.

³⁷³ *Ibid*, p. 136.

³⁷⁴ OLIVEIRA, Ana Rodrigues. “A criança”, in *História da Vida Privada*, dir. por José Mattoso, vol. 1 – *A Idade Média*, coord. por Bernardo de Vasconcelos e Sousa, Lisboa, Círculo dos Leitores, 2010, p. 277.

à medida que estas crescem, mais deverá tê-las próximas de si e dar-lhes exemplo com “a sua sesuda e honesta maneira”³⁷⁵.

A princesa deverá também, com o auxílio da prudência, saber gerir o seu patrimônio. A sábia princesa e grande senhora deverá dividir o seu rendimento em cinco partes: a primeira será destinada aos pobres, a segunda para as despesas de sua casa, a terceira para pagar aos oficiais e mulheres de sua casa, a quarta será dada para outras pessoas fora da sua casa que o mereçam, enquanto a quinta será reservada para guardar e o que sobejar será então gasto para si em roupas, joias e o que entender para seu prazer. Christine conclui:

E assi, per este regrado caminho, poderá haver ordem em todas suas cousas sem confusom. Nem lhe falecerá dinheiro pera cada hũa destas despesas, per que lhe convenha buscá-lo per outra parte, per maneiras nom lícitas, e com sua perda³⁷⁶.

A senhora também deverá governar seus súditos. Christine afirma que a Senhora deverá participar, opinar e ser informada do que se passa no seu conselho, devendo rodear-se de pessoas da sua casa e de sua confiança, ressaltando ainda que “mandará que venham a ela alguuas vezes e recebe-los-á honradamente. E falará com eles, em grande siso, palavras d’autoridade, o mais que ela poder, e os teerá em amor”³⁷⁷.

Verifica-se que a autora recomenda às mulheres (princesas e altas senhoras) que governem os bens que lhes são dados por casamento (cidades, vilas, impostos sobre determinados bens) tomando assento nos conselhos, administrando suas terras gerindo as suas rendas, gerindo os funcionários de sua casa e governando com sabedoria todos os grupos sociais que estavam em sua dependência.

Sabendo que nem sempre os homens davam às suas mulheres esta prerrogativa na gestão dos assuntos familiares e muito menos na administração dos seus bens e dos súditos, Christine de Pizan dirige-se a eles — uma única vez na obra — para os repreender:

Porque sandeu é o homem, de qualquer estado que seja, quando é certo que tem booa e sajes molher, se lhe nom dá autoridade de governar, ainda que sejam de tam maaos entender, que nom conheçam onde o siso e bondade som assentados, e se fundem sobre openiom

³⁷⁵ PISAN. *Op. cit.*, 2002. p. 136.

³⁷⁶ *Ibid.* p. 152-153.

³⁷⁷ *Ibid.* p. 153.

que em siso de molher nom pode haver grande governança, do que muito ameude vemos o contraíro³⁷⁸.

No que diz respeito às viúvas, grande preocupação de Christine, depois de alguns conselhos sobre a maneira de estar de luto e manter a memória do marido, a que já fizemos alusão na abordagem concernente à família, a autora afirma que a senhora viúva necessitará ter cuidado e preocupação com as suas coisas, considerando três situações: a princesa que fica viúva sem filhos, a princesa que fica viúva com filhos, que não são de seu marido e a princesa viúva com o primogênito menor. Em todos os casos e acabado o período de luto, a princesa deverá convocar o seu conselho para reforçar os laços de lealdade que existiam durante a vida do seu Senhor e que deverão continuar.

No caso da princesa sem filhos, deverá exigir perante o conselho a gestão do patrimônio que fora o seu dote de casamento; no caso de ter filhos, deverá escolher pessoas de bom conselho e consciência que façam as partilhas das terras e outros benefícios pelos herdeiros de forma justa, de modo a não criar desavenças entre eles e servindo ao mais velho como faziam ao seu senhor (o pai)³⁷⁹. No último caso, como o governo do reino estaria em jogo, durante o período até à maioridade do príncipe herdeiro, recomenda-se à rainha viúva uma prudência redobrada na mediação entre os interesses dos vários senhores do reino, mas também porque a mesma terá de garantir a lealdade dos que estão sob a sua dependência e destes sob o seu povo:

E ser-lhe-á necessário teer em amor seus barões, pera os teer leaaes e de bom conselho a seu filho, e de melhor coração pelegem por ele, se mester for, e mantenham a guerra. E per essa mesma guisa ao povoo, afim de que de melhor vontade o ajude com o seu, se lhe mester for, pera sua guerra³⁸⁰.

Christine alerta que, existindo conflitos de poder pela coroa, “*o povoo oprimido e asperamente trautado*” pode revoltar-se. Para que isso não aconteça, a princesa

falará com eles pera os confirmar em sua lealdade, e que outrem os nom possa mover ao contraíro, dizendo-lhes per doces palavras, rogando-os que se nom anojem se em algûa maneira som agravados dos carregos da guerra ou doutros trabalhos, que esto nom durará longamente e que ela será bem nembrada — e assi o encomendará a seu filho que sempre seja nem brado — da muita lealdade que eles

³⁷⁸ *Ibid*, p. 158.

³⁷⁹ *Ibid*, p. 160-161.

³⁸⁰ *Ibid*, p. 162-163.

acha. E taaes palavras lhe dirá que poderom muito aproveitar em tal caso e os guardará de rebeliom³⁸¹.

Esta preocupação para evitar a rebelião dos grupos governados volta a estar presente nas recomendações que Christine faz às novas princesas viúvas, para que escolham muito bem aqueles oficiais que frequentam e trabalham em sua casa e *“desejará de os teer em paz e guardar e defender de todos males, a seu poder, e em todo os teerá em seu amor. E quererá ser vesitada deles e de suas molheres, amiúde, e far-lhes-á boom gasalhado”*³⁸².

A princesa recém-viúva, além de administrar os seus bens e rendas, proteger e assegurar o sustento aos seus súbditos, mantendo e até alargando a sua lealdade, deverá também visitar e consolar os doentes, ser contida no vestir, no falar e, finalmente, não falar nem escutar ninguém que fale em casamento sem o saberem aqueles que a devem aconselhar³⁸³.

A autora acreditava que a postura das grandes senhoras deveria ser imitada pelas outras mulheres e que seus grandes feitos, uma vez contados, ampliariam a força educativa das ações virtuosas. Não devemos nos esquecer, contudo, que o tema não era original. A preocupação em escrever sobre o comportamento feminino e normatizá-lo é antiga e vem de uma tradição de escrita, e Christine de Pizan o faz a partir da observação da corte em que vivia.

Os livros espelhos eram conhecidos em muitas cortes europeias, estabelecendo modelos sociais e religiosos. Com este tipo de literatura moralizadora, príncipes e reis deveriam constituir-se como espelhos de virtudes e suas atuações deveriam ser reflexo da sua imagem interior, apresentando a todos um modelo a seguir. No século XV, destacaram-se, sobretudo, os manuais para uma educação e formação feminina³⁸⁴.

É neste contexto especialmente significativa a tradução e circulação, nos meios cortesãos portugueses de finais de quatrocentos e início de quinhentos, do *Livro das Três Virtudes*, cujo objetivo principal era instruir as princesas e grandes senhoras para que fossem bem-sucedidas em suas vidas domésticas e conjugais, assim como também as mulheres de todos os grupos sociais.

³⁸¹ *Ibid*, p. 163.

³⁸² *Ibid*, p. 165.

³⁸³ *Ibid*, p. 166-167.

³⁸⁴ MENDONÇA, Manuela, *D. João II: Um percurso humano e político nas origens da modernidade em Portugal*. Lisboa: Estampa, 1995.

Capítulo 4 - O *Espelho de Cristina* e a educação feminina no contexto da dinastia de Avis

Neste capítulo objetivamos relacionar o projeto da dinastia de Avis ao papel exercido pela Rainha D. Leonor como financiadora da cultura como parte desse projeto. Busca-se apresentar como a educação feminina estava inserida na corte avisina, tendo em vista verificar as possíveis leitoras da tradução impressa de Christine de Pizan e, por último, analisar o vínculo entre o letramento feminino naquela sociedade de corte e a tradução da edição impressa d'*O Espelho de Cristina* quando comparado ao manuscrito português do século XV.

4.1 A corte avisina e o humanismo português em finais da Idade Média

A ascensão da dinastia de Avis trouxe a necessidade de validar sua presença. Para a consolidação desta casa real, sobre a qual pairava certa aura de ilegitimidade³⁸⁵, foram utilizados diversos recursos como a produção de escritos que a validassem. Vânia Leite Fróes define tal política de legitimação de Avis como *Discurso do Paço*³⁸⁶, um movimento constituído por festas públicas, teatro, crônicas e uma prosa didático-moral dos monarcas avisinos.

De acordo com Maria Helena Cruz Coelho, a construção da memória joanina foi, na verdade, um simbólico capital para a realeza, de que o herdeiro D. Duarte muito cuidou³⁸⁷. Na medida em que o novo reino se afirmava sobre uma construção acerca do passado, uma imagem legítima era elaborada para Avis, bem como uma ilegítima para seus adversários.

O discurso desenvolvido pela nova dinastia objetivava promover o rei – e a rainha, por extensão – soberanos de fato no reino português. Os monarcas, como verdadeiros soberanos, seriam capazes de unir todos os segmentos sociais, justamente por sobrepor-se a eles, formando uma unidade reconhecível por todos. Tal discurso implicava, portanto, na apresentação do rei e da rainha como aqueles que reuniam as qualidades necessárias para a promoção dessa unidade, qualidades baseadas em virtudes que a um só tempo permitiam a proteção aos humildes, o controle dos mercadores, o

³⁸⁵ SARAIVA, António José. *O Crepúsculo da Idade Média em Portugal*. Lisboa: Gradiva, 1988. p. 166.

³⁸⁶ FRÓES, Vânia Leite apud COSER, Miriam Cabral. A dinastia de Avis e a construção da memória do reino português: uma análise das crônicas oficiais. *Cadernos de Ciências Humanas - Especiaría*. v. 10, n.18, jul. - dez. 2007. p. 703-727.

³⁸⁷ COELHO, Maria Helena da Cruz. “Memória e propaganda legitimadora do fundador da monarquia de Avis.” In: NOGUEIRA, Carlos Roberto. *O Portugal Medieval: Monarquia e Sociedade*. São Paulo: Alameda, 2010. p. 76.

afastamento dos inimigos e uma "ação civilizadora"³⁸⁸, que colocaria os senhores sob o domínio da realeza.

Na transição do século XV para o XVI, a corte portuguesa abria-se cada vez mais para a cultura humanista, o que já acontecia em outros locais, cultura inserida dentro de um plano da educação e da moral. Para se compreender o que estava acontecendo no período, é preciso, antes, esclarecer as mudanças ocorridas na vida cultural portuguesa. É muito significativo dizer que duas ordens de fatores atuaram como catalisadores das transformações. De um lado, o classicismo, fenômeno basicamente centrado na importação de livros e de educadores para a formação literária; de outro, os descobrimentos marítimos, sem precedentes fora da Península Ibérica, que se projetam no domínio mais vasto da relação homem-natureza.

Ambos, todavia, confluem no sentido de um humanismo: um humanismo global, se se considerar que apontam convergentemente para valores que têm no homem a sua centralidade vários humanismos, com tônicas diferentes, se se enfocar os diversos ângulos de incidência desses valores³⁸⁹.

Pode-se ver o humanismo, ao menos em linhas gerais, como um movimento que “estimulou o regresso à natureza e à descoberta de uma nova relação entre o homem e essa mesma natureza”³⁹⁰. Foram, então, reutilizados os valores da Antiguidade sob os seus múltiplos aspectos: literatura, arte, história, ciência, filosofia. A gramática foi elevada à chave para a reforma cultural e moral do homem. As letras tornaram-se a base de todo o saber³⁹¹.

Em Portugal, a progressão do classicismo foi lenta e tardia e, em decorrência disto, não ocorreu um humanismo homogêneo. Como exemplo pode-se citar que os primeiros indícios das transformações culturais se vislumbram desde o século XV, quando o infante D. Pedro traduziu algumas obras da Antiguidade Clássica. Nos reinados de D. Afonso V e de D. João II, a chegada de quatro eruditos italianos fortaleceu este empenho de tradução de obras. Mateus de Pisano³⁹² foi o mestre de D.

³⁸⁸ Como entendido por Norbert Elias. ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

³⁸⁹ GODINHO apud MATTOSO, José. *História de Portugal: no alvorecer da Modernidade*. v.3. Lisboa: Editorial Estampa, 1993. p 375.

³⁹⁰ PACHECO, José. *A divina arte negra e o livro português* (séculos XV e XVI). Lisboa: Vega, 1988. p. 15

³⁹¹ MATTOSO. *Op. cit.* p. 376-377.

³⁹² Foi um letrado italiano que, por intervenção de D. Pedro, veio para Portugal em 1435 e trabalhou como preceptor e depois como secretário de D. Afonso V, escreveu o *Livro da Guerra de Ceuta*. Cf.

Afonso V. Justo Baldino³⁹³, segundo crê Manuela Mendonça, foi responsável pela educação de D. João II, enquanto que Cataldo Sículo³⁹⁴ foi o preceptor do bastardo D. Jorge e de grande número de jovens fidalgos³⁹⁵. Cataldo Sículo desempenhou papel bastante importante na corte portuguesa, sendo atribuído a ele a introdução do humanismo em Portugal³⁹⁶.

Era comum aos nobres estudarem em outros países, tendo contato com as tendências culturais do restante da Europa. Aqueles que foram estudar na Itália ou norte da Europa, por exemplo, introduziram novidades que produziram mudanças político-culturais e artísticas ocorridas nos séculos XV e XVI. A presença de artistas e educadores estrangeiros, a importação de livros e de obras de arte, bem como os contatos dos portugueses com outras culturas são considerados como fatores que influenciaram a cultura portuguesa nos princípios da Modernidade.

Da mesma forma, as relações comerciais entre Portugal e França, no tempo dos descobrimentos, abriram caminho para as novas correntes do pensamento e da arte. No plano editorial, os franceses também desempenharam papel de grande importância, especialmente através da exportação de livros para Portugal e da própria edição de textos de autores portugueses³⁹⁷.

A influência humanista era verificada, sobretudo, pela presença de mestres italianos que, desde a regência de D. Pedro, tinham se “fixado em Portugal para a docência e o cultivo das letras”³⁹⁸. A partir de então, o humanismo também passou a influenciar a educação de príncipes, princesas e outros nobres. Além da importação de mestres, com o propósito de preparar as futuras elites, obras pedagógicas, que eram

CRAVO, Cláudia. *Mateus de Pisano: De Septensi* (Excertos n. 4 e 6). *Humanitas*, n. 50, p. 649-685, 1998.

³⁹³ Foi um Frei Dominicano doutorado em Direito Canônico e Civil, foi chamado a Portugal por D. Afonso V para traduzir para o latim as crônicas de Fernão Lopes quando da morte de Mateus Pisano. Cf. VITERBO, Sousa. A cultura intelectual de D. Afonso V. *Archivo Historico Portuguez*. vol. II, 1904, p. 259.

³⁹⁴ Cataldo Sículo, também conhecido como Cataldo Parisio e Giovanni Cataldo Parisio, foi um poeta e humanista siciliano que viveu alguns anos em Portugal, sendo preceptor de príncipes e de membros da aristocracia. Cf. TOIPA, Helena Costa. Cataldo Siculo e o mecenato da Rainha D. Leonor. *MÁTHESIS*. Viseu, n. 3, p. 167-197, 1994. Disponível em: <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/node/106201?hdl=23994>, acesso em: 04/08/2018.

³⁹⁵ MENDONÇA, *Op.cit.*, 1995, p. 74

³⁹⁶ Cf. SERRÃO, Joel. *Dicionário de História de Portugal*. Porto: Iniciativas Editoriais, 1965. p. 453-456 e SERRÃO, Joaquim. *História de Portugal: Formação do Estado Moderno (1415-1495)*. Lisboa: Verbo, 1978. p. 344.

³⁹⁷ PACHECO. *Op. cit.*, p. 27

³⁹⁸ SERRÃO. *Op.cit.*, 1978. p. 343-344

difundidas pela Europa, chegavam a Portugal com a função de preparar os futuros monarcas, de acordo com os novos valores culturais. O sobrinho de D. Pedro, D. Afonso V, recebeu educação humanista e, posteriormente, protegeu a Universidade e incentivou a importação de livros³⁹⁹.

A atuação de D. João II como rei foi reflexo de sua educação. Ele foi “*uma das maiores figuras da história portuguesa, não tanto pelas qualidades pessoais, como pelos métodos de governo*”⁴⁰⁰. Foi este monarca, pelo que tudo indica, quem designou o siciliano Cataldo Sículo como preceptor do bastardo D. Jorge, fato que por si só confirma o seu interesse pela formação humanista. Já sua esposa, a mecenas D. Leonor, parece ser referência para o setor intelectual não só naquele governo, como também no reinado de D. Manuel I, seu irmão.

Se, a princípio, as influências chegavam diretamente da Itália, através de professores que eram acolhidos em Portugal, e também da França, Espanha, Países Baixos e Inglaterra, foi, na verdade, em Paris, mais do que em outro lugar, que os principais nomes do humanismo português se prepararam. No começo do Quinhentos os estudantes regressaram a Portugal, marcando profundamente a vida cultural portuguesa⁴⁰¹.

O estabelecimento da imprensa em Portugal, foi contemporâneo ao grande movimento de importação de livros. “*E o que a imprensa bem depressa ia veicular era o humanismo*”, que, mais do que um regresso à Antiguidade, foi uma “*forma de pensar e sentir que era realmente nova*”⁴⁰². Finalmente, em meio à inovação da imprensa e aos vários livros traduzidos, situa-se *O Espelho de Cristina*, não sem razão, na biblioteca de D. Leonor, no início do século XVI.

A rainha D. Leonor foi a mecenas mais importante de seu período em Portugal. Envolvida com a religiosidade e a caridade, ela não mediu esforços para a proteção de letrados, preocupando-se com a impressão de livros e a educação das pessoas de uma forma geral. D. Leonor destacou-se provavelmente porque além de mecenas, aprendeu a se comportar nos padrões exigidos a uma Rainha e foi educada para assumir este papel.

³⁹⁹ MENDONÇA, *Op. cit.*, p. 71

⁴⁰⁰ SERRÃO, *Op. cit.*, 1965. p. 614.

⁴⁰¹ MARQUES, A. H. de Oliveira. *Breve história de Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, 1996. p. 180-181

⁴⁰² LE GOFF, Jacques. *A civilização do Ocidente Medieval*. Lisboa: Editorial Estampa, 1984. p. 132.

Devota e protetora dos santuários portugueses do seu tempo, leitora assídua e frequentadora quotidiana de missas, D. Leonor reuniu um verdadeiro tesouro de arte sacra, financiando a construção e a restauração de edifícios e templos que renovaram a arquitetura portuguesa. Em meio a tudo isto, a monarca encontrou

o motivo as sugestões, a inspiração para o seu labor, para os seus mecenatos, para as suas múltiplas iniciativas, como, entre tantos outros exemplos, a protecção e o desenvolvimento do teatro, do livro impresso, mas também da ourivesaria ou da iluminura. Criadora de hospitais, de confrarias, por vezes tão renovadoras como as Misericórdias, D. Leonor foi também um dos contextos sociais e religiosos mais relevantes do seu tempo, verdadeiramente uma das principais polarizações da sociedade portuguesa epocal⁴⁰³.

Em Portugal dos Quinhentos, a representação dominante de D. Leonor é a de “*uma rainha da devoção, da bondade, verdadeiramente um exemplo, um paradigma de princesa cristã*”⁴⁰⁴. D. Leonor distinguiu-se no campo religioso, principalmente durante o reinado de D. Manuel. Fundou o Hospital das Caldas, para os doentes que precisassem de banhos, tratamento e agasalho, contribuindo para a formação do núcleo daquela que viria a ser a vila, hoje cidade, das Caldas da Rainha. Os privilégios régios para os futuros moradores desse lugar foram concedidos por D. João II e a primeira pedra do Hospital lançada em 1488. Em benefício desta obra, D. Leonor alcançou também privilégios de seu irmão D. Manuel, quando rei, e conseguiu, do Papa Alexandre VI, indulgências para os doentes que ali morressem e para todos aqueles que contribuíssem com donativos⁴⁰⁵.

Foi igualmente responsável pela remodelação da Confraria de Nossa Senhora da Piedade, transformando-a na Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, em prol dos desprotegidos, dos pobres e dos doentes, ao iniciar a obra quando da sua regência em 1498, tendo sido, nesta tarefa, auxiliada pelo seu confessor, Frei Miguel de Contreiras. Com a Misericórdia, D. Leonor remodelou a assistência social em Portugal, dando continuidade às instituições de caridade, hospitais, albergarias, gafarias e mercearias,

⁴⁰³ SOUSA, Ivo Carneiro. *A Rainha da Misericórdia: na história da espiritualidade de Portugal na época do Renascimento*. Dissertação de doutoramento em Cultura Portuguesa. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1992. p. 4.

⁴⁰⁴ *Ibid.* p. 156

⁴⁰⁵ TOIPA, *Op. cit.* p. 169.

que existiram em grande número durante a Idade Média em território luso continental⁴⁰⁶.

Financiou a fundação do Mosteiro da Madre de Deus, em Xabregas, em que se fixaram, no ano de 1509, religiosas clarissas que vieram do Convento de Jesus de Setúbal; do Convento da Anunciada, em Lisboa, destinado a freiras dominicanas, que começaram a nele se assentar em 1519, vindas do Mosteiro de Jesus de Aveiro; da Igreja de Nossa Senhora da Piedade de Merceana, em Aldeia Galega, hoje Montijo, em 1520; e da instituição de mercearias, em Torres Novas, Óbidos e outras localidades. As mercearias eram instituições de assistência, mas, sobretudo, piedosas e caritativas, onde se acolhiam os chamados merceeiros (assim designados graças à mercê com que eram contemplados)⁴⁰⁷.

D. Leonor, além de ser uma rainha financiadora das artes, também se preocupava com a educação de sua corte. Parte da riqueza da "Rainha velha"⁴⁰⁸ foi usada para o desenvolvimento de amplos investimentos e atividades sociais e culturais. Seu mecenato possuía traços nitidamente renascentistas, *“vocacionado sobretudo, para a multiplicação dos investimentos sagrados e litúrgicos, monumentais e culturais, edificando templos, restaurando igrejas e capelas, renovando santuários, multiplicando doações em alfaías, têxteis, imagens, livros, retábulos”*⁴⁰⁹.

É possível incluir *O Espelho de Cristina* como parte do aprendizado necessário para as mulheres que estavam nos conventos e levavam vida contemplativa. O capítulo XIII da Segunda Parte do livro, intitulado "De como se ham de gouernar donas de relygiom" destinava-se às "mulheres do mais nobre e honrado estado" segundo Christine de Pizan, mulheres que também eram as protegidas da mecenas. As ações da rainha demonstram a sua ligação com as mulheres religiosas e com o movimento de renovação da cultura tradicional, que mais tarde marcou o cristianismo português, ainda no século XVI⁴¹⁰.

⁴⁰⁶ *Ibid.*, p. 170.

⁴⁰⁷ *Ibid.*, p. 171.

⁴⁰⁸ Como era chamada pelos cronistas.

⁴⁰⁹ SOUSA, *Op. cit.*, 1992, p. 914.

⁴¹⁰ D. Leonor comprometeu-se e renovou religiosidades e cultos tradicionais, foi devota das peregrinações santuários, das indulgências. *Ibid.*, p. 916.

O mecenato de D. Leonor está retratado em prólogos e dedicatórias. Textos confirmam e valorizam o seu mecenato e as suas proteções. No livro de Vita Christi, os impressores Valentim Fernandes e Nicolau de Saxônia a tratam como

Sereníssima Senhora Rainha de seu próprio natural mui virtuosa e a acrescentamento e bem da reprública destes regnos e senhorios segundo seu poder e boa vontade naturalmente inclinada, nom soamente nas cousas que aa corporal vida convêm, mas, per ûa singular e virtuosa inclinação.⁴¹¹

No prólogo do *Boosco Deleytoso*, o tipógrafo Germão de Campos também deu mostras de seu reconhecimento, confirmando a gratidão dos que eram protegidos pela rainha. Ele dirigiu-se à rainha apontando-a "Como aquella que sempre foy enclinada a toda virtude E bem fazer zelosa grandemente de sua salvaçam e de toda alma chrisptã"⁴¹², características que parecem, mais uma vez, ajustar-se com os comportamentos esperados pelas mulheres que ocupavam altas posições.

A rainha D. Leonor, envolvida nas questões que pouco tinham a ver com “*essa história de feitos, aventuras, heróis oceânicos e destinos ultramarinos*”⁴¹³, se preocupava de fato com outras “descobertas” e estava muito mais interessada

pela descoberta de devoções modernas e da pré-reforma religiosa, pela renovação do mundo das confraternidades e das assistências, pelo apoio continuado às experiências religiosas observantes e contemplativas, pela protecção e desenvolvimento de santuários, estendendo-se ainda à prática continuada do mais importante mecenato cultural, religioso e litúrgico da sua época⁴¹⁴.

É justamente a prática do mecenato cultural que fez a “Dama da Misericórdia”⁴¹⁵ participar de forma direta no movimento de tradução e de impressão de livros em Portugal em seu período.

D. Leonor estava envolvida com a caridade e com a educação das pessoas de sua corte, ou seja, dentro de todos os padrões esperados, para que ela fosse considerada uma sábia e boa rainha. Seus feitos, destacando-se a sua preocupação em fazer copiar, traduzir e imprimir livros para o uso na corte, a transformaram numa importante figura do seu tempo. Seu mecenato é considerado um dos mais respeitáveis da sociedade

⁴¹¹ *Ibid.*, p. 1023.

⁴¹² *Boosco deleitoso*. Ed. de Augusto Magne. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1950. p. 70.

⁴¹³ SOUSA, *Op. cit.*, 1992. p. 23.

⁴¹⁴ *Ibid.*,

⁴¹⁵ D. Leonor é assim chamada, pois foi responsável pela fundação das confrarias da Misericórdia. AMEAL, João. *Dona Leonor" Princesa Perfeitíssima"*. Porto: Livraria Tavares Martins, 1963. p. 209.

portuguesa e um livro, traduzido e impresso por sua ordem, torna-se, por extensão, também valioso pois denota que a rainha se empenha com o projeto de legitimação da dinastia de avis.

Desde o início da década de 1490 D. Leonor esteve às voltas com os livros⁴¹⁶. O mais importante códice litúrgico iluminado neste período português, o *Breviário Franciscano*, lhe pertencia. No final de 1495 foi concluída a impressão da *Vita Christi*, de Ludolfo de Saxônia, por iniciativa da monarca. Alguns anos mais tarde, uma comunidade religiosa lhe enviou, entre outras coisas, um códice manuscrito iluminado. Em 1502 foi publicado, por iniciativa do escudeiro da rainha, Valentim Fernandes⁴¹⁷, num único volume, o *Livro de Marco Polo*, o *Livro de Nicolau Veneto* e a carta de Jerónimo de S. Estevão a Jacome Mayer. Sob o patrocínio de D. Leonor, Valentim Fernandes concluiu, em 1505, os *Atos dos Apóstolos*. Frei António de Tomar traduziu, por iniciativa da rainha, a Regra de S. Clara, Privilégio da Pobreza, Testamento de S. Clara e Benção de S. Clara, entre os anos de 1509 e 1523. Houve, ainda, o processo poético de Vasco Abul na corte de D. Leonor, localizada em Almada no ano de 1510, e que posteriormente foi publicado no Cancioneiro Geral de Garcia de Resende. Entre aquele ano e 1520, Frei Diego de Leiria traduziu e redigiu para ela a obra manuscrita intitulada *Vida, Jeitos e Milagres de Santa Clara de Assis*, além de, possivelmente, o pequeno texto manuscrito de *Lições dos Mártires de Marrocos*⁴¹⁸.

Todo o repertório de obras traduzidas, redigidas e publicadas durante a regência de D. Leonor revela o interesse da monarca pelas letras e, também como ela, durante toda a vida, influenciou a cultura portuguesa. Evidencia-se, no mecenato da rainha, a proteção dispensada não só a impressores como Valentim Fernandes e Germão de Campos, mas também a Gil Vicente, que, em várias peças teatrais, a trata por "Rainha velha", reverenciando-a como sua protetora e conhecedora de artes e letras⁴¹⁹.

Joaquim Veríssimo Serrão discutiu a partir da edição de *Vita Christi* como a rainha D. Leonor estava ligada ao definitivo estabelecimento da tipografia em Portugal. Ele afirmou que,

⁴¹⁶ Ibid. p. 240.

⁴¹⁷ Valentim Fernandes foi um personagem importante na implantação da tipografia em Portugal. Homem extraordinariamente culto e interessado pela aventura dos descobrimentos, foi nomeado por D. Manuel I tabelião dos mercadores germânicos com atividade em Lisboa e escudeiro da rainha D. Leonor. PACHECO. *Op. cit.* p. 40.

⁴¹⁸ SOUSA. *Op. cit.* p. 109-121.

⁴¹⁹ SERRÃO. *Op. cit.*, 1965. p. 709.

A arte tipográfica com caracteres metálicos móveis, cujas primícias se fixam em Mogúncia pelos menos desde 1450, levou mais de trinta anos a penetrar em Portugal, por meio da via espanhola onde os prelos começaram a funcionar cerca de 1470. Durante muito tempo considerou-se a *Vita Christi* publicada em Lisboa no ano de 1495, como o primeiro livro impresso em língua portuguesa, mas a descoberta do Tratado de Confissom permitiu antecipar de seis anos aquela data e considerar a vila de Chaves como local de uma oficina tipográfica. Já antes disso se imprimira em Faro, a 30 de junho de 1487, o Pentateuco Hebraico, destinado aos devotos da lei mosaica e que comprova a perfeição do labor gráfico dos oficiais judeus, ao mesmo nível dos incunábulos ao tempo publicados em Espanha e na Itália. Como exemplar em língua latina, considera-se o *Breviário Bracarense*, impresso nesta cidade, pelo alemão João Gerlinc, a 12 de Dezembro de 1494, a primeira amostra da arte tipográfica em Portugal⁴²⁰.

Não obstante, pode-se dizer que as pessoas cultas eram ligadas aos livros e à escrita⁴²¹ e que a grande maioria das bibliotecas e coleções era de propriedade dos mais ricos, pelo fato do livro custar muito caro. A confecção e a circulação eram cercadas por múltiplos obstáculos, que tornavam o acesso ao livro difícil. Embora o custo tenha diminuído um pouco quando o uso do papel se difundiu na fabricação do livro manuscrito, sobretudo no século XV, o fato principal do seu elevado preço era o custo da cópia.

Os bons copistas eram raros. No final da Idade Média, os scriptoria monásticos haviam perdido o essencial de sua importância e a maior parte dos escribas seria, doravante artesãos profissionais que se encontravam principalmente em grandes cidades, especialmente aquelas que abrigavam clientela importante, quer dizer, as capitais da nobreza e as cidades universitárias⁴²².

A partir da lenta difusão da tipografia, que aconteceu somente após 1480 em Portugal, houve uma acentuada difusão do livro. Como consequência, ocorreu o alargamento do público da cultura escrita entre a nobreza, em especial. A situação permitiu a multiplicação das livrarias e um impulso às bibliotecas principescas. A coleção de livros de D. Leonor, certamente, faz parte deste processo.

O movimento de tradução e de impressão de livros, incentivado pelos monarcas da dinastia de Avis, foi realizado a princípio pela mão de artífices judeus antes de 1496, quando D. Manuel I assinou o édito de expulsão dos judeus espanhóis residentes em

⁴²⁰ SERRÃO, *Op. cit.*, 1978. p. 344.

⁴²¹ VERGER, Jacques. *Homens e saber na Idade Média*. Bauru: EDUSC, 1999. p. 111

⁴²² *Ibid.* p. 113

Portugal. Posteriormente, a maioria dos livros portugueses foi impressa sob a responsabilidade de tipógrafos alemães, instalados primeiramente na Espanha, onde estavam os mais importantes centros de impressão da Península. Lá, inúmeros artistas do livro iniciaram trabalhos. Alguns impressores, como João Gerlinc e Nicolau de Saxônia, iam a Portugal esporadicamente, durante campanhas editoriais. Outros foram para fixar residência, como foi o caso de Valentim Fernandes⁴²³.

No século XVI, sendo o livro um instrumento ideológico nas mãos dos reis e príncipes, a arte tipográfica alcançou grande desenvolvimento, mas continuou a depender da produção alemã. De acordo com José Pacheco⁴²⁴, o tipógrafo trabalhava individualmente e sentia-se colocado acima de todas as classes artísticas. Em Portugal, a concorrência não era grande. Havia escassez de material tipográfico e número reduzido de artistas-gravadores. Os trabalhos de Germão de Campos mostram a dependência aos tipógrafos estrangeiros pois foi ele que inseriu do ponto de vista iconográfico, a decoração do livro português ao apresentar nova gramática, de influência italiana. Outro alemão, Germão Galharde⁴²⁵, iniciou, em 1509, percurso como impressor em Portugal, onde continuou o trabalho desenvolvido pelo impressor do *Espelho de Cristina*, Germão de Campos.

A tradução quinhentista do *Espelho de Cristina* ocorre em um momento, no qual crescia a necessidade de educação das damas da corte. Uma vez que a língua portuguesa ampliava a gama de leitores não latinizados e/ou que desconheciam uma língua estrangeira, tal tradução encomendada por D. Leonor testemunha, no contexto da política de legitimação da dinastia de Avis, a relevância atribuída pela monarca à leitura e uso do livro de Pizan pelo maior número possível de mulheres que a cercavam.

4.2 A educação feminina na corte avisina: as leitoras de Christine de Pizan

Quem eram as mulheres que conviveram com a rainha D. Leonor na corte manuelina e teriam sido leitoras do livro de Christine de Pizan no começo do século XVI? A rainha, viúva de D. João II, permaneceu na corte de seu irmão D. Manuel e no

⁴²³ PACHECO. *Op. cit.* p. 40.

⁴²⁴ *Ibid.* p. 35-75.

⁴²⁵ Germão Galharde foi um tipógrafo muito conhecido que trabalhou em Portugal até 1561, montando a tipografia do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra e iniciando os cônegos regentes de Santo Agostinho na arte impressória, entre 1530 e 1531. Pelo que consta, entre 1522 e 1530 ele foi o único tipógrafo a imprimir livros em Portugal. *Ibid.* p. 62.

início do reinado de seu sobrinho D. João III. Muito rica e com enorme prestígio, a velha rainha fazia-se ouvir por outras mulheres e seguia os modelos esperados e propagados para monarcas na corte do período. Dentre as mulheres que o humanista Cataldo Sículo elogiava, encontravam-se a própria rainha D. Leonor, a infanta D. Joana (1452-1490), irmã de D. João II, a rainha D. Maria (1482-1517), segunda esposa de D. Manuel e D. Leonor de Noronha (1488-1563), filha de D. Maria Freire, a marquesa de Vila Real e irmã do conde de Alcoutim, D. Pedro de Meneses.

A rainha D. Isabel (1470-1498), primeira esposa de D. Manuel, também era uma "boa latina" – ser letrada no latim era parte da cultura das rainhas – mas não viveu tempo suficiente para receber os elogios do humanista⁴²⁶. As companheiras de D. Joana, Clara e Catarina, pertencentes à família dos Silvas, da casa dos condes de Abrantes, também se comunicavam na língua latina com o literato siciliano. É oportuno lembrar que famílias como estas, em fins dos Quatrocentos, faziam parte da “alta nobreza”, da qual poucos nomes foram destaques. Entre elas, a princípio, estavam

os Braganças à frente, seguidos pelos Viseus e os Bejas; e eles eram as grandes estirpes que a dinastia [de Avis] manteve ou guindou. Eram os Albuquerque, os Almadás, os Atalides, os Castros, os Coutinhos, os Limas, os Melos, os Meneses, os Noronhas, os Silveiras e os Vasconcelos. Os quais casando, puxaram para cima os Azevedos, os Cunhas, os Mirandas, os Pereiras, os Pessanhas, os Silvas e os Sosas. Gente de título, de terras, de Jurisdições: de poder⁴²⁷.

A partir das mulheres instruídas nas famílias poderosas e que conviveram com Cataldo Sículo recebendo dele cartas e versos, é possível “admitir que havia certo movimento de interesse pela nova cultura entre as damas da corte, antes de 1520, ano em que o humanista já teria deixado de viver”⁴²⁸.

Além de bordar e de coser, ocupações tidas como típicas das mulheres da Idade Média, nos séculos XV e XVI as mulheres, mais abastadas se divertiam com os jogos de prendas, que se popularizaram como jogos de salão. As danças, algumas só para mulheres e outras para os dois sexos, eram outra atividade dos cortesãos a partir dos Quatrocentos. Todavia, as princesas e “grandes damas” portuguesas estavam sendo ensinadas de acordo com as ideias humanistas desde o século XV. A rainha D. Leonor e as damas da corte manuelina aprenderam a ler, escrever e eventualmente, debater

⁴²⁶ VASCONCELOS, Carolina Michaelis. *A infanta D. Maria de Portugal (1521-1577) e suas damas*. Lisboa: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 1994. p. VII.

⁴²⁷ MATTOSO, José. *História de Portugal: A monarquia Feudal*. v.2. Lisboa: Editorial Estampa, 1993. p. 447-448

⁴²⁸ VASCONCELOS, *Op. cit.* p. XI.

assuntos religiosos: “*Acontecia que, no ócio da alta sociedade, homens e mulheres se entretinham discutindo a natureza divina, a forma dos anjos ou a teoria das virtudes*”⁴²⁹.

Na cultura de corte, a mulher aprendia a se comportar e era ensinada, sobretudo, para ser piedosa, sábia e virtuosa. “*Estava já demonstrado, porém, que mulheres de eleição, cujo espírito fora adornado em meio familiar, podiam ser tão instruídas e possuir sentido artístico como os homens*”⁴³⁰, mas, elas eram minoria e ocuparam novo lugar na sociedade somente a partir do desenvolvimento da vida das cortes⁴³¹. As mulheres conseguiram desempenhar um papel social mais importante no período tardo-medieval.

O exercício da nova tradição cortesã teve lugar nos saraus⁴³², atividades da corte, espécie de lazer cultural em que ocorriam pequenas representações teatrais, poesia e música. Aliás, desde o século XIII, os saraus eram animados com narrativas em prosa, sendo fato marcante nas festas usadas para distrair a corte a leitura em voz alta. Já o infante D. Pedro, ao traduzir Cícero, na primeira metade do século XV, dizia que a tradução era proveitosa para os membros da corte pouco versados em latim, inclusive para as mulheres. O texto nos saraus podia ser lido e ouvido por várias pessoas na língua portuguesa. Deste modo, além de possibilitar a transmissão e a veiculação de textos, os saraus tiveram efeito pedagógico para as mulheres. A participação requeria iniciação na vida cultural intensa que o humanismo e a Renascença promoveram em Portugal.

Não se pode ignorar que o alargamento da cultura através da leitura se restringia à nobreza e à parte da burguesia que pode frequentar os meios letrados, fato que acaba justificando a importância da transmissão cultural através da escuta e da tradição oral. Se, na corte, as pessoas tinham o hábito de ouvir as leituras, seguramente o restante da população também recebia as informações através da audição.

Podemos inferir que as mulheres da corte portuguesa, no final da Idade Média, se aproximavam da mulher idealizada por Christine de Pizan. O modelo de mulher

⁴²⁹ MARQUES, A. H. de Oliveira. *A sociedade medieval portuguesa*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1964, p. 135.

⁴³⁰ DELUMEAU, Jean. *A civilização do renascimento*. Lisboa: Editorial Estampa, 1984. p. 88.

⁴³¹ *Ibid.* p.90.

⁴³² Os saraus da corte, distrações medievais plenas de música e poesia. In: VASCONCELOS, *Op. cit.* p. XV.

virtuosa de Christine de Pizan era uma mulher educada e letrada. A rainha D. Leonor, promotora da impressão do livro, no sistema classificatório estabelecido pela autora era o "espelho y exemplo de boos costumes". Mulher culta, piedosa e virtuosa, que servia de exemplo todas as outras mulheres de sua corte, a rainha era a primeira que deveria seguir os ensinamentos das três virtudes, Razão, Retidão e Justiça. Somente assim ela poderia servir de exemplo, ser o próprio *Espelho de Cristina*, para que nela outras mulheres pudessem se mirar.

Nos saraus da corte⁴³³ e com a efetiva participação da mulher nas atividades culturais, em especial na leitura em voz alta, está implícito como se lia na corte. São muitos os estudos relacionados ao papel da oralidade na literatura medieval, mostrando que ler e ouvir são muitas vezes faces de um mesmo processo. A leitura fazia-se em público e também no privado. Lia-se para rezar, para distrair e para aprender, mas lia-se com os olhos e com os ouvidos.

Reunir-se para ouvir uma leitura tornou-se, aos poucos, prática necessária e comum na corte, cuja finalidade não era apenas entreter, mas também instruir. Até a invenção da imprensa, os livros eram privilégio de um pequeno punhado de leitores. As mulheres que tiveram acesso ao livro de Christine de Pizan em Portugal, de um modo geral as mulheres da corte, ou leram o livro com os próprios olhos ou com os ouvidos. O fato do livro ter sido traduzido do francês para o português e ter sido impresso sugere que ele tenha sido lido por um número maior de pessoas, mas Crispim⁴³⁴ não descarta a hipótese de sua leitura ter se dado em voz alta, como ainda era costume, para familiares e amigos. Do mesmo modo, as damas de companhia tinham por hábito ler para suas senhoras.

O início do século XVI pode ser caracterizado como um período de transição da relação entre leitor intensivo e leitor extensivo. As práticas de leitura vão se desenvolvendo e se modificando, na medida em que os leitores vão se confrontando com novas realidades. O leitor intensivo seria aquele confrontado com um *corpus* limitado de livros lidos, relidos, memorizados, transmitidos de geração em geração, numa leitura atenta, com frequência em voz alta, carregada de reverência e respeito pelo

⁴³³ Os saraus fazem parte das transformações sociais e os cavaleiros preferentemente os escolhiam como “distrações ‘pacíficas’, pouco belicosas, das quais a mulher podia participar e nas quais a aproximação entre os dois sexos se acentuava”. In: MARQUES, *Op. cit.*, 1964. p. 206.

⁴³⁴ CRISPIM, Maria de Lourdes. *Christine de Pizan – O Livro das Três Virtudes ou o Espelho de Cristina*. Dissertação para obtenção do grau de doutor em linguística. FCSH – Universidade Nova de Lisboa, 1995p. 18.

livro, porque ele é caro e sagrado. Exemplos dessa leitura na corte seriam a da Bíblia e das obras de piedade. Por sua vez, a leitura extensiva:

é a leitura de numerosos textos, lidos em uma relação de intimidade, silenciosa e individualmente. É, também, leitura laicizada, porque as ocasiões de ler se emancipam das celebrações religiosas, eclesiásticas ou familiares e porque se espalha um contato desenvolvido com o impresso, que passa de um texto a outro e que não tem mais respeito para com os objetos impressos, amassados, abandonados e jogados⁴³⁵.

Destarte, tal estado das coisas permitiu gradativamente no cenário cultural uma mudança de um ato de leitura baseado em poucos textos – bem conhecidos, que habitassem o espírito – para uma leitura mais superficial e que exigisse menos investimento, baseado em um processo de dessacralização:

a produção impressa e as condições de acesso ao livro em toda a Europa sofreram mutações profundas apesar da estabilidade das técnicas e do trabalho tipográficos. Por toda parte, o crescimento da oferta e a laicização dos impressos, a circulação de livros proibidos, a multiplicação dos periódicos, o triunfo dos pequenos formatos e a propagação das salas de leitura e das sociedades literárias, onde a leitura não implicava necessariamente a compra do livro, permitiram e impuseram novas maneiras de se ler. Por outro lado, para os leitores e as leitoras mais letrados, o leque das maneiras de ler parece ter-se diversificado, propondo práticas diferenciadas de acordo com o tempo, os lugares, os gêneros⁴³⁶.

O período da leitura d'*O Espelho de Cristina* abarca uma difusão desses dois modos de ler, que coexistiram neste período e fundaram novas práticas de leitura. As polarizações entre uma literatura comunitária ou individual, intensiva ou extensiva, reverente ou laicizada foram contestadas⁴³⁷ sob o argumento de que com a forma “moderna” de leitura coexiste uma “tradicional”, de que as práticas funcionam também como índice de diferenciação cultural no interior de uma mesma comunidade, e que as mudanças ocorridas com o crescimento da tipografia geraram possibilidades de que os atos de leitura se ampliassem em vez de se excluírem: “*cada leitor podia ser sucessivamente um leitor intensivo ou extensivo, absorto ou desenvolvido, estudioso ou divertido*”⁴³⁸.

⁴³⁵ CHARTIER, Roger (org.). *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001. p. 86.

⁴³⁶ *Id. Do Palco à Página*: publicar teatro e ler romances na época moderna: séculos XVI-XVIII. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002b. p. 109.

⁴³⁷ Por Roger Chartier. Cf. *Ibid.*

⁴³⁸ *Ibid.*

Logo, cruzam-se os protocolos de leitura adequados aos diferentes grupos de leitores, em função de suas competências, recursos, preferências, expectativas e particularidades:

Da mesma maneira que a oposição entre leitura oral e leitura silenciosa pode ser reconhecida como a expressão das competências que coexistem, a que contrasta duas relações com o impresso deve ser uma primeira, e ainda grosseira classificação das figuras de leitura reencontradas em uma determinada sociedade e praticadas pelos diferentes grupos⁴³⁹.

Pode-se dizer que as mudanças que ocorrem no suporte da escrita promovem modificações nas práticas de leitura que serão efetuadas sobre ele. Isso ocorre porque “as transformações no livro e transformações das práticas de leitura somente podiam avançar juntas”⁴⁴⁰. Diante da função inicial da escrita de conservar o texto, de fixá-lo sobre um suporte e trazê-lo à memória, o que vemos, como no caso d’*O Espelho de Cristina*, é uma função mais alargada do impresso, já que mais do que conservar um texto, o livro é também uma conservação das práticas de leitura sobre ele realizadas, dos gestos, dos usos de um material em um determinado tempo. Acoplado ao livro estão os modos de leitura que nele se efetivam ou se efetivaram. Os livros tornam-se objetos carregados, não apenas de um escrito, de conteúdo textual, mas também de uma ação leitora sobre/com a materialidade.

Para Manguel, quando texto e leitor se encontram intimamente, ocorre uma ligação profunda, indescritível, que, segundo o autor, está além da apropriação do conteúdo do escrito,

lemos intelectualmente, num nível superficial, aprendendo certos significados e conscientes de certos fatos, mas ao mesmo tempo, invisivelmente, texto e leitor se entrelaçam, criando novos níveis de significado, e, assim, toda vez que, interagindo-o, fazemos o texto entregar algo, simultaneamente nasce sob ele outra coisa que ainda não aprendemos⁴⁴¹.

Nessa perspectiva, os modos como as pessoas se relacionam com este objeto chamado livro não podem ser identificados como uma relação abstrata e universal, mas podem ser investigados em suas diferenças e aproximações entre os indivíduos e comunidades de leitores:

Toda história da leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor.

⁴³⁹ *Id. Op. cit.*, 1998b. p. 88-89.

⁴⁴⁰ CHARTIER, Roger, CAVALLLO, Guglielmo. (Orgs.) *Op. cit.*, 1998a. p. 19.

⁴⁴¹ MANGUEL, *Op.cit.* p. 201.

Mas esta liberdade leitora não é jamais absoluta. Ela é cercada por limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura. Os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem⁴⁴².

As mulheres que leram *O Espelho de Cristina* eram mulheres instruídas, que poderiam ler a obra ou coletivamente ou de modo mais individualizado, mas que estavam numa corte em que se privilegiavam a educação e a normatividade feminina para as nobres.

Pelos temas tratados, as damas da corte manuelina foram as potenciais leitoras do livro *O Espelho de Cristina*. Além de D. Joana e D. Leonor de Noronha é preciso levar em conta também as três esposas de D. Manuel, D. Isabel de Castela, D. Maria de Castela e D. Leonor (1498-1558), irmã de Carlos V da Espanha, bem como as filhas do rei Venturoso, D. Isabel (1503-1539), que se casou com Carlos V, D. Beatriz, duquesa de Sabóia e D. Maria (1521-1577), nascida do seu terceiro matrimônio e de destacada cultura. Eram filhas ou esposas de homens de prestígio e privilégio, ou seja, com poder, que elas também detinham e lhes era outorgado em razão do parentesco, da linhagem, bem como, mais tarde, por virtude de serviços e funções de seus pais ou maridos. José Matoso ilustrou bem quem foram os homens e as mulheres primeiramente denominados "ricos homens" e no século XV chamados de "grandes"⁴⁴³. Em 1472, eram os infantes, duques, marqueses e condes. Barões e viscondes não eram considerados os "grandes do reino". O mesmo acontecia com os cavaleiros e escudeiros fidalgos. Em suma, os "grandes homens" compreendiam cerca de 10% do total dos nobres, ou seja, eram somente os pertencentes à "alta nobreza". Da mesma forma, as "grandes senhoras", que eram as primeiras na hierarquia de Christine de Pizan, eram as mulheres do mais "alto estado", ou como está escrito logo no início do *Espelho de Cristina* "princesas f.emperatrizes rainhas/duquesas: y altas senhoras que regnan ã senhorio sobre a terra dos cristãos"⁴⁴⁴.

Havia ampla preocupação com a educação das "grandes senhoras" portuguesas. Elas foram ensinadas pelos humanistas e desde tenra idade, já aos cinco ou seis anos, começavam os estudos de latim.

⁴⁴² CHARTIER, *Op. cit.*, 1998b. p. 77.

⁴⁴³ "Os grandes foram, no período do nosso estudo, um grupo reduzido de pessoas. Mas esta minoria espantosa senhoreou, juntamente com o clero e à parte o rei, o território, a economia, o poder político do país". MATTOSO, *Op. cit.*, v.2. p. 447.

⁴⁴⁴ PISAN, Christine. *O Espelho de Cristina*. Edição fac-similada. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1987. folha primeyra

Embora seja difícil generalizar depois de muitos séculos e em relação a tantos países, na sociedade cristã da baixa Idade Média e começo da Renascença aprender a ler e escrever -fora da Igreja- era o privilégio mais exclusivo da aristocracia e (depois do século XIII) da alta burguesia. Ainda que houvesse aristocratas e grande burgueses que consideravam ler e escrever tarefas menores, apropriadas somente para clérigos pobres, a maioria dos meninos e muitas meninas dessas classes aprendiam as letras muito cedo⁴⁴⁵.

Entre as mulheres da alta nobreza portuguesa é possível afirmar que a educação abrangia, entre outras coisas, o ensino da leitura e da escrita. Elas não frequentavam escolas, já que eram ensinadas em casa. As primeiras letras eram geralmente ensinadas por uma mulher sábia, a mãe, ou alguém muito bem escolhido para a função. “A imagem da figura materna ensinando era tão comum na iconografia cristã quanto era rara a da estudante feminina em pinturas de salas de aula”⁴⁴⁶. Somente depois do ensino das primeiras letras, sempre entre as famílias mais abastadas, contratavam-se professores. Como consequência, muitas dessas mulheres já eram plenamente letradas na adolescência e tiveram melhores condições do que suas precursoras de participar mais ativamente da sociedade.

Se, no início, a preocupação maior era educar as mulheres a se comportarem segundo as exigências da corte "civilizada", a mesma educação aproximou-as dos homens e as capacitou para tarefas que antes eram exclusivamente masculinas. As ideias humanistas e o Renascimento parecem ter colaborado diretamente para esta transformação cultural. Provavelmente, as meninas nobres tenham sido beneficiadas, pois a maioria dos professores vinha ensinar os meninos e acabava ensinando, também, suas irmãs, primas e outras meninas da casa. A partir de então as mulheres, instruídas, letradas, “latinizadas”, aparecem em maior número nas cultas cortes portuguesas. Diante, pois, da complexificação social, outras mulheres, provavelmente oriundas das cortes senhoriais que copiavam a corte régia, também tiveram acesso à educação que anteriormente lhes era negada. Em síntese, foi justamente a educação das "grandes senhoras", que acabou por divulgar obras como *O Espelho de Cristina*.

A imagem de corte culta é a que Norbert Elias analisou em seus livros. A interdependência entre os grupos e a possibilidade de abranger um leque social mais amplo são fatores que trouxeram à tona o problema da "domesticação" dos componentes

⁴⁴⁵ MANGUEL, *Op. cit.* p. 90.

⁴⁴⁶ *Ibid.*

da corte. Era preciso aprender a viver neste ambiente e o discurso civilizador da dinastia de Avis teve, nisto, papel fundamental na sociedade de corte portuguesa.

Quando pensamos em membros de uma realeza culta, citamos a rainha D. Leonor, representante de importante papel e figura tida como exemplar dentro do grupo de mulheres da corte. A tradução e a impressão do *Espelho de Cristina* insere-se no discurso de legitimação da dinastia de Avis, na medida em que a classificação, os valores, os comportamentos e as funções das mulheres incluídas no livro de Pizan parecem ter servido às preocupações dos monarcas com o reordenamento da visão de mundo dos grupos dominantes. Havia a necessidade de validar a hierarquização social imposta pelos monarcas, dentro de espaço cada vez mais heterogêneo, aberto a renovações⁴⁴⁷.

Diante da diversidade interna do meio social da corte portuguesa também se opunham homens e mulheres. Nas cortes medievais, a predominância masculina parecia imutável, mas, no final da Idade Média, a presença delas pôde ser visto mais intensamente e, de modo em geral, ligada às rainhas. A casa das rainhas portuguesas já possuía tradição própria desde os Trezentos. A crescente intervenção política e diplomática das rainhas nas questões do reino, cujo exemplo maior pode ser D. Filipa de Lancaster, denota uma participação mais ativa das mulheres na sociedade. A rainha e o elemento feminino do seu séquito passaram a desempenhar funções paralelas e interdependentes à corte dos homens. Protegidas pela rainha (e pelo rei), a condição social e idade das mulheres eram variadas. É a partir do grupo que acompanha a rainha que se observa a nítida distinção entre os sexos que “... ordena o mundo social da corte, nos seus vários níveis de articulação e nos vários estatutos, instituindo territórios próprios da actividade feminina”⁴⁴⁸. Tais atividades permearam o texto de Christine de Pizan.

⁴⁴⁷ Oliveira Marques considerou a heterogeneidade da nobreza e dividiu-a em três grandes subgrupos, a saber, grande, média e pequena nobreza. Segundo o historiador, todos estes grupos tinham largas aberturas, permitindo a renovação/mobilidade sem grande dificuldade. In: SERRAO, Joel; MARQUES, A. H. de Oliveira (Dir.). *Nova História de Portugal: Portugal na Crise dos séculos XIV e XV*. Lisboa: Editorial Presença, 1987. p. 402.

⁴⁴⁸ GOMES, Rita Costa. *A corte dos reis de Portugal no final da Idade Média*. Lisboa: Difel, 1995. p. 62.

4.3 O *Espelho de Cristina* entre disposições tipográficas e a produção de sentido

Dentre as diversas mulheres que faziam parte do séquito na corte educada de D. Leonor destacam-se ricas-donas e donzelas, mulheres religiosas, covilheiras, mancebas e amas, categorias contempladas na versão impressa do texto de Christine de Pizan, *O Espelho de Cristina*.

O Espelho de Cristina é uma edição lisboeta impressa nas oficinas de Germão de Campos a mando da rainha D. Leonor. O colofão esclarece de forma sucinta algumas características da obra, como, por exemplo, quem mandou fazer a impressão do livro, para quem se destina, o principal objetivo pedagógico, além de onde e quando a obra produzida. O livro encerra-se deste modo:

Por mandado deia muyto esclarecida reyna dona lyanor molher do poderoso y muy manifico rey dô juan segundo de Portugal.

Acabase el libro intitulado das tres virtudes no qual se cõtem muytas profeytosas doutrinas y saludables exemplos assy pera as generosas y grandes donas como pera as outras de qualquer estado o condiçiom que sejam. E poderam enelle deprender como se ham de regir y governar no regimento de suas casas fazendas y honrras. Impresso em ha muy nobre y sempre leal cibdade de lixboa por herman de campos. Imprimidor y bombardeyro do rey nosso senhor cõ gracia y privilegio de su alteza. Anno de nostra salvaçam m.m.dyvii. annos.a xx. dias do mes de junio.⁴⁴⁹

Dentre os vários livros impressos por Germão de Campos destacam-se *O Compromisso da Confraria da Misericórdia*, de 1516, e *Regra: statutos & diffinções da ordem de Sanctiago*, de 1509, que revolucionaram a decoração do livro português, pois apresentavam a nova gramática, de influência italiana⁴⁵⁰. A ornamentação diversificou-se com os modelos romano-italianos, difundidos por Germão de Campos. Há vários exemplos do novo modelo como o *Boosco Deleytoso*, impresso em 1514, e o *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende, impresso em 1516,

e o *Espelho de Cristina*, o seu último livro impresso em Portugal, que insinua já o frontispício arquitectural ao apresentar colunas em candelabro, um arco segmentar, mas sobretudo a idéia da simulação de socos cujas extremidades são representadas em perspectiva e decoradas com imagens de guerreiros circunscritos em medalhões à maneira clássica romana.⁴⁵¹

⁴⁴⁹ PISAN, *Op. cit.*, p. xlviii verso.

⁴⁵⁰ PACHECO, *Op. cit.* p. 60.

⁴⁵¹ *Ibid.* p. 61.

Os livros tinham significativa importância como objeto de cultura e também como instrumento ideológico em Portugal. Com o florescimento da tipografia, alguns tipógrafos estrangeiros mudaram-se para o reino português, onde desenvolveram a arte tipográfica, recebendo o apoio da Igreja, dos reis e nobres. O alemão Germão de Campos, também chamado Hermão de Campos por alguns autores, responsável pela impressão do *Espelho de Cristina*, chegou em Portugal no ano de 1509 e desenvolveu, até 1518, extensa atividade como impressor. Juntamente com Valentim Fernandes e João Pedro de Cremona, marcou, do ponto de vista gráfico, a imprensa portuguesa.

Quando pensamos em livros, pensamos, em sentido corrente, em um conjunto de folhas sejam elas manuscritas, impressas, estas reunidas e organizadas de forma a facilitar a leitura. Essa definição aparentemente simples sobre o vocábulo *livro* nos conduz a uma característica peculiar a ele: o livro é um instrumento na ordenação dos saberes, além disso, eles são atribuídos sentidos, ou melhor, simplesmente ganham existência quando se materializam⁴⁵². O livro, neste projeto de legitimação e construção de memória da dinastia de Avis, era o registro do conhecimento humano, uma ordenação das coisas sensíveis.

Quando nos referimos ao livro enquanto um suporte para a leitura, não podemos nos desprender dos significativos dispositivos tipográficos, que também concorrem para a construção da significação na recepção dos textos. Roger Chartier aponta as questões relativas à materialidade do texto, e levanta a proposição do texto não ser reduzido somente a seu conteúdo semântico, como se ele existe em si mesmo, independentemente da materialidade que são seus suportes⁴⁵³.

Chartier afirma que as formas que dão a ler, a ouvir ou a ver os textos participam, elas também, da construção de sua significação. Um texto, não é o mesmo se mudam os dispositivos de sua inscrição ou de sua comunicação. É necessário, portanto, na análise de como os homens de dada época interpretaram a literatura, levar em conta também a materialidade, a concretude textual, a qual compreende “a inscrição de um texto numa página impressa”⁴⁵⁴ ou, ainda, a sua transmissão oral.

Um dos tipos de materialidade textual são os suportes em que os textos são inscritos. Depois da invenção da tipografia, os textos passaram a adquirir formas

⁴⁵² CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros – leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998c. p. 8.

⁴⁵³ *Id.* A Mediação Editorial. In: CHARTIER, Roger. *Op. cit.*, 1999. p. 62.

⁴⁵⁴ *Id.* *Op. cit.*, 2002b. p. 11.

impressas, e os impressores, os quais muitas vezes impõem transformações à própria forma como se configura o texto, e todos aqueles implicados no processo de publicação, passaram a ter, desse modo, papel decisivo na criação do sentido⁴⁵⁵. Todos eles tornaram-se, de certo modo, autores dos livros:

há uma pluralidade de intervenções implicadas na publicação dos textos. Os autores não escrevem livros, nem mesmo os próprios. Os livros manuscritos ou impressos são sempre o resultado de múltiplas operações que supõem decisões, técnicas e competências muito diversas.⁴⁵⁶

Cabe ao historiador, portanto, incluir em sua análise as formas que tomam os textos literários (no caso dos objetos impressos, o formato do livro, a construção da página, a divisão do texto, a presença ou ausência de imagens, as convenções tipográficas e pontuação) e as significações que elas dão a entender. É sua tarefa compreender os dispositivos que resultam da passagem à livro ou à impresso, produzidos por decisão editorial ou pelo trabalho de oficina, tendo em vista leitores ou leituras que podem não estar de modo nenhum em conformidade com os pretendidos pelo autor⁴⁵⁷.

Para Chartier, é necessário fazer uma análise que leve em conta os constrangimentos e as negociações que possibilitaram o texto, bem como os efeitos de sentido que ele produz enquanto um gerador de representações, ou seja, enquanto um gerador de “esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado”⁴⁵⁸. O enfoque está na produção de significações, ou seja, o sentido que tanto criadores quanto receptores atribuem aos objetos culturais. Ocorre que a construção de significados não é absolutamente livre de determinações, assim como não está completamente sujeita a elas⁴⁵⁹.

Quando analisamos e verificamos as diferenças entre os manuscritos de Christine de Pizan, sejam aqueles em francês, seja o já traduzido para o português, e a obra impressa em Lisboa, vemos que há escolhas tipográficas, supressões de texto, mudanças na estrutura gráfica que incidirão não só na forma como os leitores

⁴⁵⁵ *Id.* “Do livro à leitura”. In: CHARTIER, *op.cit.*, 2001.

⁴⁵⁶ *Id.* “Escutar os Mortos com os Olhos”. *Revista Estudos Avançados - USP*, nº. 69, 2010. p. 21.

⁴⁵⁷ *Id.* *Op. cit.*, 2002b. p. 127

⁴⁵⁸ *Id.* *Op. cit.*, 2010. p. 25.

⁴⁵⁹ *Id.* *Ibid.*

apreenderão o texto, como também denotam as intenções daqueles que produziram a obra.

Chartier analisa um fenômeno editorial do século XVII na França, a chamada Biblioteca Azul, para refletir sobre a questão da materialidade do texto de acordo com a mudança empregada pelos editores nos suportes de leitura⁴⁶⁰. A análise de Chartier, apesar de se tratar de um fenômeno editorial mais circunscrito ao século XVII e XVIII, guarda similitudes com o nosso objeto de análise. Sabemos que a produção tipográfica em Portugal do século XVI estava mais relacionada à encomendas e mecenato dos nobres, que patrocinariam as obras a serem impressas, mas de toda forma já representam a utilização de novos suportes que incidirão em novas práticas de leitura de um grupo. Especialmente quando pensamos a mudança de suporte tipográfico na qual *O Livro das Três Virtudes* de Christine de Pizan passa quando traduzido na corte Portuguesa.

O texto de Christine de Pizan, escrito por volta de 1405, foi produzido em forma de manuscrito, sendo suas lições acompanhadas de iluminuras, ilustrando-o; são ilustrações ou formas de corroborar o que está escrito já quando é traduzido e impresso em 1518, terá não só seu suporte modificado, como toda a configuração tipográfica deste suporte será diferente. Semelhantemente ao que ocorreu na Biblioteca Azul, o texto de Christine de Pizan sofrerá uma redução, aqui não por necessidade de baratear os custos, mas por um projeto de legitimidade de uma dinastia e de corresponder às

⁴⁶⁰ A Biblioteca Azul faz referência a uma fórmula posta em circulação por editores franceses na intenção de gerar uma circulação mais ampla de um texto em um formato que atendessem às expectativas do público que desejavam atingir, sobretudo rural e popular, fazendo circular no reino livros de baixo preço, impressos em grande número em papel barato e divulgados através da venda ambulante. Muitas vezes, o que é contemporâneo ao leitor é o trabalho de edição e não o de escrita, sobrepondo o “leitor implícito” imaginado pelo editor ao “leitor implícito” visado pelo autor. In: *Id. Op. cit.* 1993.

Além desta particularidade textual, há, no caso da Biblioteca Azul, a aparência e preço baixo que conferem unidade aos títulos do catálogo, onde os impressores propõem ao seu público textos que compõem uma série. Dessa forma, são criadas “redes de textos”, que facilitam seu reconhecimento pelo leitor, a partir de estratégias textuais e gráficas manejadas pelo editor no intuito de alcançar aquele leitor que ele tinha em mente ao formular o projeto editorial.

Chartier aponta duas intervenções decisivas sobre o texto operadas pelos editores. A primeira visa remodelar a própria apresentação do texto, “*multiplicando os capítulos, mesmo que esta divisão não tenha necessidade narrativa ou lógica, e aumentando o número de parágrafos – o que torna menos carregada a distribuição do texto sobre a página*”. Há, nessa divisão, que reparte o texto em capítulos, um engendramento de mecanismos de retorno à narrativa, como uma inscrição no livro daquilo que os editores pensam ser sua leitura. A segunda intervenção editorial sobre os textos pressupõe uma leitura capaz de apreender somente enunciados simples, lineares, cerrados. Logo, a distância entre os textos das edições “eruditas” e os textos das edições azuis traduzem a maneira como os impressores concebiam seu “leitor implícito”, evocando sempre as necessidades comerciais da edição barata, que supõe baixos preços de custo e pouca exigência. In: *Id. (org.). Op.cit.*, 2001. p. 101.

necessidades de uma corte educada. Neste sentido, *O Espelho de Cristina* será traduzido com o enfoque em educar as damas da corte, as mulheres que poderiam efetivamente ter contato com o que estava escrito no texto.

Embora ainda não tenha sido comprovado qual foi o texto que deu origem à impressão do *Espelho de Cristina*, algumas suposições foram levantadas. A mais aceita pressupõe que o próprio manuscrito português⁴⁶¹, mandado fazer entre os anos de 1447 e 1455 pela rainha D. Isabel, foi usado como base para a versão impressa.

Maria Manuela Cruzeiro⁴⁶², bibliotecária docente da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, fez a introdução do fac-símile do *Espelho de Cristina*, que atualmente se encontra na Biblioteca Nacional de Lisboa. Quanto à procedência do manuscrito ou impresso que originou a tradução, ela comenta:

Da comparação dos dois textos portugueses podemos concluir que o impresso é uma versão diferente da do texto manuscrito madrileno, muito embora não se conheça a localização do manuscrito que poderá ter servido de base à edição de Germão de Campos, da qual, actualmente, se conhecem três exemplares⁴⁶³.

Maria Manuela Cruzeiro⁴⁶⁴ não concorda que o manuscrito português tenha servido de fonte ao impresso, porque as duas versões não são idênticas. De acordo com o *Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa*⁴⁶⁵, os dois textos são iguais até o capítulo IX da Segunda Parte e, depois deste, o estilo da tradução muda. Enquanto o manuscrito continua a ser semelhante ao original francês, o impresso traduz de forma sintetizada a versão francesa que ainda não foi identificada. Para os autores do *Dicionário de literatura*, uma das edições francesas era conhecida por ter sido a fonte do impresso português, pois a disposição dos textos é igual. A análise das variantes,

⁴⁶¹ Maria de Lourdes Crispim fez uma edição crítica ao manuscrito que se encontra hoje na Biblioteca Nacional de Madrid, publicando neste mesmo estudo o fac-símile do documento. É a partir desta edição crítica que tivemos acesso ao Manuscrito em português. Segundo a análise de Crispim, o manuscrito em português, mandado traduzir pela rainha D. Isabel, esposa de Afonso V, é a tradução integral do original em francês. In: PIZAN, Christine de *O Livro das Três Virtudes a Insinuação das Damas*. Edição Crítica de Maria Lourdes Crispim. Lisboa: Editorial Caminho, 2002.

⁴⁶² Maria Manuela Cruzeiro fez um estudo comparativo entre o Manuscrito em português (chamado por ela de Manuscrito de Madrid) e o Impresso de Lisboa, todavia se ateve à Primeira Parte do livro. In: CRUZEIRO, Maria Manuela. *Espelho de Cristina*. Estudo linguístico comparativo dos dois textos actualmente conhecidos de uma tradução medieval portuguesa do “Livre des Trois Vertus”, de Cristine de Pisan. Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 1964.

⁴⁶³ PIZAN, Christine. *Op. cit.*, introdução.

⁴⁶⁴ *Ibid.*, introdução.

⁴⁶⁵ LANCIANI, Giulia; TAVIANI, Giuseppe. (org.). *Dicionário de literatura Medieval galega e Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, 1993. p. 243-244.

entretanto, mostrou que nenhum dos textos editados em Paris serviu de base à tradução impressa em Portugal.

Charity Canon Willard traça uma relação entre o manuscrito em português e o impresso de Lisboa, levantando a possibilidade de a tradutora do texto manuscrito ter sido ser D. Filipa, a irmã mais nova da rainha D. Isabel, que passou a maior parte da sua vida no Convento de Odivelas, onde se dedicou à composição e à tradução de obras espirituais, ou por alguém do seu núcleo, e relaciona com esta a sua participação na transmissão do texto à rainha D. Leonor, filha de seu primo D. Fernando e mulher do seu sobrinho D. João II⁴⁶⁶.

Destas afirmações concluiu-se ser impossível comprovar, ao menos por enquanto, a verdadeira fonte utilizada por Germão de Campos na impressão do *Espelho de Cristina*. A possibilidade mais aceitável, a partir das poucas informações obtidas, é a de se tratar de um manuscrito francês que serviu como base ao único exemplar manuscrito da tradução portuguesa do Quatrocentos - que citamos no capítulo 3 - e que pode ter sido utilizado para a base do impresso de Lisboa.

A impressão de 1518 encontra-se descrita em várias bibliografias. Desconhece-se o número de exemplares saídos da oficina de Germão de Campos, mas ao contrário do que estabeleceu Leite de Vasconcelos em 1905⁴⁶⁷, o volume que se encontra na Biblioteca Nacional de Lisboa não é o único exemplar desta edição, pois foram localizados mais dois por Maria de Lourdes Crispim⁴⁶⁸: um que pertenceu a D. Luis e a D. Manuel II e se encontra na Biblioteca do Palácio Ducal de Vila Viçosa, depois de ter estado na Biblioteca da Ajuda; e outro de que se desconhecem os anteriores proprietários e que está guardado na Biblioteca Nacional de Madrid. Crispim afirma que na comparação entre as três edições citadas acima constatou-se que se trata da mesma edição. As diferenças entre os três volumes consistem em pequenas diferenças de manchas, resultantes de quantidades desiguais de tinta, ou de problemas com o estado dos caracteres, no ato de impressão de cada um dos exemplares⁴⁶⁹.

⁴⁶⁶ WILLARD, Charity Cannon. "A Portuguese Translation of Christine de Pisan's *Livre des Trois Vertus*", *PMLA*, 5, 1963, p. 464.

⁴⁶⁷ VASCONCELLOS, J. Leite de. *Lições de Filologia portuguesa*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1966. p. 127-128.

⁴⁶⁸ CRISPIM, *Op. cit.* p. 17.

⁴⁶⁹ *Ibid.* p. 34.

A impressão da obra foi realizada ou, pelo menos concluída nas oficinas de Germão de Campos. Possui cinquenta e dois fólhos, quatro enumerados, correspondentes à folha de rosto, ao Prólogo e à “tauoada”⁴⁷⁰. A folha xxix tem, erradamente, a numeração xxvi. A folha de rosto é ocupada pelo título e subtítulo. O texto do prólogo ocupa trinta e quatro linhas na folha de frente e dezoito linhas na folha de verso, como podemos exemplificar:



Ilustração 3 – Prólogo de *O Espelho de Cristina*

O restante da obra está impressa em duas colunas de quarenta e duas e quarenta e três linhas. As dimensões da margem são: altura 24 cm; 22,5 sem título nem assinaturas, largura de 14,8 cm, colunas de 7 cm, tendo 8 mm de espaço entre colunas. A letra é gótica, de três tamanhos: um, no título da obra e do Prólogo; outro, usado no subtítulo e nos títulos dos capítulos; o terceiro, utilizado no corpo do texto, como podemos exemplificar:

⁴⁷⁰ Índice.



Ilustração 4 - Texto em duas colunas

O texto apresenta vários tipos de capitais grandes, abrangendo oito a nove linhas do texto, folheadas sobre fundo branco; brancas sobre fundo negro folheado, abrangendo seis linhas de texto; brancas sobre fundo negro folheado, abrangendo cinco linhas de texto; brancas sobre fundo negro e negras sobre fundo branco, abrangendo quatro linhas de texto.



Ilustração 5 - Capital folheada abrangendo nove linhas.

Fólio xxxvij.



Ilustração 6 - Letra uncial branca sobre fundo negro abrangendo cinco linhas de texto.
Fólio xiiij.



Ilustração 7 - Letra uncial branca sobre fundo negro abrangendo seis linhas de texto.
Fólio xij verso.



Ilustração 8 - Letra uncial negra sobre fundo branco abrangendo quatro linhas de texto.
Fólio iij verso.



Ilustração 9 - Letra uncial negra sobre fundo branco abrangendo quatro linhas de texto.
Fólio xij.

A decoração é ao gosto renascentista. O título e subtítulo são enquadrados por bordaduras de folhagem estilizada e figuras humanas sobre fundo preto (tarjas inferior e direita) e, sobre fundo branco (tarja esquerda), iguais às que figuram no frontispício do *Boosco Deleitoso*, na edição saída da mesma oficina. Na tarja superior, vemos uma fita sustentada por dois anjos, provavelmente destinada ao título que, ao contrário do *Boosco Deleitoso*, não chegou a ser impresso. Entre o título e a tarja superior encontram-se duas gravuras com as armas reais com escudo (coroa e castelos) suportado por anjos e esfera armilar com as letras M. R. O. E. Na eclíptica (armas de D. Manuel em que as letras significariam “Maximus Rex Orbis Emmanuel”)⁴⁷¹ inscrita em campo decorado. Separando as gravuras e o título, uma tarja de folhagem estilizada.

⁴⁷¹ ANSELMO, Artur. *As Origens da Imprensa em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1981. p. 46.



Ilustração 10 - Página inicial.

Duas gravuras ainda decoram o livro, uma na folha de rosto e outra na última página. O brasão da dinastia de Avis faz parte dos desenhos. No fólio xlviii verso, por baixo do *explicit* e do colofão, o escudo das armas reais com grifo no timbre ladeado de tarjas com motivos florais. Só é usada a cor vermelha no título da Primeira Parte e do primeiro capítulo na “folha primeyra”. Outra característica da época, a escrita das primeiras letras de um texto de forma ornamentada, também é vista n’*O Espelho de Cristina*.



Ilustração 11 - Página final.

A página de rosto é também um local de celebração do poder, seja com o elogio ao rei, ou a algum protetor, ou mesmo à ordem religiosa ou eclesiástica sob cuja proteção o autor se coloca. É sob uma forma visual, simbólica e emblematizada que se faz a invocação da autoridade, para se colocar o livro sob sua permissão e daí colher o seu próprio direito de difusão. Uma das imagens mais repetidas nas portadas dos livros portugueses são as esferas armilares e os escudos das cinco quinas, para invocar e celebrar o poder régio, em alguns casos figurado ainda com o dragão alado encimando as armas reais, do qual pendem ornamentos fitomórficos que envolvem o conjunto e quase preenchem a página inteira⁴⁷².

A transcrição de alguma informação cronológica e mesmo a identificação da obra e do autor após o fim do texto, acaba sendo incorporado à arte tipográfica. Todavia, também esta informação se autonomizará nos livros impressos com a criação de uma folha final de registro, com a indicação da sequência de cadernos, uma

⁴⁷² MEIRINHOS, J.F. *Op.cit.* p. 25.

informação útil para o encadernador, para o livreiro e também para o leitor, porque geralmente, pelo menos no início, a imposição das capas era posterior e o livro poderia ser distribuído, como aconteceu na época do manuscrito, em conjuntos de fascículos sem encadernação⁴⁷³. Enquanto o índice, como conhecemos no período moderno, ainda não era utilizado em todas as obras, o colofão contempla o reconhecimento da identidade e da legitimidade da obra encomendada, com as indicações técnicas para o encadernador e mesmo para o comércio do livro, podendo em alguns casos constituir-se na oportunidade para a inclusão de algumas vinhetas decorativas, como no caso da página final d’*O Espelho de Cristina*: “*Impresso em ha muy nobre y sempre leal cibdade de lixboa por herman de campos. Imprimidor y bombardeyro do rey nosso senhor cõ gracia y privilegio de su alteza*”⁴⁷⁴.

A ortografia portuguesa era muito irregular à época. “Não havia ortografia definida. Muito menos oficializada. Num mesmo texto, um escriba traçava, às vezes, a mesma palavra de duas a três maneiras diferentes”⁴⁷⁵. As letras maiúsculas ainda não eram usadas com critério lógico. A acentuação e a pontuação também não estavam normatizadas. Além disto, “o próprio alfabeto não estava estabilizado, usando-se concomitantemente letras de formas várias, onde a tradição competia com a cursividade”⁴⁷⁶.

Além da diferença na disposição gráfica, ocorreram modificações no próprio conteúdo do texto. Entre a versão manuscrita e o impresso existe um texto comum constituído por todos os capítulos da Primeira Parte e pelos nove primeiros capítulos da Segunda Parte, e um texto diferente, constituído pelos Capítulos X a XIII da Segunda Parte e por toda a Terceira Parte em versões reduzidas no impresso de Lisboa.

A forma com que os elementos materiais foram organizados nas traduções, tanto do manuscrito em português quanto no impresso, denotam as mudanças na vida cortesã, na qual cada texto se inseria. O parágrafo de abertura de cada um deles demonstra seus respectivos locais de produção.

No texto preambular do manuscrito em português, os nomes de Christine de Pizan e da rainha D. Isabel participam de dois contextos distintos: o da concepção do

⁴⁷³ *Ibid.*, p. 26.

⁴⁷⁴ PISAN, *Op. cit.* p. xlviii verso.

⁴⁷⁵ SERRAO, Joel; MARQUES, A. H. de Oliveira (Dir.). *Op. cit.* p. 402.

⁴⁷⁶ *Ibid.*

texto e outro o da sua tradução de francês para português, respectivamente. Figura como primeiro parágrafo do *incipit* do manuscrito a rubrica que sumaria o primeiro capítulo:

Aqui se começa o *Livro das Tres Vertudes a Insinança das Damas*. O primeiro capitulo devisa as tres Vertudes, per cujo mandamento Cristina fez e compilou o Livro da Cidade das Damas. E Ihe aparecerom outra vez e Ihe mandarom que fizesse esta presente obra.

O qual livro foi tomado de frances em esta nossa linguagem portugues, per mandado da muito excilente e comprida de muitas vertudes Senhora, a Rainha Dona Isabel, molher do muito alto e muito excilente Principe e Senhor, el Rei Dom Afonso, o quinto de Portugal e do Algarve e Senhor de Cepta⁴⁷⁷.

Já n'O *Espelho de Cristina*, por seu turno, o texto preambular, presente na folha de rosto, identifica o público ao qual o texto se destina, além do seu modo de organização:

Aqui começa o liuro chamado espelho de Cristina o qual falla de tres estados de molheres. E he partydo em tres partes. A primeyra se enderença aas Raynhas. Prínçesas. Duquesas & grandes senhoras. A segûda aas donzellas em espeçyal aaquellas que andam nas cortes das grandes prínçesas. A terçeyra aas molheres destado & burgesas & molheres de poboo comûu.⁴⁷⁸

No exemplo acima, é citado o nome do livro, mas não se explica que o nome se deve à autora Christine de Pizan. Segundo Meirinhos⁴⁷⁹, o ato de não indicar o autor da obra é uma particularidade do livro português do século XVI, devido à proliferação de intervenções que se sobrepõem ao texto do autor, com sucessivas compilações, correções e emendas por diversos editores-corretores, mostrando como era ainda difusa a propriedade sobre uma obra.

Considerando a distância temporal de mais de meio século que separa as duas versões, as alterações de ordem tipográfica e de conteúdo na edição lisboeta do *Espelho de Cristina* evidenciam como essa tradução tem como condição de possibilidade o aprofundamento das transformações culturais operadas no interior da política avisina durante o mecenato de D. Leonor. Elementos tipográficos como o brasão, a esfera armilar, as armas reais e o escudo são insígnias do poder real que cancelam a feitura da edição, ao mesmo tempo que difundem símbolos associados à dinastia de Avis, contribuindo para promover, entre os membros da corte, o caráter legítimo daquela monarquia versada nos princípios humanistas e propagadora da cultura letrada.

⁴⁷⁷ PIZAN, Christine de *O Livro das Três Virtudes a Insinãça das Damas*. Edição Crítica de Maria Lourdes Crispim. Lisboa: Editorial Caminho, 2002. p.147

⁴⁷⁸ PIZAN, *Op. cit.*, página de rosto.

⁴⁷⁹ MEIRINHOS, *Op. cit.* p.30.

Quanto ao conteúdo do livro, o enfoque dado no preâmbulo aos grupos femininos aos quais a obra se destinava, nomeando a quem se dirigia cada uma de suas partes, expressa a apropriação do livro segundo demandas de educação feminina no conjunto de ações empreendidas por D. Leonor no interior do processo de diversificação da atuação da mulher no fim da Idade Média.

A Primeira Parte do *Espelho de Cristina*, aquela que está integral na versão do impresso de Lisboa, denota, sobretudo, a quem a obra estava direcionada: rainhas, princesas e grandes senhoras das cortes. Quanto às alterações feitas em relação ao conteúdo da versão mais antiga, verifica-se que a Primeira Parte do livro, destinada às rainhas e princesas, não sofreu reduções no texto, dando mostras de que as “mulheres de altos estados” eram modelos incondicionais de comportamento feminino para qualquer lugar, época e condição social, em especial nos dois contextos que analisamos, o do manuscrito e o do impresso em português. Como no exemplo do Capítulo I “*Como as tres virtudes amoestam todas princesas y grandes. Senhoras que venham assua escolla Esseu principal ensynamento he amar y temer deos*”:

Manuscrito em português	Impresso de Lisboa
como pessoa trabalhada e fraca de dar fim a tam grande trabalho.	como pessoa fraca e cansada de dar fim a tam grande obra
filha do estudo hás tu já esquecido o estilo do teu entendimento e leixas estar seca a pruma do trabalho da tua mão destra no qual te soias tanto deleitar	filha de o estudo é já tua destra cansada e hás tu esquecido o estilo do teu entendimento e leixas estar seca a pruma do doce trabalho em quete soias adeleitar
e assi a nossa precedente obra que é boa e proveitosa seja beenta e eixalçada pertodo o universal mundo e ainda em louvor dela nos praz	e assi a nossa Cidade das Damas é boa é proveitosa obra seja benta e sera louvada per todo o mundo e ainda em louvor dela nos praz
sejam per nós com tua ajuda pensados e buscados e feitos laços redes engenhos os quaaes tu estenderás pela terra lugares e praças	pensados laços redes e egenhos os quaes tu armaras per toda a terra e lugares e praças per onde as grandes senhoras e todas molheres

per onde as Senhoras e jeeralmente todalas molheres passam ⁴⁸⁰	passam ⁴⁸¹
--	-----------------------

No trecho selecionado acima há pequenas divergências nos termos traduzidos: “trabalhada e fraca”/ “fraca e cansada”, “do trabalho da tua mão destra”/ “do estudo é já tua (mão) destra cansada”, “eixaçada pertodo o universal mundo”/ “sera louvada per todo o mundo”, “estenderás”/ “armaras”. A princípio, contudo, essas discrepâncias não alterariam o sentido geral do texto⁴⁸².

Na Segunda e Terceira Partes, essas divergências entre os dois textos aumentam, tendo em vista que o impresso de Lisboa apresenta, a partir do capítulo X da Segunda Parte do livro, uma versão diferente da versão manuscrita, aparentando tratar-se de uma tradução diferente ou de uma remodelação do texto proveniente do manuscrito. Estas mudanças podem sugerir ou confirmar que são produzidos sentidos diversos para cada tradução do texto de Christine de Pizan.

O capítulo X da Segunda Parte instrui, justamente, as mulheres para o trabalho, para a administração das casas e das fazendas, bem como para o conselho e auxílio de seus maridos, demonstrando uma crescente preocupação com o governo dos bens pelas mulheres, que tinham participação cada vez mais ativa na sociedade de padrões masculinos como a do período tardo-medieval.

A Segunda Parte se destina às “*donas e donzelas e mulheres da corte à serviço das princesas*” e o capítulo X trata especificamente das “*senhoras que moram em suas casas e governam suas fazendas*”. É um trecho destinado às mulheres que moram em suas terras no campo. Verifica-se o quanto o texto do impresso de Lisboa é reduzido em comparação com o manuscrito em português:

Manuscrito em Português	Impresso de Lisboa
Outra maneira d'estado de viver comuum aas Senhoras e donzelas de pequena maneira que moram em quintaas e hagues fora das cidades	Outra maneyra de vyuer perteeçe aas simplezes donas e donzelas que morã em suas terras for das boas villas: Conuinhaue coua

⁴⁸⁰ PIZAN *Op. cit.* p.149-150.

⁴⁸¹ PIZAN, *Op. cit.* folha primeyra.

⁴⁸² Hipótese defendida por Maria Manuela Cruzeiro e Maria de Lourdes Crispim.

e uiitas que aqas princesas e Senhoras de grande maneira conuem / E esto he porque comumente os Senhores caualleiros e scudeiros e outros gintijs hoees vaam a muytas partes e seguem guerras / por esso he necessário a ssuas mulheres serem sages e de grande gouernança E que claramente uejam bem em seus feitos porque polla mayor parte estam em suas casas sem maridos / que som em as cortes dos Senhores ou em outras partes / Porem llhes conuem cuidar bem e ser bem descretas e auisadas de rejer suas fazendas e que façam ualler ssuas novidades Assi conuem a qualquer donzela de tal estado se quer husar de boom siso e descreçon quãto poderá auer de renda em cada hũũ ano comunalmente em sua terra/ E da mulher que esto assi fazer pode ser bem louuada segundo diz sallamom em hũũ capítollo que falla da ssajes mulher⁴⁸³ (...)	he a ssuas mulheres de serẽ sages e de boa guouernança e que andem claras em seus feytos por que ho mays do tempo ellas ficam em suas fazendas sem seus marydos que som na corte: ou outra(sic) partes. Assy conuem que ellas tenham bom cuydado de governar he fazer creçer suas rendas e seus mouees. E perteeçe ha cada huua mulher usar de siso que sayba quanto monta e val por anno sua renda. E de tal mulher se pode bẽ dizer o louuor da epístolla de sallamon que se diz da sages mulher (...) ⁴⁸⁴
--	---

Verifica-se no trecho do impresso de Lisboa que o enfoque está na comparação da administração de bens de maneira adequada, sem a presença do marido, ressaltando a virtude necessária para que a mulher seja sábia em tais situações. Na versão impressa, é retirada a questão da guerra como um dos motivos pelos quais as mulheres estariam sem seus maridos, mantendo-se apenas a ida dos maridos à corte como razão para que as mulheres se tornassem responsáveis pela administração da casa. Caberia perguntar, se a centralidade da corte como esfera de atuação masculina que faria o homem deixar suas responsabilidades habituais à guarda de sua esposa não seria mais um indício de que as transformações culturais no interior da corte avisina teriam funcionado como condição de possibilidade para a edição do livro de Pizan.

⁴⁸³ PIZAN, *Op. cit.* p.250-251.

⁴⁸⁴ PISAN, *Op. cit.* folha xxii.

A partir da exegese textual, o sentido geral do conselho de Christine de Pizan mantém-se, qual seja, o de que a mulher deveria ser sábia na administração de seus bens. Indagamo-nos sobre os motivos para a redução deste trecho. Esta supressão do texto indica-nos o que importava do texto de Christine de Pizan para aqueles que produziram sua tradução impressa (neste caso, Germão de Campos e a rainha D. Leonor) quanto a quem este livro estaria direcionado.

Isto se repete na Terceira Parte do livro de Christine, destinada às “mulheres destado y burguesas das boas villas”, que também seguiu estilo diferente da primeira versão portuguesa. Destacamos aqui o capítulo IV, “Das mulheres viúvas, velhas e mancebas”:

Manuscrito em Português	Impresso em Lisboa
Por darmos nossa obra mais a comprimento, ao proveito de todolos estados de mulheres, falaremos aas veuvas dos comuus estados, posto que em cima o havemos dito no estado das princesas. Diremos em tal maneira: Caras amigas, Nós, movidas per piedade de vossas queedas em no estado da veuveza per Morte que desnudadas vos há de vossos maridos, quaaesquer que eles fossem, o qual piadoso estado delibera comumente desvairadas angustias e assaz de nojosos trabalhos – mas esto em diversas maneiras, ca aaquelas que som ricas, d’hua guisa, e aaquelas que o nom som, em outra – e é livre cativoiro aas ricas, polo que se vee comumente em seu star, e aas pobres, ou aaquelas que nom som tam ricas, porque em suas fadigas nom acham piedade casi em ninguém. E ha hi com a door que havees d’haverdes perdidos vossos parceiros (que assaz devia d’abastar) tres principaaes males que muito geralmente, seendo pobres ou ricas, vos sobreveem.	POr fazermos nossa obra mais perfeita aproueito de todos os estados das mo - lheres fallaremos : aas veuuas do co - muñ estado porque ja fallamos aas pñcesas e diremos assy. Boas amigas vos sooes em estado de veuuidade per morte que vos roubou de vossos marydos quem quer que elles fossem : no qual piedoso estado se achã muy tos trabalhos e tristes cuydados . Mas esto he em desuariadas maneiras. aaquellas que som ricas de huña maneyra : e as pobres d outra aas ricas cada huñ trabalha por lhe auer o sseu : e aas pobres ã lhes fazer opressões .

O hũũ, já tocado, e que vos achaaes comunalmente dureza, pouco de valor e de piedade em toda pessoa. E taaes vos soiam a honrar em tempo de vossos maridos, que ofeciaaes ou de grande estado eram, que agora vos fazem pouca conta e pouco os achaaes amigos. O segundo mal de que sooes cometidas é de diversos preitos e demandas de muitas jentes, em feito de dívidas ou de querelas de terras ou de rendas. E o terceiro, e malzider de jentes que, de comũũ curso, é inclinado a vos perseguirem, assi que, aadur saberes assi bem fazer, que lhe nom achem contradiçom. E porquanto vós havees mester de ser armadas de bom siso contra estas pestenencias e todas outras que aviin vos podem, nos praz de vos amoestar daquelo que vos pode ser valedoiro como quer que pode ser haverlo alhur falado mas, porquanto ele caae a preposito, outra vez o repitiremos⁴⁸⁵.	Huũ he que geeralmente vos achaaes aspereza e pouca piedade em todas pessoas E taaes vos soyam de honrrar no tempo de vossos maridos que ago / ra nom fazem de vos conta nem os achaaes amygos. O ssegũdo he des uariadas demãdas sobre vossas terras : ou rendas . O terceiro mal dizer de toda a gête assi que a pena farees bem que nom seja tomado pello con trairo. E porque vos cõuem de seer armadas de bõ siso e paciência con tra estas tres pestellenças que vos po dem acontecer⁴⁸⁶.
--	--

Os trechos transcritos acima, apesar de serem pequenos exemplos, mostram como a Terceira Parte de *O Espelho de Cristina* sofreu grandes alterações textuais no impresso de Lisboa. Assim como na Segunda Parte, as reduções indicam que os conselhos direcionados às mulheres em maior situação de desamparo econômico ou de menor prestígio social giravam em torno da administração dos bens, sendo omitidas do impresso de Lisboa as partes que descrevem a situação das mulheres viúvas.

Questionamo-nos, então, se essas adaptações do texto não ocorreram, porque o público a qual este impresso se destinaria, as damas da corte, não se identificaria com as mulheres que não participavam da vida cortesã. Todavia, esta hipótese levanta uma

⁴⁸⁵ PIZAN apud CRISPIM, *Op. cit.* p.280-281.

⁴⁸⁶ PISAN, *Op. cit.* folha xi verso.

outra questão, do porquê então foram mantidos os capítulos X ao XIII da Segunda Parte e todos os capítulos da Terceira Parte.

Acreditamos que as mulheres destes outros setores foram mantidas no texto, porque havia uma grande diversidade social, reflexo das mudanças econômicas e comerciais pós-descobrimientos. O crescente e intenso processo de urbanização, o aumento da criação de cargos administrativos necessários para o bom funcionamento da nova forma de organização do poder político, a mobilidade social ascendente e todos os outros processos ligados às novas formas políticas e às novas dinâmicas econômicas talvez expliquem as duas indagações, tanto do porquê as mudanças acontecerem logo na parte destinada às mulheres “destado e burguesas das boos villas”⁴⁸⁷ quanto o porquê delas terem sido mantidas no texto.

Uma outra explicação reside também no projeto de legitimação da Dinastia. Era parte essencial a toda governança a preocupação com todos os setores sociais, sendo importante abranger em um texto, como parte de um projeto de poder, todas as mulheres do reino, das diversas categorias, mesmo que elas não fossem o público alvo para sua leitura.

Um texto escrito por Christine de Pizan por volta de 1405 passa por uma tradução cinquenta anos depois e por uma outra em 1518. Entre eles existem mudanças não só de suporte, mas na ordem do conteúdo. Ao procedimento textual conduzido pela escritora são adicionados elementos a partir de escolhas feitas pelo tipógrafo, correspondentes ao projeto de poder da dinastia de Avis. Neste sentido, o enfoque na Primeira Parte e na maioria da Segunda do *Espelho de Cristina* indica a existência de um modelo educacional que privilegiava a leitura e normatização dos comportamentos das nobres e “grandes senhoras” do reino português.

Ao ler *O Espelho de Cristina* é possível verificar que este universo da corte feminino, que por si só justifica a tradução e impressão do livro a mando de uma das mais influentes rainhas medievais portuguesas. A edição lisboeta de Pizan, a um só tempo, expressa transformações sociais relativas à participação efetiva das mulheres na sociedade portuguesa de inícios do século XVI e auxilia na produção de sentido para esse processo, uma vez que fornece normativas para o comportamento ideal das mulheres, corroborando para adequação das experiências femininas relativas às

⁴⁸⁷ *Ibid.* folha xxxvii

expectativas da cultura humanista de corte. Desse modo, o uso do livro naquele microcosmo, lugar de interdependência onde se concentravam mulheres e homens da mais diversa condição em busca do “tornar-se nobre”, contribui para a construção da imagem da mulher e transporta as formulações desenvolvidas na obra de Christine de Pizan ao universo cultural da corte portuguesa.

Considerações Finais

Escrever a história das mulheres, apesar de todo o contexto atual, continua a ser uma tarefa árdua. Apesar do reconhecimento da escrita feminina enquanto objeto e a mulher enquanto sujeito da história, a partir dos anos 70 do século passado, com o movimento feminista e a introdução de temáticas relacionadas a gênero e história das mulheres, essa questão persiste com diversas interrogações, prejulgamentos e reivindicações com o intuito de quebrar o olhar majoritariamente masculino das produções intelectuais e literárias.

Esse crescimento da participação feminina referente ao ofício intelectual, através de mulheres eruditas, moralistas, teólogas, poetas, romancistas e filósofas, confirma um poder de resistência e de vários pequenos avanços alcançados ao longo dos séculos, seja no campo literário, no jurídico ou no domínio da sexualidade, sempre em busca da igualdade entre os sexos e do direito à diferença.

Diversas mulheres conseguiram manter sua participação no processo de elaboração e desenvolvimento dos grandes debates políticos e intelectuais de suas épocas, tiveram que resistir a vários obstáculos. O espaço fechado nas universidades, a concepção de inferioridade intelectual feminina, os preconceitos com a profissionalização das mulheres e todas as estratégias de torná-las excluídas do saber e da construção da sociedade – quando não eram excluídas e retiradas do desenvolvimento científico – são algumas amostras da dificuldade enfrentada pelas mulheres.

Essas mulheres, tendo a escrita como instrumento e portando um interesse específico sobre a questão feminina de cada época, transformaram o debate literário em uma discussão política. Entre elas, ressaltamos nosso objeto de estudo, Christine de Pizan, que participa no século XV da querela das mulheres, através do debate travado entre a letrada e alguns intelectuais acerca da misoginia expressa no *Roman de la Rose*.

A *Querelle des femmes* expandiu-se para um fenômeno literário e cultural, e acaba inserindo-se no processo de elaboração e desenvolvimento de grandes debates políticos e intelectuais até o século XIX. Deste modo, diversas autoras mulheres participam do debate, posicionando-se a favor da figura feminina, repensando a figura de Christine de Pizan e, sobretudo, produzindo obras próprias.

Por volta do século XVII, essa discussão em torno do *Roman de la Rose* passou a ser vista como a primeira manifestação da querela das mulheres, debate que seguirá por séculos posteriores, alcançando a época da Revolução Francesa, o que possibilitou a participação de outras pensadoras como Marie de Gournay, a qual, em 1626, discutiu nos livros *Da igualdade entre homens e mulheres (De l'égalité des hommes et des femmes)* e *O pesar do feminino (Le Grief des dames)*⁴⁸⁸ a problemática da mulher intelectual em termos “feministas”⁴⁸⁹. Também participou do debate⁴⁹⁰ Marie Jeanne Riccoboni de Lambert, cujas personagens femininas são levadas pelo desejo de escapar à tutela masculina, como *A história de Miss Jenny (L'Histoire de Miss Jenny)* em 1764⁴⁹¹.

A *Querelle des femmes* chegou na Inglaterra, França e Espanha e é entendida como uma discussão com diferentes correntes e para a defesa de igualdade e reconhecimento do valor social das mulheres⁴⁹². Graças a seu envolvimento nesse debate travado com outros intelectuais de seu tempo, Christine de Pizan teve seus méritos de mulher das letras reconhecidos mais tarde no século XVIII pelos enciclopedistas Diderot e Choderlos de Laclos⁴⁹³.

Christine de Pizan e sua produção literária foram objetos de um estudo escrito por uma mulher, Loise Felicité Keralio (1757-1821), que como primeira editora de um jornal e única representante feminina da Academia de Arras, na França, fez uma análise da vida e obra de Christine em um dos quatorze volumes de uma coleção intitulada “*As melhores obras francesas compostas por mulheres*”⁴⁹⁴.

Um dos primeiros sinais de um futuro movimento feminista ocorreu durante a Revolução Francesa, com a publicação do livro *A Vindication of the Rights of Woman*,

⁴⁸⁸ GOURNAY, Marie. *Œuvres complètes*. Direction de Jean-Claude Arnould. Paris: Honoré Champion, 2002.

⁴⁸⁹ Ver os trabalhos de Danielle Haase-Dubosc. “Intellectuelles, femmes d’esprit et femmes Savantes”. In: RACINE, Nicole, TREBITSCH, Michel.(dir.). *Intellectuelles: du genre en Histoire des intellectuels*. Bruxelle: Editions Complexes, 2004. p. 61.

⁴⁹⁰ BROUARD-ARENDS, Isabelle. “De l’auteur à l’auteure”. In: RACINE, Nicole, TREBITSCH, Michel. (dir.). *Intellectuelles: du genre en Histoire des intellectuels*. Bruxelle: Editions Complexes, 2004. p. 79.

⁴⁹¹ LAMBERT, Marie Jeanne. *Histoire de Miss Jenny*. Paris: Indigo, 2015.

⁴⁹² ZIMMERMANN, Margareth. “Christine de Pizan et le féminismes aoutour de 1900”. In: RIBEMONT, Bernard. (org.) *Sur le chemin de longue étude*. Actes du colloque d’Orleans-juillet 1995. Paris: Honoré Champion, 1998. p. 183-204.

⁴⁹³ CAMPBELL, Jonh; MARGOLIS, Angus J. Kennedy. *Christine de Pizan 2000: studies on Christine de Pizan in honour of Angus J. Kennedy*. Amsterdam: Rodopi, 2000. p.34-35.

⁴⁹⁴ *Ibid.*,p.41-42.

de Mary Wollstonecraft⁴⁹⁵, o qual tinha por objetivo exigir a amplitude dos direitos políticos para as mulheres, enfatizando maior atenção ao direito à educação. Todavia, na obra também reivindicavam-se direitos trabalhistas para as mulheres e o direito à maternidade.

Igualmente crítica em relação ao patriarcado da época e à relação homem-mulher expressada na Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, Olympe de Gouges⁴⁹⁶ publica a Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã, em francês “*Déclaration des droits de la femme et de la citoyenne*” em 1791, em que criticava o fato dos direitos iguais defendidos pela Revolução não incluírem as mulheres.

O movimento feminista surge com a intenção de romper com a ordem patriarcal, denunciando a desigualdade entre homens e mulheres e buscando direitos igualitários para as mulheres. Entre os séculos XIX e XX, com o advento do feminismo como movimento social, os textos de Christine de Pizan passaram a ser estudados com o objetivo de se encontrar argumentos favoráveis ao feminismo ou ao antifeminismo. Um dos princípios da crítica literária feminista é que a análise de um texto nunca é neutra⁴⁹⁷, portanto, cada época e cada grupo social passou a ler os textos de Christine de Pizan de acordo com seu próprio contexto e demandas.

Margareth Zimmermann afirma que as análises das obras de Christine de Pizan realizadas entre 1900 e 1940 nunca estiveram desprovidas de uma visão política, partindo do contexto no qual a análise foi elaborada⁴⁹⁸. Nesse caso, a autora referiu-se ao início do movimento sufragista⁴⁹⁹ e ao questionamento do “feminismo” presente nos textos de Christine⁵⁰⁰.

A chamada primeira onda feminista aconteceu a partir das últimas décadas do século XIX, quando as mulheres, primeiramente na Inglaterra, se organizaram para lutar

⁴⁹⁵ Mary Wollstonecraft foi uma escritora britânica e considerada uma das pioneiras do movimento feminista, com a publicação da obra “A Vindication of the Rights of Woman” (em português, “Uma Defesa dos Direitos da Mulher”), em 1790.

⁴⁹⁶ Olympe de Gouges, pseudônimo de Marie Gouze foi um historiadora francesa, jornalista, escritora e autora de peças de teatro. Devido aos seus escritos e atitudes pioneiras, foi executada durante o período do terror jacobino

⁴⁹⁷ MOIL, Tori. *Teoria Literária Feminista*. Madri: Fuenlabrada, 2006. p.10.

⁴⁹⁸ ZIMMERMANN, Margareth. *Op.cit.* p. 183-204.

⁴⁹⁹ O movimento pelo sufrágio feminino é um movimento social, político e econômico de reforma, com o objetivo de estender o sufrágio (o direito de votar) às mulheres. A luta pelo voto feminino foi sempre o primeiro passo a ser alcançado no horizonte das feministas da era pós-Revolução Industrial. As “suffragettes” (em português, sufragistas) foram as primeiras ativistas do movimento feminista no século XIX.

⁵⁰⁰ ZIMMERMANN, Margareth. *Op.cit.* p. 187.

por seus direitos, mais particularmente pelo direito ao voto. Em 1949 é publicado *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir, e além dos debates acerca da construção do que é ser mulher, há também na obra em questão um destaque para a figura de Christine de Pizan, em seu ato de sustentar-se através das letras:

As rainhas, por direito divino, as santas, por suas evidentes virtudes, asseguram-se um apoio na sociedade que lhes permite igualar-se aos homens. Das outras, ao contrário, exige-se uma silenciosa modéstia. O êxito de Christine de Pisan é surpreendente: ainda assim, foi preciso que fosse viúva e cheia de filhos para que se decidisse a ganhar a vida com a pena.⁵⁰¹

A segunda onda do movimento feminista do final da década de 1960 trouxe, além das preocupações sociais e políticas, a necessidade de construções propriamente teóricas⁵⁰². As feministas reivindicavam o reconhecimento da ação das mulheres na história e também que a história passasse a explicar a opressão por que passavam e assim servisse de inspiração para a ação no presente. As acadêmicas responderam ao chamado da “sua” história e dirigiram a erudição para uma atividade política mais ampla. A princípio, com uma conexão direta entre política e pesquisa, os estudos iniciais sobre as mulheres implicaram no risco da simplificação de apresentar a mulher algumas vezes como vítima, outras como heroína⁵⁰³.

Afastando-se gradativamente da política feminista, no final da década de 1970, a História das Mulheres ampliou seu campo de questionamento, procurando documentar todos os aspectos da vida das mulheres no passado e desta forma adquiriu uma identidade própria⁵⁰⁴.

Bastante influenciada pelo movimento feminista emergente da época, a leitura da obra de Pizan girou em torno de um controverso questionamento do seu feminismo. Suas obras foram comentadas, traduzidas e objeto de disputa (as obras com a temática do feminino) entre feministas e não feministas no início do século XX. Como podemos ver, Christine não foi esquecida. Suas ideias continuaram a participar dos debates sobre as questões femininas.

⁵⁰¹ BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. Trad.Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. p. 130.

⁵⁰² BENOIT, Lelita. “Feminismo, Gênero e Revolução”. *Dossiê Crítica Marxista*. Unicamp, n.11, 2000. p. 76-88.

⁵⁰³ BRUSCHINI, Cristina; COSTA, Albertina (org.) *Uma questão de Gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos/ Fundação Carlos Chagas, 1992. p.10.

⁵⁰⁴ BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 100.

Os textos de Christine de Pizan foram estudados, bem como valorizado o seu esforço em defender e demonstrar as virtudes femininas e a inovação em entender a mulher como protagonista de sua própria história, o que abriu caminho para uma discussão que, ao mesmo tempo, defende uma mulher preparada para sobreviver sem a figura masculina de um pai ou marido, mas que também argumenta que cada um dos sexos tem papéis específicos e complementares segundo a criação divina. Essa discussão rendeu a Christine de Pizan o título de “protofeminista”, estabelecendo-se como uma feminista germinal, salvaguardados os devidos anacronismos do termo, pois se refere a uma época em que a mulher não tinha grande espaço de possibilidade de escrita própria e remunerada.

A historiadora Joan Kelly⁵⁰⁵ analisou as características do discurso de Christine de Pizan e o classificou como protofeminista por conter três elementos básicos: oposição dialética à misoginia; o embasamento desta oposição na relação entre homens e mulheres; e a possibilidade de universalizar a questão e transcender o seu tempo, apresentando uma autêntica concepção geral da humanidade, despertada pela situação contraditória de Christine de Pizan no início do século XV, por ser uma mulher que conseguiu alcançar uma relativa circulação de seus escritos.

Ao lado da redescoberta dos escritos de Christine de Pizan, com a publicação das edições do *Livre des fais et bonnes moeurs du Sage Roy Charles V*, o *Livre du Chemin de Long Étude* e suas *Oeuvres poétiques*⁵⁰⁶, editadas por Maurice Roy, também verifica-se uma utilização de suas obras pelos conservadores Théodore Joran e Gustave Gröber, como uma “*arma contra as aderentes dos movimentos de emancipação contemporâneos*”⁵⁰⁷, ou ainda assiste-se a divulgação de uma visão de Christine açucarada, cor-de-rosa, também classificada de “*feminista de direita*”⁵⁰⁸, como afirma Margareth Zimmermann fazendo referência à tese de Rose Rigaud, *Les idées féministes de Christine de Pizan*⁵⁰⁹. Segundo Rigaud, *A cidade das mulheres*, juntamente com a *Epistre au dieu d'Amour*, são os primeiros livros a abordar a causa feminista sem exageros e visando um público específico, o feminino, mais interessado na causa.

⁵⁰⁵ KELLY, Joan. “Early Feminist theory and the querelle des femmes, 1400-1789”. *Signs*. University of Chicago Press, Vol. 8, No. 1, p. 4-28, 1982.

⁵⁰⁶ PIZAN, Christine. *Op. cit.*, p.1886-1896.

⁵⁰⁷ ZIMMERMANN, Margareth. *Op.cit.*, p.196.

⁵⁰⁸ *Ibid.* p. 190.

⁵⁰⁹ Cf. RIGAUD, Rose. *Op. cit.*

Christine, em seus textos, traça o perfil da vida moral e “intelectual” das mulheres do fim da Idade Média, ensinando-lhes a valorização pela educação e aprendizagem, sua emancipação enquanto ser humano, a capacidade de ocupar seu próprio lugar no mundo, e não o lugar determinado pelos homens e aos homens. Em todas as suas obras, Christine luta pelo respeito e pela valorização da mulher, todavia, com a análise mais aprofundada sobre suas obras, e dentro de seus objetivos enquanto escritora na Idade Média, a mesma não tinha a pretensão (e, eventualmente, não poderia) de avançar ou de emancipar a figura feminina, pois para ela a principal virtude ainda era a obediência.

Através dos modelos de mulher elencados em sua obra, Christine de Pizan divide-se entre contar uma história das mulheres e contar sua própria história; entre narrativas de personagens familiares, questões pontuais da França e narrativas gerais; entre os debates em relação à imagem da mulher e às análises sobre os autores anteriores e contemporâneos a ela.

Ao ressaltar as imagens da(s) mulher(es) em seus escritos, sejam de caráter lírico, moralista ou político, Christine de Pizan põe em evidência a importância da sua querela de gênero como um acréscimo em seu propósito de defesa feminino, enquanto produtora de literatura. O espaço da escrita desempenha, assim, um duplo papel para as mulheres na construção de uma identidade feminina, o intelectual e o de gênero.

A pesquisa desenvolvida nesta tese buscou novas contribuições sobre duas obras de Christine de Pizan, *A Cidade das Damas* e *O Tesouro da Cidade das Damas*, principalmente desta segunda em sua versão portuguesa, *Espelho de Cristina*, e uma possível apropriação desta obra pela corte portuguesa.

Durante grande parte da Idade Média, a figura da mulher foi definida, interpretada e imaginada pelo olhar masculino, que a colocava como uma figura frágil, muitas vezes inconstante e, na maioria dos casos, sedutora, que precisava ser sempre guiada, interdita ou chancelada pela presença de um homem. Neste período, a construção de uma noção de identidade feminina por mulheres era dificultada por uma lógica social que colocava a sabedoria, a escrita, a eloquência e a oratória nas mãos do homem. Houve, porém, algumas que conseguiram interpretar e produzir sobre o ‘ser mulher’ nas sociedades em que viveram e, assim, mostrar uma visão diferente daquela dos escolásticos de suas épocas. E Christine de Pizan foi uma dessas figuras.

Se no universo em que produziu Christine houve precedentes que colaboraram com a circulação de suas obras pelo público, parece-nos, contudo, que isso não desvinculou o feminino de uma regulamentação perante a produção escrita, justamente pelo fato do feminino ser pensado como localizando-se fora do âmbito hierárquico de circulação intelectual. Atitudes de produção literária feminina, como a de Pizan e outras que a antecederam e sucederam, reivindicaram novas construções, as quais possibilitaram mudanças de significações da figura feminina e a abertura de um espaço, ainda que pequeno, de produção intelectual de mulheres e para mulheres.

Ao verificarmos o conteúdo de *A Cidade das Damas*, entendemos que a criação de sua cidade-refúgio em seu próprio livro fazia com que mulheres de diferentes religiões, épocas e condições pudessem se encontrar. Seu pensamento não estava no passado ou no futuro longínquo. A realidade de seu sonho e sua cidade imaginada consistia na grande verdade de que, enquanto houvesse pessoas com acesso ao seu livro, a *Cidade das Damas* serviria novamente de abrigo, pois ela continha os exemplos aperfeiçoados para que todos e todas tivessem como modelo a conduta daquelas que serviram como pedras de construção e das suas nobres habitantes, estabelecendo um grande leque de modelos e uma maior variedade de exemplos identitários sobre mulheres.

A análise do conteúdo da sequência, *O Livro das Três Virtudes*, demonstra um enquadramento normativo para as mulheres, mas, sobretudo, denota os mecanismos de construção da imagem das mulheres, bem como a inserção feminina dentro da sociedade. As mulheres apresentadas no livro possuíam uma função social não menos importante do que a dos homens e ensiná-las também fazia parte de um projeto para a constituição de uma corte letrada. Christine de Pizan, ao educar as mulheres, idealizava uma mulher virtuosa, a qual deveria ser um modelo a ser seguido pelas demais. As rainhas, princesas e mulheres não nobres que leram este livro viam ali o que deveriam ser: virtuosas, cristãs, cultas e letradas.

As práticas de leitura e o uso da tradução deste livro, renomeado como *O Espelho de Cristina* na corte portuguesa do XVI, certamente reforçaram a imagem do poder das grandes senhoras na corte e no reino. Este texto normativo foi então lido, apropriado e possivelmente reinterpretado dentro do projeto de poder e legitimação desenvolvido pela dinastia de Avis.

Apesar de estarmos concluindo o trabalho aqui apresentado, o fazemos com a consciência de que uma pesquisa dificilmente pode empregar o ponto final sem trazer à sua sombra possibilidades sempre abertas. Embora nosso objetivo tenha sido contribuir com os estudos que tomam a questão da mulher como objeto, nossa empreitada se debruçou apenas em duas obras de Christine de Pizan, excluindo uma vasta gama de textos que superam trinta títulos sobre assuntos variados que vão desde tratados militares a poemas e biografias. Por isso, no nível da direção que seguimos ao longo da tese, caberia ainda expandir a reflexão a essas outras obras de Christine e, com isso, questionar a amplitude e polissemia da concepção de moral e educação feminina de Pizan, bem como o sentido que suas ideias adquiriram nos diversos ambientes onde tiveram expressão.

Referências Bibliográficas

Fontes primárias:

PISAN, Christine. *O Espelho de Cristina*. Edição fac-similada. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1987.

PIZAN, Christine. *La cité des dames*. Trad. Thérèse Moreau et Eric Hicks. Paris: Stock, 1986.

_____. *Le livre des trois vertus*. Introduction et notes Charity Canon Willard, texte établi en collaboration avec Eric Hicks. Paris: Honoré Champion, 1989.

PIZÁN, Cristina. *La ciudad de las damas*. Madrid: Siruela, 2001.

PIZAN, Cristina. *Libro de las Tres Virtudes o Tesoro de la Ciudad de las Damas*. Trad. Raquel Homet Florensa. Buenos Aires: Autores de Argentina, 2016.

Fontes complementares:

AGOSTINHO. *Confissões*. Traduzido por Maria Luiza Jardim Amarante. 17. ed. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. *De Trinitate*. Covilhã: Luso sofia press, 2008.

ALFONSO, Pedro. *Disciplina clericalis*. Madrid: Instituto Miguel Asín, 1948.

AMBROSE, St. *The Principal Works of St Ambrose*. Trad. H. de Romestin (Select Library of Nicene and Post-Nicene Fathers). Oxford e New York: James Parker, Christian Literature Co., 1896.

_____. *Hexameron, Paradise, and Cain and Abel*. Trad. J. J. Savage, FOX. New York: Fathers of the Church, Inc., 1961.

AQUINO, Tomás. *Suma Teológica*. I-II. São Paulo: Loyola, 2005.

ARISTOTLE. *Generation of Animals*. Trad. A. L. Peck. London e Cambridge, Massassuchets: Heinemann e Harvard University Press, 1963.

ARISTÓTELES. *Política*. Brasília: UnB, 1985.

_____. *Ética a Nicômaco*. Brasília: Universidade de Brasília, 1999, 1106b.

ARISTÓTELES. *Obras Completas. Retórica. Volume VIII. Tomo I*. Lisboa: Centro de filosofia da Universidade de Lisboa/ Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

BOOSCO DELEITOSO. Ed. de Augusto Magne. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1950.

CICERO. *De Oratore*. Paris: Les Belles Letres, 1967. c.34, v. 120.

_____. *Dos deveres (De officiis)*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CORTE ENPERIAL. Ed. interpretativa de Adelino de Almeida Calado. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2000.

DE GENDT, Anne Marie. *L'art d'éduquer les nobles demoiselles*. Paris: Honoré Champion, 2003.

DE RUGGIERO, Trotula. *Sulle malattie delle donne*. Trad: Piero Cantalupo. Palermo: La Luna saggia, 1994.

DEL PADRÓN, J.R. Triunfo de las donas. In: *Obras Completas*. (Org) Cesar Hernandez Alonso. Madri: Editora Nacional, 1982.

DUARTE, D. *Leal Conselheiro* [1437-1438]. Lisboa: Bertrand, 1942.

DUARTE, D. Livro da ensinança de bem cavalgar toda sela [1433/1437-1438]. In: *Obras dos Príncipes de Avis*. Edição de Manuel Lopes de Almeida. Porto: Lello & Irmão – Editores, 1981.

EIXIMENIS, Francesc. *Lo Libre de les Donas*. Barcelona: Curial, 1981.

ISIDORE OF SEVILLE. *Isidori Hispalensis Episcopi: Etymologiarum sive Originum libri xx*. 2 vols. Ed. W. M. Lindsay. Oxford: Clarendon Press, 1962.

JOÃO I, D. Livro da Montaria [1415-1433]. In: *Obras dos Príncipes de Avis*. Edição de Manuel Lopes de Almeida. Porto: Lello & Irmão – Editores, 1981.

KEMPE, Margery. *The Book of Margery Kempe*. (Trad. De B.A. Windeatt). London: Penguin Books, 1994.

LAMBERT, Marie Jeanne. *Histoire de Miss Jenny*. Paris: Indigo, 2015.

Livro dos Conselhos de El-Rei D. Duarte (Livro da Cartuxa). Lisboa: Estampa, 1982.

LUNA, Álvaro. *Libro de las claras e virtuosas mugeres*. Edición de Manuel de Castillo, Toledo: Establecimiento Tipográfico de Rafael G. Menor, 1908.

OESTERLEY, Hermann (ed.). *Gesta Romanorum*. Berlin: Weidmann, 1872.

ORTO DO ESPOSO. Edição crítica de Bertil Maler. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1956.

OVÍDIO. *A arte de amar*. Trad.: Dúnia Marinho da Silva. Porto Alegre: L&PM, 2006.

PEDRO, Infante D. Livro da Virtuosa Benfeitoria [1418-1425]. In: *Obras dos Príncipes de Avis*. Edição de Manuel Lopes de Almeida. Porto: Lello & Irmão – Editores, 1981.

PINA, Rui. *Chronica de El-rei D. Affonso V*, vol. I. Lisboa: s.n., 1904. Disponível em: <http://purl.pt/413>, acesso em 05/05/2017.

PISAN, Christine; GERSON, Jean; MONTREIL, Jean; COL, Gontier; COL, Pierre. *Le Débat sur le Roman de la Rose*. Ed. Érick Hicks. Paris: Honoré Champion, 1977.

PIZAN, Christine. *Oeuvres poétiques de Christine de Pizan*. Paris: Didot (Société des Anciens textes Français), 1886-1896. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k9614325n/f13.image>, acesso em 23/01/2018.

_____. *Le livre du duc des vrais amans*, a critical edition by Thelma S. Fenster, Binghamton, New York, 1995.

_____. *Le chemin de longue étude*, Paris: Librairie Générale Française, 2000.

PLATÃO. *Diálogos III: A República*. Tradução de Leonel Vallandro. Rio de Janeiro: Ediouro, 1970.

_____. *Ménon*. Trad. do grego e notas de Ernesto R. Gomes e estudo introdutório de José Trindade Santos. Lisboa: Edições Colibri, col. Universalia, 1992.

_____. *República*. Tradução Maria Helena da Rocha Pereira. 9. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbbenkian, 2001.

PLUTARCH. *Moralia*. The Loeb Classical Library vol III. Cambridge: Harvard University Press, 1961.

PORETE, Marguerite. *O espelho das almas simples e aniquiladas e que permanecem somente na vontade e no desejo do Amor*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

QUINTILIANO. *Istituzione oratoria*. Milão: Mondadori, 1997.

SÊNECA, Lúcio Aneu. *Tratado sobre a clemência (De Clementia)*. Trad. Ingeborg Braren. Petrópolis: Vozes, 1990.

_____. *Cartas a Lucílio*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991.

TERTULIANO. *Apologetique*. Paris: Les Belles Lettres, 1929.

TOUR-LANDRY, Geoffroy. *Le Livre Du Chevalier de La Tour Landry, Pour l'enseignement de ses filles*. Ed. Anatole de Montaiglon. Paris: Nabu Press, 2010.

TOURNAI, Wiliam. *De instructione puerorum*. Ed. James Arthur Corbet. Indiana: University of Notre Dame, 1955.

VARAZZE, Jacopo. *Legenda Áurea*. Vida dos Santos. Trad. Hilário Franco Júnior. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

VEGÉCIO. *Compêndio da Arte Militar (De Re Militari)*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009.

VIRGEU DE CONSOLAÇON. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1958.

Dicionários:

BLANCHARD, J; QUEREUIL, M. *Lexique de Christine de Pizan*, Paris: Klincksieck, 1999.

DUFÉY. *Dictionnaire historique de Paris*. Paris: Barba, 1828.

LANCIANI, Giulia; TAVIANI, Giuseppe. (org.). *Dicionário de Literatura Medieval Galega e Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, 1993.

SERRÃO, Joel. *Dicionário de História de Portugal*. Porto: Iniciativas Editoriais, 1965.

Bibliografia:

AMEAL, João. *Dona Leonor "Princesa Perfeitíssima"*. Porto: Livraria Tavares Martins, 1963.

AMOR, Lidia. Trazos femeninos en la historia intelectual francesa de la Edad Media tardía: La literatura didáctica y la legitimación del yo en Le chemin de longue étude de Christine de Pizan. Feminine strokes in French intellectual history of the late Middle

Ages. *De Medio Aevo*, v. 1, n. 1, p. 145-152, 2013. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4317948>, acesso em: 13/01/2018.

ANDRADE FILHO, Ruy de Oliveira; ALVES, Luiz Fernando. A Poética do amor em O romance da Rosa. *Mirabilia*, n.19, v.2, p. 259-283, 2014. Disponível em: <http://www.raco.cat/index.php/Mirabilia/article/viewFile/286976/375201>, acesso em 20/01/2018.

ANSELMO, Artur. *As Origens da Imprensa em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1981.

ARREGUI, Manuel Ortuño. La Disciplina Clericalis de Pedro Alfonso. *ArtyHum. Revista de Artes y Humanidades*, Vigo, n. 24, p. 42-54, 2016. Disponível em: <http://rua.ua.es/dspace/handle/10045/55766>, acesso em: 13/01/2018.

AUSSEMS, Johannes. *Christine de Pizan: the Scribal Finger print*. Edinburgh: University of Edinburgh, 2011.

AUTRAND, Françoise. *Christine de Pizan. Une femme en politique*. Paris: Fayard, 2009.

BADEL, P. Y. *Le Roman de la Rose au XIVe siècle*, Genebra: Droz, 1980 e HUOT, S. *Romance of the Rose and its Medieval Readers: Interpretation, Reception, Manuscript Transmission*, Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

BAKER, Denise N. (Ed.). *The Showings of Julian of Norwich*. (A Norton Critical Edition). New York: W.W. Norton & Company, 2005.

BARROS, José D. História Comparada – da contribuição de Marc Bloch à constituição de um moderno campo historiográfico. *Revista de História Social* nº13. São Paulo: Campinas, p.7-21, 2007. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/viewFile/207/199>, acesso em 20/04/2017.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. Trad.Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BELL, Susan. Christine de Pizan (1364-1430): Humanism and the Problem of a Studious Woman. *Feminist Studies*, Vol. 3, No. 3/4 (Spring – Summer), p. 173-184, 1976. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3177735>, acesso em 13/12/2017.

BENOIT, Lelita. "Feminismo, Gênero e Revolução". *Dossiê Crítica Marxista*. Unicamp, n.11, 2000. BRUSCHINI, Cristina; COSTA, Albertina (org.) *Uma questão de Gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos/ Fundação Carlos Chagas, 1992.

BERLIOZ, Jacques; DE BEAULIEU, Marie Anne Polo. *Les exempla médiévaux: nouvelles perspectives*. Paris: Honoré Champion, 1998.

BLOCH, Marc. Pour histoire comparée des sociétés européennes. In: BLOCH, Marc. *Mélanges historiques*. Paris: Serge Fleury e Editions de TEHESS, Tome 1, 1983.

BORNSTEIN, Diana: Ideals for Women in the Works of Christine de Pizan. *Speculum. Journal of Medieval Studies*, 58/2, p. 437-438, 1983. Disponível em: <http://www.journals.uchicago.edu/doi/abs/10.2307/2848265>, acesso em 12/05/2017.

BOURDIEU, P. & WACQUANT, L. J. D. *Réponses: Pour une anthropologie réflexive*. Paris: Editions du Seuil, 1992.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

BRABANT, Margaret (org.). *Politics, Gender and Genre: the political thought of Christine de Pizan*. Colorado: Westview Press, 1992.

BREMOND, Claude; LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean C. *L'exemplum*. Louvain: Brepols Turnhout, 1996.

BRITISH LIBRARY. Catalogue of Illuminated Manuscripts. Harley 4431, f.3
Disponível em:
<http://www.bl.uk/catalogues/illuminatedmanuscripts/record.asp?MSID=8361&CollID=8&NStart=4431>.

BROUARD-ARENDS, Isabelle. "De l'auteur à l'auteure". In: RACINE, Nicole, TREBITSCH, Michel. (dir.). *Intellectuelles: du genre en Histoire des intellectuels*. Bruxelles: Editions Complexes, 2004.

BROWN-GRANT, Rosalind. "Christine de Pizan: feminist linguist avant la lettre?". In: CAMPBELL, John; MARGOLIS, Nadia. *Christine de Pizan 2000: Studies in Honour of Angus J. Kennedy*. Amsterdam: Rodopi, 2000.

_____. *Christine de Pizan and the moral defence of women*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

BUESCU, Ana Isabel. *Imagens do príncipe: discurso normativo e representação (1525-49)*. Lisboa: Cosmos, 1996.

_____. Livros e livrarias de rei e de príncipes entre os séculos XV e XVI. Algumas notas. *eHumanita*, v. 8, p. 143-170, 2007. Disponível em: http://www.ehumanista.ucsb.edu/sites/secure.lsit.ucsb.edu/span.d7_eh/files/sitefiles/ehumanista/volume8/8%20Ana%20Isabel%20Buescu%20Article.pdf, acesso em: 09/09/2017.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CALADO, Luciana E. F. *A Cidade das Damas: a construção da memória feminina no imaginário utópico de Christine de Pizan*. [Tese de Doutorado] Recife, 2006.

CAMPBELL, Jonh; MARGOLIS, Angus J. Kennedy. *Christine de Pizan 2000: studies on Christine de Pizan in honour of Angus J. Kennedy*. Amsterdam: Rodopi, 2000.

CARVALHO, Francismar. O conceito de representações coletivas segundo Roger Chartier. *Diálogos*, DHI/PPH/UEM, v. 9, n. 1, p. 143-165, 2005. Disponível em: <http://www.dialogos.uem.br/index.php?journal=ojs&page=article&op=viewArticle&path%5B%5D=170>, acesso em 15/08/17.

CASTRO, Manuel A. de. *O acontecer poético: a história literária*. Rio de Janeiro: Antares, 1982.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre Práticas e Representações*. Rio de Janeiro: Difel, 1993.

_____; CAVALLLO, Guglielmo. (Orgs.) *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Ática, 1998a.

_____. *A aventura do livro – do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora Unesp, 1998b.

_____. *A ordem dos livros – leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998c.

_____. *Os Desafios da Escrita*. São Paulo: Ed. UNESP, 1999.

_____. (org.). *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

_____. *À beira da falésia: a história entre as incertezas e inquietude*. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 2002a.

_____. *Do Palco à Página: publicar teatro e ler romances na época moderna: séculos XVI-XVIII*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002b.

_____. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo: UNESP, 2003.

_____. Escutar os Mortos com os Olhos. *Revista Estudos Avançados - USP*, nº. 69, 2010.

_____. *O que é um Autor?* Revisão de uma genealogia. São Carlos: EdUFSCar, 2012.

COAKLEY, John W. *Women, men, and spiritual power female saints and their male collaborators*. New York: Columbia University Press, 2006.

COELHO, Maria Helena da Cruz. “Memória e propaganda legitimadora do fundador da monarquia de Avis.” In: NOGUEIRA, Carlos Roberto. *O Portugal Medieval: Monarquia e Sociedade*. São Paulo: Alameda, 2010.

COSER, Miriam Cabral. A Dinastia de Avis e a construção da memória do reino português: uma análise das crônicas oficiais. *Cadernos de Ciências Humanas - Especiaria*. v. 10, n.18, jul. - dez., p. 703-727, 2007.

COSTA, Marcos Roberto Nunes. Mulheres intelectuais na Idade Média: Hildegarda de Bingen: entre a medicina, filosofia e a mística. *Revista Trans/Form/Ação*, Marília, v. 35, p. 187-208, 2012. Edição Especial. Disponível em: <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/transformacao/article/view/2682/2107>, Acesso em 17/01/2018.

COVA, Anne. *História Comparada das Mulheres: novas abordagens*. Lisboa: Livros Horizonte, 2008.

CRAVO, Cláudia. *Mateus de Pisano: De Septensi* (Excertos n. 4 e 6). *Humanitas*, n. 50, p. 649-685, 1998.

CRISPIM, Maria de Lourdes. *Christine de Pizan – O livro das três virtudes ou o Espelho de Cristina*. Dissertação para obtenção do grau de doutor em linguística. FCSH – Universidade Nova de Lisboa, 1995.

CRUZEIRO, Maria Manuela. *Espelho de Cristina*. Estudo linguístico comparativo dos dois textos actualmente conhecidos de uma tradução medieval portuguesa do “Livre des Trois Vertus”, de Cristine de Pisan. Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 1964.

CURCINO, Luzmara. Reflexões Sobre A 'Autoria' À Luz Da História Cultural: Contribuições De Roger Chartier. *Revista da ABRALIN*, v.15, n.2, p. 39-52, jul./dez. 2016. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/47882/28818>, acesso em: 18/01/2018.

DELUMEAU, Jean. *A civilização do renascimento*. Lisboa: Editorial Estampa, 1984.

DUBRULLE, Anne. *Le speculum dominarum de Durand de Champagne*: edition critique. Paris: École Nationale de Chartes, 1988.

DUBY, George. *As três ordens ou o imaginário do Feudalismo*. Lisboa: Estampa, 1982.

_____; PERROT, Michelle. (Org.) *História das mulheres*. Porto: Edições Afrontamentos, 1993.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

ESCUDERO, Jesús A. Cristina de Pizán: identidad personal y memoria colectiva. *AGORA - Papeles de Filosofía*, p. 25-39, 2008. Disponível em: <https://minerva.usc.es/xmlui/handle/10347/5989>, acesso em: 05/05/2017.

ESTEVA DE LLOBET, Lola. *Christine de Pizan*, Madrid: Editorial del Orto/Biblioteca de Mujeres, 1999.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Trad. Izabel Magalhães et al. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001.

FAMIGLIETTI, R.C. *Royal Intrigue: Crisis at the Court of Charles VI, 1392–1420*. Nova Iorque: AMS Press, 1986.

FILIPPONE, Elisa. *The Feminization of the Literary Voice and the Rhetorical Tradition in The Lais of Marie de France, The Mirror of Simple Souls and The Book of the City of Ladies*. Texas: University of Texas, 2014.

FRÓES, Vânia. Teatro Como Missão e Espaço de Encontro Entre Culturas. Estudo comparativo entre teatro português e brasileiro do século XV-XVI. In: *Actas do Congresso Internacional de História – Missão Portuguesa e Encontro entre Culturas*.

VIII. Universidade Católica Portuguesa. Comissão Nacional para as comemorações dos descobrimentos portugueses. Braga: Fundação Evangelização e Cultura. 1993.

GAVRILYUK, Paul. *The Spiritual Senses: Perceiving God in Western Christianity*, Cambridge: Cambridge, University of Cambridge, 2011.

GOMES, Rita Costa. *A corte dos reis de Portugal no final da Idade Média*. Lisboa: Difel, 1995.

GOURNAY, Marie. *Œuvres complètes*. Direction de Jean-Claude Arnould. Paris: Honoré Champion, 2002.

GREEN, Monica H. "Traitié tout des meçonges". In: DESMOND, Marilyn. *Christine de Pizan and the categories of difference*. Minneapolis/ London: University of Minnesota Press, 1998.

GREENE, Virginie. Le débat sur le Roman de la Rose comme document d'histoire littéraire et morale. *Cahiers de recherches médiévales et humanistes*, n. 14, 2007.

GURGEL, Veronica. CHARTIER, Roger: O que é um Autor? Revisão de uma genealogia. Porto Alegre, v.19, n.2, jun./set, p. 16-22, 2016. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/InfEducTeoriaPratica/article/viewFile/46800/39076>, acesso em 11/01/2018.

HAASE-DUBOSC, Danielle. "Intellectuelles, femmes d'esprit et femmes Savantes". In: RACINE, Nicole, TREBITSCH, Michel.(dir.). *Intellectuelles: du genre en Histoire des intellectuels*. Bruxelle: Editions Complexes, 2004.

HALL, Jeremy. Cicero and Quintilian on the oratorical use of hand gestures. *Classical Quarterly*, Cambridge, vol. 54 n. 1, p. 143-160, 2004. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3556289>, acesso em: 03/12/2017.

HANSEN, J. A. Educando príncipes no espelho. In: FREITAS, M. C; KUHLMANN, M. Jr. *Os intelectuais na história da infância*. São Paulo: Cortez, 2002, p. 62.

HUDRY, Françoise. Métaphysique et théologie dans les *Regulae theologiae* d'Alain de Lille. *Fédération Internationale des Instituts d'Études Médiévales. Textes et Études du Moyen Âge* 19, Turnhout, p. 201-215, 2004. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/308057648/Hudry-Methaphysique-Et-Theologie-Dans-Le-Regulae-Theologiae>, acesso em: 15/12/2017.

KELLY, Joan. "Early Feminist theory and the querelle des femmes, 1400-1789". *Signs*. University of Chicago Press, Vol. 8, No. 1, p. 4-28, 1982.

KOCKA, Jürgen. *Comparison and beyond*. History and Theory, n. 42, p. 39-44, 2003. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3590801>, acesso em 20/04/2017.

LACAPRA, Dominick. Repensar la historia intelectual y leer textos. In: PALTÍ, Elías. "Giro lingüístico" e história intelectual. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 1998. p. 237-292.

LAIGLE, Mathilde. *Le livre des trois vertus de Christine de Pisan et son milieu historique et littéraire*. Paris: Honoré Champion, 1912.

LAJOLO, Marisa. *O que é literatura*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

LE GOFF, Jacques. *A civilização do Ocidente Medieval*. Lisboa: Editorial Estampa, 1984.

_____. *O maravilhoso e o cotidiano no Ocidente Medieval*. Lisboa: Edições 70, 1990.

_____. *Os intelectuais na Idade Média*. Lisboa: Gradiva, 1984.

LEITE, Lucimara. *Christine de Pizan: uma resistência na aprendizagem moral da resignação*. Tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em língua e literatura francesa e Estudos Medievais da Universidade de São Paulo, 2008.

LEITE, Márcia.M.S.B. Representações femininas na idade média: o olhar de Georges Duby. *Sitientibus*, Feira de Santana, n.1, jul/dez, p. 37- 50, 1999. Disponível em: http://www2.uefs.br:8081/sitientibus/pdf/21/representacoes_femininas.pdf, acesso em 30/06/2017.

LEMARCHAND, Marie J. Introducción. In: PIZÁN, Christine. *Op. cit.*, 2001. p. 12.

LUSIGNAN, Serge. *Préface au Speculum maius de Vincent de Beauvais: réfraction et diffraction*. Montréal/Paris: Bellarmin/Vrin, 1979.

MACEDO, José R. *A mulher na Idade Média*. São Paulo: Contexto, 1999.

MACHADO FILHO, A.V. L. *Diálogos de São Gregório: edição e estudo de um manuscrito medieval português*. Salvador: Edufba, 2008.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARQUES, A. H. de Oliveira. *A sociedade medieval portuguesa*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1964.

MARQUES, A. H. de Oliveira. *Breve história de Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, 1996.

MATTOS E SILVA, R. V. *A mais antiga versão portuguesa dos Quatro Livros dos Diálogos de São Gregório*. Edição crítica com Introdução e Índice geral das palavras lexicais. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1971. p. 52.

MATTOSO, José. *História de Portugal: A monarquia Feudal*. v.2. Lisboa: Editorial Estampa, 1993. MATTOSO, José. *História de Portugal: no alvorecer da Modernidade*. v.3. Lisboa: Editorial Estampa, 1993.

MCCORMICK., Betsy. Building The Ideal City: Female Memorial Praxis in Christine De Pizan's *Cité Des Dames*. *Studies in the Literary Imagination*, Volume XXXVI, Number 1, Spring 2003. Disponível em: <https://www.questia.com/library/journal/1G1-110531563/building-the-ideal-city-female-memorial-praxis-in>, acesso em: 03/12/2017.

MCWEBB, Christine. *Le Roman de la Rose de Jean de Meung et le Livre des Trois Vertus de Christine de Pizan: un Palimpseste Catoptrique*. Ontario: Faculty of Graduate Studies The University of Western Ontario, 1998.

MEIRINHOS, J.F. Editores, livros e leitores em Portugal no século XVI. A colecção de impressos Portugueses da BPMP. Separata de *Tipografia Portuguesa do séc. XVI nas colecções da BPMP*. Catálogo. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 2006.

MELO, Antônio M. Martins. Da antiguidade ao Renascimento: os Exempla e a promoção de um ideal de perfeição humana. *Anuario de Estudios Filológicos*. Universidad de Extremadura. vol. XXXIV,. p. 125-137, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/16504/1/AEF.34.2011.pdf>, acesso em 20/11/2017.

MENDONÇA, Manuela. *D. Jorge da Costa, Cardeal de Alpedrinha*. Lisboa: Colibri, 1991.

_____. *D. João II: um percurso humano e político nas origens da modernidade em Portugal*. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.

_____. O Espelho de Cristina (sec. XV). *História Revista*. v. 18, n. 1, 2013.

MINER, Dorothy E. *Anastaise and her sisters: Women artists of the Middle Ages*. Baltimore: Walters Art Gallery, 1974.

MISKIMIN, Harry. *A Economia do Renascimento Europeu (1300-1600)*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

MOIL, Tori. *Teoria Literária Feminista*. Madri: Fuenlabrada, 2006.

MUNIZ, Márcio Ricardo. *O Leal conselheiro, de Dom Duarte, e a tradição dos Espelhos de príncipe*. São Paulo: Tese de Doutorado em Literatura Portuguesa na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2003.

NICOLETTE, Eduardo; SANTOS, Rodrigo; GUIMARÃES, Vítor. Hadewijch de Amberes: a mística medieval e suas visões sobre o divino. *Revista Mais que Amélias*. n.4, p. 1-9, 2017. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/361101224/cafb5-7d0085dac2e44a9c94d7da4f21c35d78-pdf>, acesso em 05/01/2018.

NOGUEIRA, Maria Simone Marinho. Negação e aniquilação em Marguerite Porete e Mestre Eckhart. *Princípios: Revista de Filosofia*, Natal, v.22, n.27, jan.-abr. 2015. p. 13. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/principios/article/viewFile/7380/pdf>, acesso em 06/01/2018.

OLIVEIRA MARQUES, António Henrique de. *Portugal na Crise dos Séculos XIV e XV*. Lisboa: Presença, 1987.

OLIVEIRA, Ana Rodrigues. “A criança”, in *História da Vida Privada*, dir. por José Mattoso, vol. 1 – *A Idade Média*, coord. por Bernardo de Vasconcelos e Sousa. Lisboa: Círculo dos Leitores, 2010.

OUY, Gilbert; RENO, Christine. Identification des autographes de Christine de Pizan. *Scriptorium*, n. 34, p. 221-238, 1980. Disponível em: http://www.persee.fr/doc/scrip_0036-9772_1980_num_34_2_1173, acesso em: 12/01/2018.

PACHECO, José. *A divina arte negra e o livro português* (séculos XV e XVI). Lisboa: Vega, 1988. p. 15

PERNOUD, Régine. *La femme au temps des cathédrales*. Paris: Stock, 1980.

_____. *Christine de Pisan*. Paris: Calmann-Levy, 1982.

PILOSU, Mario. *A mulher, a luxúria e a Igreja na Idade Média*. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.

PINHEIRO, Mirtes. Hildegarda de Bingen: “Luz Iluminada pela Inspiração Divina.” *Graphos*. v.15, n.1, p. 1-9, 2013. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/view/16319/9348>, acesso em: 26/01/2018.

POLL, Maria Carmen Gomes Martiniano de Oliveira van de. *A espiritualidade de Hildegarda von Bingen; profecia e ortodoxia*. 2010. 211 f. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - USP, São Paulo, 2010.

REALE, Giovanni. *Introducción a Aristóteles*. Barcelona: Herder, 1985.

RENO, Christine. Les manuscrits originaux de la Cité des dames de Christine de Pisan. In: VAN HEMELRYCK, Tania; VAN HOOREBEECK, Céline; DELSAUX, Olivier (ed.). *L'écrit et le manuscrit à la fin du Moyen Âge*, Turnhout: Brepols, 2006.

RIGAUD, Rose. *Les idées féministes de Christine de Pisan*. Tese apresentada à Faculté des Lettres de l'Université de Neuchâtel, Slatkine Reprints, 1973

ROSS, David. *Aristóteles*. Lisboa: Dom Quixote, 1987.

ROUSE, Richard H; ROUSE, Mary A. *Illiterati et uxorati*. Manuscripts and Their Makers. Commercial Book Producers in Medieval Paris 1200 – 1500, Turnhout: Harvey Miller Publishers. 2000.

SÁEZ, Rosa M.M. Retórica y pensamiento em la apologética Cristiana: El exemplum de M. Atilio Régulo, de Tertuliano a Agustín. *POLIS. Revista de ideas y formas políticas de la Antigüedad Clásica*. n. 23, p. 153-169, 2011. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4010956>, acesso em: 03/10/2017.

SANTOS, Maria José Azevedo. A cultura Portuguesa no século XV da Universidade à Corte. *Revista Portuguesa de História*, Coimbra, t. XXXI, v. 1, p. 268-270, 1996.

SARAIVA, António José. *O Crepúsculo da Idade Média em Portugal*. Lisboa: Gradiva, 1988.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez, p. 71-99, 1995. Disponível em:

<http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>, acesso em: 25/04/2017.

_____. "La querelle des femmes" no final do século X". *Estudos Feministas*. vol.9, no.2 Florianópolis, p. 367-388, 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2001000200004>, acesso em 21/01/2017.

SERRADO, Joana de Fátima Gonçalves Pita do. *Amar, experienciar, transformar: Minnen, Varen, Verwandelen: três verbos místicos em Hadewijch de Antuérpia*. Dissertação de Mestrado. Universidade do Porto, 2004.

SERRÃO, Joaquim. *História de Portugal: Formação do Estado Moderno (1415-1495)*. Lisboa: Verbo, 1978.

SERRÃO, Joel; MARQUES, A. H. de Oliveira (Dir.). *Nova História de Portugal: Portugal na Crise dos séculos XIV e XV*. Lisboa: Editorial Presença, 1987.

SILLERAS-FERNANDEZ, Nuria. *Chariot of ladies: Francesc Eiximenis and the court culture of medieval and early modern iberia*. Londres: Cornell University Press, 2015.

SILVEIRA, Denis. As virtudes em Aristóteles. *Rev. Ciênc. Hum. Educ.* v.1, n.1, p. 45-49, 2000. Disponível em: <http://revistas.fw.uri.br/index.php/revistadech/article/viewFile/203/372>, acesso em 10/01/2018.

SILVEIRA, Mariana Duarte. *A imagem feminina na Moralia: heroísmo e outras virtudes*. Dissertação apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2006.

SIMONI, Karine. De dama da Escola de Salerno à figura legendaria: Trotula de Ruggiero entre a notoriedade e o esquecimento. *Fazendo Gênero 9: diásporas, diversidades, deslocamento*. 23 a 26 de agosto de 2010. p. 4. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278291166_ARQUIVO_DedamadaescoladeSalernoafiguralegendariaTrotuladeRuggieroentranotoriedadeeoesquecimento.pdf, acesso em: 04/11/2017.

SMITH, Julia Marie. *Fortify the City with Your Tempered Pen: Building the "City of Ladies" through Text, Paratext, and Media*. Cidade: Florida State University, 2008.

SOUSA, Ivo Carneiro. *A Rainha da Misericórdia: na história da espiritualidade de Portugal na época do Renascimento*. Dissertação de doutoramento em Cultura Portuguesa. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1992.

SOUZA, Néri de Almeida. *A Cristianização dos mortos: a mensagem evangelizadora da Legenda aurea de Jacopo de Varazze*. 1998, 2v., 517f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1998.

SUMMIT, Jennifer. “Women and Authorship”. In: DINSHAW, C.; WALLACE, D. (ed.). *The Cambridge Companion to Medieval Women’s Writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003

TEDESCHI, Losandro. O discurso filosófico: definindo o corpo. *Filosofazer*. Passo Fundo, n. 32, jan./jun, p. 95-108, 2008. Disponível em: <http://filosofazer.ifibe.edu.br/index.php/filosofazerimpressa/article/view/179>, acesso em: 10/01/2018.

THIBERT, Christine. *Devenir Dame: Le livre de la Cité des Dames*. Columbia: University of British Columbia, 1988.

TOIPA, Helena Costa. Cataldo Siculo e o mecenato da Rainha D. Leonor. *MÁTHESIS*. Viseu, n. 3, p. 167-197, 1994. Disponível em: <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/node/106201?hdl=23994>, acesso em: 04/08/2018.

TROCH, Liev. Mística feminina na Idade Média: historiografia feminista e descolonização das paisagens medievais. *Revista Graphos*, v. 15, n. 1, p. 1-12, 2013. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/graphos/article/viewFile/16324/9352>, acesso em 15/01/2018.

VASCONCELLOS, J. Leite de. *Lições de Filologia portuguesa*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1966.

VASCONCELOS, Carolina Michaelis. *A infanta D. Maria de Portugal (1521-1577) e suas damas*. Lisboa: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 1994.

VAUCHEZ, André. *A espiritualidade na Idade Média Ocidental*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

VICENTE, Maria da Graça. *D. Filipa, A Senhora de Odivelas*. Lisboa: Academia Portuguesa de História; Vila do Conde: Quidnovi, 2011.

VIENNOT, Éliane. *La France, les femmes et le pouvoir: L'invention de la loi salique (v^e-xvi^e siècle)*, Volume 1, Paris: Perrin, 2006.

VITERBO, Sousa. A cultura intelectual de D. Affonso V. *Arquivo Historico Portuguez*. Lisboa, 1904. vol. II.

WAGNER, Jill E. Christine de Pizan's City of Ladies: A Monumental (Re)construction of, by, and for Women of All Time. *MFF*. N.44. Vol.1, p. 69-80, 2008. Disponível em: <https://ir.uiowa.edu/mff/vol44/iss1/6/>, acesso em: 03/05/2017.

WELTER, J. *L'Exemplum dans la littérature religieuse et didactique du Moyen Age*. Paris-Toulouse: Slatline, 1973.

WILLARD, Charity C. A Portuguese Translation of Christine de Pisan's Livre des trois vertus. *PMLA*, Vol. 78, No. 5, p. 459-464, 1963. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/460723?seq=1#page_scan_tab_contents, acesso em 03/05/2017.

_____. *Christine de Pizan: her life and works*, New York: Persea Books, 1984.

ZIMMERMANN, Margareth. "Christine de Pizan et le féminismes autour de 1900". In: RIBEMONT, Bernard. (org.) *Sur le chemin de longue étude*. Actes du colloque d'Orleans-juillet 1995. Paris: Honoré Champion, 1998.

ZINK, Michel. Literatura(s). In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário temático do Ocidente Medieval*. Bauru, SP: Edusc, 2006.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção e leitura*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

Anexos

Anexo 1: Cronologia das obras de Christine de Pizan (1364-1430)

1399-1402 – Coleção de Poemas

- *Cent Ballades.*
- *Virelays.*
- *Balades d' estrange façon.*
- *Ballades de divers propôs; I – XXIX*
- *Une Complainte amoureuse (I).*
- *Lays.*
- *Rondeaux.*
- *Jeux a vendre.*

1399

- *Epistre au Dieu d'amours.*
- *Le Debat de deux amants.*
- *Le Livre de Trois jgements amoureux.*
- *Le Livre du Dit de Poissy.*

1400-1401

- *L'Epistre Othea.*
- *Le Notables moraux.*
- *Proverbes moraux.*

1401-1402

- *Le Livre des Epistres sur le Roman de la Rose.*

1402

- *Le Dit de la Rose.*

1402-1403

- *Une Oroison Nostre Dame.*

- *Les Quinze Joyes de Nostre Dame.*
- *Une Oroison de la vie et passion Nostre Seigneur.*
- *Le Livre du Chemin de longe etude.*

1403

- *Une Epistre a Eustache Mourel.*
- *Le Dit de la Pastoure.*

1404

- *Le Livre de la Mutacion de Fortune.*
- *Le Livre des Fais et bonnes meurs du sage roy Charles V.*

1404-1405

- *Le Livre du Duc des vrais amans.*

1405

- *Le Livre de la Cité des Dames.*
- *Le Livre des Trois Vertus ou Le Tresor de la Cité des Dames.*
- *Epistre a Isabelle de Baviere.*
- *La Vision de Christine.*

1405-1406

- *Le Livre de la Prod'homie de l'homme et/ ou Le Livre de Prudence.*

1406-1407

- *Le Livre du Corps Policie.*

1407-1410

- *Autre Ballade, XLV.*
- *Une Complainte amoureuse.*
- *Cent Ballades d'Amant et de Dame.*

1409

- *Sept Psaumes Allegories.*

1410

- *Le Livre des Fais d'armes et de chevaleire.*

1412-1413

- *Le Livre de la Paix.*

1414-1418

- *Epistre de la Prison de vie humaine.*

1420

- *Les Heures de contemplacion sur la Passion de Nostre Seigneur.*

1429

- *Le Ditié de Jeanne d'Arc.*

Anexo 2: O Espelho de Cristina

Página de rosto do livro *O Espelho de Cristina*.

Prólogo

Prólogo de como as tres virtudes per
cujo mandado Cristina fez o liuro da ci
dade das damas lbe tornarõ a aparecer
E lbe mandarom fazer esta obra.



Espeye que eu ouue per graça e aju da do Senhor
deos, mandamento das tres virtudes, e ouem as
ber, Razom, Peritura e Juizica. E caber a a cidade
das damas pella forma e manira que em ella se con
tem. Como pella fraça e cansada de dar fim a tem
grande obra de ylguar de folgança a meus fracos
membros, e a meu corpo algum, e panto. E estando al
sy de vagar auendo duçiosy da de por com panheyra
supie-men e me tomd om a aparecer aquellas tie. gloriozas senboza. dy
zendo toda a pallaura doebua a entença em esta guisa. Como silbadeo e su/
e e jara de e tra e a fada. e bas tu el que ceibo o estilo do ten entendimẽ
o e leixar e star seca a pti na do noçe trabalho em que te soyas a deleytar.
Quere tu dar orelhas a aligam da preguica que sempre te cantai a sea cree
res tu bas a fãz trabalhado tempo de de repoufarea. E d fabe tu que de
neca de, aindã que de tenõ o mento do homẽ se repouse de poi. Balguã tra
balho o tempo das boas obras nem se peroe, nem perteece aty seere no co
to daquelles que no comego do bõs cantinhos a frouam de seus preposi
tos e to: nam a en fraquecer. E d e regonha aja o caualleyro que se parte da
batalha ante da vytoza onde de que perseneram me recem co: da de loiro.
Do: a sus dande batua de e tra maõ uem elles may e e se: no da na e ylle: a
da preguia e a entente no fãz pallauras e per graça de de e fãz obra por
neirosa. E om lomo: aindã cansada de remeter em trabalho como no fãz
feruidoraz: obra de te tẽm os ordenados compo: las de terminada em no fãz
virtu: so e m aduro conselbo. E per cẽm plo de deos que no comego do mã
do vyro sua obra e benzeo e de pois fez o bemem e de outras animallyas.
E assi a no fãz a cidade das damas e de boã e prouicosa obra se fãz e de a
louada per todo o m: do. E aindã em louuor della nos praz que assy como
o pa: fãz o a parelha sua rede e laços e em que sy lbe de aue querem que
po: a cidade das damas de honrra he teira e a parelha de seiam per no: co
tua aindã pensado de laços e redes e engenbos de quães tu armara e per toda
a terra e logares e praças per onde de grandes senboza e todas moll: e
res passam. Assim que daquellas que sem asperas e duras damas fãz possam
cairem no fãz as armay lbas: em tal maneira que poras en nebusia e escapem
das que by tocarem: e que todas sejam tragioas a a no fãz e de gloryosa.

A ij

Prólogo.

onde aprendam o doce tanto daquellas que sempre hy morarom: como pa-
cesas e sem repouso de frantom. Alleluia sobre o tenor dos bem aventura-
dos aijos. E en xpina ouvido as vozes de minhas boas e bonrradas senbo-
ra acieba de Alegria corredo me puse de giolboas antellas e me oferecy aa o-
bediencia de seus dignos mandamento: os quacs logo receby em esta for-
ma. Toma tua pena e escreve. Bem aventura as som as que moram e nos-
sa cidade per que se acrecenta o conto das coisas della. A todo collegeo seme-
nyno e a ilha denota rellegio seja notificado o offermem das sapiencia. E py-
meiramente por que o estado real das grandes senbozas he leuantado so-
bre o estado do mudo, conuem que aquelles asy homees como molheres
que deo gestabelleco em altas feoas de poderoso senbozio seja melhora co-
stamados que outra gente por que sua representaçom seja de mayor bonra.
e que elles possam seer asseus subditos e a todos que a elles ham esguar da-
do: espelho e exemplo de boos columes. aelles se aderençara nossa lypam.
Primeiramente aas Raynhas e princezas e grandes senbozas, de sy segun-
do de graao em graao cantaremos em nossa doutrina a todo o estado e a
molheres por que a descepinha de nossa escolla possa seer iusta de todo. vy-
remos em esta guisa.

Qui começa a fa-
lor das rubricas
do livro das tres
virtudes aa enfy-
nança das molhe-
res. E qual he partido em tres
partes. A primeira se aderença
aas Raynhas Duquesas e grã-
des senbozas. A segun-
da aas dõ-
zellas em special aaquellas que
andam nas cortes das grandes
princezas. A terçeyra aas mo-
lheres de estado: e burgesas e
molheres do poboo comuñ.

O prologo diz como as tres virtu-
des percu somandado xpina fez o li-
vro da cidade das damas e torna

rom a apparecer e he mandarem fa-
zer esta obra.

Capitulo primeiro. Como as tres
virtudes amonitam todas as princezas
e grandes. Senbozas que venham
a esta escolla. E seu principal enfy-
namento he amar e temer deos.
folha. primeira.

Capitulo segundo. Como deu-
ta a maneira das tentacoes que poe
vir as grandes senbozas. folha. i.

Capitulo terceiro. Como a boa
princeza que ama deos por e resistir
aas tentacoes per enformacão de
uinal. folha. i.

Capitulo. iiii. Como deu-
ta o, bñ

A tauoada.

o sancto conbecimento que vem ha
boa prynçesa per amor e temor de
deos. folba. iij.

¶ Capitulo. quinto. Que fallava
duas vias a sanctas. oua vias auffy/
ua beo contemplativa. folba. iij.

¶ Capitulo. vi. Qual destes camin/
hos a boa prynçesa amoçada de de
os determine de leuar. folba. iij.

¶ Capitulo. vii. Como a boa prin/
çesa quer atraher assy todas as vir/
tuas. folba. v.

¶ Capitulo. viii. Como a boa prinç/
sa se trabalhara de meter paz entre
ho príncepe e seus barões quando
by ouuer discordia. folba. vi.

¶ Capitulo. ix. De caminbo da ca/
riade que a deuota prynçesa teera
folba. vii.

¶ Capitulo. x. Que começa a fallar
das ensinanças e moraes que pruoé
ciam mundana para ha prynçesa. fo/
lba. viii.

¶ Capitulo. xi. Que deuise a maneira
de viuer que assages prynçesa tera p
conselho de prudencia. folba. ix.

¶ Capitulo. xii. que começa a fallar
das sete prinçypaes ensinanças de
prudencia que sam necessarias a to/
da prynçesa que ama honrra como
se ha ouer ha cerca de seu senho.
folba. x.

¶ Capitulo. xiii. que ha segunda en/
sinança be como assages prynçesa se

auera a cerca dos parçes de seu ma/
rido. folba. xij.

¶ Capitulo. xiiii. que a terçeyra be
como sera sollicita sobreho citado e
guarda e cryaçom de seus fylhos.
folba. xij.

¶ Capitulo. xv. Que a quarta be co/
mo assages prynçesa auera discre/
tamente contra aquellas que a nom/
sman e lhe bam enueja. folba. xiiij.

¶ Capitulo. xvi. Que a quinta be co/
mo a boa prynçesa trabalhara ouer
graça e boa voontade de seus sogri/
tos. folba. xiiij.

¶ Capitulo. xvii. Que a sexta be co/
mo ella teera molheres de tuar or/
te em boa ordenança. folba. xv.

¶ Capitulo. xviii. Que a septima be
como ella teera cuidoado de suas re/
das e despesas. e do cuidoado de sua
corte. folba. xvi.

¶ Capitulo. xix. Que deuise em que
maneira deue buscar de franqueza as/
sages prynçesa. folba. xvi.

¶ Capitulo. xx. Que poede de escusa/
çoão que pertexem aas boas prin/
çesas que por algumas razões nom
poede dar a pexiçom das causas so/
bre ditas. folba. xvij.

¶ Capitulo. xxi. Da guonernança
da sages prynçesa que fyea vnuu/
folba. xvij.

¶ Capitulo. xxii. Dello mesmo: e
das prynçesas que venham em sua
a ii]

A primeyza parte Das tres virtudes. *Folha primeyza.*

Capitulo primeyro. Como as tres virtudes amoesta todas princezas e grãdes Senhoras que venhã a sua escola. Esseu principal ensinamento he amar e temer deos.



A parte dos tres Irmãos fylhas de deos nomeadas Razam. Justiça. Atodalas princezas, i. em peratrizes rainhas/duquesas: e altas senhoras que regnam e senhorio sobre a terra dos xpiaos. de sy e geral a todo o genero feminino de amor. Sabermos fazemos. que como acaridade nos costringe de fazer o bem e acreecemento da bõra e bemaventurança de vos todas e aquerer a destruyçã e minguamento das cousas que esto podẽem bargar fomos mouidas a vos declarar e dyzer pallavras de doutrina. E inde poes todas a escola da sapiencia. Senhoras de grande estatura e nom aja a vergonha por voissas grandezas de vos fazerdes humiltozas e dezer e seer em baixo pera ouir nossas ensinanças. Cassegundo apallaura. de deos quem se humiltoza sera enalçado. E qual causa he em esse mundo maye prazivel nem tam delectosa a aquelles que a deseiam que as mundanas riquezas. ouro e pedras preciosas e posto que muyto dellas percalçem nom he poderia tanto aporneytar como fazem as virtudes aos coraçoes que deseia

bem viver. E por que som as virtudes milhozes. por que duram sem fim e sam thesouros da alma que he perpetua. E as outras passam como fumo. E tãto como ho spiritual gozta sentesua doçura as deseiamays que outra consamidação al pode leer desejava. E pois nom pertence a aqilles e a aquellas que per graça de deos som assentados em boa fortuna nos mais altos estados que sejam servidos de melhores cousas. E por que virtudes som as viandas de nossa mesa. nos praz de struyr primeiramente a chesa q fallamos. i. as ditas princezas. E sera ho fundamento de nossa doutrina primeiramente sobre o amor e temor de deos por que este he o começo da sabedoria e de que todas as outras virtudes nascem e descendem. Entende poys princezas e senhoras honradas sobre a terra / como principalmente sobre todas cousas vos conuem amar e temer deos. E malo por sua infynida bõdade e pollos grandes e muitos beneficios q delle tendes recebidos. E temello por sua divina e santa justiça que nẽbãa consaleya impunida. E esse amor e temor tẽdes bem ante vossos olhos sem duvida vos soos no caminho que de reytamente vos leuara ao lugar onde vos chamamos. i. as virtudes. E ora se duida he assy que toda pessoa que bem ama deos. o deue mostrar per obras segundo elle mesmodyz no euãgelho: as ouelhas q som de mynha parte me amam e eu as guardo. quer dizer q as criaturas que ho amã seguem suas pegadas que som as virtudes e elle as guarda de todo perigo. Poes he assy

ai

A primeyza parte.

que a pñçesa q̃o bem amar ho mo
strara, per tal guysa q̃ por carreguo
nem ocupaçom q̃ lbe venha por cou
sa de magnificência de seu estado nō
se partira dāte seus olbos allumiey
ra do dreyto caminho: aqual se con
batera contra as tētações e treuas
do peccado e veença: e encoirera
segūdo amaneyra aquy contbenda.

Capitulo segundo Como de
tusa a maneysa das tentações
que podem vijr as grandes se
nhoras.

Quando a pñçesa ou
grande senhora jou
uer sperta em sua ca
ma e ella sentir amo
leza da roupa e abra
deza dos lençodes muy delgados e
se vijr cercada de ricos paramentos
e de todas outras cousas aballada
q̃ som necessarias ao prazer do cor
po e donas e donzellas arredor de
sly: que nom tem olbo em outra cou
sa senam auisar que consa algũa lbe
nom faleça de todo deleyto, prestas
de acobrir, se ellas os pyrar ou se mo
nier: os geolbos ficados pera lbe me
nistrar todo seruiço e obedecer asse
nom mandado a. E mende acōtece en
tom que tentacam a cōbatera e lbe
cantara tal lyçam com que ella viga
assimefma. E enbor de os ha no mū
do mais grande senhora que tñhes
nem mais outorizada, de que deve
fazer conta, nom yras tu primeyro q̃
as outras posto que ellas sejam ca
sadas com grandes senhores: nem
se deueni cōpararaty. Tu de mais
ryca e de mayor linhagem: ou mais
preçada por teus sylbos, e mais no

meada polla possaçade ten maridos.
Quem seria o que te oufasse fazer de
sprazer, e nom tomarias tu vingança.
certo by no ha tam grāde pessoa
que tu bem nom podesse trazer af
slym e esse algũa pessoa presuntosa
soberba: te quis esse offender, tu aue
ras auyngança logo per tal po
der e per tal ajuda q̃ tu has. E por
que as grandes consas se nom po
dem acabar sem muyto dñbeyro, cō
nem que te trabalhes de fuintartelou
ro asslym que te possas delle ajudar
no tempo do necessydade. E este he
o melhor amygo e o mais seguro
meo que podes auer, quem sera, aq̃l
le que te desobedeça, se ouneras a faz
que dar. Ponhamos que nom das
senam ponco: nem leixaras por esso
de seer seruida em speranza, de no
me de tua riqueza, quem nō da ha
tu dquer poyr alte nom falece se nō
pensar nas cousas que te podē pra
zer: tu a vida be em este mundo, vive
em repouso e nom cures de fadigas
vinhos e viãas tenom podem fal
lecer quanto te prouuer, e de todos
outros vícios alte nom he necessario
pensar, se nom dauertodo prazer e
desenfadamento que poderes, e m
este mundo nenhuñ nom ha boñtē
po senom o que se da a boos e pra
zies de enfadamentos. E peratu
seeres mais leda pensa daver boas
roupas e ricas joyas e fazc para
mentos de tua deuila e de nona sey
cam quantos poderes.

Capitulo terçeyro Como a
boa pñçesa que ama deos po
de resistir aas tentações per en
formaçam deuinal.